



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Capoeira em Campina Grande: da vadiagem a atividade
respeitável (1980-2014)**

Cleidiana Bem Elias

Campina Grande-PB
2022

Cleidiana Bem Elias

**Capoeira em Campina Grande: da vadiagem a atividade
respeitável (1980-2014)**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora da universidade Federal de Campina Grande centro de humanidades unidade acadêmica de história e geografia programa de pós-graduação em história. Como requisito para obtenção do título de **Mestre** em história.

Orientador: Prof. Luciano Mendonça de Lima

Campina Grande-PB

2022

Elias, Cleidiana Bem

Capoeira em Campina Grande: da vadiagem a atividade respeitável (1980-2014) / Cleidiana Bem Elias- Campina Grande –PB: O autor, 2022. Pag. 263.

Tese (Mestrado) – Universidade Federal de Campina Grande-PB. Centro de humanidades unidade acadêmica de história e geografia programa de pós-graduação em história, 2022.

E42c Elias, Cleidiana Bem.
Capoeira em Campina Grande: da vadiagem a atividade respeitável
(1980-2014) / Cleidiana Bem Elias. – Campina Grande, 2022.
263 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação: Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima".
Referências.

1. Capoeira. 2. Civilização – Capoeira – História. 3. Movimento da
Capoeira – Campina Grande. 4. História Cultural. I. Lima, Luciano
Mendonça de. II. Título.

CDU 796.8(813.3)(091)(043)

Cleidiana Bem Elias

**Capoeira em Campina Grande: da vadiagem a atividade
respeitável (1980-2014)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente á linha de pesquisa I cultura e cidade, como requisito para a obtenção do título de mestrado em História.

A provada (a) em 31 de Maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. orientador

Prof. Dr. Membro Interno

Prof. Dra. Membro externo

Prof. Dr coordenador



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 14:00h (quatorze horas) do dia 31 (trinta e um) de maio de 2022 (dois mil e vinte e dois), através de sala de videoconferência do Mestrado da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Cleidiana Bem Elias**, intitulada: "Capoeira em Campina Grande: da vadiagem a atividade respeitável (1980-2014)", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "APROVADO", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Luciano Mendonça de Lima (Orientador), José Luciano Queiroz Aires (Examinador Interno), Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Examinadora Externa). Assinam também a presente Ata o Coordenador do Programa Prof. Dr. José Otávio Aguiar e o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino, para os devidos efeitos legais.

Parecer: O TEXTO CUMPRE AS EXIGÊNCIAS DE UMA DISSERTAÇÃO DE Mestrado. A BANCA RECOMENDA UMA REVISÃO GERAL E ALGUNS AJUSTES PONTUAIS ANTES DO DEPOSITO FINAL.

Lista de Presença

Orientador (a)	Luciano Mendonça de Lima	
Examinador Interno	José Luciano Queiroz Aires	
Examinadora Externa	Patrícia Cristina de Aragão Araújo	
Coordenador	José Otávio Aguiar	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	

Campina Grande-PB, 31 de maio de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois antes de vir ao mundo mim amou de tal modo que concedeu a mim o meu maior presente em vida, seu amado e estimado filho Jesus Cristo, aquém devo muito nesta vida, a fé em Jesus vem ao longo do meu caminho dando força e esperança em dias melhores, até nos momentos mais difíceis de depressão guardei a fé, como diria o apóstolo Paulo a Timóteo enquanto estava preso em Roma, *“Combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé”* versículo 2 Timóteo 4:7. Meus agradecimentos também são destinados a minha família que amo a todos por igual, sem todos a minha vida não teria o brilho que ela tem. Agradeço também aos meus professores em especial ao professor Luciano Mendonça de Lima que teve a gentileza e a bondade de aceitar a função de ser meu orientador na dissertação de mestrado. E por fim a todos do departamento de história da Universidade Federal de Campina Grande-PB. Centro de humanidades unidade acadêmica de história e geografia programa de pós-graduação em história. Meus agradecimentos também são destinados ao professor José Luciano Queiroz Aires e a professora Patrícia Cristina de Aragão Araújo. E não menos importante obrigada a todos os meus colegas de aula.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar o movimento da capoeira na cidade de Campina Grande-PB, nos anos de 1980 a 2014. Nos anos 1980, a capoeira caracterizou-se como capoeira de vadios e, posteriormente, projetou-se como esporte civilizado. Esta pesquisa possibilitará realizar importantes discursões junto aos diversos grupos de capoeira atualmente, uma vez que ainda questiona-se o papel dos grupos no universo da prática e ensino da capoeira, também compreender como a capoeira tornou-se uma atividade baseada em noções como: civilização, modernização e padrão, muitas vezes alheios ao universo cultural afrodescendente, do qual a capoeira nasceu. No nosso percurso, iremos analisar como a capoeira ao longo da história deixou de ser uma prática de vadios para tornar-se patrimônio cultural e, com isso, ela recebeu um novo olhar que garantiu sua sobrevivência e assegurou ao longo da história inúmeros investimentos estatais. E não menos importante, iremos investigar como os capoeiristas vêm atuando no universo da educação dentro das nossas escolas, através do projeto Capoeira nas Escolas que ocorre desde 2014. Para realizar nossa pesquisa utilizaremos a técnica da pesquisa oral, a consulta bibliográfica, bem como examinaremos a imprensa periódica, objetivando analisar como ela divulgava e retratava a capoeira em suas páginas.

Palavras-chaves: capoeira, Campina Grande, civilização.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the capoeira movement in the city of Campina Grande-PB, in the years 1980 to 2014. In the 1980s, capoeira was characterized as capoeira for vagrants and, later, it was projected as a civilized sport. This research will make it possible to carry out important discussions with the various groups of capoeira today, since the role of groups in the universe of practice and teaching of capoeira is still questioned, also to understand how capoeira has become an activity based on notions such as: civilization , modernization and standard, often alien to the Afro-descendant cultural universe, from which capoeira was born. On our way, we will analyze how capoeira throughout history ceased to be a practice of vagrants to become a cultural heritage and, with that, it received a new look that guaranteed its survival and ensured throughout history numerous state investments. And not least, we will investigate how capoeiristas have been working in the universe of education within our schools, through the Capoeira nas Escolas project that has been taking place since 2014. To carry out our research we will use the technique of oral research, bibliographic consultation, as well as examine the periodical press, aiming to analyze how it publicized and portrayed capoeira in its pages.

Keywords: capoeira, Campina Grande, civilization.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	8
1.1- Considerações sobre o objeto estudado.....	12
1-2- Discussão teórico, metodológica e historiográfica.....	20
1-3- Estudiosos que contribuíram com a história da capoeira.....	33
2.- Capítulo I – Panorama histórico do município de Campina Grande	42
3 - Capítulo II - Considerações sobre o panorama histórico político de Campina Grande na década 1980.....	63
4 - Capítulo III- Análise de entrevistas a mestres de capoeira da cidade de Campina Grande.....	83
5- Capítulo IV- Capoeira em Campina Grande explicando sua Gênese (1980-	110
6- Capítulo V- Capoeira e educação na cidade de Campina Grande – PB.....	136
7- Capítulo VI- A valorização e investimentos na capoeira	175
8- Capítulo VII- Capoeira patrimônio cultural de Campina Grande.....	183
9- Capítulo VIII- Mídias digitais atuam na divulgação da capoeira	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	222.
REFERÊNCIAS.....	22

6.

INTRODUÇÃO

A capoeira é um valioso contributo à formação da nossa identidade cultural. Capoeira é luta de bailarinos. É dança de gladiadores. É duelo de camaradas. É jogo, é bailado, é disputa - simbiose perfeita de força e ritmo, poesia e agilidade. Em Campina Grande, o ponto alto da luta sempre foi resistir contra o preconceito, a discriminação disfarçada, bem como contra oportunistas e aproveitadores astuciosos que se apropriam dos valores da nossa cultura e tentam adulterá-la, fazendo isto, de tal forma, que ao negro é mesmo vedado o acesso à manifestação. Dessa maneira, constata-se que o era “coisa de negro” pode acabar se tornando de alguns indivíduos, os quais detêm o poder, confiscam o que lhes interessa e depois de adaptar às suas conveniências, comercializam como bem entendem.

Nesta perspectiva, os praticantes de capoeira em Campina Grande-PB recorrem a gírias e movimentos que expressavam sua natureza social popular e “rebelde”, perante a ordem social imposta pelos grupos dominantes. Nesse sentido, podemos pensar o contexto da capoeira não somente através da visão das elites, mas, também, a partir de sua realidade social e dos próprios meios que empregam para sobreviver.

Ademais, o objetivo maior de nossa pesquisa é investigar o movimento da capoeira, nos anos 1980 a 2014, na cidade de Campina Grande, município situado no agreste paraibano. Sendo assim, vamos analisar o esporte que se caracterizou como prática de vadios e, posteriormente, projetou-se como atividade civilizada. Em suma, propomos a fazer uma incursão sobre a temática da capoeira em Campina Grande, enfatizando o processo de formação de uma cultura de resistência ao longo dos anos de 1980 a 1990, da mesma forma, buscando observar os debates sobre a cultura de resistência que tem se ampliado no Brasil.

Por conseguinte, aqueles que se concentram em estudar o tema da capoeira devem mergulhar nas contribuições das manifestações culturais dos escravos e dos seus descendentes, os quais criaram sistemas de valores e padrões de comportamento que se modificaram no tempo e no espaço. Portanto, no percurso de nossa pesquisa estamos conscientes que estudar os

menos favorecidos da sociedade, implica adentrar nas configurações históricas da nossa coletividade, esses resultantes da interação de elementos econômicos, demográficos, político, cultural, entre outros.

Uma das razões que me motivou a aprofundar os estudos sobre a temática da capoeira na cidade de Campina Grande-PB, é o fato que desde minha formação acadêmica tive a oportunidade de estudar sobre a problemática da capoeira, por meio de um programa de pesquisa vinculado a Universidade Estadual da Paraíba. Na ocasião, como pesquisadora, nosso estudo tinha como temática *Africanidades na sala de aula: a capoeira como símbolo de resistência e aprendizado, (2012)*. Porventura, com nosso trabalho pudemos compreender a importância das manifestações do povo negro trazido da África e a rica herança que permanece presente em nossa sociedade. Assim como, compreendemos que a capoeira é considerada patrimônio histórico da humanidade, e traz na sua natureza simbólica um conjunto de elementos estéticos que fornecem referências multiculturais. Ademais, com a mencionada pesquisa desenvolvida em 2012, buscamos que nossas ideias pudessem ultrapassar o campo onde o estudo foi realizado, ou seja, em escolas públicas de Campina Grande. Portanto, com o mencionado estudo foi possível planejar a ampliação dos conhecimentos sobre a prática da capoeira e sua relevância social ao longo dos tempos, na ocasião buscou-se utilizar do Programa de Mestrado de História da Universidade Federal de Campina Grande. Nossa pesquisa foi revista e conquistou outra instituição de renome.

Dessa maneira, através desse estudo teremos o desafio de produzir conteúdos a partir do comportamento espontâneo, no convívio com os mestres de capoeira, dando “voltas em seu mundo”, descobre-se, então com eles, a dinâmica histórica de contar e recontar a narrativa da capoeira. Diante disso, ressalta-se como os mestres de capoeira, através de suas práticas, são agentes sociais que promovem, constantemente, um processo de preservação das nossas tradições culturais, por isso acreditamos na importância por compreender seu universo.

Desse modo, no nosso percurso vamos trazer ao presente às memórias dos mestres de capoeira que atuam em Campina Grande-PB, daremos

também importância à história dos mestres antepassados, visto que foram agentes de suma relevância para atuação dos profissionais da capoeira nos tempos atuais. Em relação essa questão da ancestralidade, Muniz Sodré, no Encontro Internacional de Capoeira Angola, organizado pelo Gecap (Grupo de Capoeira Angola Pelourinho), comenta:

[...] a questão da ancestralidade é também uma questão contraditória, porque preste atenção, não há história sem ancestral. É a ancestralidade que permite a força para que a história em sua mutação se instale. Quer dizer, a ancestralidade como sentido de continuidade entre os conhecimentos produzidos entre as gerações, como a continuidade de um grupo (Sodré, 1997)

Diante disso, nos estudos sobre a capoeira o ancestral acaba sendo uma figura respeitável nesse contexto, vamos ressaltar o trabalho que foi realizado anteriormente, visto que o morto representa um símbolo mítico poético de conhecimento, sendo que seu legado deixa frutos no presente que são passados para outros mestres, os quais possibilitam que a capoeira esteja presente em nossa sociedade. Neste processo, temos a consciência que para haver a produção do saber é indispensável que o passado esteja em constante comunhão com o presente.

Nesse contexto, outro ponto que me motivou a estudar a capoeira é a esperança no futuro. Tenho a expectativa que na cidade de Campina Grande, outros grandes capoeiristas e mestres possam, através desse estudo, ter maior entendimento da trajetória de luta da capoeira na cidade, almejo também que os mestres e os capoeiristas, a partir dessa análise, desenvolvam novas percepções que, amplamente, possam contribuir para preservar a tradição da capoeira que é tão bela.

Dessa forma, precisamos desenvolver na consciência do capoeirista a ideia que ele não está apenas exercitando um jogo, pois se faz necessário que os praticantes tenham o conhecimento que no exercício da capoeira há uma manifestação de um legado imaterial, que emana da ancestralidade africana, com ligações profundas com os esportistas, da categoria, no presente. Contudo, não almejamos que o capoeirista esteja constantemente preso ao passado, porém temos a percepção que na história da capoeira há uma força vital, que a retroalimenta na contemporaneidade, essa força vital vem de

tempos remotos, pois foi através das lutas que almejavam legitimação enquanto patrimônio que podemos hoje usufruir da capoeira.

Outrossim, é possível observar que a capoeira, hoje, ainda é vista por muitos sujeitos apenas como um jogo, no entanto, tal prática possui um lado lúdico da brincadeira que ocorre nas rodas, mas há também a possibilidade de outra característica mais “sagrada”, “séria”, que é a ligação com os traços da ancestralidade. Sendo que, essa relação permite que o homem contemporâneo entenda melhor as lutas dos homens negros no passado, comportamentos que não se caracterizam como manifestações artificiais e passageiras. Enfim, estou consciente que estudar a capoeira não é uma tarefa muito simples, pois implica respeitar a história de um povo, compreender suas batalhas e seus códigos de ética.

Nesse sentido, não pretendo ensinar as regras que fazem parte do jogo da capoeira, até porque não domino os preceitos dos golpes presentes na mencionada luta, pois no jogo quem detém o conhecimento para melhorar o “desempenho” do praticante é o mestre de capoeira. Assim, apesar de não desempenhar essa função, a pesquisa é muito relevante para os campinenses, pois vamos promover mais visibilidade ao concreto (a produção material) e ao abstrato (enquanto essência mais íntima com sua subjetividade), assim a natureza da capoeira em Campina Grande.

Diante do exposto, tenho a consciência que estudar o universo dos capoeiristas não implica pesquisar apenas um indivíduo isolado, mas adentrarmos em um contexto que reflete a interatividade social entre os sujeitos, mesmo sendo um ser fruto das manifestações vitais comunitárias. Assim, existe a convicção que tais indivíduos possuem consciência de si, de sua atividade vital, de seu trabalho, e que não são passivos diante das condições naturais, mas ativos, os quais buscam transformar as condições sociais para a realização do esporte supracitado. Nesta pesquisa, almejo analisar o homem simples urbano que, mesmo vivendo na produção coletiva da sociedade, possui astúcia para superar as adversidades diárias garantindo a sua sobrevivência.

A capoeira é uma manifestação da cultura popular que para alguns alunos pode representar um esporte, luta, dança, ou até mesmo uma brincadeira, mais para outros a exemplo o mestre de capoeira é visto como um trabalho, até porque muitos ganham dinheiro e garantem, com isso, a sua sobrevivência na sociedade. A partir dessa colocação, vemos a importância da capoeira como uma atividade que viabiliza o processo de transformação, de criação das condições, ou seja, de autoprodução, autoconstituição, autodeterminação do indivíduo, tornando um ser mais ativo, consciente do seu papel individual na coletividade. Esse fato é muito relevante, pois ele nos motivou a realizar essa pesquisa.

Sendo assim, a capoeira tem cada vez mais ganhando grande popularidade, em que os mestres mais famosos têm contribuído com a ministração de seminários, assim como eventos que possam divulgar o seu trabalho seja no Brasil ou fora do país, essa trajetória é uma vitória de toda a comunidade que faz parte do universo da capoeira, pois para chegarmos a tais conquistas o homem desenvolveu a consciência que ele não é só produto da sociedade (das relações sociais), mas é produto e produtor da mesma e que para a capoeira ter maior visibilidade era preciso transformar as circunstâncias. Diante disso, a mesma antes era um elemento dos excluídos, tendo como exemplo o homem negro, o qual era também um ser produtor e criador, bem como um indivíduo ativo que designa também as relações sociais, e que através de suas lutas tornaram-se produtores de outras circunstâncias, assim a capoeira através das lutas pela afirmação, hoje não é mais condicionada à exclusão.

Desse modo, outro elemento que me motivou adentrar no universo da capoeira é o fato que ela é folclore no interior de nossa cultura, uma vez que folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseadas nas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Assim, Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade (IBECC, 1995).

Nesse contexto, quando mencionamos que capoeira é folclore podemos recorrer às contribuições teóricas de Gramsci (1968), pois o estudioso afirma que o folclore não deve ser concebido como algo bizarro, mas como algo muito sério (Ibidem, p. 186), também neste percurso não podemos desconsiderar a luta pelo reconhecimento da capoeira, assim como sua marginalização ao longo da história, acerca da posição subalterna dos fatos folclóricos, ainda que contraposto à cultura oficial e hegemônica, o folclore não tem (não pode ter, por sua subalternidade) os elementos e as “qualidades” necessárias para se tornar, ele mesmo, cultura hegemônica Cirese (1976).

Nesta perspectiva, devemos esclarecer que os protagonistas da nossa investigação historiográfica são os sujeitos que correspondem às camadas populares, considerados grupos sociais subalternos, sendo claro que por causa de sua condição ao longo da história, uma vez que os mesmos vêm lutando para ressignificar sua história e seu poder. Desse modo, para o estudioso Gramsci (1977) à medida que essas classes deixam de ser subalternas e passam a disputar a hegemonia, ganham organicidade e a perspectiva da totalidade, sendo que as classes subalternas unificadas em torno de uma perspectiva autônoma propõem uma nova hegemonia, uma nova ordem social. Assim, para os capoeiristas não bastaria apenas à negação radical da ordem, é preciso também, organizar a vida material e cultural sobre novas bases.

Nesse cenário, buscamos em nossa pesquisa, dá visibilidade aos capoeiristas, pois temos a consciência que os mesmos são sujeitos históricos dotados de singularidades, motivações pessoais, autonomia, racionalismo e outras características que se agregam ao homem social. Sendo que, estes sujeitos de nossa investigação são motivados primariamente por seus costumes de ordem moral, consuetudinárias e resistências, que pode chocar com as ordens impostas pela “cultura de cima”.

Dessa forma, o sentimento ao fazer este trabalho, é que faltam palavras para exprimir tamanha responsabilidade, mas também satisfação, pois acredito nos bons frutos que vamos proporcionar a sociedade, visto o fato que nos meios acadêmicos ainda é escasso o saber que remete a nossa temática, vamos dá prioridade a uma pesquisa que não priorize a visão européia do

mundo, mostraremos que a capoeira, como manifestação cultural, tem elementos heterogêneos de uma cultura pluricultural, com elementos da cultura brasileira e africana, bem como outras riquezas culturais. Nesse sentido, para alcançar nossos propósitos vamos recorrer ao diálogo e a tolerância entre o diferente, numa constante situação emergente entre o singular e o total.

Nesse contexto, acredito ser importante ainda mencionar as inquietações que contribuíram para estimular o interesse pela pesquisa. Primeiramente, é preciso esclarecer minha simpatia pelos grupos de minorias que ao longo do tempo foi excluído, marginalizado pelas elites que criaram discursos que até hoje influenciam o modo de certa parcela da população vê-los como grupos minoritários (ou minorias) ou grupos vulneráveis, em que foram esses discursos que criaram mecanismos de (in) tolerância e alimentaram questões ideológicas que perpassam uma realidade social que tem se tornado cada vez mais comum no Brasil, o cenário do discurso de ódio, com desdobramentos na esfera comportamental que não condizem nem com os ideais democráticos nem com o respeito à dignidade humana. É importante ressaltar que a capoeira é fruto da manifestação de um grupo que se afirmou a través da luta ao combate da escravidão, essa história (escravidão do povo africano) que para nós é fruto de vergonha, ainda ressoa e indicam inúmeros e diversificados preconceitos, discriminação, e violência para com os afros descendentes. Nesse caso, será através do nosso estudo que buscaremos valorizar a nossa história, a qual é marcada por um processo de miscigenação e hibridação sociocultural.

Ademais, sabemos, no entanto, que o padrão que foi sendo estabelecido em nossa sociedade como elemento gerador de invisibilidade e estereotipia, criou o risco das minorias perderem a sua própria identidade por serem vitimizadas por processos de controle e homogeneização, sabemos que é função de todos nós educadores, pesquisadores e ativistas lutar em seu campo, objetivando que o processo de dominação, e à violência sofrida por esses grupos, entre eles nossos capoeiristas, seja combatida e que sua vulnerabilidade seja revertida em visibilidade, fortalecimento e respeito. Sendo assim, temos responsabilidades para com essa luta e devemos combater a pobreza, a falta de escolaridade ou a carência de recursos que tanto afligem

esses grupos, assim como podemos trabalhar para que a clássica democracia representativa combata ideias e ações de inferioridades. Indubitavelmente, nossas ações são pelas massas, é contra-hegemonia – parte sempre de uma constante luta pela redução do poder hegemônico, mas, normalmente, não temos a pretensão nem o objetivo de incitar a tomada do poder pelas armas, mas a intensão que com a nossa pesquisa, os nossos mestres, estudiosos, autoridades, entre outros, reconheçam o quanto a manifestação da capoeira é rica para nossa cultura.

Inegavelmente, foi essa tomada de consciência que provocou o anseio de pesquisar a capoeira e contribuir para que futuros estudiosos possam encontrar em nossa pesquisa respostas para suas inquietações. Por certo, acredito na generosidade para com nossos pares, assim como na utilidade da pesquisa para outros crescerem intelectualmente. Em síntese, todo estudioso tem uma pretensão e no meu caso não seria diferente, assim com essa pesquisa há o objetivo que outros intelectuais tomem consciência que nossos capoeiristas ao longo de nossa história sofrem em decorrência de um processo de desvantagem, ou seja, a vulnerabilidade que advém, pois, de pressões desse suposto padrão de normalidade, o qual aprisiona tudo e todos que possam ser considerados diferentes. Assim, o mencionado grupo social, sofreu e sofre violência que, por sua vez, tanto pode ser física quanto simbólica, originária dessa pressão, que, muitas vezes, na forma de preconceito e rejeição, marginaliza e discrimina o diferente.

Nesse aspecto, no desenvolver da pesquisa vamos observar que nossos mestres passam por um processo de luta pela afirmação de sua manifestação, mas também sofre por um processo de intolerância. Portanto, a intolerância pode acarretar em violência de várias naturezas, bem como no preconceito e na discriminação, os quais acontecem por uma suposta “normalidade” e “superioridade” entre grupos no interior da sociedade. Nesta perspectiva, defendo o princípio do respeito aos costumes no seio da sociedade, em que podemos remeter a uma ideia de Voltaire (2000), o qual afirmava que não dependia do homem acreditar ou não em algo, mas que dele dependia o fato de respeitar os costumes dos outros. Em suma, conscientes do poder do respeito e da aceitação das manifestações de todos os homens, lutamos por

nossos capoeiristas, algo que alimenta nossa pesquisa, bem como desejamos que eles estejam presentes nas academias, nas ruas, nos torneios, e que o espaço não limite suas manifestações, nem o Estado atue com opressão sobre nossos capoeiristas.

Diante disso, sabemos que nosso Estado não foi bem nosso modelo de salvador das manifestações de nosso povo negro, Roso et al. (2002) destacam que às minorias foram negadas autonomia e responsabilidade. Por essa razão, não seriam reconhecidas nos sistemas existentes de poder. Desse modo, quando um grupo minoritário deseja introduzir um elemento novo, por carecer de poder, não consegue assim fazê-lo, ou, quando tenta, é depreciado e, muitas vezes, exposto ao ridículo, é o que tem ocorrido com nossas minorias e como nossos governantes têm respondido a suas manifestações. Assim, romper com essa ordem não é tarefa fácil, mas acredito que não é impossível, por isso que desbravamos pesquisas como essa, pois temos a pretensão de contribuir para uma nova ordem na sociedade.

Dessa forma, na esfera social há um problema que tem preocupado a nós enquanto estudiosos, e esse problema também foi para mim um elemento que estimulou o desenvolvimento desta pesquisa, trata-se do ódio, um sentimento que ainda existe em nossa sociedade e está sendo direcionado para as minorias, entre elas mestres de capoeira, pois quando um mestre sofre preconceito a resposta está neste sentimento tão presente no seio da sociedade, como afirma Glucksmann (2007, p.02), “o ódio nada mais é do que o resultado deteriorado da ausência de educação”. Portanto, para tal autor, o ódio existe em escala microscópica nos indivíduos e também nas coletividades, sendo que a razão para sua existência é a vontade de destruir por destruir. Isso significa que é não apenas um discurso, mas também um sentimento inócuo e desprovido de razão de ser. Nas palavras do autor, o “ódio acusa sem saber, julga sem ouvir, e condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Desse modo, esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo” (Ibidem, p. 12.).

Nossa missão aqui então seria levar educação para, com isso, diluir esse sentimento nas pessoas mal intencionadas que desejam apenas discriminar o outro só pelo fato dele existir. Para Glucksmann (2007) o ódio ataca de fora e, simultaneamente, emerge em cada um. Então, se ele sai da esfera ideológica e ganha o espaço comportamental na forma de violência física, é porque veio de outra relação: “se atinge não importa quem e massacram seres inocentes ao acaso, isso prova que sua ação obteve sucesso, não porque induziu a pensar, mas, ao contrário, porque impediu que se pensasse sobre ela”. (Ibidem, p. 16). E, dessa forma, “sem lei e sem rei”, é que o ódio mostra que não possui limite geográfico, político, moral ou ideológico, no momento em que demonstra que um indivíduo ou grupo quer permanecer senhor e não escravo, mas numa construção monolítica que lhe extrai os escrúpulos (Ibidem, p. 28).

Evidentemente, temos visto que combater o ódio que gera discriminação, violência física e simbólica através da sua proibição, não tem gerado os efeitos imediatos que almejamos, é por isso que acreditamos que para haver mudanças reais é necessário que haja a punição através de leis, e também que o conhecimento do universo de ideias seja um pilar para essa realização. É por isso que trabalhamos aqui através do conhecimento, almejando então a desconstrução de equívocos morais e intelectuais.

Naturalmente, apresentamos a convicção que nosso trabalho vai trazer bons frutos para a história social, uma vez que vamos analisar questões ligadas aos comportamentos e às relações do homem comum ligado às massas, para isso iremos traçar um caminho que só enriquece o saber da história social, e nos deter a questões relacionadas às diferenças e desigualdade social, bem como grupos e classes sociais e sua inclusão conflita, assim como os processos de transformação da nossa sociedade campinense, os círculos de sociabilidade (urbano, educacionais, culturais etc). Todas essas temáticas, diga-se de passagem, podem estabelecer relações com diversos outros campos da história, bem como estabelecem interfaces com outras áreas de conhecimento como a antropologia, sociologia, entre outros. Há um mundo de possibilidades que irá enriquecer nosso estudo. De certo, a história social como sabemos acabou sendo, então, um espaço que podemos encontrar uma circulação de paradigmas provenientes dos

historiadores vinculados aos Annales e das vertentes marxistas de produção do conhecimento histórico. Na nossa pesquisa, vamos analisar as considerações feitas por autores marxistas e vinculados aos Annales, tais fontes serão úteis para historiadores simpatizantes de nossa temática, pois assim eles terão mais contato com as contribuições destes teóricos, assim acreditamos que essa dinâmica a história social estará sempre presente no universo acadêmico.

Nesse contexto, devemos mencionar também que, embora o grupo dos Annales e os historiadores marxistas tivessem muitas aproximações do ponto de vista das temáticas, das abordagens e das práticas interdisciplinares, existem algumas discussões que questionam se marxistas e Annales teriam posicionamentos complementares ou antagônicos. Desse modo, apesar das considerações dos marxistas e dos annales não serem vistas como homogêneas, de maneira geral, podemos afirmar que muitos diálogos são possíveis, considerando as avaliações que cada pesquisador realize dentro de sua perspectiva teórico-metodológica e ideológica. Assim, para nós tratarmos desse sujeito comum evidenciando suas experiências, há a necessidade de se pensar as fontes, como trazer à tona as trajetórias de vida dos mestres que antes ficavam situadas nos espaços de silêncio. Para suprir esse vazio, muitas estratégias foram sendo pensadas por nós, de forma espontânea e com um senso de responsabilidade, sendo que as fontes que utilizamos para responder nossas inquietações podem contribuir para enriquecer o que conhecemos sobre a história social. Assim sendo, também, utilizamos a oralidade como forma de expor as vozes silenciadas ou reprimidas. O interesse pelo sujeito comum e suas relações sociais, fez surgir à metodologia da história oral. Mas na frente, vamos aprofundar mais sobre explicações acerca da história oral.

Ademais, aprendemos em história que o poder era algo percebido como inerente a certos indivíduos ou instituições, geralmente ligadas ao Estado, ou o próprio Estado (FALCON, 1997). Nesse interim, fazendo um percurso pela historiografia ocidental em seu contorno mais tradicional, no qual a história política era a única forma ou lugar de poder e acompanhando esse percurso, foi a partir do movimento de crítica iniciado pelos historiadores ligados aos Annales, que novos horizontes começaram a ser desenhados. Desse modo, foi sendo rejeitada pelos posicionamentos historiográficos mais modernos, a partir

de 1930, a discussão limitante na qual somente se visualizavam os indivíduos que ocuparam lugares de destaque na organização do poder. A partir dessa lógica, temos a consciência que contribuimos com a história social uma vez que passamos a discutir sobre essas esferas do coletivo, e com nossa pesquisa vamos discutir temas que só enriquecem a ciência humana, tais como: cultura, relacionamentos intergrupais, novos discursos, enfim, o que estiver ligado à capoeira, e que nos possibilite questionar posições tradicionais já apresentadas.

Em síntese, nosso trabalho está estruturado da seguinte maneira: vamos nos deter no primeiro momento a uma discussão teórica, metodológica e historiográfica. Assim, trataremos sobre uso de fontes e quais caminhos se devem seguir para discutir sobre a capoeira em nossa cidade. Depois vamos mencionar alguns estudiosos que contribuíram com a história da Capoeira no Brasil e em Campina Grande, na ocasião, faremos um panorama histórico do município de Campina Grande-PB, e abordaremos, neste momento, aspectos sobre sua dinâmica política, econômica e social. Posteriormente, iremos fazer algumas considerações sobre o panorama histórico e político de Campina Grande na década de 1980. Não menos importante, trataremos das contribuições para nossos leitores sobre a capoeira em Campina Grande-PB nos anos (1980-2014), e faremos uma abordagem sobre sua origem e como ela vem contribuindo, até os anos de 2014, para a dinâmica social, especialmente, no campo da educação. Diante disso, iremos, também, analisar os investimentos que a capoeira tem recebido ao longo de sua história, com isso saberemos como tem ocorrido sua valorização, e também abordar sobre a condição da capoeira como patrimônio cultural de Campina Grande, bem como a forma de atuação das mídias digitais no tocante a nossa capoeira, vamos também analisar entrevistas concedidas por mestres de capoeira de Campina Grande, e por fim faremos as considerações finais de nosso trabalho.

DISCUSSÃO TEÓRICA, METODOLÓGICA E HISTORIOGRÁFICA.

A princípio, na nossa pesquisa, iremos analisar os capoeiristas e suas práticas, sua atuação, como criaram táticas de sobrevivência em um mundo tão desigual e hostil, bem como um contexto social tão apto a dar preferências aos mais abastados, e claro que nosso objeto de estudo, desde sua gênese, não inclui esse grupo mais abastado.

Nesse âmbito, cabe a nós mencionarmos que quando o pesquisador estuda o ser humano é preciso conhecer as suas motivações, assim como as representações sociais que o estudioso resguarda, e de certo, é necessário considerar os valores, mesmo se dificilmente quantificáveis, sendo importante também respeitar a subjetividade dos analisados. Logo, é indispensável que o pesquisador respeite um código ético relativo ao emprego de seres humanos nas pesquisas. Assim, o respeito a esse código se dá sem maiores dificuldades, uma vez que as regras nele contidas se referem à honestidade e a integridade habitual, em decorrência da preservação dos direitos humanos. Diante disso, é elementar o consentimento dos participantes (dos pais, caso sejam crianças); a coleta de informações suficientes quanto ao objeto da pesquisa e suas implicações, sobretudo, se há riscos físicos ou psicológicos bem como a franqueza e a lealdade, respeito do anonimato, se for o caso, e autorização dos participantes para a utilização dos dados recolhidos com um fim não previsto.

Nesse contexto, para desenvolver nossa pesquisa vamos necessitar de fontes, o que exige do historiador curiosidade e ceticismo, bem como a confiança na razão e no procedimento científico e, também, a aceitação de seus limites, temos que enquanto historiador saber desconfiar do conhecimento que é oferecido pronto, especialmente, quando imposto, assim devemos questionar o modo como o saber foi construído, os valores que o fundamentam e perguntar se poderia existir outro mais satisfatório, tal procedimento exigirá trabalho e esforço que somente empreenderemos se estivermos convencidos de que nos levarão a um saber mais válido.

Portanto, para nós historiadores, trabalharmos com fontes diversas ficou mais fácil, uma vez que é possível diversificar as suas fontes textuais. Desde princípios do século XX, também, começam a serem exploradas em um ritmo crescente as fontes com novos tipos de suporte. Por exemplo, as imagens deixariam de serem apenas objetos temáticos para os historiadores que já se interessavam pela História da Arte, e passaram a serem também fontes para historiadores interessados em chegar a todo o tipo de questões sociais, econômicas e políticas, através das fontes iconográficas. Dessa maneira, a História Oral, também, nos anos 1980, conquista o seu lugar no campo da historiografia, e reaviva mais uma vez um diálogo com a Antropologia, com a qual a História já havia estabelecido tantas vagas de contatos interdisciplinares. De certo, poderíamos seguir adiante na enumeração de conquistas historiográficas relacionadas às fontes não textuais: os arquivos sonoros, o cinema, a cultura material e mesmo as fontes naturais- aqui entendidas como a natureza interferida pelo homem – abrem-se como novas possibilidades. Nesse âmbito, podemos hoje nos perguntar pelas fontes virtuais, e como os historiadores passarão a trabalhar com este tipo de material? (BARROS, 2010, p. 78)

Na nossa pesquisa, enfoquemos as fontes textuais, história oral, imagens e fontes virtuais. Nas fontes textuais, levamos em consideração o saber de grandes estudiosos como Edward Palmer Thompson, Gramsci (1978), MARX E ENGELS, prof. Dr Luciano Mendonça de Lima (2008), Prof. Dr Solange Pereira da Rocha (2007). Luiz Augusto Pinheiro Leal, Castro Júnior, Florestan Fernandes (1989), Abdias do Nascimento (1978), Sergio Luiz de Souza Vieira (2004), Carlos Eugênio Líbano Soares (1998) , dentre outros.

Nesse sentido, iremos fazer, nesse espaço, uma pequena menção teórica de como estes estudiosos nos ajudaram a compreender melhor o universo da capoeira em Campina Grande, pois acreditamos que isto é importante para nossos leitores. Assim sendo, começaremos mencionando as contribuições de Thompson, o qual é considerado um grande nome da história social, que surgiu no contexto dos anos 1950\1960 com os historiadores de tradição marxista. Os historiadores sociais – sob influência de Thompson – direcionam suas pesquisas para a história das grandes massas ou para o estudo de grupos

sociais de várias espécies em oposição às biografias de grandes homens. Dessa forma, quando Thompson (1998), aborda o cotidiano popular, ele faz oposição a um modo de explicação histórico que traz os sujeitos como reféns da lógica dominante. Assim, Thompson tinha o intuito de libertar-se do determinismo econômico daquilo que ele chamou “marxismo mecânico”. Nessa perspectiva, ele propôs novos parâmetros para o marxismo, e defendeu uma corrente de pensamento que reconhecesse as influências dos contextos culturais nas ações coletivas populares.

Eventualmente, na sua produção intelectual, Thompson (1998) acrescentou a dimensão cultural ao materialismo histórico, pois ele rejeita as ideias que reduzem a cultura a um fenômeno meramente institucional. Nos seus estudos, o mesmo passou a pesquisar rituais, vendas de esposas, rough music, motins da fome, enfim os costumes dos populares ingleses do séc. XVIII. Nesses estudos, Thompson examina a tradição popular, a cultura e a sociedade dos oprimidos, um dos caminhos percorrido por Thompson como podemos constatar foi fugir do reducionismo econômico e buscando o sentido cultural das ações populares.

Sob essa ótica, Thompson com suas contribuições é de grande valia, pois a historiografia brasileira tem sido influenciada pela História Social e pelas contribuições teóricas do mesmo, especialmente, em meados dos anos 1980. Nessa perspectiva, ampliaram os estudos centrando nas experiências dos escravizados enquanto sujeitos históricos, principalmente, a partir da década de 1980, no sudeste do país. Nesse contexto, as classes subalternas fizeram pressão por legitimidade social, direito à memória e ampla participação política. No bojo desse processo, as categorias thompsonianas como “agência”, “experiência” e “costumes comuns”, permitiram que ouvíssemos as vozes dos excluídos que viveram no passado por meio de suas próprias vivências e expectativas – e não por aquelas do observador CHALHOUB, et al. (2009). De certo, ao nosso leitor precisamos lembrar que estamos estudando grupos que há muito tempo foram marcados pela exclusão.

Ademais, no Brasil, a construção de uma história vista de baixo pela primeira geração de intelectuais thompsonianos foi acompanhada de profunda

sensibilidade social. Assim, nos programas de pós-graduação em que estavam instalados, notamos que eles criaram políticas educacionais e científicas que buscaram promover a formação de estudantes oriundos das classes subalternas, fossem eles negros ou brancos pobres. O resultado disso é que, desde o início da década de 1990, se avolumam os exemplares de dissertações e de teses que discutem as experiências históricas dos excluídos por meio da pena de pesquisadores vindos de baixo da pirâmide social (GOMES, 1993). Enfim, essa sem sombra de dúvida é uma grande conquista para nós que desejamos mergulhar no universo da capoeira.

Na nossa pesquisa, ao debruçar sobre textos importantes tomamos a consciência que houve ao longo da história uma dominação política, econômica, cultural dos brancos em relação ao homem negro, assim houve no nosso país a relação de domínio de uma classe social sobre o conjunto da sociedade. Por certo, quando lemos Gramsci (1978) conseguimos ter um senso crítico a esse respeito, pois entendemos que o domínio se caracteriza por dois elementos: força e consenso. Sendo que, a força é exercida pelas instituições políticas e jurídicas e pelo controle do aparato policial-militar. O consenso diz respeito, sobretudo, à cultura, em que se trata de uma liderança ideológica conquistada entre a maioria da sociedade e formada por um conjunto de valores morais e regras de comportamento. Nessa conjuntura, através do pensamento de Gramsci, podemos constatar que a hegemonia, primeiro se dá no campo da ética, depois no da política. Enfim, a dominação social não se mantém apenas pelo uso da força, ela traz consigo mecanismos de persuasão.

Nos nossos estudos, as concepções de Gramsci são uma luz para analisarmos as condições do homem negro e de seus descendentes, assim como suas manifestações sociais. Nesse sentido, através das ideias de Gramsci (1978), podemos compreender que é comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática. Ao homem é imposta uma concepção de mundo, cabe então a esse mesmo sujeito, especialmente, os mais excluídos questionar o ambiente exterior na qual ele está inserido, o problema é que tudo ocorre de forma muito mecânica.

Na nossa produção intelectual, dialogamos também com Florestan Fernandes, o qual através de sua obra intitulada "*O significado do protesto negro*", originalmente publicado em (1989), compreende-se sua visão teórica de que as relações raciais passam a ser entendidas como estruturas sociais e modelos de exclusão. Evidentemente, Fernandes desperta nosso senso crítico para problematizar na nossa pesquisa a noção de "tolerância racial". Através do mencionado autor, passamos a questionar se nós somos realmente o paraíso tropical da convivência democrática das raças. Nesse âmbito, é chegada à conclusão que é uma consciência falsa acreditar que no Brasil não exista racismo, é visto também que no alvorecer do século XX, a maioria da população negra forma um bolsão de excluídos da riqueza, da cultura e do poder.

Desse modo, recorreremos também às contribuições intelectuais de Abdias do Nascimento, que compôs um clássico da literatura "*O Genocídio do Negro Brasileiro – Processo de um Racismo Mascarado*" (1978), em que tal obra foi escrita em plena ditadura militar. Na mencionada produção, é revelado que o racismo instituído na ditadura, do Itamarati, mantinha a mesma política segregacionista da República Velha. Abdias foi útil a nossa pesquisa, pois ele faz então denúncias da violência contra a população negra do Brasil. Diante disso, ele argumentava que não era apenas a matança, mas a extinção dos valores culturais de um povo. Nesse contexto, percebe-se que houve uma política de Estado de repressão às religiões de matrizes africanas, que foram o esteio das expressões culturais. Com o mencionado autor, aprendemos que, atualmente, temos uma situação caracterizada da continuação desse genocídio, pois ainda persiste em nossa sociedade uma violência contínua, tendo a motivação racista que carrega o ódio racial e reforça estereótipos ligando a população negra à criminalidade.

Diante dessa perspectiva, para realizar nossa pesquisa, tivemos que recuar um pouco no tempo, e assim poder compreender como se configurou a capoeira no Brasil. Neste percurso, recorreremos à produção de Carlos Eugênio Líbano Soares, que através de sua obra intitulada: "*A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850*", publicada (1998), podemos analisar as manifestações da cultura escrava no meio urbano, particularmente na cidade do Rio de Janeiro,

durante o século XIX, em que se destaca a capoeira, a qual era uma mescla de golpes marciais e da habilidade no manejo de facas, e nos primórdios do século passado estava identificada com a população negra da cidade - principalmente escravos, mas também negros libertos e livres.

Desse modo, por intermédio da pesquisa de doutorado do prof. Dr Luciano Mendonça de Lima, titulada: *Os cativos “da rainha da Borborema” uma história social da escravidão em Campina Grande- século XIX (2008)* podemos entender a dinâmica da escravidão num município periférico no contexto do império brasileiro, podemos então analisar o processo de formação de uma cultura de resistência escrava ao longo do século XIX.

Nesse sentido, dialogamos também com a tese de doutorado da Prof. Dr. Solange Pereira da Rocha, titulada: *“gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual” (2007)*. Tal estudo possibilitou o entendimento de como homens e mulheres (escravos e não escravos) estabeleceram seus arranjos familiares e as estratégias elaboradas para (re) construir os vínculos parentais em três freguesias do litoral da Paraíba oitocentista (século XIX).

Dentre outras contribuições, temos uma valiosa obra, titulada: *“A Política da Capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)”*, autoria de Luiz Augusto Pinheiro Leal (2008). Trata-se de uma valiosa contribuição para a historiografia da capoeiragem no Brasil, no início do século XX. Nesse cenário, é mostrada a relação da capoeira com o Boi-Bumbá e a capangagem, assim como a participação da capoeiragem na implantação da República no Brasil e as campanhas repressivas à capoeira e à “vagabundagem” na cidade de Belém. Nesse sentido, colocamos no nosso trabalho citações diretas e indiretas, porém o mais importante foi à clareza que essas citações nos deixaram, assim sendo que com as mesmas podemos montar intelectualmente as vivências de negros escravizados e suas contribuições para nossa sociedade, tão marcada pelas algemas da pobreza e da exclusão. Dessa forma, notamos que apesar dessa problemática, houveram marcas positivas deixadas pelo povo negro a nossa sociedade tanto na religião, na culinária, no modo de se vestir, e não menos importante a capoeira.

Nessa perspectiva, com o estudioso Marx aprendemos que as algemas da pobreza e exclusão, foram geradas pelo mundo real de contradições, e problemas que só podem ser solucionados pela insubordinação intelectual e política diante do conservadorismo. Assim, Marx não acreditava nas soluções puramente espirituais ou discursivas que ocultam as contradições, esses problemas podiam ser camuflados pela representação ideológica criada pela classe dominante. Tais reflexões são muito importantes para nosso trabalho, pois fazem com que nós reflitamos sobre a condição do negro no passado e no presente. Sob essa ótica, mencionarei um fato muito relevante para a história do nosso país, bem como para a história do nosso povo negro, trata-se do movimento de 1978, que lutava contra a discriminação racial. Essa citação, “Estamos vindo a público para denunciar as péssimas condições de vida da comunidade negra”, faz parte do manifesto da fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial que, em julho de 1978, fez um grande ato nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, objetivando convocar homens e mulheres negros a protestar contra a violência racial.

Ademais, o texto do manifesto diz: "Qualquer projeto ou articulação por democracia no país exige o firme e real compromisso de enfrentamento ao racismo. Convocamos os setores democráticos da sociedade brasileira, as instituições e pessoas que hoje demonstram comoção com as mazelas do racismo e se afirmam antirracistas: sejam coerentes. Pratiquem o que discursam". (Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, em julho de 1978).

Eventualmente, os indivíduos envolvidos no movimento não acreditam apenas no discurso bem elaborado, era necessário naquele momento à ação, e a luta, só assim haveria a emancipação e o progresso coletivo, assim como era preciso questionar e abolir os condicionamentos histórico-sociais que subordinavam o negro ao homem branco e racista. Nesse sentido, podemos mencionar o momento atual que estamos vivendo, pois, na ocasião, passamos por uma situação delicada, uma vez que a pauta do racismo volta a chamar a atenção nas ruas do Brasil. Assim como nos Estados Unidos da América, em que surgem ondas de protestos contra a morte de George Floyd, homem negro rendido e asfixiado pelo joelho de um policial branco no mencionado país.

Diante de tais fatos, constata-se que o racismo é uma produção humana que subjuga um homem a outro homem, fazendo com que o indivíduo subordinado perca seu orgulho de pertencimento a seu grupo.

Naturalmente, lutar contra o racismo não é uma tarefa simples, pois é um ato de enfrentamento de ideologias que há muito tempo são sustentadas na sociedade. Em Marx (2007), temos o esclarecimento que intelectuais elaboram as ideologias e as classes sociais que eles acabam representando: o ideólogo burguês não é necessariamente um dono de fábrica, mas sim alguém que, mesmo que involuntariamente, expressa no plano intelectual a visão de mundo burguesa. Como, então, podemos evoluir e derrubar a ordem que contra a vontade dos excluídos foi se naturalizando? Uma possível resposta está em Marx (2007), pois o mesmo convida o homem para a revolução, já não é útil fazermos uso apenas de discursos bem elaborados, uma vez que os problemas não podem ser eliminados apenas no processo de cognição, não basta apenas ter o conhecimento do que está ocorrendo, é preciso posicionamento de ação que elimine as limitações sócio históricas, as quais colocam o homem em uma condição de marginalização, enquanto outros são privilegiados. Portanto, são pensamentos como estes que estão norteando nossa pesquisa, eles contribuem para que ao mesmo tempo levemos informação mais que dentro da consciência dos nossos leitores haja um pensamento que mova a luta, e que essa luta seja consciente pelos direitos das minorias a exemplos dos nossos capoeiristas e dos nossos negros.

Em relação às fontes orais, podemos mencionar que elas serão de grande importância, uma vez que nós historiadores temos o papel relevante de desvendar os fatos, assim o indivíduo está no centro de nossos interesses, nem uma conjuntura que o indivíduo entrevistado menciona é tida por menor, tudo depende do interesse do pesquisador, assim acontecimentos da vida do entrevistado incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala pode ter relevância, tudo é importante mais o entrevistador é seletivo no momento de análise dos fatos, pois no processo (o entrevistado) também tem interesses, pois ele é quem determina o que é relevante ou não narrar na sua história de vida.

Desse modo, ainda a esse respeito, de acordo com Delgado (2003, p. 23) a “história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. A utilização dessa metodologia envolve um processo minucioso que abrange a fala, a escuta e a troca de olhares. Sendo assim, só pode ser realizada dentro de referências cronológicas possíveis de serem alcançadas, tratando-se assim de uma história mais recente. Apesar dessa metodologia não abranger espaços temporais muito amplos, é preciso que mencionemos que foi essencial para uma ampliação das possibilidades de fontes para os pesquisadores. E, diga-se de passagem, não como um elemento complementar relacionando-se a outros tipos de fontes, mas como material fundamental em determinadas pesquisas.

Nesse sentido, em relação aos nossos entrevistados, temos o respeito para que suas memórias não sejam violadas segundo nossos desejos, e que, nosso juízo de valor não sobreponha a verdade do entrevistado. Pois, a violência cometida pelo historiador ocorre quando ele atribui novos significados ao que ficou guardado nas memórias, recortando-as, reconstruindo-as, assim através da violação da memória o historiador gesta a história. A esse respeito, teremos muito cuidado, pois desejamos elaborar uma história que haja empatia pelos sujeitos, o que se configura como a capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião dos mesmos, e acima de tudo, disposição para ficar em silêncio e saber escutar com cautela.

Diante do exposto, apesar do respeito que teremos aos nossos entrevistados, apresentamos consciência que “[...] a objetividade histórica não é a pura submissão dos fatos” (LE GOFF, 2003, p. 32). Assim sendo, a imparcialidade exige do historiador apenas honestidade, já a objetividade demanda um pouco mais, sabemos que quando adentramos e trabalhamos com história oral, lidamos diretamente com a memória de nossos entrevistados, neste processo temos que está consciente que memória faz parte do jogo de poder, a esse respeito LE GOFF esclarece que:

Se a memória faz parte do jogo de poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história só são um fato do historiador, quando este se torna um partidário [...] (idem, ibidem).

Nesse contexto, aqueles que vão estudar a memória devem estar cientes que filosoficamente, refere-se à capacidade mental de armazenamento de informações, sejam de experimentações ou de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, e de trazer essas informações à tona quando necessário. De certo, o conhecimento se produz por meio de memórias de um passado consolidado no presente. Diante disso, no Dicionário Básico de Filosofia Japiassú e Marcondes afirmam: “A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente” (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p.183-184).

Ademais, para o estudioso LE GOFF (2003), os estudos recentes vêm sendo desenvolvidos apontando para uma aproximação da memória com a linguagem. Assim, antes de uma ideia ser falada ou escrita, precisa primeiramente estar armazenada na memória. Além disso, com o desenvolvimento da biologia e da cibernética, psicólogos e psicanalistas passaram a estudar a memória de uma forma mais teórica e não somente empírica. Esses pesquisadores notaram que os sentimentos inerentes ao homem, como o desejo, a afetividade, a censura, podem manipular a memória individual, consciente ou inconscientemente. Em relação à memória coletiva, tais estudiosos observaram que esta pode ser manipulada pelos grupos que objetivam exercer o poder em determinados momentos históricos.

Nesse âmbito, do período em que se deu o desenvolvimento da memória pela oralidade até o aparecimento da escrita (da Pré-História até a Antiguidade), Le Goff (2003, p. 427) afirma que houve uma “transformação da memória coletiva”, a partir do momento em que os homens passaram a inscrever suas aventuras, vitórias e conquistas em monumentos epigrafados. No entanto, quando a escrita passa a ser organizada em documentos escritos, outro avanço acontece, trata-se da capacidade de registrar, de marcar, de memorizar, de reordenar, e reexaminar. Todo esse desenvolvimento não esteve separado, segundo o mencionado autor, do crescimento dos centros urbanos que ampliaram as necessidades e as condições dos homens. A escrita, assim, possibilitou o aparecimento, ou melhor, a criação de exercícios de memória.

Nesse contexto, segundo Le Goff (2003), a Idade Média venerava os idosos, pois eram considerados homens-memória. Assim, a memória fiel poderia durar até cem anos, uma geração passava sua memória para outra e, por meio dos escritos, desenvolvidos a par do oral, era possível estender essa memória por muito mais tempo. Os escritos seriam, então, suportes para a memória e, para sua conservação, surgiram os arquivos. Nesse sentido, “Durante muito tempo, no domínio literário, a oralidade continua ao lado da escrita, e a memória é um dos elementos constitutivos da literatura medieval” (LE GOFF, 2003, p. 445).

Por conseguinte, o estudioso Jacques Le Goff (2003) também mencionou a importância da imprensa como fator que revoluciona a memória ocidental, para ele antes, dificilmente se distinguia a transmissão oral e a transmissão escrita. A imprensa trouxe a “[...] exteriorização progressiva da memória individual [...]” (LE GOFF, 2003, p. 452). Para o autor, sobretudo os tratados científicos e técnicos aceleraram a memorização do saber. Ainda vemos em Le Goff incapacidade de a memória individual abarcar toda a proporção atingida pelos conteúdos das bibliotecas, um imenso arquivo. De acordo com o autor, a maior revolução da memória está no século XX, com o aparecimento da espetacular memória eletrônica.

Ainda a respeito da história oral, o pesquisador é orientado na pesquisa seguindo certas metodologias que são ligadas a história oral, tudo isso é importante, mas a sensibilidade do pesquisador neste momento tem que haver uma vez que estamos trabalhando com seres humanos. Para Alberti (2005, p.175), as entrevistas de histórias de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Dessa maneira, pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados. Destarte, é necessário que pesquisador e o entrevistado tenham uma relação de respeito e co-responsabilidade, almejando que o entrevistado possa se sentir à vontade, relatar suas experiências e rememorar suas vivências pessoais e sociais

Assim sendo, a respeito da história oral ao longo dos anos, com o surgimento e aperfeiçoamento das novas tecnologias, a mesma, também, foi se desenvolvendo e sendo incorporada nos programas de pesquisa de história e de outras ciências sociais, contribuindo para o avanço do conhecimento, ampliando o repertório de fontes, o potencial de entendimento da cultura e sociedade. Segundo Verena Alberti:

Na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil, tornaram-se freqüentes também as entrevistas de histórias de vida, com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo. Foi à fase conhecida como da história oral militante, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para “dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História ‘vinda de baixo’. (ALBERTI, 2005, p. 153)

Nesse contexto, a prática de pesquisa histórica com a história oral possibilita uma reconstrução da memória num processo de rearranjo e negociação, em que entrevistador e entrevistado lidam com a memória. Sendo que, a memória assume, assim, uma posição central no trabalho investigativo, pois ela “é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentido de unidade, de continuidade e de coerência, isto é, de identidade”. (ALBERTI, 2005, p.157). No momento do trabalho, faz-se necessária certa organização do pesquisador, nesse sentido é preciso que haja certa estrutura lógica, bem como pensar em um bom roteiro é uma dessas possibilidades.

A função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar, com relação ao tema investigado, os assuntos tratados pelo entrevistado. Por essa razão, é bom organizar os dados de forma tópica, para facilitar sua visualização no mento da gravação (ALBERTI, 2005, p.177).

Ademais, sabemos que trabalhar com a história oral não é fácil, uma vez que não podemos violar a história de vida do outro, porém temos a responsabilidade de transmitir fatos e ao mesmo tempo o compromisso de reconhecer os eventos que são fantasiosos. Nesse cenário, em se tratando das histórias de vida, são muitas as tarefas do pesquisador, tais como: alertar para os elementos de invenção, de aproximação ou fantasia que ronda toda narrativa e, antes de pedir que acreditemos nos fatos relatados palavra por palavra, deve nos propiciar a chave que transforma o documento cru em uma

fonte histórica, explicitando por que razões a plausibilidade é atribuída a uma parte da história de vida, antes que sua autenticidade possa ser apreciada (PEREIRA, 2002, p. 126).

Nesse processo, na nossa pesquisa, recorreremos também, ao uso de jornais que circularam, nos anos de 1980 a 2014, na cidade de Campina Grande-PB. Contudo, sabemos que analisar este material é uma tarefa complexa, pois o historiador deve ter ciência de que uma matéria de jornal, independente de seu perfil, está envolvida em um jogo de interesses, ora convergentes, ora conflitantes. Por certo, o que está escrito nele nem sempre é um relato fidedigno, uma vez que por trás de sua reportagem, muitas vezes, a defesa de um posicionamento político, de um poder econômico, de uma causa social, assim como o objetivo de alcançar um público alvo, entre outros.

Dessa forma, quando falamos de jornais, acreditamos ser importante mencionarmos o ponto de vista de Gramsci (2006), pois para o mencionado estudioso, um periódico dificilmente é obra solitária. Assim, para o intelectual acima, eventualmente, um projeto coletivo que agrega pessoas ao redor de ideias, de crenças, de valores, de interesses políticos, proveitos financeiros e propósitos de diferentes ordens. Então, a assertiva de Gramsci faz ver a relevância da identificação, em uma pesquisa, do papel social desempenhado pelo periódico estudado. Assim, é imperativo identificar sua linha editorial, esmiuçar as ligações cotidianas de seus idealizadores e realizadores, rastrear os interesses financeiros e políticos que confluíram para a organização, bem como para o lançamento e para a manutenção do periódico. Nesse sentido, o pesquisador da imprensa periódica precisa ter a dimensão de que trabalha com aquilo que, por alguma razão, se tornou notícia. Portanto, deve considerar as motivações que levaram à decisão de se proporcionar publicidade a alguma coisa, já que, certamente, muitos outros elementos que poderiam ser noticiados foram preteridos pelo periódico (LUCA, 2006). Em nossa pesquisa, estamos atentos a todas essas questões para que equívocos não sejam cometidos.

Nessa perspectiva, também faremos o uso de fotografias. Sendo que, Analisando a obra da autora Carla Bassanezi Pinsky (2009), constata-se que

há um potencial pedagógico da imagem, mas também alguma subordinação da imagem ao texto. Notamos que, na década de 1920, os livros didáticos de história passaram a utilizar a reprodução de fotografias de obras encontradas em museus e arquivos. Assim sendo, cada imagem constitui um discurso, e seu código, portanto deve ser apreendido, e a fotografia, indubitavelmente, passa a ser compreendida não como uma verdade, mas como um vestígio, pois uma mesma imagem pode ter significado diferente para cada cultura ou segmento social.

Em síntese, sabemos que no decorrer de nosso estudo devemos que, enquanto historiador, não se restringir a uma única imagem, uma vez que é importante que a imagem obtida possa ser relacionada com outras fontes, pois nem sempre as fontes fotográficas sozinhas bastam. Diante desse quadro, quando estudamos o uso de fotografias temos que ter alguns cuidados, e notamos isto quando estudamos as contribuições teóricas de Boris Kossoy. Assim, na obra do mencionado estudioso: *“Realidades e Ficções na Trama Fotográfica (1999)*, podemos, então, concluir que é necessário que se reflita sobre certas ambiguidades fundamentais de ser a fotografia um registro (isto é, um documento), materializado visualmente no estágio final do processo de criação do fotógrafo (que compreende o processo de construção da representação). Em suma, devemos ter certo cuidado uma vez que às imagens serão adaptadas as máscaras e aos discursos que melhor convém para cada momento.

Ainda, analisando a visão de Boris Kossoy (1999, p.04), notamos que as ligações que são estabelecidas entre os estúdios e as imagens, podem decorrer da possibilidade ficcional da fotografia. Pensamos, aqui, numa natureza ficcional intrínseca à trama fotográfica, que constitui o alicerce cultural, estético e ideológico das manipulações que ocorrem antes (finalidade, intenção, concepção), durante (elaboração técnica e criativa) e após (usos e aplicações) a produção de uma fotografia. Então, pensamos nas manipulações que desde sempre se fizeram dos fatos, seja nos palcos fotográficos do século XIX, por onde desfilava uma burguesia ansiosa de sua própria representação, seja na página impressa dos periódicos, ao longo do século XX, e até o presente. Logo, a manipulação, por mais inocente que seja está embutida na

práxis fotográfica, a tudo isso temos que está atento. Ainda a esse respeito, Kossoy menciona que:

Nessa construção reside a estética de representação. O ficcional se nutre sempre da credibilidade que se tem da fotografia enquanto uma pretensa transcrição neutra isenta automática, do real, portanto, enquanto uma evidência documental (herança positivista). A idéia que sempre se propagou da fotografia é a de sua suposta característica de objetividade, do que decorre a certeza de uma “transparência” entre o fato e o registro. No entanto, a representação ultrapassa o fato e a evidência é exacerbada nessa construção; assim se materializa o índice fotográfico; assim se materializa a prova, o testemunho, a partir do processo de criação. Assim se criam realidades (KOSSOY, 1999, p.04)

Nesse contexto, e não menos importante no nosso trabalho, usaremos a internet como arquivo e referência, pois aprendemos com a autora Carla Bassanezi Pinsky (2009), que a rede mundial de computadores representa grande apoio aos historiadores, sobretudo àqueles que não têm acesso às grandes instituições de coleta. Indubitavelmente, a internet é um depósito de informações, e um grande arquivo virtual de referência, do que um arquivo material de fontes primárias. Entretanto, utilizar esse meio para realizar nossa pesquisa não é tarefa fácil ou simples, uma vez que o pesquisador deve tomar alguns cuidados, pois muitos websites não citam referências ou atestam a origem dos documentos transcritos, assim estamos atentos para que informações ditas falsas não cheguem aos nossos leitores.

ESTUDIOSOS QUE CONTRIBUÍRAM COM A HISTÓRIA DA CAPOEIRA

Nesse momento, acreditamos que seja importante fazermos um breve resumo acerca dos estudiosos que ao longo de suas vidas deixaram grandes contribuições quando analisaram o assunto da capoeira no Brasil. Desse modo, foram muitos autores, mais vamos selecionar alguns, pois não temos como nos deter a todos. Acreditamos que esse movimento é importante, pois assim vamos melhor situar nossos leitores sobre nossa temática. Da mesma forma, iremos, antes de tudo, explicar que vamos fazer um movimento de citações, aonde cada autor vai com suas ideias nos norteando sobre o que devemos estudar, bem como teremos ter a ética de colocar o ano da obra caso seja necessário. Em suma, vamos fazer este movimento para nosso leitor, além de

situar sobre a origem e desenvolvimento da capoeira, assim como possibilitar conhecer o posicionamento que esses autores tomaram frete ao assunto.

Nesse sentido, quando a temática é capoeira e sua origem, a princípio na nossa pesquisa tivemos muitas dúvidas, como se ela seria uma invenção do negro na África, onde existia como forma de dança ritualística. Para esclarecer nossas dúvidas, recorreremos as contribuições teóricas do autor Abreu (1886), que elucida para seus leitores o quanto é difícil estudar a capoeiragem, desde a primitiva, porque não é bem conhecida a sua origem. Nessa perspectiva, uns atribuem-na aos pretos africanos, o que ele julga um erro pelo simples fato de que na África não é conhecida a nossa capoeiragem e sim algumas sortes de cabeça. Da mesma forma, aos índios também não se pode atribuir porque apesar de possuírem a ligeireza que caracteriza os capoeiras, eles não conhecem os meios que os capoeiras empregam para o ataque e a defesa. Por certo, o mais racional é que a capoeiragem criou-se, desenvolveu-se e se aperfeiçoou entre nós.

Desse modo, para Areias (1983), como os escravos africanos não possuíam armas para se defenderem dos seus inimigos, a exemplo os feitores, e os senhores de engenho -, movidos pelo instinto natural de preservação da vida, descobriram em si mesmos a sua arma, a arte de bater com o corpo, à semelhança das brigas dos animais, suas marradas, coices, saltos e botes. Consoante a isso, aproveitaram ainda suas manifestações culturais trazidas da África, suas danças, cantigas e movimentos, é neste contexto que podemos entender como a prática da capoeira se desenvolveu. Sendo que, vale ressaltar que a capoeira praticada por nossos contemporâneos traz traços que a diferencia da prática presente no passado.

Seguindo esse raciocínio, outro estudioso que traz uma luz a respeito da origem da capoeira é Waldeloir Rego, uma vez que ele explica a tese de que a capoeira foi inventada no Brasil pelos descendentes afro-brasileiros (1968, p. 31), reforçando a concepção de Soares, que insiste na ideia de que a capoeira foi uma invenção dos escravos no Brasil, justificando as peculiaridades da escravidão urbana, mesmo majoritariamente por africanos (1994, p. 25).

Ainda nessa linha de pensamento, observamos na produção de Ábia Lima de França que, a capoeira passou por diversas transformações de ordem social, econômica, política, cultural, educacional, entre outros, inclusive pelo fato de ter sido forjada historicamente e abrangido distintos contextos, evidenciando ser improvável manter uma cultura intacta num contexto dinâmico de sociedade (FRANÇA, 2018, p.21).

Dessa maneira, as contribuições dos nossos estudiosos brasileiros são riquíssimas para nossa pesquisa, pois, através dos mesmos, observamos que depois de abolida a escravidão, os capoeiristas continuaram a sofrer perseguições da polícia e eram mal vistos pela sociedade. Então, mesmo sofrendo punições, os capoeiristas atuavam na ilegalidade, e afrontavam as autoridades, esse argumento foi defendido por Oliveira (1989).

Nesse processo, nossos estudiosos concentraram suas pesquisas especialmente nas regiões onde a capoeira teve mais expressividade como Rio de Janeiro, Bahia, Recife, e outros. Inegavelmente, com o passar dos anos, notamos estudos mais diversificados em outras cidades do Brasil, além das que já mencionamos. Certamente, aprendemos com nossos estudiosos que a composição étnica da capoeira foi alterada com passar do tempo e foi diversificada. Assim, Vieira (2004), traz para nós uma explicação a esse respeito, o mesmo alega que na medida em que a capoeira foi sendo incorporada por brancos, portugueses e mestiços, tais maltas (grupos de capoeiristas do Rio de Janeiro) também foram tendo sua composição étnica alterada, a ponto de se tornarem minorias os africanos, operando assim sinais de uma transição cultural subterrânea, onde uma geração foi herdando os ordenamentos simbólicos de outra, e incorporando outros simbolismos, sem deixar vestígios da passagem da geração antiga. Essas informações são importantes, pois nos possibilitam entender o funcionamento de nossa capoeira desde sua gênese.

Nessa perspectiva, para Vieira (2004), a nossa capoeira foi influenciada pela cultura portuguesa, em que houve a introdução da navalha, de novos nomes dos golpes, os quais eram utilizados pelos capoeiras da época, a malandragem dos fadistas, assim como as gírias usadas na comunicação entre

os mesmos, bem como os aspectos religiosos católicos inseridos nas canções, e até a palavra “mestre” que em breve seria incorporada de forma mais incisiva.

Ademais, Soares (1994), situa-nos sobre a situação da capoeira desde 1821. Na ocasião, em 1890, a prática da capoeira foi considerada crime pelo antigo Código Penal da República, mas os capoeiristas já sofriam repressão por crime de vadiagem desde 1821. Em 1890, era uma época em que os capoeiras possuíam personagens ambivalentes, pois em alguns momentos causavam tumultos na sociedade, e em outras situações eram contratados pelos policiais para manter a ordem pública ou por políticos para serem capangas (SANTANA, 2009). Nesse sentido, podemos analisar as contradições e tensões que envolviam esses sujeitos que além de serem considerados “arruaceiros” por uma parte da sociedade, e, assim, denunciados nos jornais da época, também faziam alianças com políticos e autoridades, como também se envolviam em conflitos partidários entre o Império e a República (ZONZON, 2017).

Posteriormente, na década de 1930, Getúlio Vargas tomou o poder, através de um movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. A partir de tal evento, segundo Capoeira (1999, p. 25) foi permitida a prática (vigiada) da capoeira somente em recintos fechados e com alvará da polícia. A partir de 1930, a capoeira ganha um novo significado social, começou a ser símbolo da identidade brasileira, esse período foi como um divisor de águas na sua história (DIAS, 2015), pois contribuiu para a legitimação da capoeira. Os autores até agora mencionados, quando estudaram a capoeira, estavam preocupados em dar transparência às manifestações nacionais, do nosso povo.

Nesse contexto, Esteves (2004), pontua que no período da Era Vargas, houve uma política de valorização do governo às manifestações nacionais, com acentuado ufanismo patrióticos. Dessa forma, esse processo contribuiu para que no futuro iniciasse a divulgação da capoeira como atração turística, profissão e inclusão em escolas e universidades. A capoeira, nesse cenário, passou a ter outra conotação e assumiu diversas características da Educação

Física (Ginástica e Esporte) para ser “aceita” na sociedade, adentrando os recintos fechados.

Nesse contexto, em 1932, foi estabelecida por Manoel dos Reis Machado conhecido como mestre “Bimba”, a primeira academia que ensinou a capoeira formalmente. Nesta perspectiva, mestres Pastinha e Bimba vão se destacar no cenário social como os representantes dos estilos de capoeira Angola e Regional, respectivamente. Assim, concordamos com o pensamento de Oliveira (2009) quando diz que a capoeira deixa de ser um problema para o desenvolvimento da nação e ocupa o lugar de “ginástica nacional” ou “esporte brasileiro”.

Até o momento atual, citamos nomes de autores brasileiros que estudaram a capoeira nas grandes cidades brasileiras, mais não citamos estudiosos que estudam a capoeira na nossa Campina Grande. Primeiramente, temos que esclarecer que em nossa Campina existem poucos estudiosos que se dedicaram a investigação da capoeira em sua magnitude e grandeza. Porém, os estudiosos que se propuseram a analisar a capoeira e sua riqueza para a coletividade, terão nossa atenção e foco em suas pesquisas, bem como serão verificadas quais suas preocupações quando o assunto é sobre a capoeira em nossa cidade.

Diante disso, na nossa pesquisa, buscamos fontes textuais confiáveis e um dos trabalhos que melhor se enquadra as nossas exigências, foi o estudo do historiador João Paulo de Gomes de Sousa. Dessa maneira, Sousa abordou, no seu trabalho, questões pertinentes a nossa pesquisa, ou seja, como se deu a origem da capoeira em Campina, e como ocorriam as rodas de capoeira. O mencionado historiador fez grandes entrevistas com mestres de capoeira como mestre Sabiá, Gon, Paulo Cuscuz, e outros.

Através da pesquisa de Sousa (2018), compreendemos que a capoeira em Campina Grande tem maior expressão nas décadas de 1980-1990. Sendo assim, foi um movimento praticado de maneira não “formalizada” sem denominação de escola. De certo, podemos compreender também, que em 1986, ainda não existiam em Campina grupos de Capoeira, o que havia era estudantes que enfrente de suas residências praticavam a capoeira, e só

posteriormente a mesma vai ser praticada no centro cultural e na academia livre, onde hoje funciona a UNESCO. Com o historiador Sousa, aprendemos sobre como os grupos de capoeira se enfrentavam na nossa cidade.

Nesse contexto, entre os grupos havia rivalidades, assim os grupos Badauê de palmares, e grupos de Abadá Capoeira, se sobressaíram perante os demais. Com o surgimento desses grupos, constantemente são registrados combates em Campina. Nesse sentido, os combates ocorriam nos finais de semanas ou em feriados. Sendo que, os treinos ocorriam em associações e escolas, e a divulgação da capoeira era feita nas ruas com os combates entre os grupos. O grupo Abadá Capoeira concentrava suas atividades no bairro do Monte Santo. Assim, as aulas eram realizadas principalmente no Centro Social Urbano (CSU). Enquanto, o grupo Palmares realizava suas atividades no Centro Cultural de Campana Grande, localizado ao lado do Parque do Povo (SOUSA, 2018, p.16).

Ademais, os conflitos entre os grupos tiveram início com as rodas a céu aberto, as rodas podiam ocorrer no Parque do Povo, na Praça da Bandeira, no antigo Abrigo Maringá, e no Açude Novo. Então, quando circulava a notícia que as rodas seriam abertas, isso significava que qualquer aluno de qualquer outro grupo podia participar. Assim, os alunos tentavam legitimar o grupo ao qual eles pertenciam.

Nessa perspectiva, como vemos o trabalho de Sousa (2018), traz respostas que necessitamos para melhor compreender nossa temática que é a análise do universo da capoeira. No entanto, sabemos que para obtermos mais respostas para nossas interrogações apenas o trabalho desse historiador não era ainda o bastante, necessitávamos de mais estudiosos que adentraram na temática da capoeira em Campina Grande, tínhamos mais algumas dúvidas a respeito da capoeira e sua relação com a educação. Assim, nossa dúvida está relacionada a uma inquietação acerca de como no universo escolar é trabalhado a capoeira, para saber mais sobre tudo isso, recorreremos aos estudos da historiadora Ana Claudia Dias Ivazaki (2018), a qual desenvolveu um vivido trabalho sobre capoeira e educação infantil em Campina Grande.

Desse modo, podemos com Ivazaki (2018) compreender como ocorrem as relações étnicas raciais dentro da escola infantil, tendo como fio condutor a capoeira. De certo, passamos então a entender com a pesquisa, que se faz necessário um diálogo entre as instituições de ensino e as demandas sociais ligadas à valorização e reconhecimento da herança cultural africana e afro-brasileira. Notamos na pesquisa do mencionado pesquisador, que a capoeira em Campina Grande sofre preconceitos de toda natureza, sendo que em nossa cidade ainda há pais que atribui à capoeira como “algo do demônio”, e há professores que mesmo trabalhando na educação associa à imagem do capoeirista a usuário de maconha. Em suma, o preconceito étnico racial está presente dentro e fora das salas de aula.

Eventualmente, Ivazaki (2018) acrescenta a nossa pesquisa informações de trabalhos importantes realizados por capoeiristas em nossa cidade, os quais vêm contribuindo para o desenvolvimento educacional. A partir de tal estudo, notamos com a ajuda de nossos capoeiristas que houve a implementação da biblioteca e espaço de leitura Luiz Gama: escola cultura de capoeira cordão de ouro, que nasce com o objetivo de implementar mais espaços de leitura afro-brasileira e indígena. A propósito, a biblioteca está inserida na escola cultural de capoeira Cordão de Ouro, a qual é dirigida por mestre Nivaldo Freire da Silva, (Mestre Arrepio). Esses projetos, contam com a participação de nossos capoeiristas, são de grande valia, pois como sabemos possibilitam maior inclusão dos mestres de capoeira tanto no universo da educação, como em outras práticas de vivências da nossa sociedade.

No Campo da educação, notamos que a capoeira está presente em escolas de ensino fundamental e médio, mas também percebemos que há inúmeras dificuldades para as aulas ocorrerem, uma vez que por causa de questões administrativas as aulas podem ser suspensas e quando elas são retomadas é fruto de muita luta. Por conseguinte, essas escolas contam com ajuda de voluntários que são mestres de capoeira, os quais através da generosidade dão sua contribuição na educação, por meio de aulas gratuitas. Por certo, todas essas questões são de suma importância para nós, pois elas norteiam nosso trabalho e através dessas respostas sabemos que não é nada fácil ter em Campina uma educação que viva da inclusão, do respeito à

diversidade étnica, e da valorização da capoeira como elemento fruto e propiciador de educação.

Seguindo esse raciocínio, outra autora que contribuiu para nossa pesquisa foi à historiadora Gracielle da Costa Silva (2017), que no seu trabalho abordou sobre movimentos negros e militância antirracistas em Campina Grande-PB. Então, com sua contribuição podemos analisar como a militância negra em Campina continua viva e como atua, observamos então que o movimento negro, na nossa cidade, não atuava de forma conjunta, assim nossa militância negra tem duas grandes frentes de atuação que operavam e não se configuram como movimentos com características homogêneas, e com elementos imutáveis. Apesar das distinções dos movimentos, a luta pelo homem negro em nossa cidade era constante, e isso dava uma ideia de unidade apesar de que os movimentos tinham em seu interior diferente vertentes com ações diversas.

Em síntese, por hora vamos mencionar esses autores, e no decorrer do trabalho, nossos leitores vão poder analisar outros posicionamentos de diversos autores que, com muito respeito e dedicação, divulgaram a capoeira nas suas pesquisas acadêmicas. E não menos importante, nosso público poderá analisar um pouco de minha experiência enquanto pesquisadora da capoeira em Campina Grande. Assim, divulgarei notas a respeito de uma pesquisa acadêmica que tive a honra de participar, fizemos uma análise de como a capoeira está presente em escolas de Campina Grande, e quais as dificuldades que nossos pesquisadores vêm enfrentando para poder divulgar a capoeira, assim como iremos também avaliar como o historiador vem colaborando para que a capoeira esteja cada vez mais viva em nosso tecido social.

CAPÍTULO I

PANORAMA HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB

A princípio, o objetivo nesse primeiro capítulo é fazer algumas considerações sobre o panorama histórico de Campina Grande-PB, em que buscaremos no nosso percurso abordar alguns aspectos sócio- econômico do município, e como ocorriam às relações sociais e políticas dos negros escravos, destacando as tensões e conflitos gerados pela discriminação. Outrossim, vamos refletir sobre como esses escravos viviam, e como ocorria o trato com essas pessoas, pois são questões importantes para nós entendermos como posteriormente seus descendentes serão vistos e tratados em nossa Campina Grande, e como esse trato influenciou para que a capoeira seja vista como uma pratica muitas vezes marginalizada pela elite campinense. Enfim, iremos também analisar como os militantes negros, em Campina Grande, têm buscado pautar suas ações para combater toda forma de discriminação, especialmente, contra o povo negro.

Ocasionalmente, Campina Grande adquiriu esse nome devido as suas primeiras habitações terem surgido em uma grande campina. Logo, em 1769, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, que passou a ser chamada de Vila Nova da Rainha, em 1790. Da feira de gado, a cidade transformou-se no segundo maior polo exportador de algodão do mundo, na virada do século XIX para o XX. Assim sendo, a cultura do algodão promoveu uma verdadeira revolução no município, possibilitando-o ser “a maior cidade de interior do Nordeste”. O comércio do algodão superou o processo produtivo agropecuário, tornando a cidade um centro comercial, cuja principal mercadoria era o algodão. Nesse interim, o crescimento da produção de algodão é patrocinado pelo capital internacional em conjunto com o capital nacional, promovendo profundas transformações nas relações de produção no campo. A sua estrutura agrária (constituída de muitos pequenos agricultores, arrendatários, moradores e poucos latifundiários), assim o município viu sua população crescer em número de habitantes.

Nesse processo, o crescimento populacional ocorreu após 1864, quando a vila foi emancipada. Indubitavelmente, antes que a cultura do algodão fosse implementada na microrregião do município, Campina Grande era apenas “um incipiente centro urbano, em que as atividades mercantis se concentravam” (PMCG, 1983, p. 17). Mas, a partir de 1864, ocorre um rápido incremento populacional, o qual se deve basicamente ao crescimento do comércio algodoeiro que crescia concomitantemente à produção algodoeira. Em 1888, Campina Grande já “era vista como a mais populosa localidade paraibana: com cerca de 4 mil habitantes, a cidade crescia e, em 1892, contava com 400 prédios, chegando lentamente a 731 casas em 1907” (PMCG, 1983, p. 1).

Nesse contexto, o procedimento de exploração do trabalho dentro da cultura do algodão possui características tradicionais ou pré-capitalistas, no qual o trabalhador recebe seu salário de diversas formas: em espécie, em dinheiro (poucas vezes), ou aparece como coparticipante do processo produtivo com o latifundiário capitalista. Assim, na atividade produtiva do algodão, temos formas tradicionais ou pré-capitalistas de produção (foro, meação, moradores) agindo conjuntamente com formas mais capitalistas de produção (agricultores capitalistas, embora fosse minoria), enquanto as formas de circulação são puramente capitalistas (Aranha, 1991).

Nas primeiras décadas do século XX, os dados referentes à exportação do algodão dos municípios do Estado da Paraíba, nos anos de 1915 e 1916, indicam que Campina Grande exportava os maiores volumes desse produto superando inclusive a Capital. É importante observar, que a produção diminuiu no ano de 1916, provavelmente, devido à grande seca de 1915, a qual afetou toda a produção do ano seguinte. A maior parte da exportação do algodão em Campina Grande possuía como destino a Praça do Recife e em menor quantidade para a praça paraibana, que seria o mais comum por Campina Grande pertencer ao Estado da Paraíba. No entanto, diante das melhores condições portuárias de Pernambuco e do prestígio dessa praça comercial, a produção da Paraíba, exportada por Campina Grande, em sua maior parte, destinava-se ao Recife.

Nessa perspectiva, a produção do algodão no Nordeste brasileiro expandiu-se em razão da crise do algodão nos EUA, que tinha no sul do país a sua principal produção. Na segunda metade do século XIX, a Guerra de Secessão ocorrida nesse país comprometeu o abastecimento da indústria têxtil inglesa que, por sua vez, necessitou de outros centros produtores para prover a sua indústria. Nessa conjuntura, Campina Grande tornou-se uma das principais cidades exportadoras de algodão do mundo na primeira metade do século XX.

Nesse processo, entre o final do século XIX e começo do presente século XX, Campina Grande já assumira a função de praça de comércio intermediária entre o litoral e o sertão. Porém, é com a chegada da estrada de ferro, em 1907, que essa função realmente se intensifica.

Nessa conjuntura, em 1907, quando é inaugurado o ramal Campina Grande, a cidade inicia um processo de expansão do seu núcleo urbano, pois foi necessário construir ruas até a estação ferroviária distante entorno de 1Km do centro da cidade. Além disso, estabeleceu-se grande dinâmica no entorno da estação ferroviária, devido à construção de armazéns onde se depositava as mercadorias que embarcavam e desembarcavam, fábricas que se instalaram no entorno da estação ferroviária, bem como estruturas urbanas e serviços, como cafés, lojas, estruturas de suporte aos trabalhadores ferroviários e as ferrovias, a exemplo da casa de turma, oficinas, etc. Dessa forma, além do crescimento populacional ocorrido após a implantação da Estrada de Ferro. Em 1907, Campina Grande possuía 731 casas, cinco anos depois, em 1912 eram 1.102, em 1917 chegou a 1.629 e em 1918, 1.841 residências (GONÇALVES, et al., 1999, p. 34).

Figura 1- A CHEGADA DO TREM À CAMPINA GRANDE - 1907



Fonte: <http://karinamariahistoria.blogspot.com/2012/05/chegada-do-trem-campina-grande-1907.html>.

Diante disso, com o declínio da atividade algodoeira no município (pós-1940), abrirá espaço para as atividades industriais. Então, com a decadência da economia algodoeira no município (pós-1940), a atividade coureira e sisaleira permitiram ao município manter seu crescimento econômico, favorecendo a implementação de diversas plantas industriais pós-1960, através dos incentivos da SUDENE.

Ademais, após os anos 1940, Campina Grande passou pela intensificação de um processo de reformulação urbana pautada nos ideais de higiene, circulação e embelezamento, alicerçado no mesmo lema positivo de progresso, modernidade e beleza atrelados a um contexto maior de modernização das cidades brasileiras, intensificadas no final do século XIX.

Além disso, a produção de algodão possibilitou ao município uma série de novos investimentos (linha férrea, construção de estradas etc.) que lhe possibilitaram um rápido crescimento econômico nas décadas de 1920 e 1930. Como também, a energia elétrica e o abastecimento de água que ocorreram no início do ano de 1940. Nesse sentido, o crescimento de Campina Grande foi

favorecido, em 1956, pela inauguração do fornecimento da energia elétrica de Paulo Afonso – Cia. Hidrelétrica do São Francisco (PMCG, 1983). Sendo que, os investimentos públicos em conjunto com os investimentos privados fomentaram o desenvolvimento do município, e seu crescimento econômico até a década de 1960. Mas, nem apenas de glórias viveu o município de Campina Grande, pois com nossa pesquisa vamos refletir o quanto houve em campina práticas de desigualdades sociais que afligiam, especialmente, os mais pobres como os escravos que aqui habitavam.

Por certo, Campina Grande cresceu sobre a sobra da escravidão, nessa perspectiva, o historiador Luciano Mendonça de Lima esclarece que:

Em 1851, a população escrava de Campina Grande atingiu o seu ponto limite. Nesse sentido, Campina (juntamente com o município sertanejo de Sousa) era o município que detinha, isoladamente a maior parcela de cativos da província, com exatos 3.446, representando 12,1 % da população escravizada de toda Paraíba (LIMA, 2008,P.119).

Nesse processo, passamos a questionar como esses escravos viviam? Como ocorria o trato com essas pessoas? São interrogações importantes para nós entendermos como posteriormente seus descendentes serão vistos e tratados em nossa Campina Grande, e como esse trato influenciou para que a capoeira seja vista com a uma prática, muitas vezes, marginalizada pela elite campinense, vista também como prática de vadios. Dessa forma, os escravos desempenhavam diversas atividades a exemplo o trabalho na agricultura, pecuária e na construção de prédios públicos e privados. É necessário esclarecer, que os primeiros escravos em Campina Grande não foram de origem africana, mais de origem indígena, especificamente, povos indígenas da nação tapuia.

Nesta perspectiva, certos elementos socioeconômicos vão influenciar a vinda de escravos de origem africana, assim o historiador Luciano Mendonça de Lima (2008) chama nossa atenção para o fato que os escravos de origem africana, vinham em função da existência do trafico Brasil/África e também devido á carência de indígenas que impossibilitava a realização de todas as atividades na cidade de Campina. Assim, os escravos africanos chegaram, provavelmente, nas primeiras décadas do século XVIII.

Nesse sentido, no ato da compra dos escravos na África ocorria a preferência pela compra de africanos do sexo masculino, e que fossem homens fortes e aptos ao trabalho pesado, havia também a compra de mulheres escravas, porém era um processo mais complexo para efetuar a compra, pois nas comunidades africanas havia a preocupação dos traficantes em manter a reprodução das comunidades. Então, os escravos em Campina trabalharam na cultura de exportação e também na produção de alimentos para sua subsistência, notamos, assim, que havia sua presença na atividade do comércio local, mais o que muitos escravos almejavam mesmo era desenvolver uma atividade que possibilitasse maior ganho e mais emancipação, a exemplo a atividade de vaqueiro, que muitos almejavam.

Desse modo, os escravos em Campina Grande, independente do gênero, sua vida era controlada por normas de conduta, que eram pensadas pelas autoridades e seus donos, a exemplo os escravos tinham que geralmente começar a trabalhar em uma idade dita precoce, como estavam iniciando no mundo do trabalho, os mesmos realizavam atividades que exigiam menos do seu corpo, e posteriormente eles poderiam realizar outras atividades que exigiam mais desgaste físico. De certo, não era uma vida fácil, homens e mulheres tinham que acordar cedo, pois suas atividades iniciavam antes do nascer do sol, e não havia leis para proteger os escravos da jornada de trabalho exaustiva. Na ocasião, tinham escravos que sua jornada de trabalho estendia até a noite. É interessante salientar que, diante da mão de obra escrava, tornou-se uma efetiva desonra uma pessoa livre trabalhar, principalmente em funções mais modestas.

Nesse contexto, havia também normas de conduta que regulava a vida sexual dos escravos, Luciano Mendonça de Lima (2008) esclarece que as mulheres provavelmente começavam cedo o ciclo de procriação, assim era comum que mulheres aos 14 anos já tivessem seus primeiros filhos e aos 17 anos já estariam sendo mãe de duas crianças. Na nossa pesquisa, é importante esclarecermos que as práticas dos casamentos formais ocorriam geralmente através da concessão dos senhores para com seus escravizados, havia, portanto uma relação de obediência dos escravos a seus senhores. Nessa arena de luta de classe, havia compromissos que poderiam ser feitos ou

desfeitos, esse fato, portanto, poderia comprometer a estabilidade familiar dos escravos. Nesse âmbito, os escravos buscavam oportunidades para que seus filhos pudessem usufruir de direitos obtidos pelos brancos, não era apenas uma luta pela liberdade, mas pelo fim dos estigmas que lhes foram impostos pela sociedade escravista. Então, as famílias de libertos lutavam muito, por exemplo, para preservar os elementos culturais que os definiam como indivíduos pertencentes a uma etnia, como podemos observar não era uma luta apenas por conquistar novos espaços, mas pela preservação de seus costumes.

Ainda no campo das relações existentes entre senhores e escravos, podemos observar que relatos históricos indicam que muitos proprietários de escravos temiam certos comportamentos de seus cativos a exemplo quando ocorriam às festas alegradas pela batida de tambores e sobre o efeito da cachaça, com os adornos no corpo e esquecendo temporariamente seus desencantos com a sorte, nas festas, os escravos lembravam suas origens, mas havia o medo que nestas ocasiões, houvesse revoltas. Então, para conter tais comemorações, qualquer tipo de tensão nas festividades a figura do feitor era muito importante, o mesmo, através da força, mantinha a ordem. Por certo, os escravos eram considerados um patrimônio, uma demonstração de ostentação, sendo que, perder um escravo significava um prejuízo de grandes proporções.

Nesse cenário, em Campina Grande, a vida dos escravos não era só de submissão. Sendo que, havia entre eles os que se rebelavam e carregavam consigo o desejo de vingança. É claro que havia por parte dos escravos uma revolta pela situação na qual eles foram submetidos, ou seja, a vinda forçada do seu país de origem. Nessa perspectiva, era muito comum que, ao longo do século XIX, nos deparar com movimentos de resistência, os quais resultavam em tensões entre senhores e escravos. Assim, quando o problema não era solucionado pelos envolvidos, tal questão era levada até a justiça, e o Estado era representado por figuras como promotores públicos, os quais buscavam manter a ordem social, pois os problemas de natureza pequena como furtos e infrações cabiam a policia soluciona- lós. Então, já as situações de difícil solução como homicídios, eram analisadas pela justiça.

Nesse processo, foi o tratamento desumano que seria imposto aos cativos que fez com que muitos buscassem a fuga e motim entre outras formas de resistências. Portanto, os escravos, independentes do gênero, sofriam um grande desgaste físico e mental, e isso, muitas vezes, decorria em morte, pois não era incomum os mesmos, às vezes, recorrer a violência física, que por vez levava a morte do seu senhor ou do feitor.

Diante do exposto, os escravos que conseguiram sua libertação, mesmo que de forma legalizada pela justiça, de imediato não obteriam sua plena cidadania. Pois, o homem escravo não só em Campina Grande-PB, mas no Brasil, era visto como uma mercadoria e suas manifestações culturais foram sendo deixadas em segundo plano. Sendo que, mais importava aos seus proprietários o lucro que eles poderiam obter com essas pessoas. Nesse interim, podemos dizer que não foi fácil para esse povo de etnia africana deixar sua marca no mundo das artes, dos esportes, da política, enfim, da vida social brasileira. Tomemos como exemplo, a prática da capoeira no Brasil, que apesar de ter passado por um processo de aceitação, por muito tempo, foi vista como uma forma de irmandades e as reuniões eram pontos para encontros e afirmação de apoio e de solidariedade entre os membros de um mesmo grupo, composto geralmente por escravos e libertos, africanos e crioulos. Em síntese, essa prática não foi bem vista pelas autoridades e proprietários de escravos, os quais combatiam veemente tal prática.

Em relação ao sistema de alforria, podemos observar que os escravizados que viviam mais próximos do senhor ou da sinhá poderiam conseguir a alforria com mais “facilidade”, porém isso não implicaria dizer que o cativo teria sua plena liberdade, uma vez que nesse processo era comum ainda haver certa submissão ao senhor. Então, o estudioso Carvalho (1998), pontua que a qualquer momento o senhor poderia reverter essa situação e retirar a carta de liberdade. Em Campina Grande, os proprietários de escravos poderiam conceder a liberdade por inúmeras razões, sejam elas religiosa, econômicas, política ou social, tomemos o exemplo dos senhores que devido às crises econômicas viram na alforria onerosa a solução para seus problemas financeiros.

No contexto nacional, em maio de 1888, foi decretada a Lei Áurea, mas meados de 1870, já existiam associações abolicionistas na Paraíba, o mencionado Estado foi parte ativa no fortalecimento do sopro de liberdade que tomava o Brasil. Como exemplo, tem-se o caso de Areia no Agreste, que se destacou na luta pelo fim da escravidão. Para nós historiadores, é interessante refletirmos os motivos que levaram o estado paraibano, antes da lei Aurea, já existirem lutas pelo fim da escravidão, e foram justamente esses motivos que o abolicionismo passou da ideia para a prática. Sendo que, as causas que motivaram o fim da escravidão foram os debates políticos nas ruas, a despeito do desinteresse entre os políticos da época, de jornais paraibanos que nasciam a partir do anseio abolicionista e se declaravam como tal, e do ativismo de pessoas brancas comuns, de negros livres e ex-escravizados. Todos esses elementos contribuíram para que muitos grupos questionassem a prática da escravidão, mas temos que elucidar que o movimento abolicionista no estado foi gradual.

Indubitavelmente, durante o Século XIX, a Paraíba seguiu uma tendência nacional de fortalecimento do movimento abolicionista. À época, foram criadas associações de pessoas livres em prol da libertação de escravizados, fosse por meio da compra junto aos tutores escravagistas, fosse atrás do incentivo às fugas e motins nas fazendas e engenhos.

Diante disso, o historiador Lucian Sousa da Silva - mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e autor da *pesquisa "O processo de abolição da escravidão na Parahyba do Norte (1870-1888)"* – destaca que, entre 1860 e 1870, a defesa da libertação do povo escravizado era tímida, com poucas pessoas difundindo a ideia. No início da década de 1880, o movimento ganha força, com a entrada de setores “excluídos” como as mulheres, artistas e pessoas negras livres, libertas e mesmo escravizadas. Por fim, mais próximo de 1888, houve um acirramento que culminou finalmente com a abolição.

Eventualmente, em Campina Grande com o processo de abolição, de imediato, não houve grandes mudanças na vida dos ex-escravizados, isso porque a própria Lei Áurea, que permitiu a liberdade de todos os escravizados, não estabelecia uma política pública, no então Império, que permitisse a cidadania e a inserção dos negros libertos na sociedade. Assim, a condição da

população escravizada no momento da abolição era extremamente precária. Nessa perspectiva, podemos recorrer à literatura para entendermos melhor o que passou na vida de muitos escravos.

Desse modo, o escritor Paraibano, José Lins do Rego, em *Menino de Engenho*, escrito em 1929, ao tratar sobre a abolição pelos olhos de Carlinhos (menino branco da elite), explicou como os negros libertos do engenho da família fizeram festa no dia 13 de maio de 1888, mas no dia seguinte continuaram a trabalhar no campo. Assim, “Não me saiu do engenho um negro só. Para esta gente pobre a abolição não serviu de nada” (*Menino de Engenho*, 1929). A princípio, era assim que muitos sentiam a abolição, pois viam pouca mudança na vida dos ex-escravizados, essa realidade com passar do tempo deixou marcas profundas no modo de vida das pessoas pobres escravas e descendentes de escravos, tanto em Campina Grande como no contexto nacional.

Naturalmente, a Lei Áurea foi importante enquanto marco histórico, e representou muito para uma sequência de luta por cidadania dos negros naquela época, mas não permitiu a cidadania plena, pois muitos negros seguiram sem acesso ao básico, sem acesso ao mercado de trabalho, por exemplo. Como resultado disso, nos dias atuais temos visto a exclusão dos negros, assim dados do IBGE de novembro de 2017, referentes Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), **apontaram que 63,7% dos negros do Brasil estão desocupados.**

Nesse cenário, para compreendermos melhor, vamos fazer algumas considerações importantes. Pois, com o fim da escravidão, havia ainda na nossa sociedade uma ordem arcaica que mantinha os privilégios dos estratos dominantes da “raça branca”, bem como existia uma estratificação racial extremamente desigual. Dessa maneira, Florestan Fernandes (1989), defende que apesar das mudanças que houve com a implantação da República, ainda assim existiam elementos do passado no presente, a exemplo o tratamento discriminatório e preconceituoso do negro e do mulato, então devido esse processo os negros lutaram para ganhar condições materiais e intelectuais para erguer seus protestos. Por conseguinte, Fernandes (1989, p.14) descreve que o protesto negro se corporificou e floresceu na década de 1930, irradiando-

se pouco além pela década subsequente. Nesse contexto, os negros passaram a lutar para que houvesse no país uma democracia plena e com maior igualdade entre as diversas categorias sociais.

Ademais, para Fernandes (1989), a desagregação da produção escravista no Brasil tratava-se de uma revolução das elites, isso influenciou para que o negro, o escravo, “branco pobre” e o liberto não fossem vistos como categorias sociais. Todavia, em meio às mudanças que estavam ocorrendo no país, certos privilégios, e padrões de comportamento foram mantidos intactos em proveito da classe dominante, ou seja, da “raça branca”, é claro que esse fato trouxe danos à nação, pois a revolução que estava ocorrendo não estava sendo pensada para o processo da evolução das relações raciais.

Essa realidade acima, vista pelo mencionado autor, esteve presente no universo do povo campinense. Com isso, as manifestações do homem negro em Campina Grande foram vistas pelos brancos com indiferença, esse fato motivou o homem negro a lutar para revelar a ordem social na qual ele estava inserido. Então, no seu cotidiano, o homem negro, no contexto nacional, passou a fazer denúncias e a exigir uma segunda abolição, esse homem negro é mais consciente e luta para participar da evolução social e que haja de fato, sem hipocrisias, a democracia racial. Sendo que, é através de suas lutas e exigências que poderia haver a plena democratização da ordem republicana, contudo para existir a realização desse desejo, foi preciso percorrer um longo caminho, pois isso implicaria combater os preconceitos raciais que há muito tempo estão enraizados na sociedade.

Nesse sentido, os movimentos sociais de grupos de negros em Campina Grande são fruto de lutas e resultado de uma contestação da ordem que estes grupos estão mergulhados. Assim, os grupos em Campina Grande que lutam pela visibilidade do povo negro, através de estudo e de suas vivências, concluíram que as hierarquias não são imutáveis nem eternas, e que através das lutas é possível desconstruir o preconceito e a exclusão. Desse modo, suas ações assumiram um nítido viés de luta de classes na defesa de sua sobrevivência e seus costumes.

É claro que a luta do homem negro na nossa cidade é vista como ameaça a ordem social. O estudioso Abdias do Nascimento faz uma análise sobre a condição do negro em sociedade, ele nos ajuda a entender que a camada dominante simplesmente considera que qualquer movimento de conscientização afro-brasileira é uma ameaça, e uma agressão para todo o sistema que opera na sociedade. E até mesmo, é mencionado que nessas ocasiões, os negros estão tratando de impor ao país uma suposta superioridade racial negra, nesta perspectiva Nascimento conclui:

O objetivo não expresso dessa ideologia é negar ao negro a possibilidade de auto definição, subtraindo-lhe os meios de identificação racial. Embora na realidade social o negro seja discriminado exatamente por causa de sua raça e da cor, negam a ele, com fundamentos na lei, o direito legal da autodefesa. (NASCIMENTO,1978,P.79)

Nesse âmbito, estudiosos que fazem parte de grupos que lutam pelos direitos e pela cultura do homem negro em Campina Grande concordam que a cultura do negro tem sobrevivido em nossa sociedade à custa de assustadora taxa de mortalidade entre os negros escravos e fruto de uma penosa luta de seus descendentes. O estudioso Roger Bastide faz um estudo sobre as condições que elevaram a cultura do negro sobreviver até os dias atuais, o autor então pontua que:

Se o folclore negro tem sobrevivido, é porque a assustadora taxa de mortalidade entre os negros escravos forçara seus senhores a permitir aos trabalhadores do campo desfrutarem os domingos e dias santos. Estes feriados, durante os quais eles ficavam livres para se divertirem como lhes agradasse, formaram o contesto institucional dentro do quais cantos, danças, e outras várias manifestações de arte africana (música em particular) puderam ser preservadas (BASTIDE, 1973,p, 156).

Como podemos observar, não houve uma "benevolência" brasileira para com a gente africana, e a intrepidez dos afros descendentes que vemos, na atualidade, os quais lutam por seus direitos. Assim, resultado de muitos esforços e combate do negro escravizado que ocorreram desde sua vinda ao nosso território. Por conseguinte, podemos buscar na história muitos exemplos, onde encontramos os africanos e seus descendentes engajados na luta de independência do país que os escravizava. Como exemplo, podemos mencionar a Conjuntura dos Alfaiates, que foi esmagada na Bahia em 1798

arrolava em seus quadros negros, brancos e mulatos. Entretanto, quatro descendentes africanos, Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas de Amorim Torres, João de Deus Nascimento e Manuel Faustino Santos Lira, presos no meio de outros revoltados contra Portugal, foram os únicos condenados à morte. Após serem enforcados, em concorrida execução pública, seus corpos foram esquartejados, pendurados na via pública, e seus descendentes declarados malditos para sempre. Em síntese, muitos negros e mulatos imolaram suas vidas combatendo a tirania portuguesa.

No Brasil, o sistema capitalista trouxe mudanças a nossa sociedade e no século XX, mas mesmo assim ainda vemos uma situação nada confortável para muitos negros, pois ainda havia muitos excluídos do mercado de trabalho. Essa realidade foi contestada pelos movimentos de negros na cidade de Campina Grande, através de movimentos, eles iniciaram no meio urbano a luta pelos direitos de uma “minoría”. Diante disso, para conquistar maior visibilidade em suas lutas, muitos negros, na nossa cidade, passaram a integrar partidos de esquerda, sendo que os negros que atuam em nossa cidade e nesses partidos, são indivíduos conscientes da opressão que o sistema impõe, então passaram a não querer aceitar a ascensão social como uma catástrofe moral. No momento, há uma busca constante desses grupos para que sua luta não seja solitária e que o homem branco possa também ser engajado na luta pelos direitos dos negros, contudo, o problema que constatamos é que o homem branco que luta com o homem negro, ainda carregava dentro de se o preconceito que no cotidiano pode gerar a discriminação, tornando a luta do homem negro mais árdua.

Desse modo, os movimentos negro, desde sua gênese, vêm buscando conscientizar a todos que, no Brasil, há uma mistificação e idealização do Brasil como um "paraíso racial", algo que passou a ser contestado, pois isso não corresponde a nossa realidade. O fato é que, o homem negro vive em um contexto que está longe de corresponder uma plena democracia racial, e nessa perspectiva, o homem negro nega duplamente a sociedade na qual vivemos-na condição racial e na condição de trabalhador, assim a interação de raça e classe é uma possibilidade para transformar a condição de opressão, criando,

então uma sociedade libertária, sem dominação de classe e sem dominação de raça.

Conscientes de sua realidade, os grupos que atuam em Campina Grande compreendem que ao negro, desde muito cedo, antes mesmo da tomada de consciência de sua luta, é imposto seu lugar de pertencimento e para muitos, esse lugar são as periferias das grandes cidades. São nesses lugares que, desde cedo, ele tem que conviver com a ausência de oportunidades, isso implica diretamente para que essa categoria não tenha acesso pleno à saúde, moradia, mas tenha mais contato com a violência urbana, assim toda essa ausência de elementos básicos a sobrevivência humana implica no desencadeamento de doenças físico e psíquico. Infelizmente, essa realidade é camuflada, especialmente, por nossas autoridades, pois é sustentada a ideia de igualdade, com o intuito de manter o mito da democracia racial, assim o plano real é fazer com que todos acreditem que há uma boa distribuição das riquezas e das oportunidades em todas as esferas da sociedade.

Nessa perspectiva, temos visto que os militantes negros têm buscado pautar suas ações de forma a repudiar a noção de raça, pois ela designa e classifica os grupos humanos a partir de critérios ditos naturais, em contrapartida, necessitam postular a diversidade do gênero humano. Em síntese, como podemos notar, não é uma tarefa simples, haja vista que esses militantes estão incluídos em uma ordem que tende a exclusão e descriminalização.

Pensar sobre Movimento Negro Contemporâneo, desde sua gênese, tanto em Campina Grande como no Brasil, é algo complexo. Como sabemos o Movimento Negro Contemporâneo já estava ocorrendo, entre o período de 1889 a 1937, e foi uma fase difícil, pois foi pensado na liberdade do homem negro, porém não foi pensado em meios para solucionar as desigualdades raciais em termos culturais, políticos e socioeconômicos. Assim sendo, tínhamos pessoas livres, mas presas a um sistema cruel onde os brancos detinham das melhores condições de vida, e a imprensa que tinha empolgação no início do movimento abolicionista já não mantinha mais o mesmo interesse, com exceção aos jornais fundados por militantes negros, como o Grêmio Dramático, Recreativo e Literário Elite da Liberdade, Kosmos, Treze de Maio,

Brinco de Princesa, 28 de Setembro e O Paulistano, os quais tinham como propósito, justamente, criar espaço para a discussão da situação do negro na sociedade brasileira (Albuquerque & Filho, 2006, p. 260).

Em Campina Grande, esse tem sido o desafio desses grupos, ou seja, solucionar as desigualdades raciais em termos culturais, políticos e socioeconômicos, já não estamos mais só falando no direito do homem negro de ser livre, e sim estamos preocupados com todos os direitos mínimos para ele garantir sua sobrevivência em sociedade. Nesse sentido, em Campina Grande, o Movimento Negro não possui sede local, tal fator contribui para que as atividades de conscientização promovidas por este movimento aconteçam em locais diversos. Apesar dessa realidade, temos visto que o Movimento Negro de Campina Grande não está isolado, e cada vez mais tem atraído a participação de inúmeros indivíduos, como exemplo a contribuição que os mestres de capoeira de Campina Grande têm dado ao movimento. Nesse sentido, para compreendemos melhor a situação do movimento em nossa cidade, a estudiosa Gracielle da Costa da Silva (2018) que mergulhou a fundo no estudo do Movimento Negro em Campina Grande, nos traz uma grande contribuição sobre o assunto, ela pontua que:

O ano de 1988 foi um ano emblemático para a militância antirracista em todo o Brasil, tendo em vista que foi um ano de contestação ao festejo que girava em torno dos Cem anos da Abolição. Os militantes campinenses não ficaram de fora dessa movimentação que ocorreu em várias partes do país. O Movimento Negro de Campina Grande não estava isolado, tendo em vista que mantinha contato com outras entidades que compartilhavam dos mesmos interesses, tais como o MNU de Fortaleza, a Ação Negra de Nilópolis e o MNU de Salvador/BA. Junto com outros militantes mais experientes vindos de Brasília, elaboraram uma comissão que promoveu, durante todo o ano de 1988, ciclos de debates, atos públicos, entrevistas, apresentações culturais e a elaboração de uma cartilha, que contava a verdadeira história do negro e o verdadeiro significado do 13 de maio. Fizeram parte da Comissão Campinense do Centenário da Abolição, além do Movimento Negro de Campina Grande, várias outras entidades, tais como Memorial Zumbi, Grupo de Cultura Folclórica Acauã da Serra, Grupo de Capoeira Abadauê dos Palmares, Grupo de Capoeira do São Braz, Associação Campinense dos Poetas e Escritores, Associação do Teatro Amador de Campina Grande, Diocese de Campina Grande, Centro Acadêmico de História/UFPB Campus II e Sociedade de amigos do Bairro de São José (SILVA, 2018.p 49).

Nesse contexto, como podemos observar os Grupos de Capoeira Abadauê dos Palmares, e Grupo de Capoeira do São Braz, lutaram para promover a

visibilidade da contribuição do negro no processo histórico brasileiro, em particular, aqui em Campina Grande, bem como resgatar na memória da comunidade os heróis negros marginalizados pela ideologia dominante, assim como comprovar a participação da população negra nos aspectos políticos, culturais, artísticos e educacionais. Também, desmistificar a data 13 de maio, e divulgar o dia 20 de novembro como data magna da negritude brasileira. Nesse interim, outro passo importante dado por capoeiristas em Campina Grande, foi o Movimento de Consciência Negra, que surge a partir da reivindicação do professor de capoeira Francisco de Assis Silva Santos, no ano de 2001. Fundado no bairro do Pedregal, o Movimento de Consciência Negra promovia debates sobre contestação social, combate as desigualdades raciais e violação dos direitos humanos da população negra campinense. Nos anos seguintes, o Dia da Consciência Negra passou então a ser comemorado e discutido pela comunidade desse bairro (SILVA, 2018, p. 33).

Portanto, os movimentos militantes negro em Campina Grande para dar visibilidade a seus trabalhos tem organizado seminário, buscado verbas para investir em seus projetos que visam o bem-estar da população negra, e para os mestres de capoeira de nossa cidade esses movimentos são um orgulho não só apenas para a nossa cidade, mas para o estado paraibano. Assim, temos visto que dentro desses movimentos, os capoeiristas que fazem parte, eles não estão apenas preocupados em divulgar o seu ofício, como também estão implicados com causas mais amplas que envolvem a vida e a segurança do negro em sociedade, tomemos como exemplo o evento, de 2014, em Campina Grande, o qual comemorou o centenário de Abdias do Nascimento e reforçou a denúncia contra o genocídio dos jovens negros.

Nesse âmbito, estiveram presentes no evento a Associação Cultural de Capoeira Badauê, Grupo Capoeira Caiana. Na ocasião, ocorreram palestras e mesas redondas com os temas “Pelo fim do genocídio da Juventude Negra nos 150 anos de Campina Grande” e “Campina Grande: 150 anos de Racismo, Exclusão e Discriminação contra a raça negra”, “As contribuições de Abdias Nascimento para o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira” e “Abdias Nascimento Pan africanismo e lutas pela igualdade racial no Mundo” e ainda “Comunidades Quilombolas e Opressão Racial na Paraíba” e “A capoeira

no combate ao racismo e enfrentamento das desigualdades sociais”. Então, para a historiadora Gracielle da Costa da Silva o evento surgiu também da necessidade de:

O seminário surgiu também da necessidade de reunir, em um só espaço de debate, os estudiosos do mundo acadêmico e intelectuais do movimento negro que se dedicam ao estudo da história da África, cultura afro-brasileira e combate ao racismo no campo da educação. Segundo o seu coordenador, o evento é um patrimônio das escolas públicas e periferias de Campina Grande, é mais do que um Seminário, tendo em vista que surgiu como um legítimo espaço de resistência negra voltado para o combate ao racismo e reformulação do campo educacional, através da luta pela implantação prática da Lei 10.639 da LDB. É nesse sentido que o seminário seria, segundo Jair Silva, um modelo de luta contra a violência e a invisibilidade que assola o povo negro campinense (SILVA, 2018, 57)

Desse modo, esses trabalhos são frutos de uma grande responsabilidade por parte dos militantes negros em Campina Grande, pois a luta não é apenas por visibilidade dos problemas que estão presentes no cotidiano do povo negro, uma vez que todos já sabemos que essa parcela da população negra excluída não tem presença maciça em espaços de predominância branca, incluindo áreas de lazer, shoppings, restaurantes, e outros. De certo, percebe-se que as melhores escolas e faculdades estão acolhendo os mais favorecidos economicamente, e a luta não é apenas pelo esclarecimento, mas por medidas reais que combatam essa realidade. Em suma, sempre que há uma oportunidade esses movimentos fazem parceria para promover medidas que possam incluir o negro ao trabalho e ao mundo da educação.

Esses movimentos contestam o passado, pois alegam que a exclusão é fruto de um passado de escravidão, essas ideias têm contribuído para que o Movimento Negro de Campina Grande atue a exemplo em Manifesto de Defesa das Cotas (essa luta é bem atual). Assim, o Movimento Negro de Campina Grande emitiu manifesto em Defesa das Cotas Raciais para estudantes negros, ciganos e indígenas na graduação e pós-graduação na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente, a instituição tem cotas para estudantes de escolas públicas, porém não contempla esses outros grupos. Parte do manifesto declarou que:

“Solicitamos, diante deste contexto, para que os professores, estudantes e servidores técnicos da UEPB debatam sobre essa questão racial de forma urgente, visto que enquanto estamos aqui

pedindo esse debate dezenas de jovens negros morrem todos os dias nas periferias paraibanas, geralmente por causa da ausência do Estado brasileiro que historicamente sempre negou para essa mesma juventude afrodescendente o acesso à saúde, ao trabalho, educação de qualidade, arte e cultura” (*Manifesto em Defesa das Cotas Raciais Para Negros, Quilombolas, Ciganos e Índios na UEPB*)

Em resumo, o Movimento Negro de Campina Grande com 33 Anos de Luta Contra o Racismo defende a ideia de que o Estado da Paraíba jamais será um lugar desenvolvido, caso ele não inclua as populações negras, indígenas e ciganas como prioridade em qualquer projeto educacional, social e econômico em matéria de políticas públicas ou acadêmicas. Na concepção do movimento negro a UEPB, poderia ajudar a fazer do nosso estado um lugar menos racista, mais democrático e com mais cidadania plena para todos os grupos étnicos citados no manifesto.

No entanto, como a universidade não tem cotas raciais para os estudantes negros, indígenas e ciganos, percebe-se claramente que esse modelo acadêmico é profundamente excludente, racista, injusto e promotor de desigualdades pelo fato de não ter qualquer política afirmativa para incluir os estudantes negros, ciganos e indígenas na graduação e pós-graduação. Embora, tenha implantado cotas para alunos das escolas públicas no intuito de ser mais justa socialmente, o movimento solicita, portanto, a ADUEPB e REITORIA para que possam reabrir essa discussão mais do que justa sobre cotas raciais chamando os NEABÍ's, DCE e SINTESPB\ UEPB, bem como as entidades do movimento negro paraibano, indígenas e ciganos que são os maiores interessados nesse assunto, objetivando que juntos possam pensar numa universidade mais inclusiva, democrática, afirmativa e diversa culturalmente e etnicamente.

Em conclusão, os movimentos negro, em Campina, não estão apenas atuando no campo das ideias, mas através de medidas reais, e lutando por mudanças no cotidiano dos menos favorecidos. Sendo que, os seus membros lutam, especialmente, em alguns campos como a educação para todos, pois acreditam que só a educação pode fazer a grande revolução e levar trabalho,

saúde, moradia e segurança para todos, principalmente, para os negros e seus descendentes.

Figura – 2. Movimento Negro de Campina Grande faz Manifesto em Defesa das Cotas



Fonte: <https://revistaafirmativa.com.br/movimento-negro-de-campina-grande-faz-manifesto-em-defesa-das-cotas/>

06/10/2020 | [Notícias](#) |

Em síntese, são movimentos como esses que vamos obtendo resultados na nossa vivência, pois através de discursões como essas, foi possível ser dado um grande passo, uma vez que a UEPB juntamente com seus membros da instituição se reuniram com entidades representativas e debateram sobre cotas raciais na Instituição. Em reunião virtual realizada nessa terça-feira dia 02, de 2021, a vice-reitora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), professora Ivonildes Fonseca, docentes, técnicos e estudantes da Instituição, juntamente com representantes de outras entidades, discutiram a implementação de cotas raciais no acesso aos cursos de

graduação da UEPB. A ação foi bem recebida pelos presentes, e a partir da reunião uma comissão avançará em reflexões e ações sobre a temática.

Nesse cenário, estiveram presentes representantes do Movimento Negro de Campina Grande, da Câmara Municipal de Campina Grande, além de docentes da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Assim, a professora Ivonildes Fonseca comentou a relevância do tema e da participação dos convidados de diversos setores para essa discussão dentro da UEPB.

A partir da reunião, foi formada uma comissão de membros composta por estudantes, técnicos administrativos e docentes da UEPB, agregando os setores de Ensino, Pesquisa e Extensão para aprofundar o assunto e trabalhar as futuras ações dentro da Universidade Estadual. Essa comissão, com membros das Pró-Reitorias de Graduação (PROGRAD), Estudantil (PROEST), de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância (PROEAD) e dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e indígenas (NEABI) de Campina Grande e Guarabira, além de discentes, se reunirá na próxima sexta-feira (5), para definir novos encaminhamentos. Ficamos felizes com essa iniciativa, pois vemos que a luta do movimento negro em Campina Grande está propiciando a inclusão social, vale ressaltar que mestres de capoeira também, ao longo do tempo, vêm mantendo cada vez mais o interesse por esses movimentos que dão bons frutos no nosso meio social.

Diante disso, o movimento negro, para nós estudiosos, é uma fonte de orgulho, podemos notar que o Movimento Negro quando unido e lutando por causas comuns, vem conquistando com muita luta os direitos básicos para a manutenção da cultura negra. Tanto no campo das artes, como no trabalho e na educação, as políticas públicas têm-se mostrado de maneira mais frequente, não só na mídia, mas também no cotidiano das famílias negras de todo o Brasil. A luta dos movimentos negro, dentre outras conquistas, conseguiu a aprovação do Artigo nº. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988, o qual confere aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando as suas terras o reconhecimento à propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Apesar das inúmeras conquistas, notamos que ainda há muito que fazer, uma vez que mesmo havendo movimentos negro organizados, a exemplo do Movimento Negro da Paraíba, surgido em 1978, pela necessidade de lutar em defesa dos direitos do povo negro e para ajudar a acabar com o racismo no Estado, persiste uma carência no tocante a inserção da figura da população negra, como sujeito histórico na sala de aula, mesmo após a aprovação da lei 10.639/03. Nesse sentido, podemos destacar a importância dos vários Movimentos Negro na contribuição da formação docente acerca das relações étnico-raciais. Nesse contexto, as mudanças podem ocorrer de forma imediata ou longo prazo, o importante mesmo é que elas ocorram, nesse âmbito, visando quebrar a tradicional exclusão social, os movimentos negro têm buscado discutir diretrizes norteadoras para a educação no Brasil e em Campina Grande, e graças aos movimentos sociais de resistência negra, grupos étnicos e raciais, seja ele indígena, negro, etc., tem tido cada vez maior visibilidade por nossas autoridades. Essa é uma luta que envolve solidariedade de diferentes olhares inclusive de nossos capoeiristas campinenses.

CAPITULO II

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PANORAMA HISTÓRICO POLÍTICO DE CAMPINA GRANDE NA DÉCADA DE 1980.

A princípio, em Campina Grande, a capoeira tem sua origem nos anos 1980. Com isso, nos implica, enquanto estudiosos, aprofundarmos nosso olhar sobre os aspectos políticos que a cidade vivenciava na década de 1980. Nesse momento da história, notamos no contexto social, que o Brasil passava por uma situação difícil, pois estávamos lutando para combater a ditadura militar, onde havia um contexto de repressão a qualquer manifestação cultural, política, reivindicação ou atitude política de oposição, que não viesse de encontro com os padrões estabelecidos da ordem vigente, e poderia ser considerada subversiva e, cuidadosamente, vigiada e duramente reprimida.

Nesse momento, podemos perceber que em Campina Grande tivemos grandes nomes que apoiaram o golpe, mas também vemos que nem todos os intelectuais e políticos apoiaram o golpe. Portanto, refletiremos como na trama política, os opositores do governo militar criaram táticas de sobrevivência, nesse percurso, iremos notar que em Campina Grande não foram apenas os artistas, e intelectuais ligados a centros de educação que lutaram no combate ao governo, notamos também uma luta do homem negro, assim acreditamos que a partir dessa realidade social, é importante fazermos algumas considerações, a exemplo questionamos como esses grupos eram visto pelos militares, como eles se movimentavam por seus direitos e não menos importante como suas manifestações artísticas eram vistas pelas autoridades? São essas inquietações que com nossa pesquisa pretendemos esclarecer aos nossos leitores, elas são importantes, pois a partir dessas informações preciosas acreditamos que nossos leitores passaram melhor compreender o quanto foi difícil para que a capoeira tenha sobrevivido na cidade de Campina Grande, uma vez que a capoeira é uma manifestação do povo negro brasileiro.

Diante disso, a Ditadura Militar no Brasil, foi um regime autoritário que teve início com o golpe militar, em 31 de março de 1964, assim como a deposição do presidente João Goulart. Nesse aspecto, o regime militar estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e

perseguição policial aos opositores do regime. A cidade de Campina Grande também foi marcada pelo regime, mais houve em seu solo singularidades que acreditamos que devemos abordar.

Nesse contexto, quando o Brasil dava passos rumo à ditadura, a cidade de Campina Grande tinha como Prefeito Newton Rique, e vivia um momento especial para os campinenses, pois havia uma preocupação com os preparativos da festa do centenário, sendo que a crise que assolava o governo de João Goulart não estava naquele momento no centro das atenções. Assim, a festa do centenário, em 1964, corresponderia em Campina ao centenário de sua emancipação política, quando passou ao status de cidade, em 1864. Portanto, foi à quinta vila do interior da Paraíba a ser elevada a essa categoria.

Nesse cenário, com o golpe de 1964, os opositores do governo foram tidos como comunistas e deveriam ser combatidos. Em Campina Grande, essa realidade não foi diferente, pois na nossa cidade havia a luta para eliminar o “perigo vermelho”, através da censura e perseguições o “perigo vermelho” foi erradicado das eleições municipais, de 1963, com a cassação do registro de candidatura de José Pereira dos Santos, “o Peba”, e de seu vice, Manoel Monteiro, ambos, naquele momento, recém-filiados ao Partido Socialista Brasileiro, porém, com “fama de comunistas”.

Eventualmente, foram divulgados durante e após as eleições municipais ideias que serviram para manter a ordem e afastar líderes políticos de seus cargos, então vimos que, em Campina Grande, os militares não estavam sozinhos em seu projeto de governo, pois a imprensa, a igreja católica, e a classe média, os comerciantes e os donos de indústrias atuaram no princípio como pilar para garantir o golpe. Sendo assim, seus posicionamentos manipulavam e alimentavam o sentimento de medo na população campinense, com isso muitos políticos e opositores da nova ordem foram injustamente acusados de comunistas, os quais foram apontados como atores sociais que desejavam implantar a desordem social. Tomemos como exemplo, o jornal Diário da Borborema (03 Ago. 1963, p. 02) que divulgava, em suas páginas, uma mensagem produzida pela Rádio do Vaticano, afirmando que o marxismo e sua expressão política, o comunismo, são inadmissíveis tanto para o

cristianismo quanto para a humanidade livre e consciente. O mencionado jornal expõe que o Vaticano define o marxismo como “a antítese do cristianismo”.

Ainda nessa perspectiva, em Campina Grande foi organizada uma marcha, em apoio aos militares. A concentração ocorreu no açude velho, foi iniciada às quatro horas da tarde e percorreu as ruas João Tavares, Desembargador Trindade, a Praça Coronel Antônio Pessoa e a Rua Irineu Joffily e terminou na Praça da Bandeira, onde se faziam orações e discursos. A população foi convocada a comparecer às ruas no dia 30 de maio, em “regozijo pela vitória das forças democráticas que conseguiram expurgar do país todos os focos de infiltração comunista” (Diário da Borborema, 30 maio, 1964, p. 01).

FIGURA 3 - MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE EM CAMPINA GRANDE (1964)



Fonte: Diário da Borborema, 31 maio, 1964, p. 01.

A partir da fotografia acima, o movimento da marcha contou com a participação de jovens, de estudantes, de trabalhadores, entre outros. Por certo, os mesmos acreditavam que uma nova nação seria possível, com a chegada dos militares ao poder. A grande maioria do povo paraibano apoiava o regime militar, ou acomodaram-se a esse sistema de governo.

No Brasil, o golpe estava em marcha! Mas, para isso, o terreno teve que ser preparado. Em Campina Grande-PB, o jornal Diário da Borborema na coluna “Por esse mundo além”, o jornalista Antônio Barroso Pontes denunciava o estado de “caos, de angústia, de sacrifício e desespero” (Ibdem, 15 jan. 1963, p. 04) do povo brasileiro, em virtude do governo inoperante, confuso e desajustado, o qual agora se cumpre o temor de que Jango se transformasse no coveiro do Brasil. As mazelas serão curadas pelo salvador da pátria! Mas nossas experiências com salvadores ainda doem – Temos o caso recente de Vargas. Então, “suplica-se” para que as forças armadas intervenham, no dizer de Assis Chateaubriand, “Todo o poder ao glorioso exército do Brasil” (Ibdem, 11 Abr. 1964, p. 05).

Ademais, Evandro Nobrega, estudioso da Imprensa, entre o pré-golpe de 64 e o ano de 68, esclarece a todos que a Rede de Diários e Emissora Associada, chefiada por Assis Chateaubriand, da qual o Diário da Borborema fazia parte, promoveu uma cerrada campanha golpista. De acordo com o autor, por causa da recusa de Goulart em zerar o déficit da cadeia associada ao Banco do Brasil, à Previdência e a outras instituições federais. Esses fatos, não sintetizam o apoio dado ao golpe em solo campinense, mas explica, em parte, algumas dúvidas a respeito do apoio que os militares tinham (NOBREGA, 1994, p. 143 – 144).

Desse modo, em Campina Grande tivemos grandes nomes que apoiaram o golpe, mas também vemos que nem todos os intelectuais e políticos apoiaram o golpe, podemos citar como exemplo o caso do Prefeito Newton Rique, que manteve sua posição de apoio ao Presidente João Goulart, parabenizando-o pelo comício de reformas e por sua “corajosa e oportuna mensagem à Nação brasileira”. Então, o mencionado prefeito no telegrama que elaborou, firmava seu apoio à “vigorosa liderança” do Presidente e sua certeza

de que, “no futuro próximo, teríamos progresso com justiça e desenvolvimento com igualdade” (Diário da Borborema, 15 Mar. 1964, p. 05).

Naturalmente, as tensões do Sul do país estavam chegando a Campina Grande, e havia incertezas sobre o futuro da nação. O Diário da Borborema noticiou a tomada do poder pelos militares, sendo que segundo o mesmo, na época do golpe, apenas “Brasília e Porto Alegre continuam a ser os últimos redutos da era janguista”. O cargo de presidente fora declarado vago pelo presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, e O STF empossou o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazilli, na Presidência da República.

A princípio, com a ditadura, a dinâmica política em Campina Grande-PB mudou, pois a cidade também sentiu os efeitos da política centralizadora dos militares. Já a partir de 1969, a cidade passa a ser administrada por interventores sendo que o primeiro, Manoel Paz de Lima, ficou de 14/05/1969 até 15/07/1970, seguido por Luís Mota Filho, outro interventor que permaneceu até janeiro de 1973, sendo substituído por Evaldo Cavalcanti Cruz que foi eleito pelo partido governista, a ARENA.

Nesse interim, alguns elementos vão contribuir para que, com o passar do tempo, à rede de apoio aos militares em Campina Grande fosse sendo desfeita, e uma das causas está relacionada, as medidas repressivas como a tortura, que criaram na sociedade um temor, uma “cultura de medo” em se posicionar contra o Estado, em exercer participação política, pois se corria o risco de ser preso, até mesmo torturas, assim como outra causa está relacionada aos problemas financeiros que os militares não sanaram no Brasil.

Dessa maneira, a insatisfação com o regime militar não estava somente presente em Campina Grande, mas estava atual no estado paraibano. Nesse aspecto, o clima de instabilidade gerou na Paraíba o combate ao governo, tomemos o exemplo o ano de 1969, onde ocorreu uma ação armada empreendida pelo PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – que foi o assalto à fábrica de Cigarros Souza Cruz. Na ocasião, o assalto foi uma ação que buscava ter como resultado obter fundos para a resistência armada. Assim sendo, o mencionado assalto foi realizado pelo PCBR de Pernambuco,

que tinha articulado com o paraibano, contudo, por divergências acabou fazendo sozinho e os membros do PCBR paraibano levaram a culpa. Esse episódio nos revela o conflito e às divergências da trama política na Paraíba no contexto da ditadura. O jornal da União, na ocasião, esclareceu que:

O assalto verificou-se em frente ao escritório da Souza Cruz na praça Pedro Gonçalves, por volta das 13:45 horas. Os assaltantes portavam revólveres e uma arma de cano longo, que os funcionários do banco não puderam identificar se era fuzil ou espingarda, e utilizaram na fuga um automóvel Volkswagen cor gelo, com placa branca 2888. A polícia compareceu ao local do assalto poucos minutos depois, encontrando ali uma cartucheira, uma caixa de fósforos e um cartucho calibre 12 deixado pelos assaltantes, imediatamente todas as saídas da capital foram tomadas pela Polícia Rodoviária. Os funcionários do banco foram detidos para interrogatório. Como fazia, todos os dias, José Correia, procurador do Banco da Lavoura de Minas Gerais, foi recolher ontem à tarde o depósito do escritório local da companhia de cigarros Souza Cruz, acompanhado de Petrônio Alves da Silva e Manuel Felix da Costa, funcionários do banco. Após contar o dinheiro – 56 mil cruzeiros novos – saíram do escritório para apanhar o transporte quando foram abordados por quatro indivíduos armados. (A UNIÃO, 06/05/1969, p.3)

Diante de tais eventos, as autoridades ligadas aos militares aproveitaram esse episódio para aumentar ainda mais o medo da população, fazendo com que muitos acreditassem que os movimentos eram organizados e ameaçava toda a sociedade. Na ocasião, a verdade é que os movimentos, muitos na Paraíba, eram dispersos e desarticulados. Além disso, as experiências da “luta armada” na Paraíba, não foram, propriamente, “luta armada”, mas um grupo de jovens com muita disposição para a luta, os quais tentavam se organizar politicamente. Com esse objetivo, fizeram algumas ações, um pouco desajeitadas, é verdade, mas com a finalidade de construir uma sociedade que eles consideravam mais justa e igualitária, e lutaram contra o regime militar. Em decorrência dos fatos acima, muitos sujeitos foram submetidos às prisões, torturas e cumprimento de penas (NUNES, 2015, p.16).

Por conseguinte, em Campina Grande, devido às dificuldades impostas por um sistema de opressão, movimentos de jovens, estudantes e trabalhadores, e outros, tiveram que lutar contra a ditadura. Nessa perspectiva, o Jornal União expõe que, em janeiro de 1969:

Nos primeiros dias do ano paredes de Catolé do Rocha foram pichadas com slogans subversivos e distribuídos panfletos concitando o povo à luta armada. Instaurado o competente inquérito, foi apurada participação das seguintes pessoas: FRANCISCO MUNIZ DE MEDEIROS, ANA LÚCIA GOMES BARRETO e PEDRO RAIMUNDO

DA SILVA. (...). No dia 13, por ocasião da realização dos exames vestibulares para as faculdades, foram distribuídos panfletos subversivos em João Pessoa. (...). No dia 26, em igrejas de CAMPINA GRANDE, foram distribuídos panfletos subversivos, à revelia dos responsáveis pelas mesmas. (A UNIÃO, 13 de janeiro de 1969)

Logicamente, enquanto no Sul do país notamos que muitos indivíduos estavam engajados na luta pelo fim da ditadura, vemos algo diferente ocorrer em Campina Grande, pois as operações empreendidas para o fim da ditadura eram executadas de forma dispersa e sem expressão política. Evidentemente, os resistentes não tinham apoio e nem inserção na sociedade. Vale ressaltar, os grupos opositores que resolveram agir em combate a ditadura representavam uma ínfima parcela da população. Por certo, a grande maioria do povo paraibano apoiava o regime militar, ou acomodaram-se a esse sistema de governo. No contexto político local, os governadores João Agripino (1965-1969) e Ernani Sátyro (1970-1974) gozavam de ampla popularidade, e ambos estavam em consonância com as diretrizes do governo central.

Apesar dessa realidade em nossa cidade, isso não implica dizer que em Campina não houve movimentos e violência para com aqueles que ousaram combater o regime. Notoriamente, na Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba (2017), vimos que houve violência aqui em nossa cidade, e evidenciamos isso através das testemunhas que foram vítimas da violência. Para esclarecer melhor esse fato, precisamos fazer uma consideração sobre o que foi a Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba (2017), (CEVPM-PB) que foi criada pelo governador Ricardo Vieira Coutinho por meio do Decreto nº 33.426, de 31 de outubro de (2012) com a finalidade de buscar o esclarecimento das graves violações de direitos humanos praticadas por agentes públicos contra qualquer pessoa no território da Paraíba, ou aos paraibanos que se encontravam em outros Estados ou Países, durante o período fixado no art. 8º do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal, a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica.

Segundo o relatório da CEVPM-PB (2017), em 1968, violações aos direitos humanos ocorreram com a violência praticada pela polícia contra as manifestações estudantis nas ruas de João Pessoa e de Campina Grande-PB,

deixando estudantes e docentes feridos e presos. Sendo que, deputados estaduais e vereadores da capital paraibana denunciaram esses fatos na tribuna de seus respectivos parlamentos.

Foram de grande valia os testemunhos de Francisco Metri [Chicão], professora Dinalva Rodrigues e Fidélia Cassandra, filha de “Zequinha do PCB”, na audiência pública que foi realizada no auditório da Central de Aulas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande-PB, no dia 10 de dezembro de 2013. Os depoimentos foram marcados com sentimento de revolta pelas perseguições sofridas por eles durante a ditadura militar. Chicão relatou a tortura física e psíquica a que foi submetido na Polícia Federal em João Pessoa, enquanto Dinalva falou da sua estadia na Granja do Terror em Campina Grande. Já Fidélia Cassandra, cujo nome foi uma homenagem a Fidel Castro, discorreu sobre o sofrimento em ver seu pai sendo perseguido pelos militares.

Figura 4 - Comissão da Verdade da Paraíba apresenta relatório parcial de trabalhos na Universidade Estadual



Fonte: <http://www.uepb.edu.br/comissao-da-verdade-da-paraiba-apresenta-relatorio-parcial-de-trabalhos-na-universidade-estadual/> 3 de abril de 2014.

Perante isso, as opressões ocorreram no campo da política, do direito e também no campo da educação, em Campina Grande-PB, assim professores foram torturados, assim como afastados do seu ofício. Desse modo, os profissionais da educação na Paraíba foram perseguidos contra a atuação na Campanha de Educação Popular (CEPLAR), em colégios estaduais e na universidade.

Os Jornais também não ficaram seguros em relação ao seu funcionamento, conforme explica José Emilson Ribeiro e Simão Almeida ao projeto *“Compartilhando Memórias: repressão e resistência na Paraíba”*, pois à censura nos jornais foi, primeiramente, executada por oficiais do exército, e posteriormente, esse encargo acabou sendo transferido para agentes ligados a DPF – Departamento da Polícia Federal – os quais podiam aprovar editar ou até mesmo tolher textos que lhes eram encaminhados antes de serem publicados na imprensa. Quando certas matérias eram vetadas pelos censores, os jornalistas passaram a preencher o espaço deixado em branco com poemas, sobretudo de Luís Vaz de Camões, como também substituía por receitas de bolo e doces.

As práticas de torturas na Paraíba e em Campina Grande seguiam os modelos aplicados no Sul. Então, assim o pau de arara, choques elétricos, pesadas nos testículos e outros métodos cruéis que eram aplicados no Sul do país, poderiam ser vistos aqui também, pois conforme explica ex-presos políticos José Bernardo e José Ailton, torturados nas Granjas do Terror em Campina Grande. Eles contaram que foram colocados em pau de arara, receberam choques elétricos, pesadas nos testículos e outros métodos cruéis. A finalidade dessas torturas poderia ser por diversas causas entre elas: a obtenção de informações de outros militantes, e também assegurar a manutenção do controle político, visando assim, o desmembramento das organizações clandestinas. Torturar as vítimas foi o meio encontrado pelos militares para silenciar seus opositores.

As universidades também sofreram com as intervenções dos militares, pois houve a proibição de posse de diretores de Centro, conforme explica a Comissão da Verdade, da Memória e da Justiça das Entidades da Universidade Federal de Campina Grande-PB em parceria com a CEVPMPB,

representadas pelos professores Luciano Mendonça de Lima e Paulo Giovani Antonino Nunes, respectivamente, que registraram o testemunho do ex-reitor da UFPB Berilo Ramos Borba¹⁵, em 18 de julho de 2015. Na ocasião, ele relatou fatos de sua administração na UFPB, tais como relação com o movimento estudantil, atuação da Assessoria de Segurança e Informação (ASI), proibição de posse de diretores de Centro pelos militares.

Da mesma forma, as organizações dos estudantes em Campina Grande foram perseguidas. Em 1964, houve uma invasão ao Centro Estudantil Campinense (CEC), naquele momento foi encontrado ofícios assinados pelos seus dirigentes à União Nacional dos Estudantes, ao Comando Geral dos Trabalhadores e ao jornal comunista “Novos Rumos”. Essas correspondências mostram o grau de atuação do CEC nos órgãos de esquerda de destaque no cenário nacional. Além dos ofícios, os soldados do Batalhão dos Serviços de Engenharia encontraram “na biblioteca vários livros de Karl Marx que ensinavam aos estudantes como trair a pátria” (Diário da Borborema, 10 Abr. 1964, p. 01).

Os líderes mais atuantes do Centro Estudantil Campinense foram acusados de serem seguidores do Partido Comunista do Brasil, em meio ao conflito com as autoridades, os principais líderes (CEC) destruíram todos os fichários, com os nomes dos integrantes do centro, ateando fogo nas fichas e em outros documentos, essa atitude foi importante, pois as punições poderiam ter recaído para outros integrantes do movimento.

Em relação à trama política em campina Grande, os militares traziam aos cargos de destaque homens que mantivesse com os mesmos laços de confiança e amizade, era preciso combater os inimigos da pátria, os políticos que não almejassem os mesmo que os militares estavam fora do sistema político vigente. Os políticos que foram afastados das suas funções procuraram esclarece aos campinenses o porquê estavam sendo afastados do poder e buscaram, em meio a tudo, chamar a população para luz do conhecimento que os militares eram seus inimigos. O Prefeito Newton Rique, que foi cassado, chamou atenção da população afirmando que:

Campinenses amigos,

Ontem, às 22:30 horas [...] fui surpreendido com telefonemas de amigos que informavam acabarem de ouvir a inclusão do meu nome na lista de cassação de mandatos e direitos políticos, criada pelo ato institucional. [...] Sim, campinenses, os meus inimigos, que são, sinceramente, os vossos inimigos, conseguiram, afinal, um resultado para as suas maquinações, as suas tramas, as suas intrigas, as suas traições [...] (Diário da Borborema, 16 Jun, 1964, p. 01).

Além do drama vivido na política, vimos também o drama da pobreza que esteve presente em Campina Grande no período da ditadura, assim no período abarcado pelos anos de chumbo, o governo Médici desfrutava de grande popularidade entre as classes alta e média, em virtude da ampla propaganda política e, sobretudo, devido ao extraordinário crescimento da economia, que proporcionava certa legitimidade ao Regime Militar. Destarte, essa fase também é conhecida por ser a época do “milagre econômico”, no qual o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro chegou a alcançar taxas de crescimento de dois dígitos. O problema é que esse desenvolvimento não refletia na melhoria da qualidade de vida da maior parte da população.

A condição dos trabalhadores no Brasil, como um todo, era difícil pelo fato de que o poder aquisitivo do salário mínimo tendia a declinar no período do “milagre”. Nesse sentido, 78,8% da população ganhavam menos de dois salários mínimos. Na prática, havia uma grande parcela da sociedade brasileira vivendo em situação de absoluta pobreza (ALVES, 1987, p.152). Em Campina Grande, a cidade recebeu recursos minguados, mesmo com toda submissão ao regime, os recursos disponibilizados ao município, tanto na administração dos interventores quanto na administração de Evaldo Cruz, continuaram sendo minguados e, quando acontecia de o município ser beneficiado com algum projeto federal, os recursos eram insuficientes para debelar a crise da combalida economia municipal. (LIMA, 2012, p.198). É claro que a crise era mais sentida pelos menos favorecidos.

Nesse contexto, Campina Grande vivenciou um vertiginoso crescimento econômico, no início dos anos de 1960, com a instalação de novas indústrias com incentivos municipais e relações mais estreitas com os projetos da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) destinados ao município. Com tudo, como sabemos, esse quadro econômico positivo na cidade passa por mudanças devido às consequências do contexto político nacional, pois foi, em 1964, com o Golpe Militar e a política centralizadora

aplicada ao sistema administrativo adotado pelo governo em conjunto com a reforma tributária de 1967, os quais trouxeram ao município efeitos negativos que, gradativamente, entrou em decadência econômica.

No início de 1970, o quadro econômico existente reflete na administração do município que passa a receber menos projetos e minguados recursos. Por certo, a política centralizadora e diversas ações da administração pública do Governo Militar com o objetivo de enxugar gastos públicos, passou a cortar parte do orçamento destinado aos municípios, a partir de então, muitos municípios, em especial, aqueles que dependiam de projetos desenvolvimentistas promovidos por órgãos como, a SUDENE, foram drasticamente afetados. Nesse âmbito, a crise foi sentida especialmente pelos trabalhadores pobres que tiveram muito de seus direitos vetados, em nossa cidade.

Em Campina Grande, não foram só direitos vetados no campo do trabalho, pois através de nossa pesquisa, nós vimos também que no campo das manifestações culturais, havia direitos fundamentais sendo desrespeitados, como o direito a livre manifestação de ideias. Tomemos como exemplo as manifestações artísticas em Campina Grande que na década, especialmente, de 1970, passaram a ser corriqueiras no teatro municipal e que para poder ocorrer havia uma fiscalização. Nos eventos teatrais em Campina Grande havia certa tensão, pois era preciso todo cuidado com técnico censor, afinal toda atividade teatral deveria se apresentar com a devida certificação. Mas, em Campina Grande, a ação dos técnicos censores foi em menor proporção por apresentar menos influência no cenário nacional, no entanto, não significa dizer que a ação repressiva não esteve presente nas nossas manifestações artísticas, mesmo que a cidade interiorana tenha tido repressão em menor escala, nem por isso é a menos importante, deve sim ser, problematizada, analisada e discutida por nós historiadores.

Apesar da censura, notamos que nossos artistas campinenses estavam mesmo era preocupados com uma conscientização da plateia, acerca do que estava ocorrendo. Assim, no *Teatro Municipal Severino Cabral*, que é ligado à Secretaria de Cultura, vimos artistas lutando contra a ditadura e com a repressão, mesmo com as dificuldades de produção cultural na cidade, as

nossas peças teatrais enfrentavam sabotagens e preconceitos diante da elite que comandava os programas teatrais. Sendo que, no teatro havia a presença de prefeito, vereadores, autoridades, e inclusive os próprios militares assistiam, então era preciso ter um espetáculo com mensagens inteligentes que nem sempre eram entendidas pela elite, muitos em comunhão com o governo. Nesse sentido, os opositores do governo tinham que ser astutos, assim os artistas da esquerda se utilizava de efeitos de cena, jogo de palavras do diálogo no texto, movimentos, montagem do cenário para conduzir a mensagem política ao público. Nesse aspecto, para Barros Neto (2017, p. 70), outra estratégia utilizada pelos autores de teatro era contar uma história referente a um passado que, aparentemente, não tinha nenhuma ligação com o momento atual político do regime militar, assim os espetáculos estavam completamente camuflados, por que não podia dizer aquilo que tinha que ser dito, mas os artistas com outras dinâmicas buscavam táticas diversas para que a mensagem política pudessem chegar aos campinenses.

E claro, que no mundo artístico, nem todos estavam prontos a ser “dóceis” e aceitar de bom agrado o sistema opressor. Na música, vemos também movimentos contra o controle ideológico da população, é o caso de importantes músicos que lutaram pelo fim do regime, temos o exemplo do cantor Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, conhecido como Geraldo Vandré. O mesmo, um talentoso paraibano que nasceu em João Pessoa-PB, e foi o primeiro filho do casal José Vandregíselo e Maria Martha Pedrosa Dias.

Nesse sentido, Vandré iniciou a carreira musical, nos anos 60, tornando-se famoso pelas suas músicas que se evidenciaram ícones da oposição ao regime militar de 1964, como "Porta Estandarte", "Arueira", "Pra não dizer que não falei das flores", entre outras. Para as Historiadoras Sousa e Araújo, a Canção “Pra não dizer que não falei das flores”, remete as passeatas realizadas pelos jovens que ambicionavam mudanças e melhores condições de vida, demonstrando que mesmo com ideologias diferentes, as pessoas eram iguais. Após o AI-5, a repressão foi agravada, aumentando o âmbito de ambientes ansiosos por mudanças. Professores, intelectuais, jornalistas, operários, todos eram censurados. “Vem, vamos embora que esperar não é saber”, nesse trecho, o compositor tentou demonstrar que a mudança deveria

ser feita com atitudes e não com a espera de dias melhores” (SOUSA E ARAÚJO, 2016, p. 589).

Diante do exposto, a mudança, na aquela época, era preciso e muitos estavam conscientes disso, e como resultado de tal consciência houve as inúmeras lutas pelo Brasil. De certo, em Campina Grande não foram apenas os artistas, intelectuais ligados a centros de educação que lutaram, notamos também uma luta do homem negro, neste momento acreditamos que é importante fazemos algumas considerações a exemplo questionamos como este grupo era visto pelos militares, como eles se movimentavam por seus direitos e não menos importante como suas manifestações artísticas eram vistas pelas autoridades (?)

Em Campina Grande, os negros, no período da ditadura, viviam uma condição não muito diferente da atual, era o grupo mais excluído dos serviços de saúde, moradia, segurança, educação e havia um significativo número de desempregados. Essa realidade, do povo negro, era vista não só apenas em Campina Grande, como também observada em outras cidades brasileiras, como isso a figura do negro passou a ser cada vez mais temida, uma vez que os militares temiam a revolta dos negros e, também que os mesmos fossem usados por seus opositores para chegarem ao poder.

Nessa perspectiva, as associações negra, no período da ditadura, eram vigiadas e até mesmo repreendidas, pois as autoridades temiam as associações, uma vez que elas poderiam desestabilizar a “democracia racial brasileira”. Havia o medo que as manifestações dos negros gerassem “conflitos raciais”, assim as manifestações dos negros que ocorreram fora do Brasil a exemplo nos EUA faziam com que as autoridades policiais aumentassem ainda mais a vigilância aos movimentos negros brasileiros. Para Kössling (2007), os militares, no Brasil, tiveram a preocupação de assegurar um discurso que passasse a ideia que o Brasil era constituído por um povo mestiço e harmônico, assim a população foi mobilizada em torno da sua concepção.

Nesse sentido, os militares almejavam alcançar a unidade nacional, assim eles exaltavam a mestiçagem como um elemento essencial da formação da sociedade brasileira. É claro que os movimentos negro que, desde a década

de 1970, vinham combatendo o mito da “democracia racial”, lutaram contra essa ideologia, porém tinha na sociedade outra parcela dos movimentos negro que utilizava a “democracia racial” como um meio para que houvesse realmente uma efetivação dessa democracia. Em Campina Grande, e em outras cidades brasileiras, as lutas antirracistas significaram para os militares, a oposição, a proximidade com o debate marxista e o “potencial de conflito”. Desse modo, havia também a visão que os movimentos negro eram “facilmente manipulados” pelos “comunistas” e que os movimentos eram considerados elementos da propaganda comunista. Constata-se que para o DEOPS /SP havia uma relação entre os movimentos negro com os movimentos de esquerda.

Ademais, no período da ditadura havia, em Campina Grande, o movimento negro, que foi criado no ano de 1986, a partir da realização do Primeiro Encontro Afro- Brasileiro Campinense. Encontro esse que foi realizado no Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande. Assim, o movimento não media esforços para combater as perversidades do racismo estrutural, pois na época a realização de palestras em escolas públicas e de passeatas denunciando o genocídio da juventude negra era muito mais difícil do que nos dias de hoje, havia também por conta das marcas da ditadura mais dificuldades em obter parceria e apoio pela luta do povo negro.

É importante esclarecer, que os órgãos de repressão classificavam, no Brasil, a atuação dos movimentos negro como incitadores do “ódio racial”, e suas ações poderiam então ser severamente punidas, pois esses movimentos incidiriam contra a Lei de Segurança Nacional. Nesse panorama, podemos esclarece que a vigilância aos movimentos negro por parte do DEOPS\SP não foi iniciada com o regime militar.

Desde a década 1930, em geral, ocorreu uma atuação repressiva as associações afrodescendentes, sustentada por uma visão policial que classificava essas associações como “introdutoras” da questão racial no Brasil e, por consequência, geradora de conflitos que poderiam desestabilizar a “democracia racial” (KÖSSLING, 2007, p.09). As autoridades, geralmente, atribuíam ideias pejorativas para classificar os líderes de movimentos negro, pois para eles essas pessoas não passavam de agitadores que buscavam a

agressividade para transformar o país. A verdade, é que havia sim líderes de movimentos negro que almejavam acabar com a discriminação e, com os estereótipos que os marginalizavam, porém, para isso, tinham que levar adiante um “levante armado”, e muitos defendiam que, no Brasil, o socialismo fosse implantado.

No Brasil, configura-se no que se convencionou chamar de “preconceito à brasileira” ou racismo cordial (muitas vezes subliminar) (TURRA & VENTURINI, 1995). Esta realidade estava presente em nossa cidade de Campina e aos nossos negros havia penúria quando lutavam para entrar no “mundo dos brancos”, e havia uma hegemonia branca que tinha, muitas vezes, a intenção de fazer o negro negar a si mesmo no seu corpo e na sua mente. É claro, que suas manifestações artísticas eram vistas como algo por menor. Podemos citar a capoeira que, em Campina Grande nas décadas de 1980-1990, lutava pela sua sobrevivência. Assim, a capoeira na sua gênese é uma manifestação do povo negro, e nessa perspectiva não seria fácil para ela sobreviver em nossa sociedade, ainda marcada pela discriminação racial.

Dessa maneira, o racismo estava tão vivo na nossa sociedade que havia um ideal estético, o qual exaltava a figura do homem que se assemelhasse ao homem europeu, sendo que os “não-brancos” eram excluídos do imaginário de beleza. Então, tudo que estava relacionado ao negro remetia a África e, com isso, já era fator preponderante para ser desvalorizado, e marginalizado pelas autoridades. Tais eventualidades, já estavam presentes, em Campina Grande na década 1980, e de certa forma até hoje é vivada por muitos, então na ditadura no nome da autoridade os militares negavam as características dos negros, apesar de que seu discurso, muitas vezes, era de aceitação. Nesse âmbito, não era só o físico do negro que sofria o preconceito das autoridades, a suas ações também eram vistas com desconfiança. Assim, era comum, as pessoas negras serem acusadas de servir as ideias comunistas.

Nesse contexto, os negros tinham que viver diariamente com uma política criminal enraizada no colonialismo escravocrata, assim o negro era visto como uma ameaça. Nesse cenário, a Doutora em direito penal Thula Rafaela Pires (2018), no artigo titulado *estruturas intocadas: racismo e ditadura no Rio de Janeiro esclarece* que era corriqueiro, no dia a dia, de negros e negras prisões

arbitrárias, invasões a domicílio, expropriações de lugares de moradia, tortura física e psicológica, e havia também as ameaças de grupos de extermínios a vida do negro, na favela no Rio de Janeiro, como em outros estados não era nada fácil sobreviver.

Sendo assim, no regime militar a cultura do homem negro, foi classificada como cultura de esquerda, assim foi sendo estabelecidas representações sobre o homem negro e suas manifestações culturais. Porém, esse processo não foi pacífico nem consensual, mas conflituoso, pois o homem negro lutou muito para combater as representações que o desqualificavam.

Nesse interim, no Relatório / Comissão da Verdade do Rio. – Rio de Janeiro: CEV-Rio, (2015), podemos notar que homens e mulheres negras foram humilhados e marginalizados devido ao uso de suas roupas, cabelo e devido aos seus costumes. Nesse aspecto, o homem de etnia negra tinha que andar no Rio com documentos, tinha que comprovar que era um homem de bem, uma vez que, naquela época, onde vigorou a ditadura havia a lei da vadiagem e se o negro não tivesse carteira como documento ele poderia ser conduzido à delegacia. Sendo comum que homens negros ficassem 48 horas na delegacia, caso ele não apresentasse a carteira de identificação, mesmo falando que era trabalhador e mostrando suas mãos cheias de calo, poderia ser punido com cassetete nas mãos, e a polícia dizia que o transgressor não iria mais esquecer sua obrigação.

Da mesma forma, em Campina Grande, para os negros só havia um caminho, comprovar que era um homem de bem, assim ser um homem trabalhador era primordial, como ter um trabalho de carteira assinada, em um país pobre e excludente. Por certo, é preciso esclarecer que, na época, da ditadura havia dificuldade dos brasileiros em obter um emprego legalizado.

Devido essa realidade dura vivida pelos negros, notamos que em Campina Grande, havia na década de 1980, um movimento de solidariedade aos negros, os quais estavam buscando desenvolver um sentimento de fidelidade com sua identidade ligada à África, sendo que era um movimento estimulado por pessoas ligadas a luta pelos direitos dos negros. Diante disso, naquele momento, havia uma consciência que era preciso desenvolver um sentimento

de orgulho, inclusive o orgulho pelo passado e pela história do povo de etnia negra. Neste processo, certos modos de tratamento, que vinham sendo destinado ao povo negro, passaram a ser em nossa cidade questionado.

Em Campina Grande, estava havendo uma solidariedade muito positiva entre movimentos que lutavam por dignidade dos mais excluídos. Nesse cenário, notamos que, na década de 1980, quando o movimento negro de Campina necessitava de apoio, eles conseguiam, e essa ajuda vinha de outros movimentos que lutavam por inclusão e direitos fundamentais, objetivando garantir a existência humana. Esse momento, foi de conquistas, principalmente, para alguns indivíduos de etnia negra, então, evidenciou-se que, na década de 1980, alguns indivíduos negros tiveram a oportunidade de entrar em faculdades públicas. Esse processo foi de muita importância, pois esses indivíduos tiveram uma considerada ascensão social, puderam mudar o quadro de pobreza que alguns eram mergulhados, e foi justamente isso que fez com que alguns negros obtivessem uma consciência frente à realidade de pobreza e exclusão do povo de etnia negra. Essas pessoas passaram então a questionar o racismo, a pobreza, e a exclusão, assim fruto de uma nova tomada de consciência, eles notaram que através da educação seria possível mudar o quadro de marginalização do negro em nossa cidade.

Muitos negros que passaram a lutar em movimentos, em Campina Grande, eram agora professores, advogados, ou seja, pessoas que passaram a dedicar suas vidas a militância, e sua luta além de ser por melhorias sociais, também era uma luta muito bela, vista aos olhos daqueles que traziam na alma o amor por sua cultura. Assim, essas pessoas lutaram para que suas práticas culturais fossem aceitas, elas acreditavam que seu modo de ser não era inferior ao modo de ser do homem branco, e agora questionavam por que não aceitar sua cor, seu cabelo.

Essas questões, acima, foram de suma importância para que hoje as práticas culturais de nossos negros e descendentes fossem mais aceitas e respeitadas, e como resultado disso vemos mestres de capoeira sendo um pouco mais respeitados, assim como professores, advogados, juízes, donas de casa, e operários negros tendo alguns direitos sendo reconhecidos. Porém, é claro, temos a plena consciência que ainda muito a ser conquistado para que

haja de fato uma plena democracia racial, a qual trate com respeito o seu povo negro e, acima de tudo, reconheça sua história e seus direitos.

Fruto da luta negra na cidade de Campina Grande, em 1986, houve o primeiro encontro afro brasileiro, o motivo principal do evento era que seus organizadores desejavam lutar contra o racismo em Campina Grande (Farias, 2001, p.16). Os nossos militantes de etnia, especialmente, negra e parda passaram a buscar inspiração nas lutas que ocorriam em outros estados do Brasil.

Os organizadores que lutavam pelos direitos dos negros a exemplo grupos de capoeira Abadauê dos palmares, e grupos de capoeira do São Braz entre outros, estiveram envolvidos em debates públicos e entrevistas, esses estavam preocupados com a distribuição de materiais como cartilhas que serviriam para lembrar a população da luta do povo negro. Muitas das organizações repudiavam o dia 13 de maio de 1888, pois acreditavam que a escravidão foi abolida, mas o negro permaneceu à margem da sociedade, e muitos negros defendiam que não existia a democracia racial que as autoridades pregavam.

O trabalho dos militantes negros consistia em exaltar as contribuições do negro em Campina Grande, e era para, com isso, resgatar a memória da comunidade, dos heróis negro, marginalizados até então pela ideologia dominante, assim como seria preciso inserir os negros no cenário político, educacional e cultural artístico. É claro que essa luta não ficou apenas no campo da retórica. Desse modo, em 1987, houve na nossa cidade violência contra os militantes que atuavam na mesma, e estudantes foram punidos pelo fato de falar sobre ideias ligadas ao comunismo, bem como foram agredidos pela polícia, houve prisões, sendo que casos dessa natureza foram repudiados por advogados, professores, profissionais liberais, entre outros. Nesse sentido, os jornais locais divulgavam essas notícias e havia toda uma contestação por parte dos militantes (Jornal da Paraíba. Campina Grande, ano XV, n. 4556, 04 nov. 1987). Por certo, os militantes em Campina Grande não poderiam falar sobre o comunismo, essa realidade estava também presente em outras cidades do Brasil.

As vítimas da violência, em Campina, poderiam recorrer à justiça, era uma situação difícil, pois de um lado estava a polícia com apoio dos militares e as vítimas que tinham o apoio de militantes de movimentos diversos, assim, nessas ocasiões, era comum os protestos. Em 1987, houve protesto na praça da bandeira na nossa cidade, onde os campinenses militantes repudiaram a violência, assim entidades importantes estavam presentes como representantes do DCE-UFPB, Comissão dos Direitos Humanos, membros do partido dos trabalhadores, e não menos importantes militantes do movimento negro (Jornal da Paraíba, Campina Grande, 07, nov, 1987).

As entidades como do movimento negro atuavam de diversas maneiras, elas faziam protesto, abaixo assinado em solidariedade às vítimas da violência. Os policiais que atuavam, na época em Campina, faziam uso da força quando não concordavam com os protestos ou conversas entre os civis, era uma situação delicada, especialmente, para os mais pobres, pois além de viver na miséria não poderiam protestar acerca de sua situação. Os negros em nossa cidade, na década de 1980, em diante, além de desejar mudar sua condição de vida, almejavam da mesma forma, que suas manifestações culturais entre elas a capoeira, fossem aceitas e respeitadas como patrimônio da nossa nação, mas como vimos não era uma conquista muito fácil de obter, pois ainda operava em nossa sociedade um modelo de valorização das manifestações culturais do homem branco.

CAPÍTULO III

CAPOEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB EXPLICANDO SUA GÊNESE.

A princípio, vamos fazer reflexões sobre a origem da capoeira na cidade de Campina Grande-PB, para isso iremos recuar um pouco no tempo, pois sua origem está vinculada a década 1980. Além do mais, vamos refletir sobre sua rica contribuição na nossa cultura, e como uma manifestação do povo negro resistiu até o momento atual. Também, analisaremos como no, primeiro momento, a capoeira em Campina Grande é praticada de uma maneira “não formalizada” sem denominação de escola, e como se tornou uma modalidade esportiva. Na ocasião, refletiremos como, nessa época, a capoeira poderia ser rotulada pelas autoridades como “coisa de vadios” e “arruaceiros”, para só, posteriormente, ser aceita como prática cultural respeitada.

Ademais, para iniciar nossa trajetória, acreditamos ser importante esclarecer que, no Brasil, a capoeira, logo após a abolição da escravatura, foi regradada por inúmeras leis e decretos proibitivos e repressivos que tentaram coibir ou até suprimir sua manifestação, fazendo com que os capoeiras tomassem atitudes para que a sua cultura perpetuasse e permanecesse viva por várias gerações.

Durante o período da Ditadura Militar, algumas rodas de capoeira que aconteciam nas ruas ou nas praças pelo Brasil, eram vigiadas por policiais a paisana, sendo que nessas rodas encontravam-se capoeiristas distintos em termos de idade, classe social, e aspectos étnico-raciais, como praticantes negros, pardos e brancos. Enfim, a capoeira representava uma prática para todos aqueles que quisessem vadiar. Em determinadas circunstâncias, quando a polícia suspeitava que aquela roda apresentasse um caráter subversivo, a roda era repreendida e prendiam-se alguns capoeiristas. Então, a capoeira passou a ser vista como momentos de lazer vigiados pela presença da polícia nas mediações das rodas de capoeira, e o seu aspecto de luta foi sendo ocultado, sendo que o jogo era mais evidenciado por meio do disfarce de dança e folguedo. Nesse momento, havia o risco de descaracterizar a capoeira como um movimento histórico legítimo do povo negro, a capoeira então passou

a ser vista, especialmente, na literatura como caráter festivo e espetacular. É claro que nossos capoeiristas lutaram bravamente para que elementos da capoeira não sucumbissem.

Desse modo, as rodas de capoeira eram fruto das tradições da cultura africana, ou seja, uma cultura vista pelos olhos da elite como por menor, mesmo sabendo dessa realidade, nossos capoeiristas lutavam pela manutenção dos elementos culturais de sua ancestralidade. No período da ditadura, vivíamos uma das fases mais difíceis especialmente para legitimar o legado das minorias, com a capoeira não foi diferente, pois notamos com nosso estudo que os militares buscaram a disciplinarização de uma prática cultural concebida como caráter histórico suspeito, pois era rotulada como “coisa de vadios e arruaceiros”.

Para o mestre Leonardo Fernando Jesus (2015, p. 18), a capoeira na ditadura, defendia-se a necessidade de enquadrá-la aos princípios da ordem militar por meio de uma lógica de higienização de um corpo tido como primitivo, para torná-lo combativo, fortalecido e esportivo. Na verdade, tratava-se de uma proposta que tentou impingir aos seus praticantes uma ideia de que eram indivíduos reduzidos ao corpo, sem história e sem cultura, para que negassem suas tradições e sua ancestralidade. O corpo era o único bem que herdaram e, por isso, deveriam cultivá-lo em nome da nação, como representantes de um esporte e de uma luta marcial genuinamente brasileira.

Nesse contexto, a capoeira poderia ser praticada no campo ou na cidade, e as rodas muitas das vezes quando ocorriam eram geradas por movimentos espontâneos. Contudo, com a ditadura militar vemos que as autoridades lutaram para que a capoeira fosse tirada dos seus terreiros e das rodas de rua para enquadrá-la numa academia regulada por alvará.

A capoeira foi perdendo assim sua liberdade e espontaneidade. Houve então um embate entre os capoeiristas e as autoridades, os capoeiristas lutaram por sua tradição cultural que era mais livre, solta. Mas, temos que esclarecer que, entretanto, nem todos os capoeiristas adotaram essa postura de resistência. O mestre Leonardo Fernando Jesus (2015, p. 29) ressalta que muitos mestres se enquadraram aos campeonatos, torneios e graduações

estabelecidos por esse modelo que enfatizou a competição esportiva, o combate, o grupalismo, e o individualismo, em detrimento da historicidade, do espírito quilombola, da vida comunitária, da irmandade, e da tradição que são elementos constitutivos da Capoeira.

Analisando essa situação, em nosso país, como estudiosa vemos perdas, pois o enquadramento institucional foi criando elementos que vão dando outra roupagem à prática da capoeira, e por uma estratégia de sobrevivência, os capoeiristas tiveram que ser mais astutos, pois inicia-se a “era das academias”, tendo como precursora a academia de Mestre Bimba, na década de 1930, e a de Mestre Pastinha, no início dos anos 1940.

No Regime Militar, as academias de Capoeira eram chamadas de associações ou centros culturais, as quais eram registradas e subordinadas ao Governo Federal, e filiadas a alguma Federação Estadual que, por sua vez, era filiada à Confederação Brasileira de Pugilismo. Anos depois surgiu a Confederação Brasileira de Capoeira que tutelava as federações estaduais. Muitos capoeiristas aceiram as normas ditadas pelos militares, pois estes acreditavam que aceitando as normas do Regime Militar, a Capoeira estaria sendo bem vista e com isso sobreviveria e eles não seriam perseguidos, nem torturados, presos e/ou mortos. Entretanto, é claro que nem toda regra era seguida, pois havia aqueles capoeiristas que não aceitaram suas imposições, ou seja, transgrediram as regras Militares. Nessa perspectiva, mestre Leonardo Fernando Jesus pontua que:

As rodas de rua, a não utilização de uniformes e graduações, eram marcas registradas dos capoeiristas que não seguiam as normas da Ditadura Militar, pois afirmavam que a Capoeira era livre, que foi criada para a liberdade e não deveria ficar presa às regras, nem a uniformes e graduações (prática militar). Em contra partida, os capoeiristas transgressores, eram chamados, pelos que aderiram ao Regime Militar, de capoeiristas sem Mestre, foram perseguidos e presos pela polícia e perseguidos por outros capoeiristas. (Jesus, 2015, p. 37)

Diante disso, as mudanças na capoeira estavam ocorrendo a todo o momento, é claro que não só houve pontos negativos, houve também algo proveitoso, tomemos o exemplo dos mestres pobres de baixa renda que passaram a ganhar dinheiro com a capoeira, e os alunos que mantinham o interesse pela prática pagavam pelo uniforme e mensalidades, tudo isso

contribuiu para que muitos mestres não vivessem mergulhados na miséria. Incidiu, na década de 1980, o aumento de grupos de capoeira e, com isso, houve o incentivo de campeonatos e torneios, algo que possibilitou a divulgação da prática e maior possibilidade de renda para os capoeiristas.

Acreditamos que esclarecer esses elementos aos nossos leitores é muito importante para podermos adentrar no universo da capoeira, na cidade de Campina Grande, uma vez que tudo que mencionamos até aqui foram fatos que ocorreram, na década 1980, e que influenciou a capoeira e seu funcionamento, assim como nosso município faz parte de um todo, ou seja, do Brasil. Nesse sentido, precisávamos esclarecer que esta realidade vivida, na década de 1980, influenciou a vida de nossos mestres capoeiristas, e muitos ainda atuam aqui em Campina Grande-PB.

No Estado da Paraíba, a capoeira se fez presente, em meados dos anos 1970. Nesse processo, a capoeira penetrou no Estado com o trabalho do mestre zumbi Bahia. A abertura oficial da capoeira na Paraíba deu-se com um espetáculo denominado *berimbau de ouro show*, ocorrido em 05 de agosto de 1978, esse evento contou com a participação de grandes nomes de capoeiristas oriundos da Bahia tais como: mestre Dinho, Fininho, Raimundo, Gracinha e mestre Boa Gente.

Nesse cenário, já em Campina Grande, a capoeira estava presente na década 1980. A princípio, era praticada para divertir as pessoas, e não havia ainda a formação de uma escola e, no ano de 1986, não existiam grupos de capoeira, observava-se estudantes de economia da Universidade Federal da Paraíba, Rildo e Reginaldo, ambos do Acre, que desenvolviam um trabalho no bairro de Bodocongó, na frente de suas residências. Os mesmos ministravam aulas de capoeira para crianças e realizavam rodas de capoeira uma ou duas vezes por semana. Nessa perspectiva, Sousa (2018, p.11) esclarece que no primeiro momento a capoeira, em Campina Grande, é praticada de uma maneira “não formalizada” sem denominação de escola.

Posteriormente, a capoeira, na década de 1980-1990, em Campina Grande, será praticada no Centro Cultural e na academia Corpo Livre onde hoje funciona a UNESC. Desse modo, um mestre muito importante, nesse

momento, era conhecido como mestre Sabiá, e foi ele que fez o primeiro batizado realizado na academia Corpo Livre, no ano de 1989. Sem sobra de dúvida, esse foi um momento importante para a capoeira em nossa cidade. Em Campina, os interessados em praticar a capoeira se inseriam nos espaços, como associações esportivas, e a prática com passar do tempo foi sendo apresentada como uma modalidade esportiva. Assim, a capoeira foi incorporando os elementos da cultura esportiva (disciplina rigorosa, graduação de alunos, métodos de treinamento, golpes de lutas rigorosamente orientados).

A capoeira foi perdendo seu caráter espontâneo, onde era praticada na rua, sendo que agora havia, por parte dos administradores das associações de grupos, um apelo comercial, e pouco remetendo ao caráter cultural dos nossos ancestrais. Nesse ritual, os capoeiristas já não faziam suas orações de proteção invocando Salomão, São Mateus e São Bento, pedindo ajuda a Santo Antônio Pequenino, com rezas e mandingas para conter seus adversários. A Capoeira se transformou na medida em que a sociedade brasileira se transformou, e da mesma forma, nenhuma tradição, independente dos meios aos quais esteja ligada, encontra-se estagnada.

O Centro Cultural é o primeiro espaço na cidade de Campina Grande-PB a trabalhar a “capoeira como instituição”. Isto é, supomos que o mesmo se refira ao reconhecimento e tratamento atribuído à capoeira nesse espaço tenha se diferenciado de todos os anteriores. Ou seja, a capoeira passa a ser vista também pelo seu caráter histórico e cultural. Pois, antes o que acontecia eram trabalhos informais, sem continuidade e sem registros, onde capoeiristas “avulsos” se encontravam para treinar ou realizar rodas. Muitos capoeiristas frequentaram o Centro Cultural, logo era o único reduto oficial que tinha um número considerado de capoeiristas. Para Sousa (2018) os capoeiristas pioneiros a exemplo mestre Sabiá, professor Vavá, Toni, entre outros dão ênfase à formalidade, ao institucional e a oficialidade, a capoeira passa a ser vista como uma prática esportiva, um ofício que requer compromisso e respeito. Desse modo, até porque é desta prática que mestres vão tirar seu sustento.

No tempo do Brasil Império, a capoeira era praticada principalmente por homens pobres e de cor, sendo que a prática podia ocorrer em ruas, becos e

vielas. A capoeira do Brasil Imperial não será a mesma que foi praticada em Campina Grande-PB. Por certo, a origem da capoeira na cidade de Campina Grande foi ligada no decorrer do tempo ao esporte e a competitividade. Então, para a capoeira ter maior visibilidade na sociedade moderna foi necessário ela ser mais institucionalizada, oficializada e disciplinalizada. Uma capoeira mais civilizada que foi retida sua rebeldia, transgressão e espontaneidade.

Na cidade de Campina Grande havia vários grupos de capoeira e sempre mantinham um elo de competição e, também certo grau de cooperação para que a capoeira se mantivesse viva na cidade. Nesse processo, tínhamos os grupos Badauê de Palmares, Abadá Capoeira Luna, o grupo Capoeira Brasil entre outros, os quais competiam para legitimar seu modelo de escola. Com o surgimento das escolas, em especial Palmares e Abadá Capoeira, eventos conflitantes, constantemente, eram registrados na história de Campina Grande.

Nesse sentido, os grupos para não caírem no esquecimento realizavam rodas a céu aberto. Segundo Sousa (2018, p.17) as rodas serviam como divulgação dos trabalhos realizados pelos grupos de capoeira, e as rodas abertas podiam ocorrer no Parque do Povo, na Praça da Bandeira e no antigo Abrigo Maringá. Havia confrontos democráticos, pois quaisquer membros dos grupos podiam participar. As causas que motivavam os confrontos eram várias, mas a razão comum era que os alunos tentavam se “afirmar” ou “legitimar” o seu grupo perante os demais. Assim, os alunos instigavam os enfrentamentos, muitos entravam nos grupos de “rodas fechadas”.

Esses confrontos nem sempre eram bem vistos, especialmente, por alguns membros da elite campinense, pois havia o preconceito por parte desse segmento. Vemos que membros da elite campinense aceitavam a capoeira quando realizada civilizadamente, por pessoas de “boa referência”, mas ao mesmo tempo fazia críticas quando a prática decorria em desordens e correrias. Ademais, não vamos esquecer que estamos falando, dos anos 1980, onde havia uma elite opressora no poder. Quando a capoeira era vista como uma prática que enriquecia nossa cultura, presente no nosso folclore, quando havia um discurso bem elaborado para defini-la nos jornais, então sim a capoeira era aceita, mas quando era vista como apenas uma manifestação do

povo negro, com elementos de rebeldia, nesse momento, em Campina Grande era temida.

Em Campina Grande-PB, as disputas dos grupos de capoeira tinham o intuito de mostrar qual grupo na cidade era superior, e em meio às disputas, às vezes, podia haver críticas. São essas críticas que influenciaram para que a capoeira passasse por um processo que a torna em um esporte regrado e regido por normas e padrões moralizantes. Já passando pelo momento de consolidação da capoeira, os seus praticantes incidiram a levar a sério a capoeira, a mesma já não era vista apenas com uma brincadeira, era preciso dominar a técnica e, se possível que a capoeira tivesse uma função social relevante. Nesse processo, a capoeira não vai ser praticada apenas por pessoas pobres da cidade, pois será estendida a outros praticantes, até mesmo oriundos da elite campinense.

Como consequência, desse percurso, em Campina Grande identificamos, atualmente antigos mestres de capoeira, isto é, pioneiros na cidade envolvidos numa capoeira voltada para a educação escolar. Acredito que esse processo dar conta de preservar a memória desses mestres e reconhecer, de fato, os responsáveis pela integridade da capoeira na cultura de Campina Grande, a qual antes era uma prática marginalizada, porém atualmente é praticada em mais de 100 escolas municipais, através do projeto Capoeira nas Escolas. E não menos importante, nos dias atuais, homens de letras reconhecem a capoeira como um importante instrumento para representar a cultura do povo campinense, e isso foi possível porque a capoeira foi disseminada como capoeira esportiva, e valorizada como luta nacional.

Diante disso, nossos capoeiristas estão mais conscientes de sua função, e já não estão apenas dentro de associações fechadas, eles estão buscando cada vez mais, estarem engajados em lutas que possam não só garantir a sobrevivência da capoeira, mas deseja que a cultura do povo negro esteja viva em nossa cidade, não como algo por menor. No momento atual, notamos a importância de capoeiristas na luta pelo reconhecimento e na luta antirracista em Campina Grande, sendo possível detectar a existência de um grande número de militantes antirracista, dentre eles, grupos de capoeiristas, alunos, professores universitários e da rede pública de ensino.

Seguindo essa linha de acontecimentos, conforme explica a historiadora Silva (2018, p.17) que considera como composição da militância antirracista, também, os grupos de capoeira, as religiões de matriz afro e toda e qualquer manifestação que, de forma direta ou indireta, atuam no combate ao racismo, por compreender que, mesmo não estando diretamente vinculados a nenhuma frente do movimento formal local (MNCG), são grupos que fazem parte do processo de construção da negritude nesse país.

Em Campina Grande-PB, há uma luta árdua para que a capoeira tenha uma função social relevante. Nesse contexto, existe uma preocupação para que os mestres possam ter renda e, com isso, garantir sua sobrevivência, bem como há preocupação com os nossos alunos, uma vez que sabemos, muitos são da periferia de Campina Grande, e por isso os mestres vêm trabalhando arduamente para que, através da prática da capoeira, haja educação e que seus alunos encontrem um sentido na vida e não sejam vítimas da pobreza e da violência.

Ademais, nossos mestres, apesar de poucos em número, estão mais conscientes que para isso ocorrer, é preciso à consciência de solidariedade entre grupos. Além do mais, é necessário adquirir controle sobre os recursos necessários para sua ação, e assim a capoeira dar passos visando criar um projeto cultural voltado para a afirmação de identidades e para a preservação da autonomia e de formas de vida. Portanto, formas de resistência voltadas para a construção e/ou reconhecimento de identidades coletivas. É claro que a construção ou reconhecimento de identidades não é um processo fácil, assim para Barth (1998), a construção da identidade se dá em meio às disputas e tensões. Na maioria das vezes, esses movimentos, ao mesmo tempo em que estão questionando as estruturas, também estão indicando outros caminhos, propondo novas formas de organização e mudança social (GOHN,1997, p. 12).

Nós atualmente, vemos um movimento diferente em Campina Grande, pois na ditadura havia opressão, e nos dias atuais vemos que os grupos de capoeira buscam autonomia e afirmação de sua identidade, em oposição às formas de controle centralizadas. Suas ações desenvolvem um processo social e político-cultural que criam uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Entre os grupos de capoeira foi sendo estabelecida

uma solidariedade, e a partir de valores e ideologias comuns, foram às tradições compartilhadas pelo conjunto que trouxe uma ideia de motivação pela luta da prática da capoeira. Assim, temos que, no entanto, esclarecer que quando se fala em solidariedade, não implica necessariamente que os movimentos sejam harmoniosos ou homogêneos, e como pontua a autora Gohn (1997) é comum que em movimentos existam conflitos internos, porém, os discursos elaborados e da forma como se apresentam publicamente, ou mesmo as práticas articuladas nos eventos externos, criam um imaginário social de unicidade e uma visão de totalidade. Apesar desse avanço de solidariedade entre os praticantes de capoeira, em Campina Grande sabemos que a luta de mestres e praticantes é, muitas vezes, digamos de passagem solitária, uma vez que ainda há uma fragilidade entre os movimentos de fortalecimento da capoeira. Ainda, infelizmente notamos certo orgulho entre os grupos de capoeira, pois muitos estão presos a um nome, e passam a não interagir com os demais grupos.

Nesse interim, até o momento, vimos que estudar a capoeira em Campina Grande deve considerar o contexto do cenário sociopolítico e cultural em que estão inseridos os mestres e os alunos, desde década 1980-1990, bem como as articulações e redes externas, as quais construídas pelas lideranças e militantes em geral, e as relações do movimento com órgãos estatais e com outras instituições e atores da sociedade civil. Por conseguinte, tivemos também que analisar os elementos internos que constituíram a prática da capoeira, mas observamos que suas demandas, reivindicações e os repertórios de ações coletivas que geram sua composição social e suas articulações estão presentes externamente arraigados na sociedade campinense. Assim na história da capoeira, há uma cultura de resistência que se construiu ao longo de suas trajetórias, apesar da importância da herança de tradições passadas, é algo vivo e operante, ou seja, ela se constrói a partir da experiência vivenciada no cotidiano.

Diante disso, notamos que dentro de cada grupo de capoeira em Campina Grande, há normas de conduta, é claro que essas normas respeitam outros códigos de ética seguidos por grupos presentes no Brasil. Para nossos mestres, às normas são importantes, pois elas contribuem para a construção de valores

sólidos e, com uma liderança respeitada, à capoeira vem garantindo destaque na cidade, como também nos grupos há o respeito. Sendo assim, não é permitida a discriminação de qualquer espécie- credo-cor-etnia ou opção sexual, da mesma forma é proibido qualquer imposição religiosa. Nesse sentido, é fundamental o respeito entre os integrantes do grupo. Acreditamos que são essas normas, que trazem cada vez mais o respeito dos campinenses pela prática de capoeira, apesar é claro que ainda vemos o preconceito que a capoeira passa. Apesar desse esclarecimento, precisamos mencionar que não são todos os grupos de capoeira na nossa cidade que têm como ética maior respeitar as diversidades, ainda há dentro dos grupos problemas que devem ser solucionados, nem tudo é perfeito, pois há muito que fazer dentro dessa prática á exemplo que haja mais respeito para as mulheres que praticam a capoeira, e que a discriminação seja ela por credo-cor-etnia seja realmente combatida. Em suma, vemos que infelizmente essas questões ainda precisam ser debatidas e combatidas dentro dos grupos de capoeira em Campina.

Eventualmente, nas aulas que ocorrem nas escolas de Campina Grande, observamos que as normas criam uma hierarquia, ou seja, é preciso o respeito pelos membros do grupo, e em especial, pelos mestres de capoeira. Os mestres que têm o conhecimento e a sabedoria acumulada devem ser respeitados pelos seus alunos, assim como os praticantes necessitam desenvolver a consciência que pertencem a um grupo que tem normas que devem ser seguidas. Nesse contexto, é proibido nos encontros o uso de substâncias que alterem o comportamento dos praticantes a exemplo bebidas alcóolicas. É exigida uma boa conduta, e preciso respeito pelo uniforme que os praticantes usam. Por certo, nos eventos e nas competições os alunos devem usar os uniformes, e nas aulas diárias com o mestre, os alunos devem por respeito, saudá-lo, especialmente, no final das aulas.

Ademais, nas aulas os mestres podem passar para seus alunos princípios que estão presentes no código de ética do passado. Então, vemos no momento, certa preocupação dos mestres em conter a agressividade, a deslealdade, o orgulho, a vaidade entre os alunos. Diante de tais fatos, nossos mestres estão pregando a cooperação e o respeito pelo adversário. Para eles é mais importante ensinar aos seus alunos sem procurar fazer exibição de modo

agressivo nem apresentar-se de modo descortês. Há toda uma preocupação para com a reflexão, à correção dos movimentos, à adaptação do jogo entre os pares, tornando o espetáculo mais belo e seguro. Apesar de ser uma luta, é preciso manter a camaradagem, união indispensável ao progresso da capoeira, existe essa preocupação, especialmente, quando estamos no ambiente escolar. Apesar dessa realidade, faz necessário ser leal ao estudo e mencionar que notamos, infelizmente, há mestres que não têm esse desempenho no seu trabalho, e apesar da capoeira ter um código de ética que leva em consideração a segurança dos seus alunos, vemos que ainda existe o incentivo a uma prática mais agressiva dentro da capoeira, há mestres que objetivam dar outro olhar a prática e torna-la mais próxima aos esportes de alto rendimento mais agressivo.

Nesse panorama, observamos que com o capitalismo em Campina Grande, após a década 1990, a capoeira-jogo tem obtido características de um desporto pugilístico, em detrimento dos seus aspectos educacionais e lúdicos, os torneios e as competições são um estímulo a essa mudança. Vemos mais na capoeira toques rápidos e de caráter belicoso, é a base sobre a qual vem se desenvolvendo uma capoeira, mais preocupada em "soltar os golpes" que em se esquivar dos movimentos de potencial agressivo, característica predominante entre os capoeiristas do passado. Na nossa sociedade moderna, temos visto que certos elementos vêm desviando a atenção dos verdadeiros fundamentos da capoeira, isso não é diferente aqui em nossa Campina Grande. Pois, com nossa pesquisa constatamos que há certa preocupação dos mestres mais prudentes para que nossa capoeira não torne um fator de violência, sob o falso manto de defesa pessoal e de arte marcial, mero pugilato executado sob um fundo musical de caráter belicoso. Em síntese, para que a capoeira seja respeitada é preciso que seu verdadeiro código de ética esteja presente em escolas e academias e que o capitalismo com suas inovações não tirem em longo prazo elementos importantes presentes desde a gênese de nossa capoeira.

No passado, nós vimos que a capoeira em Campina Grande era praticada de forma espontânea nas ruas e os alunos tinham respeito pelos mestres, hoje vemos um quadro bem distinto, uma vez que alguns alunos muitas vezes não

estão entendendo sua posição dentro da prática, assim alguns alunos têm dificuldade de respeitar o código de ética da capoeira e até mesmo aceitar e respeitar a hierarquia dentro da capoeira. Nesse contexto, estamos vendo dificuldades bem reais em Campina Grande, as quais já estão sendo mencionadas pelos mestres de capoeira. Apesar disso, os mestres têm orgulho dos passos que a capoeira tem dado em nossa cidade, vamos assim analisar uma entrevista do mestre Sabiá, para assim entender melhor o que estou elucidando.

Mestre Sr. Marcos Antônio Batista, da Associação Cultural chamada Badauê. Mestre Sabiá é um paraibano da cidade de Areia. O mesmo concedeu uma entrevista exclusiva ao *jornal do capoeira* em 13/03/2005, em que esclarece as dificuldades que a capoeira enfrenta na cidade, as conquistas a exemplo o número cada vez maior de adeptos, e nas suas palavras ditas a Benedito dos Santos (Bené) pesquisador de Cultura Popular da Paraíba, e integrante do Grupo Zumbi de Cultura Popular, o mestre Sabiá pontua que em Campina Grande está trabalhando há 20 anos, segundo o mestre são:

“Vinte anos, é vinte anos de trabalho. Primeiramente, é agradecer a você Bené, de estar aqui com a gente, fazendo esse trabalho para o Jornal do Capoeira, agradecer você por ter tido a iniciativa de nos visitar, parabenizar você por esse trabalho que você está fazendo, que com certeza trará um engajamento de todos nesse jornal. São vinte anos de Badauê, e vinte anos de batalha. A gente vem enfrentando as barreiras dentro da capoeira, com alunos. Alunos que muitas vezes não lhe entendem na posição de mestria; a posição também da sociedade, que vê a capoeira, muitas vezes com olhar atravessado, vê a capoeira pelas esquerdas. Mas durante esses vinte anos, temos conquistado bastante espaço para com a capoeira. Estamos dando a volta por cima. A capoeira aqui em Campina Grande tem conquistado bastante espaço. Apesar de muitas pessoas que trabalham com capoeira se auto intitulam, "fulano" na categoria de mestre, de professor, de contramestre. Este é um grande problema dentro da capoeira hoje no mundo da capoeira, porque, os praticantes não querem ser alunos, todo mundo quer ser professor, quer ser mestre. Estamos fazendo esse trabalho, enfrentando barreiras e a Badauê tem conquistado muita coisa positiva, com muitas conquistas através de seu trabalho. O desenvolvimento de um trabalho social, e de um trabalho cultural. Trabalhando do varredor de rua ao doutor, do menino de rua ao policial. Dentro da Badauê hoje, a gente tem vários adeptos, nós temos alunos de vários cursos, direito, comunicação, de filosofia e por ai vai. Tem o menino de rua, tem o policial, então é uma grande conquista e um bom início de batalha” (SABIÁ, 2005)

Nesse aspecto, Mestre Sabiá nos esclarece que a capoeira faz parte da cultura de Campina Grande. Em síntese, a capoeira é a arte do povo para o

povo, a capoeira não tem limite, esse esclarecimento para nós é importante, uma vez, que passamos a ter mais consciência da importância da capoeira e o quanto temos que preservá-la, enquanto estudiosos e praticantes. Nessa perspectiva, Bené pesquisador de Cultura Popular da Paraíba, e integrante do Grupo Zumbi de Cultura Popular (2005), questiona ao mestre Sabiá, como ele vê a capoeira enquanto cultura? Sabiá esclarece que:

“Eu vejo a capoeira enquanto cultura pelo fato de sua história. Inicialmente, porque a capoeira nunca foi praticada como um esporte. Eu vejo capoeira enquanto cultura pelo fato da liberdade, pela liberdade do praticante de capoeira. E porque a capoeira como cultura? - porque ela como cultura, ela é livre, a capoeira é um costume, um hábito de cada um, a capoeira nunca foi essa coisa que estão fazendo, direcionando ao lado da competição, se preocupando com o físico, com o lado atlético, e isso tem atrapalhado muito a capoeira. Eu vejo a capoeira como cultura, porque ela é a arte, eu costumo dizer, a capoeira é a arte do povo para o povo, a capoeira não tem limite, na capoeira os opostos se encontram, e como já frisei, encontra-se o doutor e o analfabeto, certo! O pobre e o rico, o negro e o branco, então, isso é cultura, e o que é cultura não está ligado a questão do direcionamento a competição, então minha visão da capoeira como cultura é essa, porque ela é arte, arte do povo, a capoeira “é arte do povo” (SABIÁ, 2005).

No percurso da carreira de mestres Sabiá, ele formou contramestre e professores, foram vinte anos de atividades, muito importante para nosso município, uma vez que, sua contribuição perpetua aqui a prática da capoeira. A esse respeito, Mestre Sabiá esclarece que:

“Primeiro o que é fazer vinte anos de capoeira?! Eu falei inicialmente 20 anos de trabalho, de resistência e muita ralação. Estamos tentando não manter a tradição da capoeira no tempo da escravidão, que é muito difícil à gente acompanhar isso. Mas manter uma tradição de cem anos atrás, essa é a filosofia da Badauê. Estamos tentando trabalhar essa tradição, falando aí cem anos atrás, por que é coisa que poucos praticantes de capoeira têm. O conhecimento, o fundamento, filosofia. Ter a capoeira como filosofia de vida, como cultura popular, então eu vejo que os praticantes hoje, eles estão muito preocupados com os nomes dos grupos, não estão preocupados com a capoeira. Se preocupam mais com o grupo, com o seu grupo, grupo X, grupo Y, esquecem os fundamentos da capoeira. Os capoeiristas, por estarem presos a um grupo, eles ficam isolados, e eles perdem de aprender, é o nosso caso aqui mesmo no Estado da Paraíba, não só em Campina Grande, mas em toda a Paraíba, os praticantes (...) eles são escravos de uma "etiqueta", são escravos de uma logomarca, então eles nunca vão vir aqui no Centro Cultural visitar o Mestre Sabiá, por orgulho, por causa da etiqueta que eles levam, então, perdem com isso, e a Badauê (...) eles perdem de aprender, e a filosofia da Badauê não é essa. Eu sou o Mestre Sabiá, não só como mestre, mas como praticante de capoeira, quero ser uma pessoa aberta, para transmitir o pouco do que eu sei para qualquer um, independente de qualquer grupo, estou para o diálogo,

para a discussão, para crítica e também para jogar capoeira, jogar capoeira com esse pessoal", enfatizou o mestre" (SABIÁ, 2005).

Foto - 5. Mestre Sabiá, da Capoeira Badauê, entrevistado pelo Pesquisador Bené (PB)



Fonte: Jornal do Capoeira.

[http://www.capoeira.jex.com.br/cronicas/campina+grande+-](http://www.capoeira.jex.com.br/cronicas/campina+grande+-+entrevista+com+mestre+sabia)

[+entrevista+com+mestre+sabia](http://www.capoeira.jex.com.br/cronicas/campina+grande+-+entrevista+com+mestre+sabia). Desde: 28/10/2004. Atualização: 18/06/2006.

Acessado 12/06/2020.

Diante do exposto, verificamos que no percurso dado pela nossa capoeira, que há ainda certo orgulho por quem mais ganha prêmios, ou é mais reconhecido nesse universo, assim há praticantes que fazem a capoeira por fama e dinheiro. A esse respeito, mestre Sabiá faz um pedido muito especial para os praticantes, objetivando que a comunidade não se preocupe mais com o grupo, com o seu grupo, grupo X, grupo Y, e acabem esquecendo os fundamentos da capoeira, pois sabemos que cada grupo tem seu mestre. Mas, que todos não esqueçam o que faz o movimento forte e visível são as ideias que possui objetivos em comum, tendo por base uma mesma doutrina, valores e ideologia, cuja finalidade principal é o desenvolvimento da capoeira em Campina Grande. Sendo assim, a voz do mestre Sabiá expressa humildade,

uma vez que ele é um mestre consagrado na nossa Campina Grande, ele não está preocupado com fama e dinheiro, porém que a prática da capoeira seja para todos e que a mesma, em tempos difíceis, sobreviva.

Ainda na atualidade, não é fácil divulgar a arte e a história do povo negro no Brasil. Vale ressaltar, que temos lutado para que as manifestações dos afrodescendentes estejam cada vez presentes no meio social. Nessa perspectiva, mestre Sabiá que, vem atuando brilhantemente em Campina Grande, pontua a importância da mídia para divulgar a capoeira no estado paraibano e na cidade de Campina Grande. Diante do exposto, o pesquisador Bené que estuda a Cultura Popular da Paraíba, e integrante do Grupo Zumbi de Cultura Popular, questiona ao mestre Sabiá, através do trabalho realizado pelo *jornal do capoeira (2005)*, qual a importância de um veículo de comunicação, no porte do Jornal do Capoeira, como instrumento de divulgação das informações, criadas pela capoeira na Paraíba, de modo geral, a partir desse momento, já que esse jornal está deixando seu espaço aberto para os capoeiristas da Paraíba, e que contribuição ele poderá dar a Paraíba? Mestre Sabiá pontua que:

“Olha, primeiro quero dizer que é também uma grande iniciativa de se criar esse Jornal do Capoeira, porque nós praticantes de capoeira, até 10, 15 anos atrás, não contávamos com o nível de mídia que temos hoje, esse acesso à comunicação do seu trabalho,(...) o iniciante tem acesso a conhecer, história de grandes mestres da capoeira. Esses grandes mestres, em outros tempos atrás, não tiveram oportunidade de divulgar a sua capoeira e falar de seu trabalho e da realidade da capoeira, então, isso aí, é muito bom, porque está levando a informação aos adeptos da capoeira. Então, de antemão, eu parableno o Jornal do Capoeira e que realmente é uma grande ideia fazer isso aí, e que possa sempre estar divulgando o trabalho, não só da Paraíba, mas o trabalho geral de outros estados” (SABIÁ,2005)

Por certo, Mestre Sabiá responde para nós a nossa dúvida inicial, presente na introdução de nosso trabalho, como a capoeira era representada nos jornais na década de 1980 a 1990. A princípio, notamos que os praticantes de capoeira, até 10, 15 anos atrás, não contavam com o nível de mídia que temos hoje, ainda nas décadas mencionadas vemos a presença de lutas antirracistas nesse país, as quais sinalizavam para um reconhecimento do racismo como uma característica estruturante da sociedade brasileira. Estávamos vendo a luta dos movimentos negro que reivindicavam uma

identidade através dos eventos e mecanismos de ação, e ainda na, década de 1980, havia uma luta para existir a plena aceitação dos traços físicos e culturais dos afros descendentes que antes eram rejeitados e reprimidos por não se encaixarem nos padrões de beleza local e europeu. Desse modo, para a cultura negra ter representação nas capas de jornais como algo positivo e que fosse elemento de construção de uma identidade nacional heterogênea, foi preciso uma nova tomada de consciência e de valorização dos elementos culturais que há muito tempo era marginalizado, especialmente, pela parte mais abastada da sociedade.

Apesar dos passos de reconhecimento da riqueza que era nossa identidade nacional, ainda estava presente no país uma estrutura social que destinava ao negro lugares inferiorizantes, é claro que isso refletia na imprensa, pois ainda havia uma luta árdua para maior visibilidade das manifestações dos negros, persistia uma constante luta para lembrar a imprensa e ao homem branco a importância dos africanos que foram trazidos como escravos, os quais tiveram um papel civilizador e que foram um elemento ativo e criador. Visto que, transmitiram à sociedade em formação, elementos valiosos da sua cultura a exemplo a capoeira, assim temos visto que os jornais em Campina Grande, na década de 1980 a 1990, estavam muito ligados com questões que preocupavam a classes média e alta. Vale esclarecer, que as pessoas que liam, no período da ditadura, esses diários (jornais) pertenciam, na maioria, a grupos privilegiados na escala social.

Nessa perspectiva, os jornais Correio da Paraíba, O Norte, Jornal da Paraíba, A União, O momento, Diário da Borborema de Campina Grande e Diário do Sertão foram alvo da Ditadura. Evidentemente, Reforçou Grimaldo Carneiro Zachariadhs (2016) que houve na, década de 1980, um monitoramento muito grande da imprensa local. Todos os anos eles mandavam relatórios demonstrando como cada órgão de imprensa agia. Isso auxiliava o Governo Federal a financiar ou não um jornal, de investir ou não, de liberar empréstimos ou não. Então, Brasília ficava sabendo de qual era a tendência dos jornais. E o que isso implicava na vida dos negros, pardos e capoeiristas da nossa cidade?

Perante os acontecimentos acima, isso influenciava, em muitos aspectos, a exemplo quando havia reportagens denegrindo a imagem dos mais pobres como o homem negro, e não havia benevolência em não expor a situação, incidia também à omissão em divulgar as manifestações positivas dos mais pobres, assim como certa ausência da imagem positiva dos menos abastados, quando pouco era falado sobre a capoeira, era mencionado em uma nota pequena, o qual falava da manifestação folclórica na cidade.

É claro que nossos capoeiristas, na década de 1980 a 1990, não ficaram assistindo tudo de camarote. Portanto, Grupos de Capoeira Abadauê dos Palmares, Grupo de Capoeira do São Braz e outros, lutaram para que o Governo Federal e a imprensa local reconhecessem a importância das manifestações artísticas do povo negro, assim numa perspectiva de luta e reconhecimento, o Governo Federal chegou a financiar movimentos negro no Brasil. Por conseguinte, a Comissão Campinense do Centenário da Abolição chegou a receber verbas para comemoração dessa data, tendo em vista que a proposta do Governo Federal era criar um lugar de memória, elegendo o dia 13 de maio como a data magna para a negritude brasileira (1988, p. 5 apud Ribeiro, 2014).

Em suma, a luta dos nossos capoeiristas é árdua e não tem fim. No momento atual, ela tem outros focos, pois em Campina Grande há outra situação que está preocupando muitos mestres de capoeira, ou seja, desde novos surgimentos de práticas e vertentes da capoeira que têm atraído diversos públicos, além de estar presente em diversos espaços acadêmicos, sociais e culturais; mas vão surgindo (re) criações da capoeira de forma desenfreada, havendo então uma maior preocupação obsessiva pelo dinheiro, a capoeira passa a ser vista como uma mercadoria.

Nesse âmbito, os grupos parecem empresas e há a preocupação de se distanciarem das práticas humanas, e os mestres tornam-se patrões, as rodas viram shows, o conhecimento em produto de venda, os alunos em número de matrículas e a filosofia em pesquisas científicas de indivíduos que nunca fizeram um 'aú' com as mãos. Isso tem sido recorrente na contemporaneidade. Os mestres e educadores que não se adequam a essa realidade acabam tendo poucos discípulos e não conseguem expandir o seu trabalho na mesma

velocidade e intensidade dos que são “patrões”. Essas mudanças que a capoeira passa, estão ligadas ao processo de globalização, que interfere nos comportamentos dos indivíduos, e acabam por determinar os gostos e as preferências. Dessa forma, as tradições artístico-culturais são substituídas por produtos pasteurizados que oferecem consumo cultural ligeiro e superficial (ABIB, 2007).

A luta dos capoeiristas na contemporaneidade está ligada ao reconhecimento e/ou a profissionalização do título de Mestre de Capoeira, pois como sabemos, houve e ainda há um descaso às pessoas que mantêm essa manifestação viva. Historicamente, sabemos que Mestres como Bimba, Pastinha, Waldemar do Pero Vaz, Canjiquinha, Paulo dos Anjos dentre muitos outros, morreram “à míngua”, apesar de terem feito muito pela Capoeira.

Em conclusão, ao Estado cabe assegurar aos capoeiristas aposentadoria, assistência aos capoeiristas que no passado não havia, é necessário também garantir a segurança dos capoeiristas que praticam em espaço público. Infelizmente, em Campina Grande, notamos atos de violência que afligem ainda nossos capoeiristas a exemplo o ocorrido, em fevereiro de 2020, onde a professora Cris Nagô, foi assassinada. Assim sendo, (Cris Nagô) de 43 anos dava aula de capoeira e era querida pelos trabalhos sociais que realizava na cidade, para crianças e jovens carentes. O assassinato ocorreu no dia 1º de fevereiro de 2020, no Parque da Liberdade, em Campina e a principal suspeita era de que o assassino seria um ex-aluno.

Dessa maneira, a Polícia Civil não revelou os motivos do crime, mas continua investigando o caso. No momento do crime, a professora de capoeira estava ministrando aula quando um homem se aproximou e efetuou cinco tiros (rosto e cabeça) da vítima. Assim, o assassino chegou ao Parque, perguntou por “cris” e, ao saber onde ela estava, se dirigiu a uma das tendas, sacou um revólver e disparou. Em seguida, o homicida fugiu e, do lado de fora do parque, pegou um mototaxista. Esse fato é lamentável, fica aqui nosso protesto, uma vez que, notamos a ausência do Estado em garantir a segurança aos professores e alunos. O assassino fugiu “a pé” com grande facilidade, e o mais preocupante é que ele chegou ao ambiente e teve acesso fácil aos praticantes.

Em resumo, são relatos como esses que fazem com que pais temam que seus filhos façam essa atividade, pois sabem que a ausência do Estado cria uma insegurança que compromete a prática, especialmente, quando ela não é realizada em recintos fechados como escolas e academias. Certa ironia pensarmos essa situação, uma vez que a capoeira nasceu nas ruas foi praticada pelos alunos e mestres de forma livre espontânea, e hoje por, falta de medidas de proteção, alunos e mestres estão mais facilmente expostos ao perigo a exemplo à violência.

FOTO- 6. PROFESSORA 'CRIS NAGÔ' É MORTA COM TIROS EM RODA DE CAPOEIRA, EM CAMPINA GRANDE-PB.



Fonte: <https://paraibatododia.com.br/policia-prende-suspeito-de-matar-professora-cris-nago/> fonte atualizada , 3 de julho de 2020.

Evidenciamos, também, com nossa pesquisa uma fase que nossos capoeiristas vêm passando. Pois, há por parte de alguns a preocupação de exportar nossa capoeira para outros países, até então não há problemas, mas

notamos algo que trás algumas preocupações para os que são mais críticos com relação essa situação. A capoeira lá fora não pode ser vista e vendida com o propósito de venda como camelôs, muitos capoeiristas são agenciados por “empresários”, que se organizam e se espetacularizam, em simbiose com a “mídia/sistema capitalista”. Contudo, o problema dessa situação é que a ética que envolve a capoeira às vezes é desrespeitada, e ela passa a ser vista apenas como uma mercadoria, infelizmente essa realidade não é só vista em Campina Grande, mas vivida por outros mestres no Brasil.

Diante disso, sabemos que houve até o momento mudanças no universo de nossa capoeira. Então, a capoeira já não é mais de vadios, agora é uma capoeira dos educadores e artistas, e ela está chegando a lugares cada vez mais distantes, o exemplo que podemos citar é sobre o mestre Sabiá, que em 2008, os meios de comunicação publicaram a informação que o mestre foi divulgar todo o gingado da capoeira na Alemanha. Nesse sentido, o evento que o mestre Sabiá participou foi o Encontro Internacional de Capoeira em Hamburgo na Alemanha, onde também foi convidado para fazer conexões em países próximo como Áustria, Suíça, Itália e França, a fim de se apresentar em oficinas e de desenvolver workshops.

Desse modo, claro que como críticos não podemos condenar esse processo, apenas vendo o lado negativo desse movimento de exportação da capoeira, pois temos consciência que a capoeira faz parte de nossa cultura e que ela pode sim ser vista, apreciada lá fora, isso quando ocorre através de um processo que visa à valorização e o respeito de nossa prática cultural, é algo maravilhoso, e traz bons frutos para nosso país. Assim sendo, para se ter uma ideia a capoeira já é conhecida em mais de 150 países, os eventos, cursos e oficinas vêm contribuindo para divulgação do trabalho dos mestres de capoeira, e com esse movimento atual em Campina Grande esperamos que os poderes públicos tomem mais consciência da importância de nossa capoeira e, que com isso, nossos mestres tenham direito a segurança, a renda, a aposentadoria e os incentivos para divulgar de forma positiva nossa prática cultural.

Naturalmente, devemos ter um pouco de prudência quando mencionamos a capoeira e sua atuação na modernidade, uma vez que assistimos assim, na atualidade, a uma gama de tradições (re)inventadas as quais ocupam um

espaço limitado na vida dos indivíduos que, cada vez menos, se valem do passado para guiar suas ações (HOBSBAWM, 1997).

Dessa forma, temos que ter cuidado com isso, pois tememos que a capoeira perca, por conta do interesse de alguns, suas características, a exemplo para alguns atores sociais, a capoeira passa a ser apenas um lazer e uma maneira de aliviar tensões adquiridas no dia-a-dia, já não é vista como um mecanismo de luta, especialmente, para garantir a sobrevivência dos mais humildes. Desse modo, ao mesmo tempo em que alguns elementos constitutivos de sua identidade são mantidos, ela assume variados papéis que se estruturam, em grande parte, em função dos interesses dos “clientes”. Infelizmente, a capoeira presente na cidade de Campina Grande não se distancia dessa regra que está presente na sociedade contemporânea.

Em Campina Grande, a capoeira ganhou esse contorno que é presente em outros estados do Brasil. Sendo que, ela é vista, por alguns, como um negócio que movimenta dinheiro, e isso tudo é bem organizado e pensado. Assim, alunos, mestres e outros, os quais estão envolvidos com o movimento, transmitem informações para todo o globo, por meio de sites, que disseminam seus fundamentos e seus ideais de redes e de relações com outras instituições, da mídia, do acesso às produções intelectuais, entre outros modos. Cada grupo estrutura a “sua” capoeira e elabora propagandas apropriadas para públicos e consumidores espalhados pelo Brasil e pelo exterior. Esse movimento é o que caracteriza a nossa capoeira contemporânea.

Eventualmente, para Almeida (2008, p. 72) a chamada “Capoeira Contemporânea” - não é marcada pela existência de um estilo mais modernizado ou esportivizado, mas sim, por vários estilos, que competem entre si e que estão em constante mudança. Contudo, com nossa pesquisa, notamos que apesar dessa realidade, foi possível verificar que em Campina Grande existem elementos identitários que são comuns, independente das variações culturais dos grupos de capoeira. Isso é importante, é uma conquista dos mestres que lutam para nossa capoeira não ser apenas um produto do mercado capitalista. É claro que notamos também que os variados grupos de capoeira em Campina, possuem características bem peculiares, cada grupo

busca “ser diferente”, o “ser autêntico”. Os discursos de defesa da “autenticidade” dos grupos demonstram quão acirradas são as competições no mundo da capoeira e como essas disputas condicionam e produzem diferentes identidades. Apesar das particularidades, que cada grupo de capoeira carrega em Campina Grande, observamos com nosso estudo que suas lutas são muito semelhantes e uma delas é a luta pela defesa de políticas públicas que assegurem sua sobrevivência.

Os grupos de capoeira, em Campina Grande, desde sua origem procuraram manter sua autenticidade, e seus membros tinham a consciência que a luta, na década de 1980, era uma luta, muitas vezes, individual de cada grupo. Essa ideia de irmandade ainda não era forte na prática, até porque na aquela época, como já foi mencionado, anteriormente, havia ainda as ameaças que vinham do regime Militar. Assim, em decorrência da opressão, as rodas não aconteciam com a mesma liberdade, pois aglomerações de pessoas podiam ser reprimidas pelos militares como justificativa para se evitar desordens e organizações políticas. Essa realidade era vista em nosso país infelizmente, sendo que essa situação gerava medo, e insegurança até mesmo aos capoeiristas mais resistentes ao sistema, e apesar do medo, vemos que em Campina Grande, as rodas aconteciam nas praças e em locais onde.

Nesse contexto, muitos mestres em Campina foram educados dentro de bairros pobres de nossa cidade, e muitos viram na capoeira uma possibilidade para mudar suas histórias. Tal fato para nós é importante ser mencionado, pois vemos na atualidade algo maravilhoso aos nossos olhos, assim muitos mestres através de ações altruístas passaram a criar projetos sociais após se tornarem Mestres. Tais projetos cativam até os mais descrentes na prática da capoeira. Infelizmente, vemos que em nossa Campina nem todas as crianças têm as mesmas oportunidades de desfrutar de sua infância. A capoeira, então, possibilita isso, uma infância saudável dentro de suas condições, contudo vamos deixar claro que a capoeira não mata fome, não dar boa moradia as crianças, essa função cabe ao Estado garantir a assistência necessária aos pais e filhos, para que eles possam ter uma infância mais feliz. Senso assim, a capoeira é um elemento que possibilita essa realidade fantástica, ou seja, trazer mais vida feliz a seus praticantes. Para as crianças é belo e

transformador ver uma roda de capoeira, pois a criança fica encantada com todos aqueles movimentos acrobáticos, isso desperta na mesma a possibilidade de vencer desafios, não somente nas rodas de capoeira, mas sim desafios que a vida lhe proporciona.

Apesar do encantamento do poder de transformação da capoeira, ser mestre de capoeira no passado e no presente não foi e não é fácil, uma vez que, em Campina, temos notado que está presente também a falta de oportunidades para que os mestres mostrem seus trabalhos. Em decorrência disso, temos visto que mestres para ter sucesso na sua vida profissional tiveram que seguir outros caminhos como, por exemplo, prestar concurso para ser policial, segurança de estabelecimentos comerciais, etc. No nosso ponto de vista é uma pena, pois observamos que na capoeira, os mestres romperam os grilhões do sistema, para sobreviver, e agora estão, por falta de oportunidade, em busca de seus sonhos, de outras vitórias, foram em busca de dias melhores e de uma vida digna, assim sendo muitos prestam concursos em campos que não estão relacionados com a capoeira.

O sistema atual que nos representa, ou seja, o Estado que, por sua vez, é movido pelo capitalismo, reprimi os alunos, pois não oferece moradia, educação, saúde, etc. e aos mestres reprimem por falta de oportunidade de trabalho. É um problema que notamos na nossa cidade, mas é persistente em outros estados e cidades do Brasil. Então, a ausência de estímulos à capoeira em Campina Grande, muitas vezes, faz com que mestres compareçam aos treinos para gastar calorias, e pouco absorvem da cultura e da tradição dessa arte-luta, e outros ainda defendem valores e práticas opostas aos defendidos pela tradição da capoeira. Tudo isso, é resultado da falta de apoio, incentivo a prática, e muitos mestres aqui na nossa cidade, apesar do trabalho belo que desempenham, já não acreditam que são líderes cujas palavras e ações têm relevância tanto para seus alunos quanto para todos os capoeiristas de seu grupo, assim esse movimento de ausência de valorização afeta diretamente sua autoestima, e com isso a eficiência nas metas vão caindo.

Nesse contexto, o líder também precisa ser eficiente, saber estabelecer metas viáveis para o grupo e alcançá-las junto com os demais com o mínimo de desvio possível. Ninguém irá querer seguir uma pessoa que não saiba

aonde quer chegar, ou que mude de objetivos a cada semana, sem nunca alcançar nenhum deles, mas para os mestres terem esse foco é necessário que a sociedade ultrapasse o ponto da ignorância, e que na comunidade haja a possibilidade de todos os indivíduos melhorarem seu vínculo interpessoal, formando um organismo que sobrevive de forma harmônica, onde todas as partes envolvidas tenha a possibilidade de se beneficiar da vida comunitária e de colaborar com o grupo, e que com isso possa garantir a sobrevivência da capoeira, a qual é sem sombra de dúvida nosso desejo maior.

Estamos em nossa pesquisa analisando a capoeira praticada no meio urbano. Destarte, fica claro que o espaço público é um importante e potencial meio de realização da vida pública. A roda de capoeira, ao se apropriar de determinado espaço público urbano, portanto, se insere na produção cultural, na construção da cidadania e interesse público, do bem público através de diversas relações (ora mais harmônicas ora mais conflituosas já que há diversos interesses dos usuários do espaço público, inclusive pelos grupos de capoeira). Nessa perspectiva, para Felipe do Couto Torres:

A roda de capoeira na rua pode ser entendida como uma apropriação que determinado grupo de capoeira realiza de modo a transpor os costumes e valores presentes no seu grupo, assim as regras também são transpostas para a rua, isto é, as regras são mantidas ao ponto de, os ritos que compõe essas rodas são necessariamente obedecidos, o acesso à roda ser limitado para capoeiristas de outras escolas, o uso de uniforme se torna premissa obrigatória, ou seja, há uma transferência do modo de conduzir o ritual para a rua (TORRES, 2014, p.61).

Em Campina Grande, as rodas de capoeira eram realizadas em um número muito menor, se comparado ao período atual, como dito foi praticada nas ruas e praças, e depois na, maioria das vezes, dentro das associações de treino, em clubes das comunidades. Quando as rodas ocorriam nas ruas havia o intuito de divulgar a capoeira como manifestação Cultural, e as rodas quando ocorriam nas principais praças, era importante do ponto de vista geográfico e do ponto de vista simbólico, pois elas estavam localizadas próximas aos principais centros funcionais de Campina Grande, ou seja, pontos importantes para nossa cidade. A apropriação do espaço é bastante significativa do ponto de vista simbólico para a capoeira, pois cada vez mais que a capoeira era realizada próxima às feiras, as praças importantes, isso a tornava mais visível ao povo campinense, e o fluxo constante de público possibilitava esse

processo, ou seja, trazer a capoeira à vista do povo transeunte em geral. Em Campina Grande, as rodas poderiam ocorrer de forma espontânea, onde o encontro de grupos era o estopim para o embate, outras poderiam ocorrer periodicamente, como foi o caso das principais rodas de capoeira conduzidas por mestres, na década de 1980.

Desse modo, as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas pelo crescimento gradativo de rodas de capoeira que utilizavam espaços públicos da cidade, e quando os conflitos, ocorriam entre os grupos era por que eles desejavam marcar territórios, assim como mostrar poder sobre quem mais dominava a arte da capoeira. A partir da conceituação de Souza, podemos entender a roda de capoeira como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (2010, p 78), ou seja, segundo o próprio autor citado “um instrumento de exercício de poder”. Os conflitos que ocorriam nas rodas de capoeira, em Campina Grande, resultavam dessas relações de poder estabelecidas no universo da capoeira. As relações de poder eram marcada pela diferença entre os membros internos e os membros externos aos grupos de capoeira.

Sendo assim, as rodas de capoeira expressavam essa alteridade e esse limite territorial, através de um campo de forças, cujo desenho era moldado pela territorialidade, a qual buscava definir o domínio de determinado espaço. Esses conflitos corporais foram uma característica marcante da capoeira em Campina Grande entre o final da década de 1980 e a década de 1990.

Da década de 90, para os dias atuais, a capoeira continuou a se expandir em Campina Grande e, conseqüentemente, o número de rodas de capoeira também acompanhou esse crescimento, pois observamos mestres de capoeira que buscam inspiração na capoeira angolana. Por certo, é claro que outros elementos foram sendo agregados a capoeira, e seus encontros das rodas podiam ocorrer nos finais de semana. Em Campina Grande, desde a origem da capoeira, os espaços públicos que são palcos das apropriações pelas rodas de capoeira, possuem uma característica primordial: a definição do lugar a ser realizada depende da presença de público, isto é, da presença de transeuntes que darão visibilidade para o ritual. Portanto, podemos listar alguns lugares públicos que são pontos tradicionais e, costumeiramente, apropriados pelas

rodas de capoeira. De uma forma geral, as praças públicas, rodoviárias, parques, feiras, comércios ou simplesmente a rua são pontos que, por suas condições geográficas e pelas funções que exercem dentro do espaço interurbano da cidade, influenciam a ponto de atrair manifestações populares diversas, nesse caso a roda de capoeira.

CAPITULO IV

ANALISE DE ENTREVISTAS A MESTRES DE CAPOEIRA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

Nesse momento, iremos analisar entrevistas feitas com mestres de capoeira da cidade de Campina Grande, e vamos passar por uma experiência de grande valor para nossa pesquisa, pois saberemos, a partir do olhar do outro, como a capoeira sobreviveu em nossa sociedade, e como ela deixou marcas no convívio de mestres, alunos e comunidade como um todo. Evidentemente, vamos entender como ela vem contribuindo com o universo educacional, e quais dificuldades vêm enfrentando. Esse processo é de extrema importância, uma vez que trabalhamos com o uso de entrevistas em pesquisa qualitativa. Na etapa de coleta de dados fizemos uso da tecnologia, devido ao contexto mundial atual, assim o uso de computadores, celulares e outros, foram de extrema importância, uma vez que estávamos distantes fisicamente dos entrevistados, porém, apesar disso, podemos obter informações confiáveis sobre nossa temática. Nesse sentido, para adentrar nos discursos de nossos entrevistados, precisamos esclarecer aos nossos leitores uma breve informação importante, trata-se de que muitos ainda não sabem, ao certo, sobre pesquisa qualitativa.

Nesse âmbito, as modalidades de pesquisas são várias. Pois, podemos trabalhar diretamente com documentos, analisar conceitos, manipular variáveis em laboratórios (experimentais) e, como trabalhamos mais frequentemente, nas pesquisas em Educação, Psicologia e Ciências Sociais, podemos realizar pesquisas qualitativas de campo, Gil (2019, p.26, 27).

É necessário dizer, em primeiro lugar, ainda que pareça redundância, que entrevistas não são a única maneira de se fazer pesquisa qualitativa — não existe vínculo **obrigatório** entre pesquisas qualitativas e a realização de entrevistas.

Segundo Dencker (2000), as entrevistas podem ser estruturadas, constituídas de perguntas definidas, ou semiestruturadas, assim permitindo uma maior liberdade ao pesquisador. Dessa forma, optando por uma ou outra,

alguns procedimentos se apresentam como indispensáveis, a exemplo - A pessoa que será entrevistada tem de ser alguém que possui o conhecimento necessário, de modo a satisfazer as “exigências” (vistas no bom sentido) do pesquisador, ou - As perguntas precisam ser previamente elaboradas, levando em consideração a ordem que elas devem ocorrer durante a entrevista; - Deixar o entrevistado à vontade (procurando mais ouvir do que falar) e obter sua confiança são atitudes que trarão benefícios. Há outros procedimentos importantes, mas, por enquanto, vamos mencionar esses. Assim, depois de coletar os dados através dos instrumentos escolhidos, nós pesquisadores precisamos nos organizar para analisá-los. Contudo, afinal, o que é analisar dados em pesquisa qualitativa? Segundo André e Lüdke (1986),

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis (p.45) [grifo do autor].

Nesse sentido, “a análise está presente em vários estágios da investigação, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados” (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p.45). Nesse caso, nós pesquisadores não podemos apenas centrar-se no método, pois isso pode empobrecer a pesquisa, uma vez que em uma análise é preciso saber argumentar a respeito dos dados que surgem na pesquisa. Cabe ressaltar, que uma pesquisa nunca é definitiva, bem como deve sempre considerar todos os pontos de vista possíveis dentro da área de estudo. Certamente, recortes teóricos são feitos, mas antes de tudo é preciso conhecer os principais autores e as principais conclusões das pesquisas feitas na sua área de estudo. Tudo isso, facilita para nós pesquisadores, no momento validar as respostas do entrevistado ou que através de um esforço de abstração, possamos ultrapassar os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações sobre o assunto estudado. Então, a pesquisa nos possibilita acrescentar algo novo à discussão já existente sobre o assunto focalizado.

Nesse contexto, quando realizamos nossa pesquisa, algumas inquietações surgiram e elas só poderiam ser esclarecidas através da experiência de mestres de capoeira que atuaram ou ainda estão em atividade

em nossa cidade. A partir das entrevistas, podemos esclarecer melhor as nossas dúvidas sobre a prática da capoeira em Campina Grande. Diante disso, começamos nossa pesquisa com algumas inquietações, a exemplo sobre as tensões, na década de 1980, para haver a plena aceitação da capoeira, pois nossa dúvida era se essas tensões foram sentidas aqui em nossa cidade, sendo que para responder essa pergunta nós recorreremos às contribuições do mestre de capoeira conhecido por Morcego. O qual nos concedeu uma entrevista no dia 12 /Agosto /2021, sendo que para concretizar a nossa pesquisa elaboramos perguntas estruturadas e definidas a partir do nosso tema trabalhado, e recorreremos à tecnologia, uma vez que através do uso de celulares a entrevista pôde ocorrer sem prejuízo diante do contexto da pandemia do Covid-2019.

Nesse aspecto, antes vamos fazer uma breve apresentação sobre o mestre Morcego e qual atuação ele vem desenvolvendo em nossa cidade. Então, o mestre Morcego começou a treinar capoeira, na década 1990, no bairro Catolé, e quando criança brincava com um rapaz, com o qual aprendeu a repetir os passos, e seu segundo contato com a capoeira, foi em 1995, quando começou a treinar, e no final de 1997, fez estágio na academia do seu instrutor de capoeira. Desse modo, nos dias que seu instrutor não dava aula, ele desempenhava essa função em seu lugar, e a partir desse momento nunca parou de dar aula. Em 1998, iniciou um trabalho no bairro Tambor, em que ministrava aulas, isso durou um bom tempo, até o momento ele trabalha lá, e através de seu trabalho criou uma biblioteca municipal. Além do mais, com a sua atuação foi iniciado o projeto Capoeira Inclusiva, o qual foi iniciado por volta 2005, e se expandiu para o bairro dos Cuités, sendo que está no bairro da Estação Velha até os dias atuais. Por conseguinte, o projeto Capoeira Inclusiva conseguiu uma parceria com Instituto Alpargatas (parceria privada), e em decorrência disso, o instituto fornece recurso material para o projeto funcionar.

Diante do exposto, a partir dos anos de 2005 e de 2006, o mestre Morcego junto com outros parceiros de trabalho, passou a discutir sobre a formação de uma associação de capoeira para Campina Grande. Assim, vários capoeiristas participaram e foi fundado CPB (*União dos capoeiristas do planalto da Borborema*). A partir de 2007, foi fundado o projeto Capoeira nas Escolas,

que está funcionando até os dias atuais. Diante disso, temos diversos grupos de capoeira atendendo nas escolas da rede municipal, na ocasião, as aulas foram suspensas por conta da pandemia. Nesse panorama, o projeto Capoeira nas Escolas conseguiu fazer a parceria entre o capital público e o capital privado, sendo que o Instituto Alpargatas mantém o recurso financeiro para materiais e a Secretária de Educação paga os salários dos profissionais de capoeira. Nesse âmbito, através desse projeto foi feita uma semana com diversos aulões de capoeira, foi feito mais de 10 seminários de capoeira e educação. Assim, todos esses movimentos tiveram atuação direta do mestre Morcego, foi realizada a maior roda de capoeira estudantil com mais de duas mil crianças, e o evento ocorreu no parque do povo, sendo que essa roda rendeu para CPB o título de maior roda de capoeira estudantil do Brasil, isso no ano 2014. Eventualmente, Mestre Morcego faz parte do grupo de capoeira Afro Nagô, e sua formação foi dentro do Afro Nagô, em que ele passou por todas as etapas de graduação dentro da escola de capoeira Afro Nagô, e teve sua formação feita pelo Mestre Zunga, que é o mestre de capoeira da escola Afro Nagô.

Nesse aspecto, em relação as nossas dúvidas, perguntamos ao mestre: em Campina Grande a capoeira sofreu momentos de tensões, na década de 1980, para haver sua plena aceitação? Assim, o Mestre Morcego esclareceu que as tensões no mundo da capoeira são constantes, pois ainda há todo um racismo estrutural que existe no Brasil. Ainda o Mestre Morcego pontuou que:

“Eu ainda não estava na capoeira na década 1980, mas as tensões em relação à capoeira são constantes, tem todo esse racismo estrutural que existe no Brasil por toda essa desqualificação das manifestações culturais da luta do povo negro, e com a capoeira não é diferente, de forma nem uma, agente vem trabalhando na educação fortalecendo esses laços, mais agente ainda sofre esse tipo de preconceito, não mais como era antes, agente avançou muito nesse dialogo, mais precisa avançar muito mais nesse sentido. Eu falo mais pegando na década 1990 e 1995 quando chego na capoeira, mas nessa época na década 1980 as tensões eram muito maior, esse racismo, essas imposições desta sociedade racista que agente tem, com certeza era muito mais forte. Nas décadas de 1980 e 1990 existia tensões entre os próprios capoeiristas, existia rivalidade meio por uma auto afirmação pelos capoeiristas até o final da década 1990, as coisas só vem melhorar a partir de 2000 e 2005 quando começa a dialogar com a instituição CPB, a partir daí o dialogo fica mais harmônico, na década 1990 muitas vezes os capoeiristas não podiam nem se encontrar nas ruas e o coro comia” (MORCEGO, 2021)

A partir da explicação do mestre Morcego passamos a entender como as tensões entre os grupos ocorriam e como nossa capoeira passou por todo esse processo de luta, mas no nosso percurso veio outro questionamento, ou seja, desde a década de 1980, a capoeira foi bem vista por nossa elite campinense? Essa inquietação surgiu devido à capoeira ser uma manifestação popular e, muitas vezes, tida como uma manifestação sufocada por nossas autoridades. O mestre Morcego a esse respeito esclareceu que:

“A elite campinense é o retrato da elite brasileira e pior ainda, até hoje a capoeira não é vista com bons olhos, e agente sempre tem esses embates as manifestações culturais brasileiras, a luta do povo da cultura popular, basta entender que hoje eu sou um contra mestre de capoeira, mais a universidade nunca vai mim contratar para eu fazer um trabalho, mesmo eu sendo com a cultura popular que é a capoeira, mesmo sendo este trabalho voltado para a oralidade a universidade federal nunca vai mim contratar por que eu tenho que ter um curso que eles chamam de superior, enfim faz parte desta coisa da elite mesmo de se destacar, então a capoeira nessa pergunta agente de certa forma vive também dentro desta sociedade, num contexto de muito enfrentamento, claro com muitos avanços, tivemos muitos avanços, melhoramos bastante como adentramos nas escolas do município, mais ainda existe resistência da elite de uma forma geral” (MORCEGO, 2021)

Como podemos notar é uma luta árdua para os mestres que trabalham com a capoeira, pois além de ter que lidar com os olhares das autoridades também tem que lidar com a elite que, muitas das vezes, vem negando espaço para a capoeira e seus mestres. Em Campina Grande, os praticantes da capoeira, muitos têm sua origem nas periferias, pois nasceram nas periferias e praticavam e continuam a exercer nos seus bairros a capoeira. Sendo assim, pensando nisso, nós acreditamos que seja importante esclarecer como a capoeira funcionava antes de está presente em escolas e academias? A esse respeito mestre Morcego argumenta que:

“A capoeira sempre esteve presente em todas as periferias, onde o estado abandona a capoeira toma conta das crianças nas maiores comunidades e favelas não só em Campina Grande mais no Brasil inteiro, onde você vai tem um capoeirista lá com um berimbau na mão, mesmo sem ser remunerado, onde tem os maiores índices de vulnerabilidade social e de abandono do estado de todas as formas tem um capoeirista lá trabalhando com jovens e crianças, mesmo muito antes da capoeira está nas escolas ela já estava em comunidades educando, transformando e fazendo o papel de cidadania, sempre foi assim” (MORCEGO, 2021)

Vale ressaltar, sabemos que nossa capoeira nasce nas ruas e as pessoas mais humildes economicamente praticavam nas horas vagas em Campina, e

nossos mestres foram aprendendo cada vez mais com o tempo, especialmente, quando a capoeira foi sendo ensinada por mestres em associações e escolas houve, com isso, uma troca de saber. Sendo que, os alunos buscaram aprender cada vez mais para crescer e serem graduados. Por certo, os mestres buscavam crescer em seu ofício, com isso interrogamos ao mestre Morcego sobre como nossa capoeira espelhou-se nas práticas de capoeira de outros estados. Assim, Mestre Morcego pontuou que:

“A capoeira hoje não só espalhou em todos os estados, mas também está hoje em mais de 160 países, a capoeira foi apresentada como uma das atividades culturais que mais uniu os povos do mundo, ela é divulgadora da língua portuguesa brasileira pelo mundo. E especificando e regionalizando, sim, existi vários grupos de capoeira que são daqui da Paraíba, são adeptos de outros estados, como Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, existe este intercâmbio muito influente entre os capoeiristas” (MORCEGO, 2021).

Ainda, nesse contexto, surgiram na nossa pesquisa outras inquietações, uma delas foi como pais, educadores, e alunos têm visto a capoeira, desde o Projeto de Lei n. 1.966 de 2015, que estabelece a prática da capoeira nas escolas. A esse respeito Mestre Morcego alegou que:

“A realidade de Campina não existe em nem um lugar do Brasil, e tal vez em poucos lugares do mundo, Campina Grande é a única cidade que tem capoeira em 100% de suas escolas, só tem aqui em Campina. Os pais, educadores e alunos ver a capoeira como um grande vinculo de transformação dos alunos, ver também a capoeira como ferramenta importante na inclusão da lei 10.639 já que a capoeira leva para dentro das escolas diversas manifestações da cultura afro brasileira, a capoeira leva o samba de roda, leva a história do povo negro, contada pela ótica do povo negro, através de suas musicas e expressões, leva também a questão dos heróis negro que nos representa tanto na capoeira como na área da literatura, existi sim uma grande transformação, mais isso é uma realidade de Campina Grande, a nível nacional não existe isso, como não existe o cumprimento da lei 10.639, que na verdade a lei 11.645 que incluiu os indígenas mas que a lei 10.639 então assim nem essa lei é cumprida em todos os estados e cidades, também não é diferente em relação a realidade que a capoeira vive, mas falando especificamente de Campina Grande tem todos esses avanços que citei anteriormente, mas ainda precisa avançar muito nesse dialogo, ainda precisa de muita luta e muita conquista. Não existe a nível nacional a lei que estabelece a capoeira nas escolas, existe o estatuto da igualdade racial no inciso 19 ou 21 que fala da inclusão da capoeira em todas as escolas, mas coloca lá como facultativo não coloca como obrigatório, agente se vale muito mais da lei 10.639 que está dentro da igualdade racial, claro que agente reforça com ele, reforça com estatuto, reforça com a lei que fala da intolerância religiosa, do racismo, agente reforça com o aparato que agente tem, de lei e projetos, mas especificamente uma lei obrigatória para a capoeira nas escolas a gente não tem, inclusive agora agente está tramitando na câmara dos vereadores para efetivação do projeto capoeira na escola

e até agora estamos todos sem contrato, desde do início da pandemia” (MORCEGO, 2021)

Perguntamos também ao mestre Morcego, na condição de Mestre de Capoeira, como ele via a influência dos investimentos do capital privado na nossa capoeira. O mencionado profissional argumentou que:

“Acho que a relação da capoeira com a iniciativa privada precisa ter muito cuidado. No sentido de dizer assim, eu tenho uma parceria com a iniciativa privada muito boa, muito tranquila, mas assim eu não deixo que a iniciativa privada venha sucumbir nossa luta, eu não deixo que a iniciativa privada venha apagar a nossa ancestralidade, então assim eu mim coloco em detrimento de pegar o recurso e transformar esse recurso na luta, agente está sempre conscientizando sempre dizendo ao menino que não vale apenas estudar para trabalhar na alpargatas, mesmo sendo a alpargatas quem nos patrocina, conto sempre a minha história que fui funcionário da alpargatas, mesmo sendo ela que nos patrocina, conto sempre a minha história que foi ruim trabalhar em linha de produção, então eu educo as crianças e meus alunos para que eles busquem uma qualidade de vida melhor que não essa coisa do capitalismo, mas esse recurso da iniciativa privada ajuda a fortalecer, pois se não tivéssemos ele não teríamos do governo nem das universidades, se agente ajuda 6 mil crianças hoje por ano, se agente consegue ter esta extensão de alcançar tantas crianças é graças também a influência do sistema da iniciativa privada, se nós dependêssemos do estado nós não conseguiríamos de forma nem uma, então eu acho que é importante mas precisamos separar quanto isso vai contribuir para seu projeto, para que isso não seja algo que vai atrapalhar a sua luta, então eu sempre separo isso e o financiamento de onde vier agente pega para transformar em luta e fortalecimento de nossa cultura e arte, e de nosso povo preto” (MORCEGO,2021)

Nessa perspectiva, através das contribuições do mestre Morcego podemos compreender como, na década de 1980 e de 1990, quais grupos sofriam mais perseguições por parte das autoridades. Desse modo, mestre Morcego argumentou que:

“Na década de 1980 a 1990 na verdade nessa época a capoeira já não estava mais no código penal, então a capoeira foi muito perseguida pela polícia pelas autoridades até mais ou menos em 1930, foi aí quando saiu do código penal, aí já aqui de 1930 para 1990 são praticamente 60 anos depois, então assim não existia muito, por exemplo, pressão da polícia para que não pudesse ter uma roda de capoeira, ou a polícia chegar e acabar com a roda de capoeira, isso não existia pelo menos no final da década e no meio da década 1990 até agora, conheço o mestre Sabiá que é um dos capoeiristas mais antigo daqui eu nunca ouvi ele falar que a polícia chegou e acabou com uma roda, quando agente fala desta questão da perseguição agente fala mais pela parte da polícia, mais assim essa perseguição do racismo da capoeira ser coisa de negro, vagabundo isso aí permeou muito dos anos 1980 a 2000, isso aí era muito forte, hoje em Campina Grande não é tão forte assim, por conta deste trabalho educacional, por conta deste trabalho que vários grupos de capoeira vem fazendo dentro das comunidades e escolas,

isso de certa forma agente avançou muito neste sentido, mas deixando sempre claro que agente precisa avançar mais e que não somos diferentes dos que sofrem preconceitos por terem as manifestações culturais afro, agente também faz parte dessa linha e agente também sofre com todos esses preconceitos institucionais que vem da espinha dorsal da sociedade brasileira” (MORCEGO,2021).

Nesse sentido, como vimos no Brasil, na década 1980, houve certa resistência para que a prática da capoeira fosse plenamente aceita e praticada especialmente em lugares públicos, mas em nossa Campina qual momento começa a opressão a capoeira e em qual momento chega ao fim? Fizemos está pergunta ao mestre Morcego e ele assinalou que:

“A capoeira em Campina Grande não é tão antiga assim, ela tem aproximadamente 40 anos de existência, anteriormente já fiz algumas pesquisas e não encontro registros, então assim, não teve muito essa opressão de você não poder praticar a capoeira, a gente teve no início da década 1990, 1996, e 1997 alguns casos de não poder dar aula nas escolas, de ser proibido de ocupar espaços de escolas, mas sempre fomos bem aceitos nas comunidades, e nas associações de bairros, enfim em todas essas comunidades a capoeira sempre foi bem aceita, principalmente nas periferias mais pobres, não na elite, a elite já é outra história outro debate” (MORCEGO, 2021)

Perguntamos ao mestre Morcego como o estatuto do povo negro contribuiu para fortalecer a capoeira na nossa cidade de Campina? Para o Mestre o estatuto da igualdade racial é muito importante para todo o segmento de pessoas negras, uma vez que:

“O estatuto da igualdade Racial é muito importante para todo segmento de preto e negra, também para todos do nosso país, porque, o estatuto da igualdade racial ele vem falando da demarcação de terra quilombola, vem estendendo para as comunidades, vem indicando a capoeira eu digo indicando porque não é obrigatório, lá não diz obrigatório as vezes uma pequena palavra muda todo o contexto de luta, o estatuto da igualdade racial vem contribuindo também para que a capoeira consiga ser incluída nas escolas, agente usa muito a lei 10.639 do que o próprio estatuto da igualdade racial, usa ele como reforço mais lá como tem essa palavra facultativo porque a capoeira é facultativa nas escolas, não é obrigatória, então essa palavra ela traz um certo conflito nessa discussão entre poder entre o governo que é o poder, e agente quando cobra a lei, então existe esse parâmetro mais assim agente não pode de maneira nem uma negar que todas essas leis que foram lutas construídas pelo nosso povo e são extremamente significativas para a luta, elas são significativas mais ainda precisa de muito avanço, infelizmente com esse governo com esse cenário que agente vive aí, agente fica muito aquém da realidade que realmente seria necessário para conseguir construir com tudo isso” (MORCEGO, 2021).

Na nossa pesquisa, o mestre Morcego esclareceu para nós como, na constituição 1988, a capoeira vem sendo tratada. E se isso vem agradando aos nossos mestres. Segundo mestre Morcego:

“Na constituição temos essas leis já mencionadas anteriormente, e tem também o reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural do Brasil em 2014 e tem também o reconhecimento da capoeira e dos mestres como patrimônio cultural da humanidade, reconhecido pela UNESCO, temos muito avanços neste sentido, mais mesmo assim é preciso garantir o feijão né, eu acho que todos esses reconhecimentos são importantes né, mas quando agente diz assim do ponto de vista prático hoje eu vou viver da capoeira eu vou viver de quê, dando aula de capoeira aonde, a universidade vai mim contratar, ela vai se eu tiver um curso superior, meus vinte seis ou vinte sete anos de capoeira não vai servir para a universidade, eu vou ser contratado pela escola, né com esse enfiletamento, nessa luta nas escolas municipais aqui de Campina Grande vou, mais a batalha vai ser grande como vem sendo agora, então eu acho que essas leis são importantes, pois traça avanços, beleza, mas ela não traz as coisas que são mais significativas porque é a questão do financiamento da ajuda ao mestre de capoeira, tudo bem, assim digamos que a constituição avançou neste sentido, beleza, mas qual é a garantia que um mestre tem hoje de 60 anos, e ele passou toda sua vida trabalhando com capoeira, a garantia dele é zero, muitos mestres esquecidos morreram na completa miséria hoje, por que os avanços não tem sido significativos, mas agente precisa entender que assim muitos mestres a grande maioria se não tiver uma outra função um outro trabalho não conseguem sobreviver só da capoeira, então assim as leis são posta todas aí, mais elas não garante o direito ao trabalho, a um salario digno, o direito a sobrevivência eu acho que isso precisa começar a ser pensado” (MORCEGO, 2021).

Na nossa pesquisa, tivemos também a contribuição de outro consagrado mestre de capoeira. Diante disso, no dia 26 de Agosto de 2021, mestre Sabiá nos concedeu uma entrevista no Centro Cultural Lurdes Ramalho, local onde ele trabalha. Sendo assim, elaboramos perguntas relacionadas às nossas inquietações sobre nosso objeto de estudo. Perguntamos ao mestre: na década de 1980 a 1990 havia, em Campina, uma luta política da capoeira para se tornar uma grande expressão de nossa cultura? Sabiá esclareceu que:

“Na década de 1980, o que havia, essa luta seria assim, agente pela busca de querer introduzir a capoeira nas escolas, eu aqui em Campina Grande fui um dos primeiros a dar aula de capoeira na escola publica e na escola particular, então neste período a capoeira já estava na escola, o que agente queria naquela ocasião era ampliar né e fazer com que a escola aceitasse o ensino da capoeira, a capoeira já estava na escola, mas como uma forma de usar o espaço da escola nos finais de semana, tinha uma sala para agente desenvolver o trabalho e tal, na época eu era professor e dava aula no SESI isso no final dos anos 1980. Eu trabalhei com a capoeira em 1985 no teatro municipal e 1986 venho para o centro cultural, então já existia essa luta essa busca para implantar essa capoeira nas escolas e havia uma rejeição grande que o pessoal também tinha,

essa rejeição era por parte dos educadores, pois não queriam aceitar a capoeira, não eram todos os educadores, hoje já tem várias formas de formação e isso possibilita maior aceitação da capoeira, mais sim existia essa luta, agente queria mesmo era que a capoeira estivesse nesses espaços nas escolas, nos anos 1980 não havia tantos mestres como hoje, na realidade ainda hoje há poucos mestres de capoeira, por que essa questão de mestria é uma questão de conquista de um título que se adquire com a capoeira, então o que mais existia naquela época era praticante de capoeira, na década de 1980 nem eu ainda era mestre, só fui ser mestre em 1991. Para ser mestre tem que haver uma luta de tempo e dedicação, minha formação de mestre eu não paguei, eu recebi por merecimento e conhecimento, meu mestre é de Salvador, quando iniciei a capoeira na época morava em João Pessoa, e 1985 vim morar em Campina Grande já tinha quase quatro anos de prática da capoeira, e comecei dar aula na condição instrutor e logo em seguida tive a oportunidade de conhecer meu mestre de Salvador que é o presidente da associação brasileira cultural de capoeira angolana Palmares. E mim firmei a essa associação e quase todos os anos eu viajava para Salvador, passava um mês e quinze dias, ficava na casa de meu mestre e fui construindo isso e cheguei à mestria por meus esforços de conhecimento, pelo meu trabalho prestado a comunidade, mas sabemos que há quem busca a graduação pelo dinheiro, e compra o diploma e se diz mestre, mas isso é questão de cada um, no meu caso particularmente não foi questão de dinheiro, foi questão de conquista, isso mim motiva prestar serviço à capoeira com base na velha guarda da capoeira na Paraíba, mas minha formação foi na Bahia, foi através de meu mestre que tive oportunidade de conhecer vários outros mestres. Tenho feito vários trabalhos na cidade de Campina, em academias, trabalhos sociais para crianças e adolescentes, jovens infratores que estavam em situação de risco, e continuo fazendo estes trabalhos, são praticamente 40 anos de prática de capoeira, comecei 1982 e neste ano temos 39 anos de prática, sempre assim dedicado neste sentido. A capoeira é uma diversidade muito grande de informações, nós não temos uma verdade única sobre do que é capoeira, a capoeira surgiu assim cada um com seu conhecimento contribuindo para o seu crescimento, agente na capoeira busca a verdade com base em algo verídico, a capoeira é oralidade, é uma história, as informações da capoeira se constituiu e formou e nos anos de 1980 até antes bem mais para trás de 1960, ou seja, o início do século XX até 1980 esses ensinamentos da capoeira estão construindo espaços nas universidades. Estão escrevendo sobre a capoeira e isso é outra conquista que a capoeira está tendo, chegando as universidades, através destes trabalhos de conclusão de curso, mas o ensino da capoeira vem através da oralidade, eu assim busco passar as informações que eu adquiro com os mestres mais velhos que eu, são mais velhos de idade, mais velhos de capoeira, então isso é a capoeira Angola, pois a capoeira Angola é a ancestralidade é agente dar continuidade o que nossos ancestrais deixaram para agente, nesta herança nós temos os mestres mais velhos que continuaram na ativa e leva a capoeira através da musicalidade dos instrumentos então temos o mestre mais velho do Brasil e do mundo que está com 94 anos que está na ativa que é um Angoleiro e temos outro de 84 anos e outro de 89 mais o mais velho está com 94 anos. Cada um passando seu conhecimento da forma com eles aprenderam com seus ancestrais, e agente dar continuidade a isso, eu mim considero a nova geração na capoeira temos a velha geração que é a velha guarda, temos a nova geração e novíssima geração que está aí agora” (SABIÁ, 2021).

Perguntamos também ao mestre quais os locais que os embates dos grupos eram praticados e como ocorriam? Sabiá pontuou que:

“Quando eu cheguei à Campina Grande em 1985 eu procurei a capoeira em Campina, passei quase um mês procurando e não achei e fiquei rodando, meu primeiro mestre na Paraíba era de João Pessoa e era um paulistano e sempre eu ia lá para João Pessoa para praticar com ele nos finais de semana e não encontrava a capoeira em Campina, um dia encontrei no centro, ouvi um som de berimbau na rua que faz esquina com a rua Venâncio Neiva, passei e encontrei uma academia de capoeira, tinha uma pessoa dando aula, mim apresentei disse que morava em João Pessoa mas estava aqui em Campina, fiquei lá tinha dois ou três alunos, logo depois o recinto fechou, mas tinha um pessoal que desenvolvía um trabalho de capoeira no bairro de Bodocongo, os encontros eram dados pelo professor Reginaldo e Rildo que eram estudantes do curso de economia, o professor Reginaldo é do Acre e já veio de lá com conhecimento de capoeira, e começou a trabalhar com esse pessoal, eu ia para o bairro Bodocongo, o pessoal se reunia lá, a nossa capoeira a origem vem das periferias, os estudantes davam aulas através do voluntariado, em frente de suas casas, eles reuniam todas as crianças da rua e faziam a aula, esse foi o trabalho que encontrei aqui em Campina Grande, não tinha nome de grupo ou seja a capoeira não era institucionalizada em termo de grupo, o pessoal praticava abertamente, naquela ocasião eu consegui o teatro municipal foi uma luta, eu expliquei que além de fazer capoeira fazia parte de um dos maiores grupos de folclore da época terra seca, e tinha a frente o folclorista tenente Lucena, aí eu participava, fazia capoeira, samba de roda, eu só tinha três a quatro anos de prática, aí fui para o teatro e criei um grupo que envolvia dança e capoeira, fiquei lá, isso ainda 1985, tinha uma turminha lá, e 1986 eu consegui uma sala aí eu pude vir para o centro cultural, e fundei a associação de capoeira Badauê, o pessoal do bairro então começou aqui a vir para o centro cultural, o centro cultural foi o primeiro lugar a reunir os capoeiristas de Campina Grande naquela época, eu dei aula na condição de voluntário, na época eu trabalhava em uma empresa e dava aula nos finais de semana, só nos anos 1992 eu resolvi largar meu emprego e trabalhar no centro cultural, as aulas ocorriam nos finais de semanas, o trabalho começou a chamar atenção e a comunidade procurava cada vez mais a capoeira, a capoeira no centro cultural não fazia parte da grande curricular, eu só estava ocupando as salas do centro cultural, aí depois como a procura era tão grande que o centro cultural resolveu ensinar a capoeira, eu comecei a dar aula e ganhava uma bolsa era meio salário mínimo, mesmo assim resolvi largar meu trabalho e fiquei só com a capoeira, no início foi mais por amor, dos anos 1990 para cá a capoeira passou a ser mais aceita, e depois as coisas foram melhorando, e consegui entrar no SESI com carteira assinada, trabalhei como instrutor de capoeira, trabalhei 11 anos, aí depois saí e fui trabalhar na fundação de jovens e adolescentes, fui trabalhar com meninos e meninas de rua, sempre meu trabalho ligado a capoeira da Bahia, então eu trazia o pessoal da Bahia para cá, trazia meu mestre, ele veio para cá varias vezes, ele vinha para passar informações sobre a capoeira para nos atualizar sobre a capoeira angolana. Neste momento dos anos 80 a 90 nós de Campina e Paraíba éramos praticantes de capoeira, mas não sabíamos se era uma capoeira angola, ou regional, o importante era praticar a capoeira, só a partir de meu mestre e minha ligação com ele é que trabalhamos para que a Paraíba possa ter o conhecimento do que é essa capoeira angola e regional, então eu

sou um dos pioneiros da capoeira não só em Campina mais no estado da Paraíba, eu e meu mestre nós revitalizamos a capoeira no estado da Paraíba, a capoeira para os alunos que vinham especialmente das periferias era vista como lazer, eles não pensava a capoeira como um esporte. Através da capoeira tentamos fazer o trabalho de socialização dos jovens que estavam envolvidos com drogas ou queria se envolver, muitos jovens que passou por aqui eram viciado em drogas e graças a Deus primeiramente e a capoeira são hoje pai de família e quando mim encontra agradecem são muitos que ainda estão na capoeira e outros seguiram outros caminhos, mais mim agradecem muito porque naquela ocasião era jovens violentos envolvidos com drogas e foi através da capoeira que saíram deste mundo, foi feito esse trabalho social e com muita disciplina e rigidez, agente consegui fazer isso e nos dias atuais já não é mais assim, o publico hoje aqui por exemplo eu tenho alunos da periferia, jovens negros, não só brancos, mas temos também de outros segmentos sociais temos advogados, jornalistas, pessoas da rede de saúde, enfermeiros. Hoje a capoeira ela é para todos. Antes não era assim quando comecei a capoeira existia sim descriminalização, por exemplo, das mulheres pelo fato de praticar a capoeira. As mulheres queriam praticar a capoeira, elas eram discriminadas até mesmo dentro de suas casas, porque seu pai e sua mãe não aceitavam, era dito que era coisa de homem, e também tinha o olhar da sociedade e da comunidade, sempre existiu isso, hoje às vezes as mulheres estão na capoeira aí o namorado, ou marido não quer e às vezes eles vêm vê os treinos, eu sinto essa resistência, mas diminuiu muito, as mulheres estão conquistando seu espaço dentro da capoeira, isso depende muito de quem está desenvolvendo este trabalho de educação na capoeira, por que as vezes o machismo de dentro da capoeira prevalece, as vezes o cara acha que a mulher não pode tocar o berimbau, quem toca é o homem, mulher na capoeira tem que fazer determinados movimentos, isso não pode ser assim, mas isso está mudando por que os mestres estão se conscientizando. Eu por exemplo tenho varias alunas elas chegaram à condição de instrutoras, algumas por motivos particulares se afastaram da capoeira, mas essas mulheres fora da capoeira enfrentam preconceitos, muitos dizem que por elas praticarem a capoeira fumam maconha, essa resistência é por que a capoeira ela luta pela aceitação social. A capoeira sempre lutou contra a opressão da elite, das autoridades, esses segmentos associaram a capoeira à marginalidade por conta de sua origem de quem trouxe a arte, ficou essa coisa impregnada no imaginário, para haver outras conquistas agente continua lutando, fazendo nosso trabalho, no meu trabalho eu não escolho aluno, eu dou aula aquém chega, se o aluno que chega até mim e percebo que ele é viciado em drogas eu tento conversar com ele, eu então faço uma exigência quando vir para as aulas tem que vir sem efeitos de drogas, muitos alunos como gostam da capoeira eles lutam para sair do vicio, inclusive fiz um trabalho social educativo no lar do garoto, com jovens em situação de risco, eu trabalhei lá até 2010 e nunca tive nem um problema com um adolescente de lá, eu sou lá muito respeitado, eu também tenho muito respeito por todos, a capoeira lá não estava como um elemento de luta, mas como elemento de ajuda, eu trabalhei com músicas, levei alegria, levei a história da capoeira para depois pratica lá, mostrei esse lado da capoeira, inclusive tem um projeto que visa transformar a capoeira em um esporte de alto rendimento, e isso seria uma perda para a capoeira por que a capoeira seria transformada em um esporte olímpico então não vai ser bom pelo fato de divulgar a capoeira, ela já está sendo divulgada pelo mundo, não precisa disso, esse é o capital privado influenciando para ter ganhos

com a capoeira. Acredito que os mestres mais antigos como o meu nunca vão cultuar isso, por que no dia que isso acontecer só os grandes grupos vão ter visibilidade e direito de participar de grandes torneios e os grupos pequenos de periferias já ficam excluídos, a exemplo grupos da capoeira angola. A capoeira angola não está preocupada com mais patrocinadores, há aqueles que estão destruindo a capoeira, mas a capoeira angola não está preocupada com competições em formar o melhor, temos a preocupação de formar cidadãos, estamos preocupados com a cidadania, não queremos isso, então ficam dois lados, em um embate. O capital privado pode ser mais uma opressão a capoeira, pois grupos maiores podem excluir os grupos pequenos da periferia que não recebem verbas, eu, por exemplo, não faço parte de nem um projeto que venha mim financiar ou financiar a capoeira, meus alunos têm que pagar pelo fardamento, agente busca fazer um preço baratinho, o fardamento é comprado mas a capoeira é de graça, então não faço parte de projeto nem um, eu já tenho outra visão sobre o capital privado na capoeira, eu não quero que a capoeira tenha opressores, eu não quero que uma instituição privada venha mim patrocinar, apoiar e depois querer que eu divulgue a sua marca, quando por exemplo agente dar aula em uma academia que tem um certo publico da elite, o pessoal tem uma certa rejeição com a história da capoeira, quando expliquei sobre a origem do berimbau, o dono da academia não aceitou, pois disse que o pessoal estava ali para aprender a malhar, fazer exercícios para o corpo, aí eu saí fora, eu não quis mais por que a capoeira não é isso, agente não só trabalha com o corpo, por isso sou contra que a capoeira seja um esporte de alto rendimento, a capoeira ela tem que trabalhar o corpo e sua história, seus ancestrais, a capoeira no mercado ela passa a ser descaracterizada como arte, por que quando você não entra na onda do mercado quem já está lá diz que você vai morrer de fome, eles estão vendendo a capoeira como se ela fosse um produto, uma mercadoria, eu não quero fazer isso, então eu ganho pouco, sou funcionário de prefeitura e através da capoeira e primeiramente nosso mestre maior, e segundo a capoeira que mim deu ganho, eu faço um uniforme e vendo a um aluno, eu vivo assim devagarinho, de acordo com a realidade de cada um, tanto faz ser rico ou pobre o preço é o mesmo, a capoeira ela é digna por se só, temos que respeitar. Ela não é religião apesar das pessoas que não a conhecem acreditarem que é. A sociedade confunde a capoeira com uma religião de matriz africana e não pode, não tem nada haver. Tenho alunos evangélicos, espírita do candomblé e católicos de todas as religiões, então não podemos dizer que a capoeira é religião, mas as pessoas às vezes confundem isso também, isso por que a religião de matriz africana ainda sofre preconceito também. Mas temos que dizer que a capoeira está ligada a um sincretismo religioso que é a ancestralidade de quem nos trouxe a capoeira para nós, quando os negros vinham era na época que o Brasil foi colonizado pelos europeus, e a religião dos negros era de matriz africana. Isso teve que ser negado devido às punições da igreja católica, a capoeira se desenvolveu então em um ambiente de resistência” (SABIÁ, 2021)

Nesse contexto, tínhamos outras investigações sobre a capoeira, sua origem e como ela, em Campina Grande, desenvolveu-se, e ficamos muito felizes em saber que o mestre Sabiá detém vasto conhecimento sobre a nossa capoeira e com isso ele nos esclareceu outra dúvida que tínhamos. Então

perguntamos: “em sua opinião o que levou a capoeira a ser hoje vista como patrimônio cultural de Campina Grande”?

“Hoje a capoeira é patrimônio cultural isso também foi uma luta dos capoeiristas dos velhos mestres que junto com o ministro Gilberto Gil buscaram fazer o mapeamento da capoeira, sobre a história da capoeira, a exemplo no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco e a partir daí veio essa busca para conseguir esse reconhecimento, na realidade já há muitos anos vinha havendo essa luta, antes disso aí a capoeira conseguiu ser reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil, foi feito um estudo de mapeamento da capoeira e ela ganhou esse título, foi uma luta de resistência, também teve as lutas dos movimentos sociais dos negros junto com os capoeiristas, mas na prática com a lei não mudou nada na vida dos capoeiristas, por que a luta continua e em 2014 a capoeira foi reconhecida como patrimônio cultural da humanidade, foi criado um projeto que protegesse os capoeiristas que prestavam serviço à capoeira, mas na prática você não tem apoio, você não tem apoio do governo federal, estadual e municipal, agente leva muitos não da secretária de cultura, o que mudou foi o fato que foi colocado a lei em um papel para ser divulgada pela mídia, na prática muitos mestres de capoeira na faixa etária de 70 anos não vivem em boas condições, nessa fase de covid muitos mestres foram abandonados, temos muitos mestres passando dificuldades, não podem viajar para divulgar a capoeira, eu, por exemplo, viajo para outros estados e para o exterior para trabalhar com a capoeira, outros mestres também fazem isso, só que com a pandemia ninguém pode viajar, foi uma renda da capoeira que foi tirada, pois não podemos viajar e trabalhar lá fora com a capoeira, os mestres lutaram juntos com o próprio governo federal mais não conseguiram nada, com esse governo a situação ficou pior, agente perdeu dois mestres vítimas do corona e as famílias não tinham dinheiro para fazer o velório, e aí cadê esse patrimônio que não ajuda os mestres. Quando eu viajo a ajuda de custo que tenho é do próprio capoeirista, quem ajuda o capoeirista é o capoeirista, quando eu viajei para a Europa quem mim levou não foi o governo foi a capoeira, alguns mestres que já vieram a Campina quem pagou foi eu para que eles apresentassem seus trabalhos, temos que dar um cachê e pagar a hospedagem do mestre de capoeira, eles vivem disso dando palestras, o governo não paga, na capoeira há editais mais a maioria dos mestres da velha guarda não sabem como fazer os projetos, e eles precisam de um aluno para auxiliá-lo, eu mesmo já fiz vários projetos mais nunca fui contemplado, isso em relação a escrita dos projetos, e muitos mestres também não sabem fazer os projetos, se o projeto for aprovado tem que haver outros gastos, com pessoas para auxiliar o mestre. Na realidade o que foi reconhecido foi o ofício de mestre como um notório saber, o mestre é o patrimônio, mas se ele é um patrimônio não deveria ser cuidado, muitos mestres na pandemia estão morrendo de fome, há uma ausência do governo federal, estadual e municipal. Temos o projeto capoeira na escola que deu a oportunidade de fazer a capoeira parcerias com o capital privado, e através desta parceria em Campina possibilitou a capoeira está nas escolas, temos uma média de 20 professores trabalhando nas escolas, mais isso aí não é em todo lugar, os mestres com seus 80 a 90 anos não têm mais condição de dar aula em cinco escolas, o corpo não aguenta mais, e o capital privado fornece ajuda desde que o capoeirista divulgue sua marca, eu não concordo meu apoio vem dos meus alunos e dos meus amigos da capoeira, nós temos mestres renomados que cobram 2 mil para participar de aulas, mas eu não faço isso, eu quando vou para outro estado não exploro ninguém, eu

ganho pouco e está bom, a minha passagem é paga pode ser de ônibus e faço a apresentação por 500 reais, já aconteceu quando chego lá e faço meu trabalho o cara quer mim pagar o dobro do que eu cobre, aí eu digo não, mas eles dizem que eu fiz um bom trabalho, um trabalho bacana, eu tenho essa consciência da realidade da capoeira e dos mestres, agente tem que ser digno, não podemos se vender, nem vender a graduação, para ter graduação tem que o individuo ter crédito e conhecimento, por isso que não podemos vender o titulo de graduação. A capoeira virou um mercado, mas não são todos os mestres que estão nisso” (SABIÁ, 2021).

Nossa pesquisa envolve capoeira e educação, pensando nessa questão perguntamos ao mestre Sabiá como a capoeira vem atuando dentro de nossas escolas? Bem como, se há dificuldades para realização dessa prática? O mestre pontuou que:

“A capoeira nas escolas, a dificuldade eu acredito são dos próprios gestores da escola, eu penso assim, quando for levar a capoeira para escola teria que preparar a equipe da escola, tem muitos professores da rede escolar particular e pública que são contra a capoeira lá, então primeiramente tem que preparar este quadro de funcionários das escolas, e que o mestre como educador não se sinta menor como educador, por que a capoeira é uma escola dentro da escola, o diferencial é que a capoeira é uma escola não formal né, eu sinto a isso preconceito, a capoeira incomoda muita gente, até os instrumentos incomodam outros educadores, eles pedem para baixar o volume e agente tem que ter um jogo de cintura, eu já dei aula nas escolas inclusive o projeto capoeira nas escolas eu participei, já dei aula na comunidade rural, no PET, o preconceito mesmo na zona rural existe, eu fui pensando que seria mais fácil na zona rural, mas não foi, é um problema que está em todo o lugar. Nos intervalos nunca fui chamado pelos professores para tomar cafezinho com eles, isso é preconceito e eu senti na própria escola. O preconceito existe sim, não podemos dizer que existe em todas as escolas, mas eu senti. Outra coisa o professor de capoeira mesmo com a resistência deste pessoal tem que interagir com eles, eu ia lá falava com eles, dizia um bom dia, uma boa tarde, com licença, tinha que ter um jogo de cintura e eu ia conquistando, as vezes alguns faziam perguntas sobre a capoeira, as vezes perguntas ofensivas, mesmo assim você vai conquistando espaço com aquelas pessoas que não entendem a capoeira. Agente sente que eles não queriam a capoeira lá, mais foi o sistema, eu sou historiador terminei o curso de história, eu na época quando estava dando aula pelo programa do PET e o pessoal quando eu fui estagiar na escola como historiador eu senti que a recepção do pessoal era outra, como capoeirista era uma coisa como historiador era outra, isso é preconceito, eu terminei o curso mais opinei em ficar com minha arte, continuo estudando sobre questões de histórica como escravidão, capoeira, religião de matriz africana, eu estou mais ligado ao movimento popular, meu discurso não é ligado a um discurso acadêmico, mas há o preconceito que todo capoeirista é analfabeto, vejo que os professores de história não falam nem na lei 10.639 para seus alunos, você chega nas escolas e vê que os professores recebem material para trabalhar as manifestações afro mais eles nem pegam no livro, e quando vai falar fala do 13 de maio, não falam da história da capoeira, e escravidão, o professor disse a mim que já fala da escravidão no Egito, na minha formação como historiador eu dei aula sobre preconceito racial e social, a capoeira sempre esteve do meu lado” (SABIÁ, 2021)

Ainda, nessa perspectiva, perguntamos ao mestre qual seria a maior conquista que a capoeira ainda tem que obter em nossa Campina Grande [?] Sabiá argumentou que:

“A maior conquista que a capoeira poderia ter em nossa Campina. Eu acho que muitas coisas têm acontecido, tivemos agora o dia internacional do folclore, nós fizemos uma programação no último domingo com a secretaria de cultura, houve apresentação o dia todo da capoeira, a secretaria de cultura está à disposição para nos apoiar, a secretária de cultura sentou na ocasião na roda de capoeira, eu ainda não tinha visto algo assim, muitas coisas já estão acontecendo, meu desejo é esse, que esse pessoal que está no poder tenha esse olhar para a capoeira, não vê nós apenas como minoria, mas vê a capoeira como uma construção algo muito forte, desejamos que este pessoal entenda a capoeira e dialogue com os capoeiristas, eu não estou falando de apoio financeiro, mas estou preocupado com o reconhecimento sabe, desejo que a capoeira tenha seu espaço próprio, até hoje dou aula a 40 anos e não tenho esse espaço, aqui o centro cultural é público, eu queria que as pessoas tivessem essa sensibilidade com a capoeira, para entender essa arte, e não discriminar, queria que esse pessoal enquadrasse a capoeira em seus calendários culturais, valorizar a capoeira como nosso ex ministro da cultura fez Gilberto Gil, tentou dar um olhar diferenciado a capoeira. Em todo estado do Brasil há uma luta da capoeira, quando agente vê que é bom para a capoeira agente faz, temos que entender que a capoeira não é uma cultura de elite, eu estive na região sul em Florianópolis e estive em um evento da capoeira e a universidade estava dando apoio aos mestres, acredito que para o sul as coisas estão funcionando um pouquinho diferente para a capoeira. Estes estados do Brasil como Rio, São Paulo entre outros a capoeira cresceu lá se expandiu com a migração de mestres da Bahia, que foram para lá, a capoeira como não sendo uma cultura da elite sofre resistência, temos aqui em Campina Grande o festival de inverno, mas não tem apresentação da capoeira, então é isso eu queria que houvesse outro olhar para com a capoeira, mais de valorização e reconhecimento, agora mesmo agente tá aí criando uma associação paraibana de capoeira angola, para unir os mestres que são da linha da capoeira angola, para fazer esse alinhamento através disso agente conseguir maior visibilidade. A capoeira graças a Deus está ganhando esse espaço, aonde há pessoas esclarecidas vão dando espaço para nossa luta aqui temos pessoas da universidade que faz uma história de luta e resistência, temos o professor Mendonça, temos o professor Luciano Queiroz, Gervácio Batista Aranha, tive a oportunidade de está presente em um trabalho da professora Patrícia de Aragão essas pessoas vão dando outro olhar a luta, e vamos acreditando que não estamos sozinhos, e suas pesquisas servem para ficarem registrado nossas lutas” (SABIÁ, 2021)

Nesse aspecto, perguntamos ao mestre Sabiá acerca do momento atual e a luta do movimento negro. Interrogamos se as lutas dos grupos de capoeira é uma luta que remete a luta do povo negro [?] Mestre sabiá esclareceu que:

“A pratica da capoeira também trabalha isso, a luta pelas causas dos negros, mas não são todos os participantes e os lideres dos grupos

que possivelmente estejam ligados a esta temática, às vezes por que á falta de orientação, á falta de orientação para entender isso aí, mas sim a capoeira luta pelo negro, e pelo fim de qualquer forma de exploração. No momento atual a capoeira é o carro chefe, é através da capoeira que agente quer fortalecer esse lado, quebrar essa energia negativa que tem contra o negro, ou seja, essa questão de preconceito, até mesmo da criminalização, agente tem um trabalho de capoeira aqui muito forte no bairro pedregal que tem essa função de fortalecer a luta do negro. Não podemos negar que a capoeira começou com a história do povo negro, no início do século XX ali até 1940 a 1950 os maiores números de praticantes da capoeira era o povo negro, aí depois veio os brancos, é importante dizer também que na época do Brasil império e depois republica, nós tínhamos algumas pessoas da elite que praticaram a capoeira, isso também é importante por mais que fosse minoria, a gente sabe que no Rio a maioria era negro, inclusive tinha até no início do século XX alguns mestres de capoeira que davam aula a alunos negros, porém com tempo isso mudou, aí foi a capoeira sendo aberta para outras pessoas, como foi o caso da mulher a maioria era mais homem, a capoeira foi rompendo barreiras e preconceitos, e hoje o pessoal até diz a capoeira embranqueceu e outros dizem que a capoeira é coisa de negro isso é outro preconceito, agente também trabalha nessa luta para conscientizar as crianças e os alunos, e não ser preconceituosos de conviver com os brancos e pretos, somos todos irmãos. A capoeira é coletiva e todos participam pobres ou ricos, não pode ter preconceitos, é por isso que não quero isso dar aula em academias de grande porte, o pessoal que vai participar das aulas é da elite e o pobre da periferia vai temer até entrar naquele recinto, vai sentir que não pertencem aquele lugar. A capoeira é sociabilidade pode participar o rico e o pobre, ela vem rompendo barreiras” (SABIÁ, 2021)

Eventualmente, estamos estudando a capoeira, na década de 1980 a 2014, em nossa Campina Grande, e focando nesse período e as mudanças que ocorreram na capoeira, perguntamos ao mestre Sabiá, o que mudou na capoeira praticada, na década de 1980 a capoeira de 2014 [?] O mestre pontuou que:

“O que mudou na capoeira praticada da década 1980 a 2014 foi aceitação né, por parte da sociedade a luta pela aceitação mudou, hoje a capoeira já está nas escolas, universidades nós já temos nas universidades que é obrigatório a cadeira, então o que mudou foi isso, por que a capoeira hoje ela neste período aí, até 2014 ela está conquistando esse lado acadêmico da capoeira, a capoeira está lá dentro da universidade, nós temos em Salvador, Rio de Janeiro, USP a cadeira de capoeira nas universidades é obrigatória, não é optativa, Temos outras conquistas, por exemplo, em 2018 meu mestre foi homenageado com o título de Dr Honoris causa, e hoje dentro da universidade de Salvador tem a cadeira de capoeira para você fazer lá, temos também nas universidades de Santa Catarina, são coisas que na década de 1980 não tinham. Temos também outro exemplo que é do mestre João Grande que também recebeu o título Dr Honoris causa em Nova York ele mora até hoje lá e ele trabalha lá com a capoeira, então é uma conquista da capoeira. Mas temos que dizer que a capoeira ela hoje ainda está presente nas periferias, na sociedade de amigos de Bairro dentro das comunidades, na nossa cidade quase nem uma academia de musculação tem capoeira sendo

praticada, ainda vejo como um olhar elitista, a capoeira na região do nordeste dentro das academias ela não ganha muito espaço, ela não é muito aceita, é como eu falei o público das academias estão preocupados com a malhação com o status, aí não funciona, então a capoeira vai perdendo espaço, a capoeira funciona mais dentro de uma escola pública, até nos centros sociais, se você colocasse uma academia não passavam de cinco a seis alunos, outros esportes dentro da academia saem na frente, com essas novas modalidades de lutas que vão surgindo à capoeira vai ficando um pouco de fora, por que a juventude está sempre atrás de uma coisa que está na onda, está na moda, o pessoal mais jovem da capoeira estão sendo influenciados por estas lutas, então o que eles poderiam está fazendo pela capoeira eles não estão fazendo, estão fazendo por outras lutas, eles são professores de capoeira mais as vezes estão dando nas escolas outras lutas, por que eles acham que são mais aceitos como lutador, a exemplo como um professor de box, e até ganham mais dinheiro que outros capoeiristas, isso é algo preocupante para a capoeira, quando eles vão postar coisas nas redes sociais em vez deles postar eles ensinando capoeira, eles postam eles ensinando outras lutas, como Muay thai entre outras lutas, com isso a capoeira perde espaço, e a capoeira não precisa disso, ela é completa, por que o que existe nas lutas tem na capoeira e ainda mais, por que temos as músicas, a história da capoeira, na área da saúde a capoeira também é uma terapia, a capoeira não precisa provar nada, só precisa as pessoas se organizar e abrir as suas mentes” (SABIÁ, 2021)

Por conseguinte, questionamos também ao mestre se na Comissão da Verdade, que ocorreu em Campina, há relatos de capoeiristas que foram perseguidos pelas autoridades [?] Nossa dúvida surgiu justamente pelo período que nós propusemos a estudar. Assim, mestre Sabiá mencionou que:

“Eu em Campina Grande nunca sofri perseguição e também não é do meu conhecimento que alguém foi na ditadura, mas sabemos que aconteceu em outros estados, porque a capoeira no estado da Paraíba ela começa a conquistar os espaços, ou seja, no final dos anos 80. E agora ela está se afirmando, em Campina Grande nesta época agente só tinha dois grupos que era da comunidade e hoje temos aproximadamente 30 grupos em Campina Grande, e em João Pessoa do mesmo jeito, na minha época só tinha um ou dois grupos, hoje já tem uns 40 grupos, ela cresceu e eu espero que ela esteja crescendo com qualidade, pois tem muita gente influenciada pelo modismo, pela onda do capitalismo, tem muitos capoeiristas que se filiaram e ajuntaram-se á associações de capoeira de outros estados e são ligados a outros mestres e são capoeiristas que vendem a capoeira, a capoeira é uma diversidade muito grande e dar para também fazer dinheiro, essa compra pode fazer com que a capoeira possa perder suas raízes e referencias, porém não podemos perder as raízes da capoeira, então hoje eles querem mudar a capoeira na parte técnica, querem mudar a capoeira na parte da musicalidade, criando, só criando e fica desse jeito, é o movimento da globalização que não poderia ser assim, por que o mestre de capoeira não pode ser globalizado, tem capoeiristas de nosso estado que diz que está praticando a capoeira da atualidade, mas que capoeira é essa, dizem que é contemporânea por que ele pegou um pouco da capoeira regional e um pouco da capoeira angola, somos contra a tudo isso, há 39 anos eu só pratico a capoeira eu não envolvo a minha arte com outras lutas, e quando eu chego nas rodas de capoeira eu só canto

as músicas da capoeira, eu ainda não desenvolvi o dom de cantar minhas próprias músicas, eu componho, mas eu canto as músicas de meu mestre, e as músicas antigas de domínio público, a novíssima geração, quer cantar uma música de Gilberto Gil, Gil é um excelente cantor, mas não é música de capoeira, temos as músicas de Chico César que são legal, que são músicas que são relacionadas a África, mas não é música de capoeira por isso eu não vou cantar na roda, eu já tenho essa consciência, a capoeira contemporânea já traz todo esse movimento novo, neste circo aí eles têm como se eu fosse atrasado, mas não entendem que eu tenho história, conhecimento, eu só canto música da capoeira de acordo com a realidade da capoeira que estou trabalhando, a verdade é que cada um quer fazer diferente, quer criar e termina a pagando uma referência que temos de nossos mestres, eu por exemplo trabalho respeitando meus ancestrais, eu tive a oportunidade de viver com grandes mestres da Bahia, alguns que estão em vida e alguns que já partiram eu tive a oportunidade de trazer alguns aqui, e fazer diferente e respeitar sua história. Muitos na capoeira estão criando uma história sem referência sem base. Eu não canto músicas em minhas aulas que não seja da capoeira, tenho alunos que pedem para mim cantar a música de Clara Nunes mais eu pergunto é de capoeira e não é, então não canto, , eu então cuido da minha raiz da minha referência, na capoeira agente tá dando continuidade a essas raízes, no passado havia mais essa preocupação, os mestres praticavam a arte por amor, praticavam a capoeira e tinham outras funções com sapateiros etc., eles tinham outra preocupação pela capoeira não ganhavam dinheiro para ensinar a capoeira, eu tive a oportunidade em Salvador de conversar com um mestre, outra vez eu trouxe um mestre aqui para um evento o nome dele é mestre Bigodinho da velha guarda da capoeira da Bahia tinha 74 anos quando ele chegou aqui e viu crianças, mulheres tudo treinando aqui ele começou a chorar e disse: “Ô meu filho” eu fiquei preocupado e ele disse “que coisa linda tanta criança tanta mulher na capoeira no meu tempo não existia isso”. Você vê que a capoeira ela é assim, mas teve repreensão quando chegava um policial agente tinha que mudar de assunto por que a capoeira foi um calo no pé da sociedade da elite, na época eles não queriam, pois era manifestação de pobre, tínhamos bairros referencia na capoeira como Bodocongo, Zé Pinheiro, aqui nessa região tinha um pessoal que se reunia, no Jeremias tinha capoeiristas alguns e outros estão aqui, eu tenho dois alunos que moram no exterior, tem uns que estão fazendo trabalho com a capoeira, tem outros que pararam com a capoeira. Temos também que dizer que há ainda uma falta de segurança para os mestres, inclusive eu estava dando aula enfrente ao colégio Raul Córdula no espaço aberto dando aula ali, eu, porém suspendi, por falta de segurança, os pais se preocupam por questões de segurança e não há a preocupação do estado, eu percebi que estava mim expondo e expondo meus alunos, vamos ter calma e vamos procurar um lugar que agente possa está amparado, agora estamos na estação cidadania um lugar com mais preparo para ocorrer as aulas, em relação ao estado e a segurança vai depender também como o mestre se comporta na sociedade, o estado não tem uma segurança para dar a você 24 horas, temos aqui em Campina o caso de Cris Nagô, e em São Paulo que um mestre de capoeira estava de frente de sua casa tocando berimbau com os filhos e esposa e alunos, a policia que estava passando parou e prenderam ele e bateram e levaram ele preso, isso foi no final do ano passado, ele foi preso, mas ele não fez nada, então afinal qual segurança nós temos, por que o cara é negro isso já é motivo de suspeita, isso é preconceito estrutural, então levaram o cora depois houve uma grande repercussão, depois disseram que foi engano, que confundiram com

alguém, então não tem segurança principalmente neste governo aí, que estão matando os pretos, em Salvador mataram o mestre Moa, eu conhecia ele, não era meu amigo, mais eu conheci, ele tinha um grupo capoeira badauê, eu conversava com ele para pedir informações sobre o significado desta palavra badauê, ele também era músico, era capoeirista e mataram e ficou por isso mesmo, começou por ele, então agente não tem segurança, o capoeirista nos dias de hoje seja alunos ou mestre não pode ter envolvimento com nada e tem que andar na linha, porque já existe preconceito se correr errado já era, graças a Deus eu não sou envolvido com nada, não tenho vícios, mas se eu por exemplo tivesse errado na justiça e dizer que sou capoeirista não mim ajudaria em nada, talvez a ter complice para mim, eu já há 20 anos atrás já pensei em ir embora para Europa, e em 2001 eu viajei para Europa e vi a realidade dos brasileiros capoeiristas lá, é uma realidade muito diferente e vi que não era aquilo que eu queria, eu fui a trabalho, a primeira vez que fui fiquei na Áustria e Suíça aí em 2008 eu voltei para Áustria e Suíça já fui para Alemanha para França e Itália, os brasileiros lá estão bem, são cidadão Europeu trabalhando com a capoeira, mais sofreram muito para ficar lá, para conquistar a cidadania, aí eu disse que não era para mim por que eu teria que largar tudo, aí em 2012 eu fui de novo, eu pretendo ir apresentar meu trabalho e voltar para meu lugar, aqui eu tenho muitos alunos, alunos que já não fazem parte da minha escola, mas que estão em outras escolas, andando com suas próprias pernas. Em salvador eu fui em 2018 aí em 2019 não deu certo ir, em 2020 por conta da pandemia também não deu certo ir, quando vou a Salvador dou aula na academia de meu mestre, todo ano eu viajo com a capoeira, mas por conta da pandemia temos que ter paciência e um jogo de cintura, com a capoeira agente faz muitos amigos, mas também tem muita falsidade, mas é a vida, e a capoeira é a vida, as pessoas que praticam a capoeira são de vários lugares do mundo, tudo ali, então temos que ter muito jogo de cintura para vê quem é quem, temos que olhar no olho do pessoal e vê a maldade, essas parcerias que fazemos temos que fazer com segurança, uma vez que é nosso trabalho, não podemos confiar em qualquer um, o capoeirista é desconfiado, essa é a essência da capoeira, o fundamento dela, se eu sou praticante de capoeira e ela não mim ajuda a mim comportar na vida não adianta praticar capoeira. É isso que eu passo para meus alunos ela têm que ajudar a você a se posicionar na vida, principalmente aqueles menos favorecidos, meus alunos mim escutam quando falo baixa a cabeça, eles têm respeito, tem alguns rebeldes, mais agente conversa, alguns dizem que tenho autoridade de pai, e isso é uma responsabilidade, para ser um mestre de capoeira temos que ter responsabilidade, compromisso, eu tenho alunos que estão comigo que faz 25 anos e até hoje mim acompanham desde criança” (SABIÁ, 2021)

Nessa perspectiva, perguntamos ao mestre Sabiá se, em Campina Grande, os grupos de Capoeira estavam mais conscientes da ideia que todos juntos podiam trabalhar em união, objetivando o crescimento da capoeira, ou apenas estavam em movimentos separados sem essa consciência de comunhão para o desenvolvimento da prática [?] Sabiá mencionou que:

“Não podemos dizer grupos mas alguns capoeiristas na cidade de Campina Grande, temos poucos mestres acredito que não temos 10 mestres na cidade, é um titulo difícil de conseguir, o mais velho a ser graduado sou eu, então agente tem eu acho não chega a seis

mestres, tem muitos que não estão preocupados com esse lado político, não querem participar muito, temos aqui mestres que se envolvem e temos também em João Pessoa que se envolvem com estas questões política a exemplo de buscar participar do conselho de mestre no qual eu participo e fui um dos fundadores, então existi sim mestres lutando para essas politicas publicas, eles lutam para a capoeira e reivindicam direitos para ela, temos no momento uma luta que está relacionada ao fato dos mestres que começaram jovem e não contribuíram para a sua aposentadoria, está havendo uma discussão para conseguir a aposentadoria ou um auxilio para esses mestres, é uma luta por que no INSS eles não contribuíram e só aposenta se tiver esse tempo de contribuição, aí fica difícil, mas existi sim essa luta, existe projetos no senado para aprovar o reconhecimento da profissão capoeira que não é ainda, não do profissional por que do profissional já existe, o que não existe é o reconhecimento com direitos trabalhista, isso também é outra polêmica, por que tem vários projetos que não entrou ainda por conta da forma como eles escreveram, essas questões politicas há um monopólio, eles querem tomar conta da capoeira e aí muitos mestres não aceitaram daquele jeito, no congresso em Brasília temos pouca representação, só temos um mestre que é sociólogo alguma coisa assim, que é professor de universidade e trabalha lá no senado, ele sempre está intermediando fazendo uma ponte para os capoeiristas e suas lutas, ele disse no último encontro que tivemos que lá no senado ele está sempre buscando vê essas questões da capoeira, temos também outra questão que é o conselho de educação física que deseja tomar conta da capoeira, então agente está tomando cuidado com isso, então tem essa dificuldade aí, e muitos não se reúnem assim para lutar por que também é uma luta solitária, não tem apoio de ninguém, as vezes os mestres recorrem aos próprios alunos que cursam direito para esclarecer sobre leis, mas como vemos essa é uma luta solitária, as vezes cinco ou seis mestres se reúnem e vão para Brasília, por exemplo quando o conselho de educação física se movimentou para tomar conta da capoeira, mestres de Salvador se reuniram e foram para o congresso, mas essa luta começou em 1998, e foi o ministro Gilberto Gil que disse que a capoeira é uma cultura popular e que capoeira era uma coisas, e educação física era outra, por que eles queriam que para o mestre dar aula de capoeira tinha que ser professor de educação física, ou então quem começou de 1998 para lá não precisava fazer o curso de educação física, mas precisava ser credenciado ao conselho e pagar dinheiro, aí graças a Deus isso não funcionou, mas eles continuam querendo voltar atrás disso, ainda não está livre e está em discussão o reconhecimento da profissão do capoeirista, eu sempre acompanho tudo, por que isso aí não pode, quando foram fazer o projeto de reconhecimento não consultaram os capoeiristas, essa ideia de reconhecimento da profissão dos capoeiristas pode ser um tiro no pé, pois pode não ser bom para o capoeirista, por que entra as federações, aí eu tenho que está ligado as federações, e tem outra coisa eles querem que a capoeira seja um esporte de alto rendimento, uns querem isso aí tem outros que não querem, pois dizem que a capoeira é uma cultura e isso tudo fica em discussão, e tudo que está acontecendo na capoeira é novidade no final do século XX, e agente também observa os políticos alheios a estas questões, temos agora em Campina uma vereadora negra que está ligada a este movimento, e através dela que estão conseguindo o titulo de cidadão campinense para mim, foi o Morcego que deu a ideia e viabilizou isso, junto com ela lá, e parece que vai sair em novembro, ou seja ela está com outro olhar vendo a causa” (SABIÁ, 2021)

Ainda nesta perspectiva buscamos entrevistar o professor Moisés Alves da Silva, que é de Campina Grande e militante do movimento negro há mais de 30 anos, é formado em jornalismo e tem pós-graduação em educação para as relações étnicas raciais pela Universidade Federal de Campina Grande. Para desenvolver nosso trabalho realizamos um questionário, com algumas perguntas importantes relacionadas com nosso trabalho, neste contexto, perguntamos ao professor Moisés acerca das lutas do movimento negro e quais desafios enfrentam no momento, e se ele notava que nossos mestres estavam preocupados com estes desafios (?). O professor esclareceu que:

“A luta do movimento negro há desafios, a exemplo o de se organizar institucionalmente, no movimento negro não é fácil lidar com essas causas, por que mexe com o racismo estrutural institucional, e com o racismo social e mexe também com questões como geração de emprego e renda e com a reforma agrária. O racismo na realidade está numa estrutura complicada, mas os desafios do movimento negro é tentar se ocupar daquilo que a lei permite e enfrentar os resquícios perversos da escravidão, da maior vergonha do planeta e é claro ocupar o lugar de espaço do poder, ocupar os espaços educacionais, neste aspecto, a educação neste sentido é muito importante por que é um dos espaços que temos muitos desafios vencidos, vencemos grandes barreiras no campo da educação, e passamos a cuidar de outros desafios baseados nas leis que podemos avançar no estatuto da igualdade racial, na questão das leis de diretrizes e base da educação, na questão da lei 10. 639 e da lei 11. 645, e resolução dos conselhos municipais que é um dos conselhos que tem procurado enfrentar os desafios no campo da educação. Os desafios são inúmeros sejam lá onde for, todo dia enfrentamos o racismo, todos os dias enfrentamos preconceito, mas isso não nos põe medo pelo contrário, nós contamos com parcerias importantes como sindicatos, contamos com as universidades parte delas é claro, muito embora agente tenha sofrido alguns tropeços, mais nós construímos coisas trazem o progresso como as especializações e com a universidade estadual da Paraíba construímos informações, parcerias com outros setores do movimento negro inclusive o próprio movimento dos capoeiristas que é um movimento de matriz africana das religiões que também são de matrizes africanas, buscamos o respeito que precisamos ter, a questão do nosso simbolismo, a questão das nossas pesquisas da auto afirmação e da identidade da história que é muito importante, afirmar a história do povo negro em Campina Grande a partir de um olhar no sentido que nós estamos presentes na história efetivamente de Campina Grande, mais estamos invisíveis para a historiografia, então o desafio é mostrar para a sociedade onde estamos e como estamos e o que precisamos enfrentar para termos a nossa cidadania afro descecente brasileira e de Campina Grande sendo respeitada, sendo assim contada nossa história, por que nós temos histórias valiosas para construção da identidade de Campina Grande, inclusive um de nossos símbolos históricos é a revolta de quebra quilos que houve em Campina que precisa ser recontada, então os desafios são inúmeros, mas nós estamos neste enfrentamento todos os dias, assim estamos presentes em favelas, becos, corredores, bibliotecas, universidades, sindicatos enfim nós estamos enfrentando os

desaforos da história, os desafios da contemporaneidade” (MOISÈS, 2021).

Perguntamos ao professor— na atualidade líderes do movimento negro em Campina buscam nas suas lutas apoio de mestres de capoeira (?). O professor Moisés pontuou que:

“A questão dos mestres de capoeira é que até pouco tempo eles não se juntavam, tinha a questão de reconhecimento um do outro, mais eles já entenderam que precisam se juntar e que precisam estudar mais, e sabem que não venceram os desafios sozinhos e têm o dever agora mais que nunca com a lei da legalização da capoeira, então os mestres também começam a entender que a capoeira não pode ser uma prática isolada, até por que a lógica da capoeira sempre foi pensada para ocupar espaços de necessidade, então os mestres de capoeira começam a se preocupar também com desafios por que eles já entenderam que não é fácil, por exemplo, está ocupando espaços nas escolas. A capoeira hoje está em todas as escolas de Campina, então eles precisam se qualificar e precisam fazer reconhecimento de sua história de sua prática, ou seja, é preciso que os capoeiristas entendam o lugar de fala, é preciso entender o lugar de pertencimento e entender a importância histórica de ali está, é preciso que o capoeirista entenda que há uma necessidade de parcerias e que isso não alcançaria evidentemente sem a soma de outros setores da sociedade. Já tem capoeiristas que começaram a entender e começaram inclusive a estudar essa questão da formação antropológica da capoeira e mais que tudo os desafios que terão que enfrentar” (MOISÈS, 2021)

Perguntamos Também ao professor Moisés como as conquistas no mundo da capoeira fortalecem a luta do homem negro em nossa cidade (?). O professor mencionou que:

“A capoeira é uma filosofia e também um poder, então agente precisa compreender que as conquistas da capoeira também nos fortalecem, até por que é uma das correntes nossa de resistência, a questão de ser homem negro ou mulher negra dentro da capoeira, é uma questão que necessita ser compreendida, quando dizemos que a capoeira está nas escolas da nossa cidade, isso significa dizer que a cidade começa a fazer outra leitura em relação à capoeira, e isso também obriga o menino e a menina negra compreender a sua história, agente então passa ter uma visão sociológica das coisas, passamos então a compreender melhor onde estamos e para onde estamos andando, e quais objetivos desejamos alcançar, nós como educadores passamos então a pensar na metodologia e pedagogia que é melhor para nossas conquistas, e com isso tudo passa haver mais consistência e fortalecimento em nossa luta, tudo isso legitima a própria fala do movimento negro, por que ele encontra eco também na capoeira, quando os mestres de capoeira aceitam dialogar com nós do movimento negro as coisas começam a ter um fortalecimento e um viés político e ideológico muito importante, assim é preciso mais consciência e mais participação, nós na ultima eleição para presidente ficamos questionando vários capoeiristas quando faltou à consciência política, isso também é responsabilidade do movimento negro chamar atenção dos capoeiristas para seu trabalho que é importante, uma vez que os capoeiristas vão a lugares que o estado não vai, assim mais consciente de sua atuação, hoje nós temos uma

coordenação étnico racial na coordenadoria de educação e que tem como objetivo dialogar com qualquer movimento dos capoeiristas, é graças a ações como essa que nós temos uma ligação com os capoeiristas, e isso trouxe bons frutos, a exemplo hoje nós temos uma semana da capoeira no calendário da educação, temos também a semana de combate ao racismo, ou seja, não podemos negar que houve sim esse entrelaçamento de lutas e conquistas entre os capoeiristas e o movimento negro. Nesta perspectiva nosso maior objetivo é uma educação inclusiva, que haja uma educação das cores e feita pelo povo negro, por isso que precisamos fortalecer o homem negro e a mulher negra, ou seja, nosso movimento não pode ser solitário é preciso que nossos capoeiristas também participem a exemplo de sindicatos e dos movimentos sociais, é preciso que nossa luta fortaleça a forma de recontar a história que é uma história de resistência, e a nossa história para nós é muito importante é uma questão de honra contar a história de Campina Grande com a inclusão do povo negro em vários fatores inclusive econômico e social” (MOISÉS, 2021).

Na nossa pesquisa tínhamos outra inquietação, que foi esclarecida pelo professor Moisés, perguntamos a ele se as autoridades de Campina estavam mais atentas às necessidades do movimento negro (?). O Professor pontuou que:

“As autoridades de Campina Grande começam a perceber a importância de dialogar com o povo negro, esta conquista é fruto de nosso trabalho, na nossa cidade não podemos mais negar nossa luta, nós agora temos no parlamento uma mulher negra, já tivemos antes, mas não com o mesmo compromisso, nossa representante foi eleita através de nossa democracia, e isso é um diferencial histórico, hoje somos amparados por leis importantes como as leis 10.639, a lei 11.645 que estão aí para auxiliar nossos parâmetros curriculares e com a nossa educação e especializações nas universidades, sejam elas estadual ou federal, com nossas reivindicações temos hoje mais seminários, cursos de extensões, tudo isso era reivindicações do movimento negro e elas começaram a ser atendidas em todos os níveis, não podemos deixar de mencionar também as questões negra norte americana que refletiram aqui no Brasil, então nossas autoridades começam a perceber que o homem negro tem lugar na nossa história, começamos a notar o homem negro como João Carga d’água, que é um grande revolucionário da nossa história, notamos também que bairros como José Pinheiro na sua composição há atuação do homem negro, isso são coisas que nós estudiosos precisamos recontar, pois tudo isso influenciou nossa economia, divisão de emprego etc. Mas nossas autoridades só começam a ver nossas lutas quando há uma pressão e por força as vezes da própria jurisprudência, só assim os direitos humanos passam a ser repensados e respeitados, é neste cenário que vemos a importância da luta do povo negro, pois é uma luta que tem haver com a saúde, educação, segurança e direito a renda, nossa luta tem haver com a divisão territorial, e tem haver inclusive com o comércio, então é preciso que agente reconheça que o movimento negro dar uma grande contribuição na cidade e quando agente trabalha com compromisso, setores da cidade escuta e reconhece isso, essa conquista tem sido um grande avanço para o movimento negro da nossa cidade” (MOISÉS, 2021).

Perguntamos ao professor Moisés como as conquistas do homem negro influenciam na vida de nossos capoeiristas (?). O professor explicou que:

“Tenho certeza que os capoeiristas iram agradecer ao movimento negro por ter contribuído para inserir a capoeira na nossa cidade, fizemos aqui em Campina Grande o primeiro congresso paraibano de capoeiristas, e também foi feito o primeiro encontro estadual do movimento negro que antecedeu as conferências municipais, estaduais e nacionais da igualdade racial, então Campina Grande é muito disto em dado momento é individualista e em outro momento é feito movimentos coletivos, vale ressaltar mais uma vez, que o eco do movimento negro contribuiu para os capoeiristas estarem nas escolas, nosso intuito é que os professores fortaleçam a luta do movimento negro, que eles possam abrir suas aulas para discussões sobre a história do povo negro, e que cada vez mais teses e dissertações etc. sejam produzidas ressaltando nossas conquistas e aquilo que ainda devemos conquistar. Todo esse trabalho não tenho dúvida que vem influenciando na vida de nossos capoeiristas e também na vida daqueles que não são capoeiristas, mas são estudiosos do assunto, o conhecimento sobre a capoeira é libertador para os capoeiristas e estudiosos, pois eles passam a ser seres político transformadores, vale ressaltar que os capoeiristas era visto como um agente violador das normas sociais, mas com muita luta sua cultura acabou sendo legitimada e o capoeirista transformou sua vida, e vem ajudando mudar a cabeça de milhares de crianças através da educação, neste percurso de existência a capoeira não pode ser dissociada do movimento negro, assim quando nós éramos convidados para eventos como seminários, mesa redonda etc sempre falávamos da importância da capoeira, isso era dito nas ruas, praças, e nos órgãos do poder legislativo, também dito nas universidades, nós falávamos que era importante a cidadania plena sendo respeitada dos capoeiristas, fazíamos isso, pois temos consciência da importância da capoeira e sua contribuição no ensino para a história do povo negro, neste sentido somos militantes e conscientes desta luta e com muita força e responsabilidade temos buscado transformação social, usamos o termo transgressão mas para transformar e incluir as minorias, é tempo para nós de reconhecimento, de valorização e de respeito para com os capoeiristas, queremos no entanto que os mesmos entendam a importância do movimento negro na suas vidas, e isso está acontecendo e isso é muito positivo” (MOISÉS, 2021).

Interrogamos ao professor a respeito da capoeira, que atualmente é praticada por pessoas de etnias diferentes, seja pardo, branco, negro, amarelo, nesta perspectiva nós desejamos saber se esse processo enfraquece a capoeira, uma vez que sua gênese vem da atuação do homem negro, ou que isso não interfere em nada para o crescimento da capoeira como prática que tem sua origem e crescimento da luta do homem negro (?). O professor pontuou que:

“Não vai interferir não, muito pelo contrário vai ajudar a sociedade a compreender por que na medida em que você discrimina você está cometendo uma prática que abominamos, mas temos a consciência que não podemos perder o essencial da capoeira, ou seja, sua raiz,

que vem dos terreiros, que vem da resistência e que virou patrimônio cultural do Brasil, ou seja, a capoeira aí ganha uma importância científica como instrumento de pesquisa. A capoeira em textos importantes como os de Abdias Nascimento e Dias Gomes etc, vemos que a capoeira não se despedaçou, ela se dividiu e nasceu em outros lugares, ela cresceu em outras vertentes, a exemplo a questão da valorização do homem negro dentro da capoeira, e temos também a inclusão da mulher negra, que é muito importante, hoje vemos essa transgressão das meninas jogando capoeira, dizemos transgressão, pois é uma conquista que não era esperada por muitos, nós aqui em Campina Grande temos uma mestre de capoeira que foi uma das primeiras mulheres a ser mestre de capoeira, é a companheira Cris que foi lamentavelmente morta, é neste momento que agente vê o racismo em nossa cidade, pois o crime foi silenciado, isso por que era uma capoeirista, era uma mulher negra, então veja como é importante nossa consciência ser trabalhada na prática da capoeira, só assim o homem negro poderá ser um protagonista histórico, na educação, no trabalho, como cidadão. É importante que o praticante de capoeira tenha essa consciência que é um povo trabalhador, nós negros somos de uma luta de um povo que foi escravo, é por isso que temos que ter responsabilidades e entender e sermos responsáveis nas pequenas e grandes coisas como por exemplo nas eleições, ou seja, temos o dever de votar em pessoas comprometidas com nossa luta, não podemos votar em pessoas genocidas e racistas, essa consciência temos que ter, temos que também mudar certas práticas, não pode haver pessoas do terreiro votando em pessoas racistas, isso é terrível para a história da capoeira, para a história do terreiro, é bom lembrar que a capoeira esteve sempre no terreiro, próximo das manifestações africanas como umbanda e candomblé, nas músicas e nos seus instrumentos que tem uma percussão do povo negro. Temos que ter uma boa consciência e lutar pela capoeira, muitas pessoas morreram por essas manifestações do povo negro e isso não pode ser esquecido, os mestres, por exemplo, sofreram muito e foram vistos como vadios e foram excluídos, e punidos por serem visto como pessoas que não trabalhavam assim as autoridades não tinham a capoeira como trabalho, nem tinha a consciência da função social da capoeira, e para que hoje ela tenha conquistas pessoas tiveram que sangrar e sacrificaram suas vidas pela capoeira, então nós lutamos para que hoje o capoeirista e seus alunos tenham essa consciência. Estamos lutando no momento para que nossos capoeiristas não votem em genocidas, pois caso contrário agente está regredindo na nossa luta. Sabemos que nossa luta não é fácil, pois nós como pessoas negras somos as mais excluídas, estamos com os pés na senzala uma vez que a escravidão deixou marcas, eu não vejo como nós podemos ter alguma aproximação com as pessoas racistas, assim neste campo é importante a pesquisa histórica que leva esclarecimentos e nos fortalecem para que agente não caía nestas armadilhas. É preciso que nós mostre na nossa cidade a questão da escravidão, a questão dos nossos indígenas, a questão das mulheres que envolvem a prostituição, e também a questão da pobreza que envolve as meninas e meninos negros, assim é preciso que nossos capoeiristas vejam esta situação que é de exclusão, e todos que lutam pela causa negra digam que não votam em racistas, nós somos de outra política e isso nos diferenciam em muito” (MOISÉS, 2021).

CAPITULO V

CAPOEIRA E EDUCAÇÃO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

A princípio, em 2008, a capoeira foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Diante de cenário, já em 2014, a roda de capoeira teve um reconhecimento internacional e recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Sendo assim, observamos que todo esse processo de conquista e reconhecimento da capoeira exigiram esforços, embates, tensões, mudanças, entre outros, por parte de ancestrais africanos, de mestres (as) e capoeiras que doaram suas vidas em prol da perpetuação dessa manifestação cultural. Em suma, foram às lutas que trouxeram mudanças no campo da educação, pois desde então a Capoeira vem sendo utilizada como instrumento pedagógico.

Ademais, a PCN de Educação Física, Brasil (1998, p.71 e 72) determina e valoriza a participação dos alunos em jogos, lutas e esportes, tudo isso dentro do contexto escolar. Nessa perspectiva, vemos que a Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE) aprovou um projeto de lei que reconhece o caráter educacional e formativo da capoeira, assim como autoriza escolas públicas e privadas a celebrarem parcerias com entidades que congreguem mestres e profissionais de capoeira para ensinar a seus alunos essa prática esportiva e cultural. Ainda segundo o [PLS 17/2014](#), de autoria do ex-senador Gim Argelo, que integrou a bancada do Distrito Federal na legislatura passada, o ensino de capoeira deve ser integrado à proposta pedagógica.

Na ocasião, Otto Alencar lembrou que, desde a década de 1970, há iniciativas sistemáticas relacionadas ao emprego da capoeira como ferramenta pedagógica nos diversos níveis de ensino. Por certo, observou ainda que a modalidade possui um potencial reconhecido, por conta de sua riqueza em termos de movimento corporal, musicalidade e socialização. Entre os senadores que festejaram a aprovação do projeto. Desse modo, Lídice da Mata (PSB-BA) alega que o projeto reforça a importância de manifestação que

valoriza a herança cultural afrobrasileira, apoiada na transmissão ancestral de práticas, a partir dos mestres aos aprendizes. *Fonte: Agência Senado (2014).*

FIGURA 7. COMISSÃO DE EDUCAÇÃO APROVA PROJETO QUE PERMITE O ENSINO DE CAPOEIRA NAS ESCOLAS



Foto: Otto Alencar, que relatou a proposta, executa toque no berimbau observado pelo presidente da CE, Romário. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/05/19/comissao-de> Fonte: Agência Senado (2014).

Nesse contexto, a utilização da Capoeira como instrumento pedagógico vem sendo utilizada nos currículos de escolas, assim ela está presente em boa parte das Faculdades de Educação Física, sem falar na sua presença enquanto disciplina optativa ou como prática desportiva em quase todas as faculdades do país. Existem em todo o país inúmeras ONGs e projetos que têm a Capoeira como atividade educativa para crianças e adolescentes, por ela ser

uma atividade altamente motivadora, sensibilizadora e significativa. (CASTRO JUNIOR, ABIB, SANTANA SOBRINHO, 2000).

Com o processo de expansão da capoeira podemos observar sua presença em diversas instituições da sociedade, como escolas, academias, clubes, centros comunitários, projetos sociais e faculdades. Em 2003, a Lei nº 10.639 – artigo 26 A – torna obrigatório o ensino da história afro-brasileira em todo o currículo escolar, sendo assim, todos os educadores terão que incluir em algum momento de suas aulas a temática da história e cultura dos negros e índios brasileiros. Efetivamente, a capoeira aparece como uma possibilidade de se discutir uma diversidade de questões, atendendo as exigências a lei citada.

Ademais, em Campina Grande, a capoeira apesar de desafios que enfrenta, é praticada em escolas de nosso município. Nesse cenário, cabe a nós pesquisadores questionar o porquê nossos educadores, especialmente, nossos mestres, estarem cada vez mais empenhados em trazer a capoeira para dentro das escolas. Sendo assim, uma das melhores respostas que podemos dar são as inúmeras contribuições que a capoeira pode trazer a vida dos estudantes.

Em síntese, a capoeira possibilita que a criança sinta-se mais confiante, e melhora sua auto avaliação, assim como possibilita resultados positivos à associação Visual Motora dos alunos. Além disso, também desenvolve a capacidade de usar de forma mais eficaz os músculos esqueléticos, resultando em movimentos mais eficientes. Por certo, melhorando também no aluno a direcionalidade, pois a capoeira trabalha de maneira ampla o senso de direção, e seus golpes são efetuados tanto para frente quanto para trás, direita e esquerda, em cima e em baixo, projeção da pessoa ao espaço e avaliação da distância entre o executante e o seu oponente. E não menos importante, trabalha a noção de criatividade, pois durante a roda de capoeira, trabalha-se a capacidade de criar e decidir o próprio jogo. Para exemplificar, a roda de capoeira é composta por dois jogadores que têm liberdade de movimentos, nada é programado, e muitas vezes o aluno tem a intenção de realizar um determinado movimento, mas é impedido pelo movimento do oponente e, assim, rapidamente tem que mudar sua estratégia para que não haja contato físico.

Vale ressaltar, que nas escolas de Campina, a capoeira é uma prática democrática, em que todos podem participar, e na teoria não existe separação de gêneros. Porém, infelizmente, as mulheres ainda enfrentam certos obstáculos para estarem presentes na roda de capoeira. Então, a capoeira independente de quem participa, seja mulher ou homem, tem sua importância, pois ela desenvolve a inteligência musical, e pode ser trabalhada com uma variedade de instrumentos. A experiência com os sons produzidos pelos instrumentos utilizados, berimbaus, pandeiros, reco-reco, agogô e atabaque provocam sensações que se diferem das percepções obtidas na escrita, leitura, escuta dos professores ou colegas. A música está ligada diretamente aos sentimentos. (FARINA, 2011). A prática é uma vitória para os mestres que dentro da escola, além de trazer todas essas contribuições para os alunos pode, através da troca do saber, gerar renda para garantir, em sociedade, seu sustento.

Os nossos mestres em seus encontros têm uma inquietação que desde sua formação vem sendo trabalhada, trata-se da preocupação para que haja boa interação entre os alunos e os mestres. Então, nosso educador, nos primeiros encontros, tenta descobrir se o aluno conhece algo sobre a capoeira, e o aluno, através de uma dinâmica descontraída, conta suas experiências pessoais, ou experiências de pessoas conhecidas, ou até mesmo conhecimento adquirido através da mídia, e assim educador e educando aprendem juntos. A partir daí, cria-se um relacionamento de intimidade e liberdade que fará com que o aluno sinta mais segurança, confiança e autonomia para resolver problemas, superar dificuldades e enfrentar desafios.

Eventualmente, nossos mestres, em Campina Grande, desde sua formação aprendem que o importante é que nas aulas não haja o desconforto ou constrangimento para os alunos, pois eles entendem que cada indivíduo possui suas limitações e seus medos. Nessa perspectiva, Freitas Pontua que:

Não podemos ignorar o lado infantil de nossos alunos tentando fazer com que amadureçam antes do tempo, e sim, devemos criar oportunidades para que esses pontos se unifiquem. Ao entendermos que aprendizagem e brincadeira estão interligadas, que juntas proporcionam o saber, devemos criar condições onde o brinquedo leve ao aprender e ao agir cognitivamente sem imposições". Durante as aulas de capoeira temos inúmeros golpes para trabalhar, o professor tem que estar preparado e saber o conteúdo para poder

escolher os golpes possíveis de serem executados aos alunos em questão, sem causar desconforto ou constrangimento. (FREITAS, 2008, p.19)

Em Campina Grande, quando o assunto é ensinar capoeira nas escolas, há ainda elementos que tiram a paz de nossas autoridades, ou seja, é uma preocupação real que persiste em outros estados do Brasil, não basta apenas aos mestres dominarem as técnicas dos exercícios, é preciso que haja um conhecimento a respeito da cultura do povo negro trazido para o Brasil. A esse respeito, a Lei nº 10.639, no artigo 26-A, tem ajudado, pois como sabemos tornar-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em todo o currículo escolar. Para que esse projeto se concretize é muito importante que os professores de Educação Física tenham um conhecimento sobre história afro-brasileira, e da capoeira como parte importante dessa história, devendo esse conhecimento ser adquirido durante sua formação acadêmica, através de conteúdo obrigatório ou cursos de extensão universitária.

Diante disso, em Campina Grande, sabemos que nossos mestres têm buscado cada vez mais serem letrados, e têm procurado fazer cursos, isso influencia diretamente, para que através de um esforço individual, eles possam conhecer e divulgar as contribuições da história do povo negro. Pois, eles sabem que seu trabalho é fruto dessa história de luta e resistência, essa consciência é um orgulho para nós campinenses, pois esses mestres além de divulgar a capoeira, propagam a sua história. Nessa perspectiva, temos visto mestres buscando adentrar nas universidades de graduação em história, educação física e, não menos importante, alguns estão buscando contatos no mundo da política para que sua luta tenha maior visibilidade. Naturalmente, sabemos que ainda são passos lentos, mas não podemos negar que eles estão ocorrendo.

Em nosso município, temos visto que apesar das conquistas dentro da escola pela capoeira, ainda há muito que fazer e alcançar, uma vez que muitos mestres, dentro da escola ficavam, em muitas ocasiões, à margem das principais tomadas de decisões do universo escolar. Nesse cenário, os estudiosos Gladson de Oliveira Silva e Vinicius Heine esclarecem que:

Na prática a capoeira pode ser encarada apenas como uma atividade a mais a ser oferecida pela escola. Nesse caso, o professor ou

mestre não consegue interagir com a dinâmica da escola com seus professores, coordenadores e diretores. Muitas vezes, permanecem “excluídos”, possuem um espaço que lhes foi reservado (uma quadra ou salão) onde ministram suas aulas, ao final guardam seu material e vão embora, sem participar ou influenciar verdadeiramente o contexto escolar. No final do semestre, realiza-se uma festa de batizado, na qual são convidados, os pais e é feito um evento de capoeira de maneira tradicional (SILVA; HEINE, 2008, p.42).

Eventualmente, tudo isso contribui para que os trabalhos de nossos mestres sejam visto com indiferença, e apenas como uma atividade a mais que os alunos fazem para descontraír. Sabemos que, infelizmente, essa realidade no campo da educação contribui para sairmos perdendo. Pois, as dificuldades enfrentadas pelos mestres de capoeira no campo da educação dificultam para que haja uma educação comprometida com as transformações sociais, e com as necessidades pessoais e coletivas.

Outro problema que temos que encarar no campo da educação em nossa cidade, é sobre o fato que na capoeira o processo de aprendizagem se dá, inicialmente, por mimese e imitação dos mais velhos, no caso professor ou mestre, e por essa e outras razões cabe aos mestres a grande responsabilidade de vincular técnicas corporais, valores e representações do passado. Nesse processo de aprendizado, é comum, infelizmente, ainda terem professores com posturas tradicionalistas e hegemônicas, utilizando ações abusivas e autoritárias, assim impedindo a construção de consciências críticas e autônomas dos alunos. De certo, cabe a todos os mestres terem a sensibilidade que eles estão educando e não treinando os alunos para um campo de batalha, onde quem vence é o melhor.

Em suma, a responsabilidade dos mestres é enorme, seja nos ambientes públicos ou privados, eles são educadores e têm responsabilidades que vão desde passar os exercícios até escolher a música. Pois, escolher uma boa música pode ter grande poder de influencia positiva, uma vez que elas efetivamente transmitem valores da cultura do povo negro. Assim, Silva Júnior (2010) assinala a importância das cantigas e das rodas de conversa na rememoração dos acontecimentos, das ações e das práticas, na transmissão de valores e condutas, e na manutenção da capoeira. Ponderamos que as cantigas podem também (re) produzir preconceitos, intolerâncias, e estigmas por questões físicas, étnicas, religiosas, culturais, econômicas e de gênero.

Nesse sentido, compreendemos a relevância da música que pode refletir posturas, falas e elementos do cotidiano e da capoeira. Nesse aspecto, acreditamos que nossos mestres, em Campina Grande, estão cada vez mais atentos a essas questões, pois uma vez que a musicalidade pode desenvolver fisiologicamente a fala, também a transmissão da cultura, posturas morais, afetivas e cívicas.

Nesse processo, nossos alunos negros, em Campina, muitas vezes temem sofrerem exclusão por serem negros. Essa realidade é bem conhecida por nossos educadores, e por essa razão vemos que nossos docentes buscam medidas dentro da escola para que preconceitos étnico-raciais sejam combatidos. Sendo assim, os educadores almejam que, com isso, os alunos negros não rejeitem a história dos seus descendentes, contudo para isso ocorrer é preciso descolonizar os currículos, e professores em nossa cidade já denunciaram sobre a rigidez das grades curriculares, e o empobrecimento do carácter conteudista dos currículos, bem como a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, assim como a necessidade de formar professores e professoras reflexivos sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. Então, temos na capoeira, um campo de possibilidades para que os alunos se identifiquem com essa prática majestosa e que os estudantes negros sintam que fazem parte dessa história.

Em síntese, é uma luta árdua e continua, pois a capoeira presente nas unidades educacionais em Campina Grande, ainda se debruça sobre situações-problema, pois a cultura escolar se encontra mais próxima das classes dominantes que das classes marginalizadas para exemplificar, destacamos a preferência á dança clássica em detrimento da capoeira (AKKARI; SANTIAGO, 2015, p.30).

Para melhor elucidar essa realidade, vamos buscar esclarecimento da historiadora Ana Claudia Dias Ivazaki (2018, p. 104) que explana que a maioria das escolas de Campina Grande oferecem judô e balé. No entanto, há uma luta muito árdua dos mestres para que haja a capoeira nas escolas. Já na rede municipal de ensino a capoeira se faz presente em todas as escolas. Fazemos menção ao posicionamento da historiadora Ivazaki, pois ela realizou um brilhante trabalho em escolas de nossa cidade. Para melhor analisamos a

situação em nossa Campina, faremos uma breve referência de um discurso do mestre de capoeira Meia Lua, que trabalha como educador em Campina Grande.

Diante disso, o mestre de capoeira Meia Lua concedeu em (2017) uma entrevista a historiadora Ana Claudia Dias Ivazaki, na qual ele esclareceu sobre as dificuldades que enfrenta para realizar seu trabalho, segundo ele:

“As dificuldades ainda é um pouco, um pouco espaço adequado para atividade de capoeira, agente tem que sempre improvisar um pouco e também ainda hoje é muito forte a questão de religiosidade, né, de alguns pais que entendem que a capoeira tem alguma ligação com a religião de matriz africana e alguns pais têm a resistência em deixar os filhos praticarem as atividades” (Meia Lua, 2017).

Perante o exposto, o mestre Meia Lua afirma a historiadora Ana Claudia Dias Ivazaki (2018), que não encontra dificuldades quanto á acolhida por parte dos profissionais da instituição escolar, contudo chama atenção para questões como falta de espaço reservado á prática cultural e esportiva e a adaptação aos horários. Essa questão abordada pelo mestre Meia Lua (2017) na qual os pais temem a capoeira pelo fato deles acreditarem que a mesma tem alguma ligação com a religião de matriz africana, bem como alguns pais têm resistência em deixar os filhos praticarem as atividades, sendo que esse temor está relacionado com o passado da capoeira, que era tida como uma prática marginal e, não menos impactante, havia também o preconceito contra a capoeira, pois ela tem sua origem na cultura negra.

Eventualmente, muitos ainda em nossa sociedade têm preconceito a elementos, aos símbolos que estão ligados ao povo negro, a exemplo quando falamos de religião, ainda infelizmente as matrizes religiosas negras sofrem preconceitos, por parte do homem branco ou pardo. Isso tudo é uma pena, pois como vemos pode influenciar negativamente no cotidiano dos alunos, que passam a ver as práticas do povo negro como atividade a margem que não é atribuído orgulho ou valor aos seus símbolos e as práticas diárias.

Conscientes dos problemas que os mestres passam no seu cotidiano, isso fez com que os mestres de capoeira, cada vez mais, estejam engajados para que dentro das escolas possa haver aprendizado, e não menos importante, o respeito ao outro. Nesse interim, para alguns mestres de Capoeira, em

Campina Grande, nas suas atividades educacionais estão cada vez mais preocupados para que os alunos sintam-se livres para realizar, de forma espontânea, suas atividades no tempo e da forma que achar melhor. Na cidade a palavra que está cada vez mais inclusa nas escolas é o respeito aos educandos, os mestres sabem que cada aluno tem seu tempo para realizar as atividades, vamos salientar que ainda essa afirmação não é uma verdade universal vivenciada em todas as escolas de Campina.

Os mestres sabem que na capoeira liberdade significa acima de tudo a autonomia dos discípulos, ou seja, que eles possam desenvolver habilidades físicas e cognitivas para desempenharem suas atividades. Nossos mestres campinenses estão conscientes que autonomia ocorre mediante a aquisição de níveis progressivos de independência física e afetiva, o que implica autoestima e independência de vontade e de pensamento. Os mestres sabem que é preciso que os discípulos estejam no centro das atenções, assim como é importante que os alunos sejam capazes de buscar seu próprio conhecimento e identificar suas necessidades para que, reconhecendo-as busque, junto a seu mestre, inclusive, aprender tudo àquilo que necessitar.

Indubitavelmente, na nossa pesquisa, notamos que muitos mestres são contra a educação bancária, ou seja, sistema no qual o professor se considera dono de todo o saber e deposita o conhecimento na “cabeça” de seus alunos, da mesma forma que um correntista deposita dinheiro em sua conta no banco. Esse conceito como sabemos foi explicado por Paulo Freire (2005) que era contra esse modo do educador direcionar suas aulas.

Nesse aspecto, nossos capoeiristas estão cada vez mais incentivando seus alunos a buscar a capoeira fora do horário de treino, e no horário da aula o mestre guia a movimentação enquanto todos repetem o que ele está orientando. Cabe, então, ao aluno repetir cada movimento e buscar entender no seu corpo como se executa tal movimento, e que músculos devem ser acionados, qual a postura que deve manter para não desequilibrar, de onde deve sair à força da movimentação para que ela aconteça de forma mais orgânica. Assim, as orientações são dadas e os alunos podem praticar dentro ou fora da escola, e nesse contexto, nossos mestres pedem a compreensão dos pais, objetivando que eles entendam que capoeira não é uma brincadeira,

ou apenas um passa tempo sem fundamento e sem propósito para o desenvolvimento do aluno.

Em Campina Grande, ainda vemos certa preocupação dos pais, pois muitos temem que seus filhos não consigam seguir os passos dos mestres. Nessa situação específica, nossos mestres sejam nas associações ou escolas, têm buscado explicar tanto aos pais como aos alunos que no universo escolar até mesmo nas academias particulares, a princípio os discípulos não seriam capazes de imitar todos os movimentos do seu mestre, mas devem apreender o que ele tiver para ensinar e adaptar tudo à sua realidade, ou seja, os alunos devem criar o seu jeito de jogar, a sua identidade tem que ser respeitada, e não há motivos para medo ou desistência por parte do aluno.

Cabe ressaltar, que os mestres educadores nos dizem que cada corpo é diferente, onde um é mais magro, outro é mais alto, um terceiro tem mais flexibilidade, e não se pode esperar que todos executem a mesma movimentação da mesma forma, e seria algo desrespeitoso tratar o ser humano assim como um objeto que pode ser manipulado segundo o desejo do educador. É claro que essas dúvidas, no mundo da capoeira ainda existem, mas através do diálogo podem ser esclarecidas. Nesse contexto, o mestre não deve ser superior a ninguém, ele é a referência de conhecimento em uma prática, alguém que é respeitado naquele meio, mas que não deve assumir um “status divino” por razão do seu saber.

Em suma, a nossa capoeira está presente em escolas, associações nas comunidades, especialmente, mais carentes, ruas e eventos tanto presentes no nosso estado como no Brasil. Por conseguinte, consciente de sua importância, a Secretaria de Educação de Campina Grande realizou um dos maiores eventos de capoeira do mundo. Assim, Campina Grande conquistou recorde de maior roda de capoeira estudantil do Brasil. No mês em que se celebrou o Dia Nacional da Consciência Negra, Campina Grande entra para a história de uma das expressões da cultura afro-brasileira, com a formação da maior roda de capoeira estudantil do Brasil. O recorde foi confirmado pela empresa Ranking Brasil – Recordes Brasileiros, na manhã desta quinta-feira, 06 de novembro de 2014, durante o aulão coletivo no Parque do Povo, o qual foi realizado com os alunos da rede municipal integrantes do projeto “Capoeira nas Escolas”. O

recorde foi registrado com a marca de 2.807 crianças praticantes da capoeira no universo escolar.

FOTO 07. ESPORTE | PROJETO CAPOEIRA NAS ESCOLAS REÚNE 2.807 ESTUDANTES DURANTE AULÃO EM CAMPINA GRANDE-PB.



Fonte: Publicado por Grande Campina. Última atualização: quinta-feira, novembro 06, 2014. Foto: RankBrasil / Fonte: Ascom.
<http://www.grandecampina.com.br/2014/11/esporte-projeto-capoeira-nas-escolas.html>

Para a secretária de Educação de Campina Grande, atingir essa marca tem uma importância estratégica em favor do projeto político-pedagógico plural e o comprometido com o cumprimento da Lei 10.639, que determina para o currículo da Educação Básica a inclusão da história e cultura afro-brasileira.

A então, na época, a secretária de Educação, professora Iolanda Barbosa argumentou no momento do evento ao *portal Geledés (2014)* que “a presença da capoeira na escola se torna prioritária porque ela está dentro de um recorte de um projeto político-pedagógico multicultural que compreende a educação como produto da cultura humana e das várias culturas. Lembrando que a cultura letrada é mais uma, mas ela precisa ter dentro dela todas as matrizes culturais que constituem o povo que é construtor dessa cultura”. Então, desenvolver essa relação de pertencimento junto às crianças por meio do projeto “Capoeira nas Escolas” tem gerado resultados, como a redução da evasão escolar, *portal Geledés (2014)*

O *Portal Geledés (2014)* também ouviu o coordenador do projeto que pontuou que “Quando começamos tínhamos a ideia de reduzir o racismo e, com o passar do tempo, percebemos a diminuição da violência e da evasão”, contou o coordenador do projeto, professor Rosemberg Pequeno, também chamado de Mestre Pequeno. A avaliação do coordenador é compartilhada por outros professores e também pelas crianças. “Os meninos adoram e as meninas também participam sempre. Ainda tivemos redução da violência”, disse a professora de Educação Física Catarina Maria de Almeida ao O Portal Geledés (2014). Atualmente, o projeto “Capoeira nas Escolas” está nas 120 unidades escolares da rede na área urbana e rural e também em 7 creches, envolvendo 32 profissionais de 9 grupos diferentes de capoeira. “As crianças se transformam e têm a oportunidade de conhecer a cultura afro-brasileira. Isso é gratificante”, avalia a professora de capoeira Luciene da Silva, que ministra aula em quatro escolas.

Em Campina Grande-PB, o projeto é apoiado pelo Instituto Alpargatas com a logística do fardamento e do transporte. O projeto atende, segundo o coordenador, 3.600 crianças da pré-escola ao quinto ano do Ensino Fundamental. Apesar dos benefícios, o Mestre Pequeno diz que ainda encontra resistência e preconceito contra a capoeira, especialmente, por parte de alguns pais que associam a modalidade à religião de matriz africana. Entretanto, boa parte dos pais apoiam o projeto. “É um esporte que ajuda na educação”, destaca Adelma dos Santos, mãe de aluno, dados do *Portal Geledés (2014)*.

A então secretária de Educação de Campina Grande, Iolanda Barbosa, esteve em Brasília reunida com representantes da Secretária de Promoção da Igualdade e da Secretária de Inclusão e Diversidade, pactuando que o programa “Capoeira nas Escolas” vai ganhar dimensão nacional e financiamento próprio. Assim sendo, Iolanda, na época, revelou ao Portal Geledés (2014) que trouxe de Brasília material didático pedagógico para trabalhar na formação dos professores para que eles se tornem multiplicadores do enfrentamento direto ao racismo na escola. “A capoeira já está presente, mas ainda não é suficiente. A educação racial é extremamente importante para sedimentar uma educação fundada nos direitos humanos e no patrimônio nacional”, argumentou. Desse modo, Iolanda destacou também os ganhos que a rede municipal já conquistou com o projeto. “Nós percebemos maior tolerância com relação às diferenças, o entendimento da diferença como algo constituinte do humano, a redução do preconceito e do bullying na escola. Isso porque as crianças estão compreendendo essa diversidade da qual elas também fazem parte”, afirmou, Portal Geledés (2014).

O lendário músico de jazz– Charles Mingus, uma vez disse “Tornar o simples complicado é lugar-comum; tornar o complicado simples, maravilhosamente simples, isso é criatividade”. A partir do que foi pontuado pelo músico, podemos dizer que o evento no Parque do Povo em Campina Grande, apesar de ter sido criativo e inovador, não foi uma tarefa simples, uma vez que o fato de não existir uma padronização da atividade da capoeira, o que possibilitou bastante liberdade para que cada professor desenvolva seu trabalho da forma que achassem melhor.

O evento foi fruto de um trabalho árduo para os mestres e os professores envolvidos no projeto, uma vez que o Projeto Capoeira nas Escolas reuniu 2.807 estudantes durante o aulão em Campina Grande. Apesar dessa realidade, esse fato foi uma grande conquista para a capoeira na cidade, pois possibilitou aumentar à convivência comunitária, assim como os pais puderam acompanhar seus filhos, esse processo é de grande valia, pois assim os pais podem compreender melhor o universo da capoeira e desconstruir certos preconceitos originados no passado. Em suma, movimentos como esses na cidade de Campina Grande vêm possibilitando ao professor maior facilidade no

processo de ensino. Então, o professor pode se concentrar no ensino e não está a todo o momento preocupado com ideias que tornam a capoeira uma atividade dita menor no universo educacional.

Apesar dessa maratona, temos que deixar aqui uma reflexão que acreditamos ser importante nesse momento, pois os eventos de capoeira muitos estão sendo fontes de atração, bem como espetáculos a céu aberto, grande parte diz que é para divulgar a capoeira e combater o preconceito que ela e seus praticantes sofrem. Até ai, não haveria nenhum problema, mas infelizmente há complicações, quando vemos por outro ângulo, pois o discurso é belo, mas às vezes a intenção é outra, ou seja, existe em alguns eventos apenas a intenção dos organizadores ganharem dinheiro, ou que empresas divulguem suas marcas, e também se percebe o problema que às vezes as nossas autoridades apenas estejam visando se promover, os mesmos mostrando que estão preocupados com o rumo que a capoeira em nossa cidade, está tomando. São questões que temos que pensar, pois infelizmente é uma realidade constatável.

Outra questão que necessitamos pensar é sobre a influência do capital privado na educação pública, pois o projeto Capoeira nas Escolas possibilita que o capital privado esteja no universo escolar. Por certo, como educadores temos por obrigação questionar, e pensar se essa influência pode trazer o desenvolvimento de um conhecimento socialmente significativo? Será que nosso Poder Público não está fugindo de suas responsabilidades e está delegando a outras entidades [?] Nosso Estado tem o compromisso de desenvolver nossa educação, mas sem criar meios de controles ideológicos movidos segundo seus interesses apenas para se promover e perpetuar no poder. Como intelectuais temos que fazer críticas a esse sistema, pois corremos o risco de chegar a uma situação onde já não sabemos mais quem “culpar” pela atual condição caótica do sistema educacional público. Assim, entendemos que através do contexto neoliberal, o estado tem delegado certas funções a entidades que estejam, na realidade desejando tirar algum proveito do sistema atual que envolve as sociedades.

Nesse sentido, essas entidades privadas não estão muito preocupadas com a melhoria da qualidade para as minorias, na verdade estão mesmo

preocupadas com a produção de bens e serviços para o mercado, políticas públicas que começaram a ser definidas em vários campos e, principalmente, na educação. Nesse contexto, como esse sistema, nossa educação está sendo deixada a margem e a educação passa a ser vista apenas como uma mercadoria, bem como mais um elemento que engloba todo um sistema que tem como intuito apenas seu próprio desenvolvimento.

Nesse âmbito, nós estudiosos tememos esse processo, pois não almejamos que a capoeira seja vista e tratada apenas como uma mercadoria, que serve de degrau para o capital privado se promover. Nesse contexto, estamos conscientes como tudo está funcionando. Na verdade, o Estado passa a ser o financiador das atividades exercidas no campo educacional, à medida que repassa os recursos públicos para as entidades do Terceiro Setor que executam políticas sociais, como menciona Peroni (2008, p.9):

Com o público não-estatal a propriedade é redefinida, deixa de ser estatal e passa a ser pública de direito privado. Verificamos dois movimentos que concretizam a passagem da execução das políticas públicas sociais para o público não-estatal: ou através do público que passa a ser de direito privado ou o estado faz parcerias com instituições do Terceiro Setor para a execução das políticas sociais.

Com o quase-mercado a propriedade permanece sendo estatal, mas a lógica de mercado é que orienta o setor público.

Nesse campo que envolve múltiplos interesses, pouco importa os saberes, se a escola como um todo desenvolve valores humanos, se caminha para o entendimento da qualidade no sentido social, se desenvolve projetos com aqueles que têm limitações. Assim, as metas e os resultados das escolas estão conjugados com os interesses do capitalismo. Notamos, também, o risco da perda da gestão democrática no processo educacional, ou como assevera Peroni (2008, p. 10) que a gestão democrática na escola, a qual é inclusive um princípio constitucional, está, na prática, cada vez menos sendo construída, à medida que começa a existir uma lógica de mercado orientando o papel estatal e que as políticas públicas estão sendo implementadas por organizações não governamentais e não estatais.

Em síntese, o capital privado de mercado cria metas pré-estabelecidas no campo da educação. Desse modo, o que vemos é uma preocupação desenfreada para que essas metas sejam atingidas, contudo o problema é que

a gestão educacional, em busca das metas pré-estabelecidas, não chega nem a ser discutida nas escolas e, sim, impostas como objetivos estratégicos, que precisam ser cumpridos inquestionavelmente. Nesse cenário, as necessidades das minorias, as particularidades das escolas vão sendo deixadas em segundo plano, e ações como respeito à subjetividade das pessoas, através de ajuda mútua, da solidariedade, vão perdendo espaço no universo escolar.

A solidariedade entre as instituições vai dando espaço aos *rankings* ou medidas de comparações entre as instituições escolares, e o sistema busca a instalação de mecanismos que estimulem a competição entre as escolas, responsabilizando-as, em última instância, pelo sucesso ou fracasso escolar. Dessa maneira, os sistemas de avaliações já não estão preocupados com o indivíduo na sua condição particular, pois os sujeitos são apenas mais um número, que no final dos sistemas de avaliações, devem dar bons frutos, ou seja, os resultados devem ser positivos para serem vistos pela mídia, bem como pela sociedade como um todo.

Nesse sistema, podemos analisar a condição da capoeira, que para o sistema privado de mercado, e para o Estado, ela é vista como um fator que possibilita divulgar seus bons resultados e que promovam essas instituições, pois a capoeira mostra uma ideia de inclusão, respeito à diversidade, ou seja, tudo que as entidades precisam para se promoverem, e poucos estão mesmo preocupados com os nossos mestres, com seus salários, e como seus alunos. Sendo assim, nesse processo de recepção da prática, as entidades privadas fornecem uniforme, materiais, etc, aos mestres e aos alunos, e acreditam que estão salvando a capoeira do esquecimento. Na verdade, é que sua real preocupação é com a possibilidade de que suas pequenas ações possam livrá-las de impostos, e responsabilidades sociais que realmente sejam sentidas em suas contas.

Diante disso, temos visto muito que a “propriedade” da educação permanece estatal, mas em muitos casos, o setor privado define sua gestão e o conteúdo do processo educativo, isso pode trazer graves consequências para a autonomia do trabalho docente e a democratização da educação. Nosso objetivo é estudar a capoeira, mas acreditamos que seja preciso explicar para nosso leitor o que está nos bastidores do universo da educação, assim tudo

isso que vamos mencionar acaba influenciando a nossa capoeira, e para todos entenderem melhor vamos explicar. No universo educacional, existem exigências feitas pelo sistema privado que influenciam no modo que a educação funciona, assim como se observam distintas políticas de convênio e parcerias que atuam comprando material apostilado, adquirindo sistemas de gestão elaborados por instituições com ou sem fins lucrativos, ampliando as matrículas custeadas por recursos públicos em instituições privadas, além da terceirização de merendas e contratação de funcionários que não integram o quadro do magistério.

Nesse sentido, as parcerias que incidem diretamente no desenho da política educacional, muitas vezes, partem de um diagnóstico de que os professores não são capazes de planejar suas tarefas e por isso devem receber “tudo pronto”. Essa ideia é uma perda para o sistema educacional, o “tudo pronto”, muitas vezes, não atende as demandas de nossos educadores, entre eles nossos mestres de capoeira e seus alunos.

Vale salientar, que tudo é muito sutil, vejamos bem, nossos gestores governamentais usam como justificativa para a adoção desse tipo de parceria a busca por certa “qualidade da educação”, ainda que esta seja imposta por avaliações externas e ditadas por uma lógica mercantil. Sabemos que ao Estado cabe ofertar direito à educação mesmo com suas falhas, e com a lógica do sistema público e privado há um temor que o acesso ao sistema educacional seja limitado, tendo em vista que apenas o Estado, por mais que sua natureza universalista, e ainda limitadamente, por sua condição contraditória, pode exercer.

Até aqui notamos que tem havido uma progressiva força política empresarial na educação brasileira, assim precisamos está atentos que o capital-imperialista para garantir até mesmo sua sobrevivência precisa abarcar as diversas dimensões da vida social, inclusive a educação. Assim, no limiar do século XXI, então, o ideário empresarial ganha mais força no cerne da política pública educacional, vemos então que em 2006, grandes empresários e banqueiros criaram o Movimento Todos Pela Educação (TPE) e, de imediato, mostraram sua força política no Plano de Metas Compromisso Todos Pela Educação (Decreto n. 6094/2007). Em 2013, organizações como o Instituto

Ayrton Senna, a Fundação Roberto Marinho e o TPE criaram o Movimento pela Base Nacional Comum, que construiu e alavancou, em íntima relação com Estado estrito, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reestruturadora da educação básica brasileira.

Para membros que compõem o capital privado é comum defenderem a ideia que o Estado e os professores fracassaram no estímulo e funcionamento da educação, com isso para eles são desastrosos os resultados no quadro de repetência, de evasão e de baixo desempenho escolar, e para solucionar tais problemas seria legítima a participação do empresariado para auxiliar nas “reformas” dentro do ambiente escolar. Vale salientar, que “Atribuir todas as causas à incompetência genérica do Estado brasileiro permitia ressaltar o novo foco – gerenciar de maneira privada, concorrencial e lucrativa políticas públicas voltadas para a maioria da população” (FONTES, Op.Cit, p. 273).

O objetivo seria então que o capital privado dentro das escolas solucionassem problemas ainda persistentes no âmbito escolar, mas sabemos, no entanto que esses problemas vêm aprofundando, uma vez que simultaneamente, expandem-se, com velocidade exponencial, as empresas de ensino a distância, de livros e materiais didáticos, que nem sempre servem para solucionar as carências intelectuais dos alunos, e muitas vezes, esse processo não está preocupado com a formação docente. Então, o importante mesmo é que os alunos tenham as mínimas habilidades necessárias a um mercado de trabalho.

Sabemos que quem detém dos meios de produção é a elite, com isso notamos sua preocupação sobre a educação escolar, mas temos que analisar que há uma espécie de apartheid escolar, ou seja, a educação voltada para elite. Assim, existe toda uma preocupação, e uma lógica que forme indivíduos aptos para governar nossa sociedade, mas a educação voltada para as massas é marcada por uma lógica que vise o preparo do indivíduo para o trabalho simples, flexível e precarizado. O processo educativo está intimamente vinculado à racionalização da produção e a especialização da força de trabalho, uma vez que dentro das escolas estão presentes os interesses da elite que vem logrando êxito em fazer com que a classe trabalhadora

comungue de sua ideologia, uma vez que na educação sua ideologia cria vida e é perpetuada com grande potencialização.

O empresariado é apreendido por nós como um seletivo grupo de empresários (banqueiros, industriais, agropecuaristas, financistas e respectivos executivos) que, dotado de uma determinada “capacidade técnica e dirigente”, assume posição de prestígio e, portanto, de confiança na relação social de produção capitalista. Esse empresariado cumpre a função de corroborar a hegemonia burguesa, tanto no âmbito econômico quanto no político-ideológico, mesmo porque é uma das camadas criadas pela “classe que nasce e desempenha função essencial no plano da estrutura econômica” com vistas a lhe conferir “homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político” (GRAMSCI, 2001, p. 15).

Em nossa Campina, temos visto que nossas autoridades têm dado preferências às negociações e as interferências do capital privado no projeto capoeira nas escolas. Nesse contexto, surge uma interrogação que acreditamos ser importante fazer, porque as parcerias da prefeitura não foram feitas com as universidades públicas de nossa cidade? Uma das respostas que podemos perceber, certamente, está ligada ao próprio funcionamento do sistema capitalista, ou seja, predomínio generalizado do capitalismo vem demonstrando uma interconexão embebida de imperialismo, assim vai surgindo em nossa sociedade uma compreensão da dependência, do estado ao capital privado. Nós temos visto que alguns capoeiristas questionam esse mecanismo de submissão, mas, no entanto, observamos que outros capoeiristas educadores não têm essa mesma visão crítica, e passam a buscar alguma forma de lucro com o sistema, e as pequenas verbas que são destinadas a projetos que envolvam a capoeira são festejadas como grandes vitórias, pois não há uma visão mais crítica que os pequenos passos dados pela capoeira, contribuem para a expansão do próprio capital privado, que cada vez mais se promove dentro da nossa sociedade.

Nessa perspectiva, para a autora Fontes (2012), as circunstâncias contemporâneas trazem um forte fardo para as lutas (e os intelectuais) anticapitalistas nos países ditos “emergentes”. Assim, precisamos enfrentar nossas próprias classes dominantes em muitos casos, defensoras brutais do

capitalismo *tout court*, apesar de sua subalternidade frente aos capitais e os programas estrangeiros. Com essa afirmação, podemos concluir que não é fácil para os nossos capoeiristas que lutam para que seus grupos não fiquem tutelados a submissão a esse sistema que tem suas formas de opressão. Tem-se como exemplo, as migalhas que os projetos podem gerar, mas que diante da mídia e da sociedade como um todo, estão solucionando os problemas do “mundo da capoeira”.

Nossos capoeiristas educadores são trabalhadores urbanizados, que estão dispostos a vender – sob qualquer forma – sua capacidade de trabalho, dizemos sob qualquer forma, pois infelizmente devido a uma questão de sobrevivência alguns indivíduos vêm se submetendo a certas condições de trabalho. Sendo que, os contratos de trabalho têm duração determinada que, muitas das vezes, tiram a tranquilidade dos educadores, e carregando uma sequência de direitos que muitas das vezes não satisfazem os mestres, mas que por necessidade têm que se submeter, pois são necessitados de mercado – precisam vender algo, a começar por sua força de trabalho ou, – para garantir todas as suas necessidades. O acesso ao mercado figura– em sua forma mais abstrata, como a 'oferta de coisas', essa ideia de venda do produto, ou seja, a capoeira traz uma realidade inegável, ela perde seu valor quando colocada à venda pelo capital privado. Assim os direitos dos trabalhadores também são influenciados de forma negativa, e os ganhos financeiros para os capoeiristas são relativamente baixos. Para solucionar esses problemas vemos mestres desempenhando outras funções, e buscando participar de movimentos que gerem renda para sua sobrevivência.

Estamos vivendo a era dos trabalhadores com acessos muito desiguais a direitos (precarizados, terceirizados, contratos de curta duração, etc.). Essa realidade influencia nossos mestres de capoeira, então temos visto que no momento atual de certa maneira, reproduz-se na própria relação de trabalho um processo desigual e combinado, que agrega trabalhadores com graus diferenciados de direitos e remuneração na realização de tarefas amplamente socializadas. Observamos que há profissionais mais bem amparados com melhores salários, assistência, mais infelizmente há ainda dificuldade de ajustar essas melhorias para todas as profissões, e essa sem sombra de

dúvida é uma falha do sistema capitalista. Porém, mesmo com falhas seria muita presunção dizer que o capitalismo estivesse prestes a desmoronar em razão de seus próprios limites internos, por que esse capitalismo privado luta constantemente por sua sobrevivência e como resultado disso vemos as inúmeras parcerias que faz a exemplo com o Estado, juntamente com as prefeituras, o sistema vai criando laços de dependência e como resposta disso nossa capoeira não faz parcerias com as universidades públicas, mas sim com o sistema empresarial. Esse caminho que é marcado por estratégias de controle que visam à expansão sem precedentes das relações sociais de tipo capitalista, tanto do ponto de vista diretamente social e econômico, como cultural, ideológico e político.

Nesse sentido, temos visto um capital privado enclausurado em múltiplas teias hierárquicas que pode gerar desigualdades, o qual envolve políticos vividos por dinheiro, e com ajuda destes indivíduos o capital privado procura formatar modelos únicos de “desenvolvimento” e de “gestão da política” (e da luta de classes), aprofundando-se o encapsulamento nacional das massas trabalhadoras. Esse processo tende a reduzir a democracia, assim visando à ampliação do capital, parcerias são feitas com esse intuito. Nesse contexto, para nossos grupos de capoeira cabe apenas assumir a forma da “pura propriedade” e precisa converter-se ele próprio em mercadoria-capital, sim porque o capital faz isso tudo, sendo que a prática da capoeira é tornada produto para o mercado, nosso maior exemplo são as academias que oferecem aulas de capoeira, em que está a todo o momento ligado a lógica do mercado, e preocupadas com valor que o aluno pode pagar para que seu funcionamento seja interessante à dinâmica do mercado. Sendo assim, isso pode gerar um liberalismo selvagem, pois vemos que em nome do capital, massas de trabalhadores disponíveis e necessitados deste sistema, estão sujeitados a esse liberalismo selvagem. Mas, em contra partida, observamos que o Estado tem reservado à proteção a propriedade privada, e ao capital, mesmo que isso implique uma violência do Estado aos seus adversários que normalmente são as classes subalternas.

Nesse cenário, em que estamos mergulhados, cresce também a massa de capital fictício com dois fundamentos principais: extorsão intercapitalista

(fraudes diversas) e aumento das dívidas públicas, que passam a ter um novo papel: o de assegurar o controle futuro da massa de trabalhadores “nacionais”. Nossa Campina Grande foi marcada por esta realidade (fraudes diversas) e aumento das dívidas públicas, assim acreditamos ser importante mencionar este fato, pois o ocorrido se deu no cenário educacional. Então, em 2019, a operação Famintos foi desencadeada, no dia 24 de julho, em Campina Grande e outras cidades da Paraíba. Na época, a Polícia Federal, Ministério Público Federal e Controladoria-Geral da União investigaram um suposto esquema de desvios de recursos federais do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), geridos pela Prefeitura de Campina Grande. O prejuízo ultrapassa R\$ 2,3 milhões. Segundo o MPF, foi instaurado um inquérito para apurar supostos delitos relacionados a licitações e contratações fraudulentas no município de Campina Grande, principalmente, na Secretaria de Educação, envolvendo empresas de “fachada” e desvio de verbas provenientes de programas federais para compra de merenda escolar. Nesse contexto, para possibilitar aparência de legalidade aos atos praticados, a referida organização formalizou empresas de “fachada” através da utilização de documentos falsos ou de pessoas interpostas para ocultar a identidade dos reais administradores do conglomerado e das verdadeiras operações comerciais realizadas, resultando em violação ao caráter competitivo das licitações realizadas pelo município, e, assim, contratos superfaturados e cobrança por bens e serviços não fornecidos de fato ao município. Esses atos ilícitos trouxeram prejuízos ao patrimônio público, e as autoridades afirmam que a secretária de Educação, Iolanda Barbosa, e o secretário de Administração, Paulo Roberto Diniz, comandavam todo o esquema. Conseqüentemente, ambos foram afastados dos cargos pela Justiça por 180 dias, mas Iolanda teve mandado de prisão temporário expedido e foi levada para a Penitenciária Feminina de Campina Grande. (fonte: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/07/28/famintos-entenda-operacao-sobre-fraude-em-verba-da-merenda-de-campina-grande.ghtml>. Por G1 PB: 28/07/2019.)

Em síntese, essa é a lógica do capital privado, ou seja, o lucro mesmo que em favor de um grupo seletivo, o qual dita às regras para ter prioridade no dinheiro público, isolando-os dos demais e demarcando os limites para os

deslocamentos do capital para contas privadas. Então, segue a concorrência entre os trabalhadores, sempre lutando em meio a tudo isso por sua sobrevivência, uma situação marcada pela desigualdade, e controle de gastos públicos, algo fundamental para o capital-imperialismo – exercido pelos Estados e aparentemente empregado de forma “democrática”. Essa luta do capital privado imperialista está atravessada de contradições e tensões internas, que vêm sendo desviadas para os conflitos em regiões mais frágeis, vista em municípios marcados pela pobreza e, desigualdades de oportunidades entre seus cidadãos.

Desse modo, Antônio Gramsci (2012) atento às formas concretas da dominação de classes, identificou como a luta de classes em torno das imposições democráticas, havia resultado no crescimento dos aparelhos privados de hegemonia (sindicatos, partidos, jornais, imprensa, associações diversas), cujo conjunto configura o que chamou de sociedade civil. Para o mesmo autor, entretanto, a sociedade civil integra o Estado, é sua parte constitutiva. Por certo, no modelo de sociedade capitalista temos uma lógica pautada por uma ideia ficticiamente democrática, onde o intuito do Estado e do capital privado é fazer com que nossos cidadãos sintam que fazem parte da engrenagem do sucesso da nação, mas como podemos ver é uma ideia fictícia, uma vez que apenas um pequeno grupo usufrui plenamente deste progresso. Então, nossos capoeiristas, cada vez mais, estão despertando para esta problemática, especialmente, quando eles se deparam com escândalos que envolvem o mundo da educação.

Desse modo, o despertar não é uma tarefa fácil, uma vez que vemos nosso olhar ser direcionado para aquilo que a elite focaliza de forma intencional. Podemos citar um exemplo: as mais conhecidas lutas sociais contemporâneas – anti-racismos, feminismo/lutas de gênero e ambientalismo – estão marcadas pelo financiamento “generoso” do capital imperialista privado, em que tudo é pensado para que até mesmo a luta das minorias seja direcionadas para resultados que não tragam grandes revoluções para os grupos dominantes. Em suma, tudo funcional com muita sutileza, assim entidades públicas e privadas financiam as lutas que são de interesse dos subalternos, mas que no final essas lutas estão sobre o olhar e controle do

capital não só nacional, assim vão surgindo novas opressões, que só os mais aptos são capazes de detectar e apresentar soluções para o sofrimento dos marginalizados.

Em resumo, a verdade é que neste processo de luta e busca pela sobrevivência, através do trabalho, não somos muito otimistas em relação a nossa realidade. Pois, nossa história está, no seu interior, marcada por uma tensa dinâmica capital-imperialista, que o conjunto das relações sociais capitalistas consolidou no Brasil – expropriações, industrialização, mercantilização, violenta repressão das lutas de classe (atacadas quando defendiam apenas a efetivação de um modelo democrático-popular) e modalidades peculiares de ampliação do Estado.

Para Fontes (2012, p. 11) esse processo brasileiro pode ser denominado como uma ampliação seletiva do Estado, uma vez que ao lado estímulo e abertura à incorporação de entidades civis (ou filantrópicas) sustentadas por setores empresariais, ocorriam uma permanente repressão às organizações populares, inclusive sindicais.

No Brasil, derrubar essa ordem de desigualdade e de privilégios não é tarefa fácil para ninguém, uma vez que nossa história foi marcada por violações de toda natureza, tomemos como exemplo duas ferozes ditaduras (entre 1935-1945 e entre 1964-1988), que fomentavam a associatividade empresarial e asseguravam a manutenção da ampliação seletiva (agregação de entidades empresariais ao Estado) pelo exercício de extrema violência legal ou, quando ilegal, amplamente tolerada. Como podemos notar nossa história do presente quando marcada por fraudes e impunidades podemos buscar respostas no passado, pois vivemos em um país que tais atitudes são toleradas. Nesse cenário duro vemos nossos capoeiristas lutando contra a hegemonia do capital privado, e essa luta vem ocorrendo em debates a exemplo em debates de movimentos negro, ela também vem ocorrendo pela conscientização do nosso papel nas urnas. Então, as eleições ainda é nossa melhor resposta para combater aqueles que estão lutando pelas elites burguesas.

Ainda nessa perspectiva, acreditamos que fazer mais algumas considerações seja importante. Para a estudiosa Fontes (2012) as

reestruturações empresariais aprofundaram o desemprego e reconstituíram sob novos moldes o padrão desigual, ainda segundo a mesma:

Disseminação de novas entidades mercantil-filantrópicas (sem fins lucrativos) voltadas para apassivar as lutas sociais, proclamadamente 'apolíticas' e direcionadas para a gestão econômica (e cultural) das carências sociais. Implementaram uma "pobretologia", que fomenta a desvinculação entre direitos universais e gestão da pobreza e, last but not least, produziram significativa massa de gestores (bem remunerados) de trabalho precarizado e sem direitos, apresentado como "voluntário". Esse novo viés traduz as diretrizes capital-imperialistas para a contenção da classe trabalhadora ao mesmo tempo em que aprofunda sua fragmentação, utilizando novas modalidades de trabalho desigual e combinado (FONTES, 2012, P. 12).

Diante de tal problemática, as entidades mercantil-filantrópicas em vez de solucionar problemas que há muito tempo estavam enraizados na nossa sociedade, nos trouxe outras questões para nós pensarmos e solucionar. Nesse âmbito, os programas públicos voltados para a redução da pobreza apoiaram-se decididamente nas entidades sem fins lucrativos, em boa parte criadas, mantidas e dirigidas por setores empresariais, resultando em maior redução dos direitos sociais de tipo universal. No Brasil, não só foi apenas a educação que passou por uma exponencial privatização, vimos também isso ocorrer na saúde, transporte etc, especialmente, nos governos Fernando Henrique Cardoso 1994-2002) e no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Com esse processo temos visto uma fragmentação da classe trabalhadora, onde diferentes classes lutam por distintos direitos. Sendo que, as lutas quando aterroriza as autoridades, estas mesmas passam a buscar formas mais violentas de contenção das lutas populares.

Infelizmente, como diria Luiz Fernando Verissimo (2015) está no DNA da classe dominante brasileira, que historicamente derruba pelas armas se for preciso, toda ameaça ao seu domínio, seja qual for sua sigla. Vamos nos aprofundar um pouco mais sobre hegemonia burguesa na educação pública, pois acreditamos que analisar um pouco mais sobre esta condição seja importante, uma vez que passamos a desvendar o que está ocorrendo com nossa educação que deveria ser pública democrática e não menos importante de qualidade. Em síntese, é claro que notamos como esta hegemonia deixa nossos capoeiristas educadores tutelados a esta problemática.

Nesse interim, notamos que nos últimos anos, nós encontramos em espaços sofisticados como os da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) e em bancos, particularmente liderados pelas organizações em torno da holding Itaú-Unibanco, vários eventos com consultores muitíssimo bem pagos que estão se dedicando a pensar a educação da classe trabalhadora de forma organizada, permanente e sistemática. A luta destes grupos privados é justificada através da ideia e projetos ‘Todos pela Educação’, mas o que isso realmente pode implicar para nosso sistema educacional, muitas das vezes nós não notamos que o sistema hegemônico e privado esteja por trás do funcionamento educacional, seja da educação básica ou profissional, vamos descobrindo aos poucos que por trás de cartilhas, projetos educativos, os convênios e os telecursos são influenciados por este sistema tão astuto.

Tudo é bem organizado e pensado, e dentro do sistema há divisões com diferentes funções. Vamos explicar para que todos entendam, pois existe um setor do movimento que elabora sobre educação, discute como pensar e organizar a escola, como constranger a escola a atingir metas, e como pensar modelos gerenciais, material pedagógico, cartilhas, livros etc. São responsáveis por pensar a pedagogia, e tem outro grupo, dentro do movimento ‘Todos pela Educação’, que faz a construção de classe: buscam os aliados, conversa com setores dominantes da indústria, do comércio, bancos, serviços. Faz parceria, dá dinheiro, apoia projetos. Há outro grupo que procura ligar as massas a seus projetos, para isso eles falam sobre educação nos meios de comunicação que operam junto com esse movimento. É eleito um representante da classe burguesa dominante, que fala dos projetos que remetem a educação como se tal concepção representasse o interesse geral da sociedade. Como podemos observar estamos todos envolvidos por esse maquinário altamente inteligente e manipulador, os frutos que a educação gera tem que ser satisfatória para todo este sistema de articulações.

Essas relações de criação e manipulação, para Gramsci (2012) caracterizam como a direção intelectual-moral do conjunto da sociedade: a apresentação de uma agenda que é particularista, porque é do capital, como se

fosse uma agenda de todos. É como se este sistema fosse beneficiar a todos, mas como sabemos não é assim, um exemplo que já mencionamos é a nossa capoeira, na ocasião o capital privado se promovendo as custas do trabalho árduo e precário de mestres de capoeira. O capital hegemônico investiu pequenas verbas em projetos ligados a capoeira, e a capoeira por sua vez através do processo de luta e resistência vem cada vez mais crescendo e sendo reconhecida a ponto de produzir diversos prêmios, tanto no exterior como na nossa nação. Então, essa realidade tem atraído o sistema privado, que em primeiro lugar, visualiza que cada criança, cada jovem, cada trabalhador é pensado como um fator da produção. Nesse momento, o ser humano é coisificado, uma vez que gera capital para uma elite privilegiada, e a educação é decisiva para esse processo.

Educadores e pessoas mais conscientes de toda essa dinâmica, vêm lutando há muito tempo por mudanças. Tomemos o exemplo da Lei 5692/1971 que, inspirada no capital humano, propugnava que toda juventude que estava na escola pública — portanto a juventude da classe trabalhadora — deveria ter uma profissionalização compulsória. Estava sendo criada uma verdadeira segregação, assim os filhos da elite deveriam ir à escola e essa deveria ser voltada para a ciência, e que esses alunos absorvessem esse saber, e que os filhos dos pobres tivessem uma educação voltada para servir esta elite, através de uma profissionalização compulsória, massiva e aligeirada. Assim, a ideia de abrir oportunidades iguais para todos, estava sendo combatida através de ações de nosso governo.

Nesse sentido, o capital privado hegemônico, desde a década 1990, vem trabalhando com a ideia que a escola se massificou, mas não tinha qualidade. Portanto, era necessário fazer uma avaliação sobre esse fracasso, essa avaliação que eles mencionam é justamente medidas que vêm atacando de forma desleal nossos profissionais da educação, bem como responsabilizando nossos profissionais pelo fracasso educacional, e como resultado de tudo isso teríamos trabalhadores fracassados e despreparados para o mercado, uma forma que eles encontraram para “solucionar” o problema seria justamente a interferência do capital privado nas escolas, e que fossem sendo construídas parcerias com as prefeituras. Nesse momento, acreditamos que respondemos

a nossa pergunta inicial sobre o porquê a capoeira na escola existe a hegemonia do capital privado e porque nossas autoridades não buscaram fazer parcerias com universidades, e outra possível resposta é que as parcerias com o capital privado possibilitam ao Estado e aos municípios tirarem algum proveito financeiro para seus cofres.

Desse modo, o capital está operando hoje na Educação Básica e superior de forma coercitiva. Vamos explicar, em 2006, no governo de Lula da Silva foi criado o plano ‘Todos pela Educação’, sendo que está agenda, hoje, compõe o Plano Nacional de Educação (PNE) e objetiva muito claramente redimensionar o lugar do Estado na educação pública brasileira. A ideia fundamental é que o gasto público seja composto não de recursos para as escolas públicas, mas para todas as parcerias público-privadas: FIES [Financiamento Estudantil], Prouni [Programa Universidade para Todos], Ciência sem Fronteiras.

Em suma, essas formas de leis criaram certa submissão dos professores, diretores e secretários de educação, uma vez que os profissionais têm que implementar e ter sucesso nas metas do ‘Todos pela Educação’ e o controle se dá dentro da sala de aula por meio das metas. Se a escola não atingir a meta do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), os professores e trabalhadores da Educação serão penalizados com perdas salariais e também com perdas simbólicas – uma vez que a escola ganha a imagem de ‘Esta é uma escola de baixo Ideb, porque os seus trabalhadores são incompetentes’. Até aqui acreditamos ser importante mencionar tudo isso, uma vez que nossos mestres são educadores e, estão sendo junto com outros profissionais da escola, influenciados mesmo que contra sua vontade.

Até aqui sabemos que setores dominantes desenvolvem uma educação para nos “coisificar” como força de trabalho. A partir daí podemos questionar como os trabalhadores da educação, entre eles nossos mestres de capoeira, podem forjar um projeto político e estratégico para que possam mudar esse quadro na educação. Primeiramente, temos que entender a maneira de produzir conhecimento não pode ser dogmaticamente assimétrica, vertical, pressupondo que cada criança, cada jovem e cada trabalhador é uma página em branco que pode ser livremente preenchida desde que o professor saiba reproduzir certa cartilha. Nossos educadores têm como bons cidadãos o dever

de serem comprometidos com o progresso, e eles devem refletir um método e uma forma de pensar a questão popular. Por certo, é preciso que eles formem futuros trabalhadores conscientes e que a educação retire os trabalhadores daquela condição de massa de manobra, de massa indiferenciada, de rebanho político a ser manipulado, assim identificando em cada trabalhador a sua condição de pessoa, com consciência de direitos sociais, das leis, da legislação trabalhista, entre outros.

O educador deve combater essa condição de massa de manobra que nossos educandos se encontram presos a superstições, sem capacidade de contextualizar a sua situação de exploração — para uma transitividade inicialmente ingênua, que trabalharia com o que poderíamos chamar de senso comum, até chegar a uma transitividade crítica. Fazer esse caminho não é fácil uma vez que nossa educação segue modelos preestabelecidos há muito tempo. Tomemos como exemplo a década 1960, que em relação à educação não colocava o problema do fim da exploração do trabalho. Não colocava ainda as questões da propriedade privada, das relações burguesas. Assim como, pouco contemplava o problema da revolução, do socialismo, da abolição das classes.

O fato é que dentro da educação não temos aliados burgueses que desejem ver reformas que tragam verdadeiras revoluções para as massas, logo levamos a crer que reformas na educação que beneficiem o trabalhador e seus filhos devem ser feitas através de revoluções, e deve ser por confronto, bem como por meio de lutas democráticas. Nessa perspectiva, Florestan (1981) diz que nós precisamos ter formas de autoformação, de autoeducação da classe, mediadas inclusive pelas escolas que permitam que os trabalhadores tenham como segunda natureza uma perspectiva para o socialismo e no socialismo, ou seja, precisamos de uma educação unitária que recuse a disjunção entre quem manda e quem obedece quem pensa e quem executa. Por isso, é uma escola unitária e a inspiração mais densa disso é gramsciana.

Nesse contexto, devemos ter concepções, projetos, e elaborações próprias sobre educação. Nós precisamos ter formas específicas de juntar os que vivem do próprio trabalho e os que são explorados. Nesse cenário, nossos educadores vivem numa situação dúbia, pois hora são explorados e hora vive

do seu trabalho, mesmo sobre condição desfavorável em relação ao salário, e uma condição de trabalho digna. É necessário, portanto, um novo ponto de partida para a defesa da escola pública. Se os setores dominantes têm uma agenda sintética clara e objetiva para converter cada criança e jovem em fator de produção, nós temos que ter uma agenda para assegurar que, através das lutas, nossos estudantes possam ganhar estabilidade e dignidade frente à educação e aos postos de trabalho que no futuro iram exercer.

Para isso, é necessária formulação e execução de táticas, assim como nossos educadores devem ser mais seletivos quando passar suas lições para seus alunos trazendo cada um para uma reflexão crítica acerca de sua realidade da sociedade em que eles estão incluídos. É preciso que nossos alunos tenham consciência que para haver a valorização do capital direitos seus são sacrificados e que só através da luta organizada a exemplo a atuação ativa de sindicatos, protestos e outros, podemos mudar este quadro. É preciso que todos também pensem sobre a origem e da função do Estado, que nossa consciência crítica cobre dessa intuição uma postura a favor do povo e não sempre agindo como elemento de submissão do capital privado hegemônico. O Estado tem que ser responsabilizado por sua ausência frente à instabilidade vivida pelos trabalhadores e seus filhos. Nessa perspectiva, podemos mencionar Marx e Engels (2007) que têm claro, portanto, que a extinção do Estado é o resultado final do processo revolucionário. E dessa forma, haveria um longo caminho a percorrer. A emancipação política da classe que vive da venda da sua própria força de trabalho, embora sempre parcial e limitada – posto que conquistada nos marcos da legalidade burguesa –, é ineliminável do processo e não deve e nem pode, pois, ser desprezada como parte de uma luta maior. Uma vez conquistado o poder político pela classe trabalhadora, a transição socialista promoveria o desmonte da dominação capitalista, antes do comunismo em sua plenitude (a emancipação humana).

Dessa forma, que nossos alunos conheçam mais sobre assuntos como socialismo, comunismo, ação pela plena democracia, assim eles vão entendendo que infelizmente nosso Estado está ligado aos interesses maior, que em média não remetem a necessidades dos mais carentes, a esse respeito Marx e Engels explica:

A burguesia, por ser uma classe, não mais um estamento, é forçada a organizar-se nacionalmente, e não mais localmente, e a dar ao seu interesse médio uma forma geral. Por meio da emancipação da propriedade privada em relação à comunidade, o Estado se tornou uma existência particular ao lado e fora da sociedade civil; mas esse Estado nada mais é do que a forma de organização que os burgueses se dão necessariamente, tanto no exterior como no interior, para a garantia recíproca de sua propriedade e de seus interesses. (Marx e Engels, 2007, p. 75, grifos nossos).

Com a lei que traz a capoeira para dentro das escolas, como vemos há muitas questões que ainda devem ser trabalhadas, para que todos possam se beneficiar da lei promulgada pelas nossas autoridades, bem como ainda existem muitos problemas que estão ligados ao universo da capoeira e aqui vamos esclarecer para vocês nossos leitores. Primeiro vamos pontual um deles: outro problema real enfrentado por nossos mestres de capoeira em Campina Grande está relacionado ao fato que hora os mestres estão preocupados com a falta de alunos ou hora os mestres estão preocupados com o número de alunos por aula, além de uma turma de capoeira permitir alunos de diversas condições, muitas delas são lotadas, sendo assim um mestre tem que ministrar aula para quarenta, cinquenta e até mais alunos. Obviamente o professor não consegue dar a mesma atenção a cada um da mesma forma que daria se tivesse um aluno apenas. Assim, acreditamos que está realidade deve ser vista pelas as autoridades do campo da educação, e para com isso não haver estresse para o mestre de capoeira e nem para os alunos. Desse modo, a capoeira é uma atividade prazerosa e não devemos descaracteriza-la por falta de planejamento.

Segundo nossos professores, quando existem muitos alunos por turma, eles buscam desenvolver entre os alunos a solidariedade, assim um aluno pode passar para seu colega os movimentos que ele aprendeu com maior facilidade, e a solidariedade é de todos. Em Campina Grande, a capoeira nasceu podemos assim dizer nas ruas, uma vez que a capoeira teve sua gênese nesta cidade através de um movimento não “convencional” ou ainda dito não 'cerimonioso', pois a prática foi realizada não de imediato em uma academia ou dentro das escolas. A capoeira, desde a década de 1980 a 2014, na cidade vem lutando por espaço, tanto físico como o reconhecimento como patrimônio cultural da cidade. É um caminho árduo que os educadores vêm enfrentando, dizemos isso, pois a luta não é só do mestre, mas também dos

diretores das escolas, do secretário de educação. A luta é de todos que observam na capoeira um processo de evolução intelectual e físico dos alunos, por isso que falamos de solidariedade, pois esse sentimento move a todos pela luta de sobrevivência da capoeira.

No momento, almejamos passos largos, isso significa que a capoeira possa ser aceita por todos e em todos os campos, e que ela não seja apenas praticada nas escolas. Assim, sabemos até o momento que a capoeira em Campina Grande venceu e vem vencendo o olhar preconceituoso especialmente de alguns indivíduos que compõem a elite, os quais apenas observam a capoeira como uma atividade de chutes e esquivar-se de golpes, porém sabemos que isso não expressa à totalidade do que a capoeira tem a oferecer, pois existem diversos valores que são transmitidos concomitantemente durante os treinos e que conferem significado à atividade.

Em síntese, a nossa luta enquanto educador é criar uma comunidade de aprendizagem. Então, buscamos a aceitação de todos que compõem a sociedade e isso envolve a elite também, o objetivo maior é que todos desenvolvam um sentimento de pertencer à atividade, assim para Figueiredo (2002), o sentimento de pertencer da pessoa favorece a construção de sentido da atividade para aquele indivíduo o que promove o último dos componentes citados: a identidade. Para o mencionado autor, o aprendizado verdadeiro, em meio à relação, transforma a pessoa. A capoeira, vendo significado na atividade, busca se inserir na comunidade que passa a fazer parte da construção da sua própria identidade.

Esse é o caminho almejado pelos mestres de capoeira na cidade de Campina Grande, que na essência dos indivíduos eles pertençam essa atividade. Para isso acontecer estamos vendo a humildade dentro dos treinos, uma vez que a relação de hierárquica entre os capoeiristas não se reflete em obrigações, obediência de inferioridade por parte dos menos graduados, mas sim em responsabilidade do mais graduados, em também tomar parte no processo de aprendizado do outro, havendo o respeito ao iniciante, isso possibilita que o mesmo possa aprender com seus colegas de treino.

Com nossa pesquisa temos observado que nossa capoeira no campo da educação, mesmo inserida em uma sociedade de memória essencialmente escrita como a nossa e, sendo assim, sofrendo influências dela, continua a se configurar como grupos onde o mais essencial se transmite pela prática, através dos movimentos, oralmente e pelos ritmos e cânticos. Os saberes são passados prioritariamente pelos mestres e capoeiristas mais antigos em conversas, músicas cantadas durante as rodas, ensinamentos de técnicas, macetes de golpes e movimentações aos mais novos.

Apesar do crescimento de material escrito sobre a prática, inclusive escrito pelos próprios mestres, continua sendo principalmente a partir desses meios que o conhecimento é passado na capoeira. É claro que essa realidade está mudando aos poucos, e muitos são os estudiosos que estão adentrando no universo da capoeira e cada vez mais estudando sua prática, isso para nós que amamos tanto a capoeira é sem sombra de dúvida, uma ótima notícia, pois temos visto ainda dificuldades em nós estudiosos para adentrar no mundo da capoeira por falta de material escrito. Por certo, por causa da dificuldade que nós pesquisadores temos de acesso aos mestres de capoeira, passamos a questionar a veracidade dos materiais que analisamos, então almejamos que com passar do tempo muitos autores possam se encantar pela capoeira e produzir textos que possibilitem relevantes informações e que, não menos importante, os mestres possam produzir também, e passar suas experiências para cadernos e, por fim livros que cheguem as escolas públicas, academias. Diante disso, somos crentes que não basta apenas conhecer os golpes de capoeira, é preciso conhecer sua história, seu processo de formação e luta pela sua sobrevivência.

Na minha graduação em história fiz trabalhos que envolveram o tema capoeira na escola. Assim em 2012, desloquei-me com minha orientadora até escolas públicas em Campina Grande, foram três escolas que analisamos, que no momento não vou mencionar o nome, mas o que ficou para nós pesquisadores foi uma grande experiência. Na nossa pesquisa, tínhamos como objetivo entender qual concepção os alunos tinham sobre a capoeira, como eles enxergavam a cultura negra, e como eles traziam para seu dia a dia a capoeira, para que ela não ficasse apenas sendo tema falado nas

escolas. Nesse sentido, podemos através de um questionamento feito com os alunos, chegar à conclusão que muitos alunos do ensino médio e fundamental pouco sabem realmente sobre o que é a capoeira, eles conhecem alguns exercícios que denominamos de golpes, sabem qual papel do mestre que para eles são os professores que detêm o conhecimento, mas quando aprofundamos sobre o que eles entendiam sobre como a capoeira surgiu em Campina Grande, de que povo ela foi originada, como ela é vista na nossa sociedade, poucos alunos conseguiram responder nosso questionamento, raros sabiam da história do povo negro, por exemplo, não houve nem um discente que soubesse responder quando e como a capoeira surgiu em Campina Grande. Sem dúvida, essa foi uma grande decepção para nós que estávamos pesquisando sobre o assunto, pois os alunos já tinham contato com a capoeira, mas não sabiam quase nada de sua origem e dos mestres que lutavam pela capoeira em nossa Campina.

Com nossa pesquisa podemos levar essas informações para congressos na Paraíba. Sendo assim, difundimos essas informações para nossa universidade que estávamos vinculadas: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e produzimos relatórios como os resultados para grupos de pesquisa. Então, com nossa pesquisa tínhamos a esperança que esse quadro mudasse, sabemos que foi uma experiência frustrante, pois não vimos grandes mudanças. A pesquisa ocorreu a partir 2012, com nosso resultado buscamos contato com professores das escolas públicas, professores de história especialmente, uma vez que tínhamos o intuito que eles, com nossas informações, trabalhassem sobre a capoeira e sua história. Saímos destas escolas com um sentimento que não fomos autossuficientes, uma vez que notamos que nas bibliotecas destas escolas não havia livros que trabalhassem de forma sistemática a capoeira, somente existiam livros com breves citações sobre a temática em questão.

Nesse contexto, outra decepção foi o fato que notamos que os alunos muitos, por não conhecerem a capoeira, tinham preferencia naquele momento de jogar bola, se deter aos seus celulares, computadores da escola. Assim, para nós educadores foi um momento difícil vê essa situação, uma vez que temos tanto apreço pela capoeira. Vale salientar, que a lei que possibilita o

ensino da capoeira nas escolas, ainda não tinha sido aprovada em comissão, os alunos pouco sabiam dessa manifestação esportiva. Contudo, a situação mudou com a lei, pois, na nossa Campina temos mais de 120 escolas municipais praticando a capoeira, através do projeto capoeira nas escolas.

Quando fizemos a pesquisa muitos discentes viam a capoeira como uma brincadeira, um momento para está com amigos, e o mais complicado de tudo isso, é que nossos mestres estão lutando contra um problema cada vez mais presente na nossa sociedade, pois os alunos dão preferência a estarem conectados às redes de inteligência artificial, e a todo o momento estão preocupados com celulares, maquinas de jogos eletrônicos, entre outros.

Em meio a tudo isso, como competir com essas fontes de distração? Muitos alunos afirmaram que preferem “está na sua, quieto no seu mundo conectado com outras pessoas que naquele momento estavam distantes deles”, isso foi uma grande revelação para nós, pois não estávamos conscientes que esses problemas estavam presentes no universo da capoeira. Os alunos preferiam estarem ligados à inteligência artificial, que fazer algum esporte. Assim, como vemos nossos mestres são verdadeiros heróis, pois em uma sociedade que dar prioridade a tudo que traz conforto, que pouco valoriza o esporte, uma vez que dentro das escolas faltam incentivos para tais práticas, competições, etc. ainda tem que vencer as distrações constantes que perpassam as mentes dos alunos.

Com nossa pesquisa de 2012, da Universidade Estadual da Paraíba, podemos observar que no passado, na década de 1980, a luta era para que a elite valorizasse nossa capoeira, bem como para que os jornais locais não divulgassem apenas pequenas notas falando dos eventos da capoeira. A luta era contra um regime opressor, e não menos importante estávamos vendo uma capoeira absorvendo elementos da modernidade, com influencias do sistema capitalista. Agora a luta como podemos observar tem outros focos, para isso é preciso que a capoeira voe outros voos, talvez mais difícil no meu ponto de vista, uma vez que no passado havia uma luta pela sobrevivência da capoeira. Agora vemos mais alunos mantendo pouco interesse na prática, e essa sem dúvida, é uma questão para nós historiadores debater em eventos e artigos.

Diante do exposto, como estudiosa do assunto como nós enxergamos a solução para esse problema tão presente em nossa campina? Para nós a solução está em resoluções que venham de políticas educativas, vamos explicar melhor. Primeiro, o Estado tem que reconhecer que a capoeira faz parte de nosso folclore e cultura e por isso ela já é importante. Segundo, é preciso investimento na capoeira, o dinheiro tem que chegar às escolas para que os diretores comprem uniformes, material que envolve a prática, e não menos importante às verbas para incentivar as competições entre escolas, uma vez que as competições contribuem para que os alunos vejam a capoeira como uma modalidade esportiva importante e que essa modalidade possibilite prêmios para os vencedores. É claro que não defendemos que a capoeira seja um esporte que exige dos seus praticantes um alto rendimento, e uma agressividade nas competições, pois para nós a prática da capoeira deve ser prazerosa para nossos alunos.

E não menos importante, é necessário que no campo da educação haja o incentivo ao desenvolvimento da pesquisa e dos estudos sobre a capoeira. Nesse interim, no percurso da nossa pesquisa identificamos os problemas que estão presentes no universo da capoeira. As verbas para os pesquisadores são insignificantes, falo por experiência própria, quando realizei minha pesquisa sobre a capoeira quase não tive ajuda de custo, todo material, transporte para ir às escolas, etc. foram pagos por mim e minha coordenadora da pesquisa. Essa situação chega a ser uma realidade de desprezo para com nós pesquisadores, mas o desprezo maior é para a capoeira, e isso sim é uma problemática latente, pois sabemos o quanto ela é importante para aqueles que a tem como fonte de cultura e transformação social.

Ainda desejamos acrescentar outra questão que para nós é importante, somos historiadores e estamos preocupados com a capoeira por uma visão de formação a partir da história, assim notamos que posteriormente com a lei que propicia o ensino da capoeira nas escolas, nós advertimos que ainda há um campo dividido dentro da escola, vamos explicar. Sendo assim, o educador físico ensina a capoeira a partir daquilo que ele denomina importante, daquilo que ele denomina primordial ao aluno aprender, então vimos educadores físicos preocupados mesmo com os movimentos que os alunos tinham que

aprender, mas decorremos que muitos estavam desligados de uma visão que podemos dizer que é muito ligada a nós historiadores, ou seja, a visão de preocupação que as escolas sejam capazes de incorporarem saberes culturais originalmente africanos e transformá-los em instrumento promotor da superação do preconceito. É imprescindível que haja um entendimento político quanto a essa questão, e uma inclusão direta do professor em relação a essa realidade, não estamos apenas preocupados com os golpes que os alunos aplicam, estamos indo além disso, pois como historiadora notei que há dentro da escola dois campos que precisam se comunicar: o campo do educador físico e o campo do historiador. Vejam bem, não estamos julgando nem os historiadores e nem os educadores físicos, nessa luta ninguém é melhor que ninguém ao contrário, tem que haver harmonia no trabalho desempenhado pelo historiador e educador físico.

Nesse cenário, sabemos que ainda há preconceito em relação a problemática exposta acima, pois uns dizem que nós historiadores amamos demais a história, e outros dizem que os educadores físicos, alguns, não desejam perder “tempo” com a história que envolve a capoeira. Infelizmente, com isso quem sai perdendo é o aluno, pois ficam em meio a essas questões, e isso reflete no seu aprendizado, uma vez que como tenho visto muitos não sabem nem como e quando a capoeira surgiu em Campina Grande. Para nós estudiosos que tivemos contato com esses alunos, identificamos essa falha, no entanto essa não é uma realidade universal presente em todo Brasil ou em todas as escolas. Nossas autoridades já identificaram este problema e uma resposta a essa situação foi elaboração como sabemos da lei 10.639/03, que por meio desta lei foi instituída a obrigatoriedade do ensino da cultura africana, sua história e demais assuntos que lhe dizem respeito, sendo incluído nos currículos escolares.

Sobre a lei mencionada acima, temos a dizer que ela foi bem elaborada, mas ainda pouco conhecida pelos educadores, muitos conhecem ela mais não entendem a sua essência, pois pouco vivencia no seu dia a dia, foi o que identificamos nas escolas que frequentamos por mês. Assim, os educadores conheciam a lei, mas os alunos não, e os educadores entendiam o assunto mais não estavam se “esforçando” para aplica-la, contudo como chegamos a

esta conclusão? Da forma mais simples possível, através das respostas que foram produzidas pelos alunos. Não queremos denegrir a imagem de nossos docentes, uma vez que sabemos de suas lutas diárias para levar esclarecimento aos alunos, mas temos que reconhecer que se os alunos não estão devidamente esclarecidos sobre a capoeira e sobre sua prática, então existem problemas sim para serem solucionados.

Não estamos dizendo aqui que tudo isso é culpa do historiador ou do educador, as coisas são mais complexas do que pensamos, temos plena consciência que se há falhas, é porque nossos educadores não estão sendo bem estruturados, então acreditamos que a solução vem das autoridades educacionais, e instituições de ensino superior, pois todos devem instruir bem nossos educadores, para com isso termos novos resultados no universo educacional.

Nesse âmbito, esse problema é tão real que quando fomos apresentados em um congresso ganhamos um prêmio, não por que fomos os melhores em solucionar, até por que como disse não solucionamos, e isso até hoje nos traz frustração. O prêmio foi mesmo por nosso empenho e pelas nossas ações em ter coragem de expor a realidade, e por certo o reconhecimento mediante premiação foi dado como um incentivo para que nós não parássemos e lutássemos cada vez mais pela capoeira. Sabemos que não fizemos milagres com nossa pesquisa, mas entendemos uma coisa: estamos divulgando a capoeira, um exemplo disso é esse trabalho que estamos fazendo agora no curso de Mestrado, não imaginávamos que nossa temática teria chegado até o curso de mestrado, sem sombra de dúvida para nós é motivo de orgulho. Portanto, esperamos que essa mensagem de informação valiosa chegue a outros campos e com isso ajude a nossa arte que é maravilhosa, assim almejamos que a capoeira cada vez mais brilhe em nossa Campina.

No momento nosso trabalho está focado para chamar atenção para “Falta de preparação e capacitação dos professores”, e a “Falta de conhecimento dessa cultura, falta de materiais, medo do desconhecido”, e a “busca pela aceitação dos pais”, bem como “mostrar preconceitos que ainda assombra o universo da capoeira a exemplo que ela é uma luta violenta”. Ou seja, nossa luta ainda não acabou em quanto houver alunos com livros que trazem apenas

uma pequena menção sobre a capoeira, enquanto existirem professores com dificuldades no seu ofício por diversos problemas estaremos lutando, eles na sua prática de ensino e nós aqui discutindo o problema para quem sabe eles de fato sejam solucionados.

Como vemos acima, está difícil para nós pesquisadores, imagina para os mestres, é por esta razão que muitos vão adentrando em outros universos, outras profissões, com tudo isso, eles passam a não acreditar na sua prática no seu ofício. Vale salientar, que esta não é uma realidade para todos, pois ainda temos grandes nomes de capoeiristas educadores lutando pela educação, e que ela seja possível através da contribuição da capoeira. Nesse cenário, acreditamos que seja interessante fazermos algumas interrogações, a exemplo: na capoeira não houve progresso, valorização, estímulo e investimentos ao longo destes anos? Vamos ao próximo capítulo responder estas questões tão importantes para nós neste momento da nossa pesquisa.

CAPITULO VI

A VALORIZAÇÃO, E INVESTIMENTOS NA CAPOEIRA.

A princípio, nesse momento vamos analisar os investimentos e os incentivos que a capoeira foi ganhando, através do processo de luta e afirmação por sua sobrevivência. Mesmo que os investimentos não tenham mudado a vida de todos os mestres de capoeira, podemos dizer que eles foram importantes, pois deram mais visibilidade a capoeira e esperança num futuro promissor para a prática. Desde sua gênese, a capoeira era uma ameaça ao poder hegemônico, e as rodas quando foram realizadas ocorriam em locais informais, ou mesmo na rua, Silva (2003), descreve a roda de capoeira como um mundo simbólico, feito em:

Pequenos metros, por dois jogadores ao som de uma orquestra de tocadores de percussão, sob a animação de vários (as) capoeiristas em forma de círculo, uma espécie de disputa dançada, e no qual o espaço se parece ter intenção de conquista e superação (SILVA, 2003, p. 90).

Assim a capoeira passou por mudanças, uma vez que houve transformações nas regras e até mesmo no público que a pratica. Cabe ressaltar que, em rodas atuais, existem pessoas de diferentes religiões e condições econômicas, notamos também que houve alterações no meneio de corpo, ou seja, na ginga da capoeira, pois no passado a ginga da capoeira era como movimento metafórico do diálogo do negro escravo com uma sociedade que o maltratava. Apesar das mudanças, vemos ainda na capoeira praticada em Campina Grande, uma forte ligação com a capoeira Angola e a Regional, essas modalidades da capoeira são elementos de diálogo permanente com essa realidade histórica nascida no tráfico, no trabalho compulsório dos negros africanos e na realidade de uma vida longe de sua terra natal em condições totalmente adversas.

Através das lutas pelo reconhecimento houve progressos para a capoeira. Nesse momento, vamos falar um pouco sobre cultura e todos os leitores vão entender onde a capoeira teve ganhos. Na cultura brasileira, a capoeira era tida como coisa de negro, sem muito valor agregado a ela, essa ideia gerou ações na nossa sociedade, pois a capoeira foi penalizada nos códigos penais, e os mestres mal tinham como ganhar sua sobrevivência praticando a capoeira,

essa sem sobra de dúvida era uma situação que tinha que mudar para o bem de todos, e houve mudanças sim, uma vez que hoje a capoeira é vista como herança cultural brasileira, mas não como qualquer herança por menor. De certo, ela é reconhecida internacionalmente, com esse processo vimos que no governo do presidente Lula, a capoeira obteve ganhos significativos, deixamos claro que não pretendemos aqui fazer propaganda de políticas de governo, nossa luta é mais nobre que isto, pois buscamos mostrar a nossa capoeira.

De acordo com Soto et alii (2010), foi no governo Lula que houve, por parte do Estado, uma maior inflexão no tratamento da questão cultural. Um de seus maiores desafios seria resgatar o papel institucional do Ministério da Cultura (MINC) como formulador, executor e articulador de políticas de cultura. Mas isso o que significou para a capoeira? Não vamos esquecer que a capoeira agora é vista como símbolo de nossa cultura e com valor agregado a ela. Com essa nova política entre as mudanças propagadas e instaladas pelo Ministério da Cultura estão:

Entre as mudanças propagadas e instaladas pelo Ministério da Cultura nas gestões Gilberto Gil e Juca Ferreira, vale destacar: 1) o alargamento do conceito de cultura e a inclusão do direito à cultura, como um dos princípios basilares da cidadania; sendo assim, 2) o público alvo das ações governamentais é deslocado do artista para a população em geral; e 3) o Estado, então, retoma o seu lugar como agente principal na execução das políticas culturais; ressaltando a importância 4) da participação da sociedade na elaboração dessas políticas; e 5) da divisão de responsabilidades entre os diferentes níveis de governo, as organizações sociais e a sociedade, para a gestão das ações. (SOTO et alii, 2010, p.30)

A partir de então, as políticas culturais são consideradas pelo Ministério em três dimensões, ou seja, cultura como expressão simbólica (estética e antropológica), cultura como direito de cidadania de todos os brasileiros e cultura como economia e produção de desenvolvimento (BONFIM & VIEIRA, 2010, p. 4). Segundo os autores, a ideia de cidadania cultural se insere numa perspectiva democrática e toma os indivíduos não como consumidores e contribuintes, mas como sujeitos políticos. Os cidadãos terão direito a informações, debates e reflexões. Apresentarão o direito de produzir cultura e usufruir dos bens da cultura, assim como a invenção de novos significados culturais e a experimentação do trabalho cultural. Esse é um novo momento da história do Brasil, bem diferente da década 1980-1990, onde havia repressão

às manifestações culturais brasileiras, onde nossa capoeira lutava bravamente pelo direito de existir, apesar de haver na época um falso discurso de aceitação a diversidade.

Agora nossa capoeira pode brilhar um pouco mais e com incentivo do governo. Vamos explicar como ocorreram: dois programas iniciados na gestão de Gilberto Gil, e o Ministro Juca ferreira, esses programas possibilitaram visibilidade a Cultura local. O primeiro, o programa Cultura Viva e o segundo, o Programa Capoeira Viva. O Cultura Viva nasceu em 2005, a partir da implantação dos Pontos de Cultura, através da Secretaria de Programas e Projetos Culturais. No mesmo ano, o ministério da Cultura, o Museu da República, a Associação de apoio ao Museu da Republica juntamente com a Petrobrás lançam o projeto “Capoeira Viva”. A capoeira foi então até que fim beneficiada, falamos assim, pois foi preciso um longo período histórico para isso ocorrer. O reconhecimento do Estado às múltiplas manifestações culturais brasileiras entre elas a capoeira é importante, pois possibilita que o estado brasileiro destine recursos para a sobrevivência da cultura brasileira.

O Cultura Viva funcionaria como uma transferência de recursos do Fundo Público da Cultura, por meio de concursos (via edital), que teria como destinatário um processo cultural já existente, em geral, realizado por setores da sociedade civil, assim:

O Programa em si mantém uma lógica muito simples, trata-se de repasses de recursos de R\$ 180 mil (durante três anos de parceria) e tecnologia de produção e disseminação digital de conteúdos culturais às classes populares, essenciais para a formulação de sua produção. Nesse sentido, podemos dizer que, num primeiro momento, o Cultura Viva tem forte ligação com os programas de transferência de crédito às classes populares, empreendidos pelo Governo Lula. No entanto, tratando da especificidade produtiva da cultura e do trabalho cultural, sua relação é de maior amplitude. (DOMINGUES, 2008, p. 131)

O programa Cultura Viva tinha como meta alcançar as comunidades de regiões com relevância para a preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental. O mesmo também buscava esses atores da cultura brasileira nas comunidades indígenas, rurais e remanescentes de quilombos, assim como populações vivendo em situação de distorção econômica e social. Esse programa marca uma aproximação das políticas culturais à tecnologia das políticas sociais. “É uma política que se baseia em duas ações básicas e

complementares: redistribuição de renda (ocupação e emprego) e reorganização do poder”. (Domingues, 2008, p.133)

No ministério de Gilberto Gil, houve o reconhecimento que a capoeira é importante para nossa cultura, mas ainda era desvalorizada, o próprio Gil afirmou:

“Agora, quem dá a ‘volta por cima’ é o Estado brasileiro, que vem ao mundo reconhecer a capoeira como uma das mais nobres manifestações culturais. O Ministério da Cultura do governo do presidente Lula passa a reconhecer essa prática como um ícone da representatividade do Brasil perante os demais povos. Realizaremos ainda este ano uma reunião com os capoeiristas brasileiros e estrangeiros para delinear uma grande ação para a capoeira. Queremos ouvir e assimilar as necessidades e demandas dos diversos capoeiristas: do Brasil e do mundo [...] Esta é a primeira manifestação do Estado brasileiro em reconhecimento da autenticidade cultural da capoeira. E digo mais: a dificuldade histórica deste reconhecimento pelo Estado se explica justamente pelas origens da capoeira serem parte do contexto sociocultural dos negros na sociedade. A capoeira deixa entrever em cada gesto o jogo de lendas e histórias heroicas do martírio do povo negro no Brasil. Chegou o momento de potencializar essa prática cultural milenar, vista apenas como esporte. Que possamos nós, em vez de desapropriar, valorizar essa base cultural imensurável” [...] (GIL, 2004).

Diante disso, com o programa recursos foram investidos em cada Estado separadamente, para incentivar a prática da capoeira, com isso rodas de Capoeira com capoeiristas do Brasil e outras partes do mundo foram incentivadas, categorias de premiação seriam criadas e incentivadas, a capoeira foi então divulgada em filmes e vídeos; exposições e instalações; sítios, portais e jogos eletrônicos; Software livre; houve iniciativas de produção e difusão da capoeira nos meios digitais, audiovisuais e eletrônicos. Eventos de capoeira foram impulsionados pelo Brasil, e oficinas foram realizadas, assim os projetos de capoeira foram premiados com verbas oriundas do Governo Federal.

O resultado dos vencedores do Programa Capoeira Viva (edição de 2007) foi anunciada em Salvador no dia 04 de abril, em solenidade realizada na Sala dos Espelhos do Palácio Rio Branco. Na ocasião, estava presente o Ministro interino da Cultura, Juca Ferreira, que ressaltou o desejo do MINC em consolidar uma política nacional para a Capoeira sem perder as funções socioculturais.

Nesse cenário, foram todas essas conquistas resultado das políticas públicas que, no Governo Lula, principalmente nas ações do então Ministro Gilberto Gil, é que vão dar subsídios para que a Capoeira seja registrada como patrimônio imaterial. Esse registro aconteceu no dia 15 de julho de 2008, sendo seu tombamento realizado em dois livros distintos. No Livro dos Saberes, o Ofício dos Mestres de Capoeira, e no Livro das Formas de Expressão, a roda de Capoeira.

Nessa perspectiva, Natividade (2012, p. 102) pontua que o inventário da Capoeira foi produzido por uma equipe multidisciplinar em parceria com Universidades. No Rio de Janeiro, com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), na Bahia com Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Pernambuco com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As pesquisas foram realizadas no Rio de Janeiro, Salvador e Recife (principais cidades portuárias apontadas como prováveis “origens” dessa manifestação) e locais onde havia documentação a respeito, segundo argumentação do órgão.

Como consequência do registro, foi criado um plano de preservação da Capoeira. Esse plano previa algumas medidas de suporte à comunidade capoeirana, como: um plano de previdência especial para os velhos Mestres; o estabelecimento de um programa de incentivo dessa manifestação no mundo; a criação de um Centro Nacional de Referência da Capoeira; Plano de Manejo da Biriba (madeira utilizada na fabricação do berimbau) e outros recursos naturais. Podemos acrescentar aí, o manejo das abóboras d'água e/ou coités (para fabricação das cabaças) e as palhas (para fabricação dos caxixis). Com a inclusão da Capoeira, o Brasil passou a ter 14 bens registrados. Atualmente estão 23 bens registrados como Patrimônio Cultural Brasileiro. É Claro que nem todas as metas foram alcançadas, e isso influenciou a vida de nossos mestres a exemplo ainda não temos a previdência especial para os velhos Mestres.

Ademais, temos que mencionar que as conquistas não pararam por aí, em 22 de julho de 2009, foi instituído Grupo de Trabalho Pró-Capoeira (GTPC) através da Portaria nº 48. As metas do Pró- Capoeira eram construir um Cadastro Nacional da Capoeira e realizar três encontros de Mestres e

capoeiristas nas diferentes regiões do país. Outro prêmio importante foi o Prêmio Viva Meu Mestre, que segundo Natividade (2012, p. 104) surgiu com o objetivo de reconhecer e também de fortalecer a tradição cultural da Capoeira, através da premiação de Mestres e Mestras com idade igual ou superior a 55 anos e que, em sua trajetória de vida, tenha contribuído de maneira fundamental para a transmissão e continuidade da prática da Capoeira. De acordo com o Edital, seriam concedidos 100 prêmios de R\$ 15 mil reais. Para evitar desentendimentos ou má interpretação do edital por parte dos Mestres, havia uma cláusula que já estipulava o valor a ser recebido já com a dedução do imposto de renda. Assim, cada Mestre premiado, receberia aproximadamente R\$ 10.800,00 (dez mil e oitocentos reais).

Ainda no campo de incentivo e investimentos na capoeira, em 2008 foi criado o Prêmio Nacional Berimbau de Ouro, que tem como uma das metas premiar os mestres de capoeira que mais se destacam no Brasil. Em Campina Grande, os campinenses prestigiaram a premiação do mestre Sabiá. Marcos Antonio Batista, conhecido como Mestre Sabiá recebeu em janeiro último o Prêmio Nacional Berimbau de Ouro 2020. O prêmio, idealizado pelo historiador Máximo Pereira de Brito Filho – também conhecido como Mestre Máximo. Esses prêmios são de suma importância, pois possibilita maior visibilidade da prática de capoeira e maior prestígio para o profissional que dedica sua vida a atividade.

Nesse contexto, em 2016, mestre Sabiá recebeu da Câmara dos Vereadores de Campina Grande uma medalha em reconhecimento ao expressivo serviço prestado à comunidade campinense. Além disso, levou o nome de Campina Grande a vários estados do Brasil e ao exterior, onde ministrou workshops de capoeira em países como França, Suíça, Itália, Alemanha e Áustria.

**FOTO 08. MESTRE DE CAPOEIRA DO CENTRO CULTURAL
LOURDES RAMALHO, RECEBE O PRÊMIO BERIMBAU DE
OURO**



Foto: Divulgação/Assessoria. <https://paraiba.com.br/2021/02/21/mestre-de-capoeira-do-centro-cultural-lourdes-ramalho-de-campina-grande-recebe-o-premio-berimbau-de-ouro/>

Em suma, para nós pesquisadores, mencionarmos as conquistas no campo da capoeira é uma grande honra, pois sabemos da luta de mestres, alunos, estudiosos e simpatizantes da prática. Sabemos, no entanto que temos que ainda conquistar muito, é por isso que estamos ainda lutando pela capoeira, mesmo que seja através da escrita, essa arte, essa luta não pode morrer, pois temos a consciência que a capoeira é vida para os mestres, alunos e para nós que estamos aqui lutando através da pesquisa. Esperamos que com nossa escrita a capoeira cresça, mas se desenvolva no espaço físico

e no campo das emoções, pois temos a consciência que quando amamos algo, lutamos muito pela sua permanência, é isso que desejamos sempre: que a capoeira esteja presente sempre na cidade de Campina Grande e que nossa pesquisa contribua para produções de outros intelectuais que estudam a mesma temática que tanto temos amor e simpatia.

CAPITULO VII

CAPOEIRA PATRIMÔNIO CULTURAL DE CAMPINA GRANDE

Nesse momento, iremos discutir sobre a capoeira sendo para nós campinenses uma valiosa prática cultural do nosso local. Para fazermos este percurso, acreditamos ser importante promover algumas considerações sobre o conceito de cultura. Vamos analisar como a cultura popular foi vista especialmente pela elite brasileira.

Sabemos que a capoeira, este bem cultural, trilhou os caminhos mais árduos e difíceis da cultura brasileira, inicialmente, e latino-americana na sequência, pois como prática cultural dos afrodescendentes – num primeiro momento – foi marginalizada, excluída e criminalizada pelas elites escravistas e setores envolvidos ao longo dos séculos XVI-XIX, o que se reverteu no século XX quando foi adquirindo status e relevância na cultura brasileira.

Vamos focar neste momento nas glórias que a capoeira trilhou para ser nosso patrimônio cultural, uma vez que nem só de mazelas viveu nossa capoeira, houve um processo de valorização como vimos para que a capoeira se tornasse sinônimo de vitória frente à população mais carente e da nossa elite campinense. Falamos em vitória, pois como sabemos as lutas que a capoeira enfrentou trouxeram bons frutos, um exemplo ela é hoje nosso patrimônio cultura, nosso motivo de orgulho tanto na nossa cidade como lá fora quando a exportamos para o mundo vê.

Primeiro para todos os leitores entenderem bem nosso ponto de vista, desejamos abordar para nossos leitores nosso ponto de vista sobre cultura, para isso vamos fazer referências a alguns teóricos que antes mesmo de nós pensaram em adentrar nesta temática, dedicaram suas vidas a estudar o que é cultura. Sabemos que para alguns essa dinâmica que fazemos não é interessante, mas para nós é de suma importância, pois temos sim que fazer referência a quem sabe mais do que nós sobre a temática acerca do entendimento sobre cultura. Esperamos que nossos leitores tenham a humildade de vê e analisar diferentes posicionamentos sobre nossa temática.

Desse modo, como vimos a nossa capoeira campinense nasceu de uma manifestação em espaços públicos e plurais da sociabilidade: as praças, as calçadas, as ruas, assim foi vista nos primeiros momentos por algumas pessoas e autoridades com coisa de desocupado. Assim, sabemos que desde sua origem a capoeira foi gradativamente incorporando outros traços culturais e contribuições de grupos diferenciados, entre eles os indígenas, e portugueses, transformando assim a Capoeira em prática Multicultural.

Nesse aspecto, a capoeira foi vista como fruto da cultura popular das classes subalternas, e sabemos que essa cultura é um corpo dinâmico desde sua gênese, uma vez que houve transformações no seu funcionamento. Podemos ter uma ideia deste panorama analisando o estudioso Thompson, Edward Palmer, que na obra *Costumes em Comum: estudo sobre cultura popular tradicional (1988)* apresenta a cultura como um corpo dinâmico que está em constante construção pela relação entre os demais fatores sociais, como a própria economia, conceituando como “cultura popular” o comportamento manifestado com base nos costumes herdados por gerações.

A evolução do conceito de cultura transcorre da ordem social para instrumento de relações de poder. De um processo social que constitui uma visão de mundo de uma sociedade e como esta visão de mundo se forma, para uma justificativa para a desqualificação e redução de minorias, (Sodré, 2005, p. 11). A partir do século XVIII, a palavra cultura passa a ser sinônimo de civilização. Derivada da palavra latina *civilis*, referindo-se ou pertencendo aos cidadãos, o termo “civilização” foi inicialmente usado na França e na Inglaterra e no fim do século XVIII para descrever um processo progressivo de desenvolvimento humano, um movimento em direção ao refinamento e à ordem, por oposição à selvageria.

Por trás deste sentido emergente estava o espírito do Iluminismo europeu e a sua confiante crença no caráter progressista da Era Moderna, onde cultura torna-se critério, um padrão para medir o grau de civilização de uma sociedade e passa a ser considerada como um conjunto de práticas, como arte, ciências, filosofia, que permitia a hierarquização segundo critérios de evolução social. “Avalia-se o progresso de uma civilização pela sua cultura e avalia-se a cultura pelo progresso que traz a uma civilização” (CHAUI, 2008, p. 55). Na França e

na Inglaterra, os usos da palavra “cultura” e “civilização” se sobrepuseram: ambas foram progressivamente, sendo usadas para descrever um processo geral de desenvolvimento humano, de tornar-se “culto” ou “civilizado” (THOMPSON, 1995, p. 158 e 159).

Juntamente com esses conceitos e ideias que foram sendo naturalizadas, foi assim ocorrendo ações que passaram a classificar civilizações como as grandes detentoras de cultura e isso implicaria que essas civilizações tinham o domínio do saber, escrita, e também tinham um estado moderno capitalista, as civilizações que não possuíam estas características foram sendo marginalizadas e excluídas dos discursos de progresso e aceitação, foi neste contexto que importantes nações na África, Ásia e América foram marcadas pela exploração e escravidão. A exclusão foi sendo justificada por um falso discurso que estas nações não eram evoluídas e civilizadas e que países especialmente da Europa capitalista deveriam levar o progresso, e seu modo de vida a estas nações, havia uma ideia de falso altruísmo, ou seja, os mais ricos e ditos civilizados deveriam desbravar e ajudar os que tinham cultura ditas inferiores.

É claro que essa realidade foi vista e também criticada por alguns intelectuais, tomemos o exemplo, o verbete “Cultura”, do livro Palavras-chave de Raymond Williams, que contém o alerta de um iluminista alemão Johann Gottfried von Herder sobre os perigos da ideologia da superioridade da cultura europeia, também conhecida entre nós por “alta cultura” ou “cultura de elite”:

Homens de todas as regiões do globo, que haveis perecido ao longo das épocas, não vivestes apenas para adubar as terras com as vossas cinzas para que ao final dos tempos a cultura europeia derramasse a felicidade sobre vossa posteridade. A própria ideia de uma cultura europeia superior é um insulto à natureza (HERDER apud WILLIAMS, 2007, p. 120).

Nesse interim, foram sendo naturalizada uma ordem, e as civilizações ditas mais desenvolvidas passaram a lutar pelo poder de combater a ignorância e a superstição que essas civilizações diziam que as outras eram mergulhadas devido à falta de ciência, filosofia, dinheiro, etc. Assim, foi sendo criada uma ordem superior, onde quem tinha mais, especialmente, poder passou a ditar as regras, a cultura já não passa a ser vista como algo “natural”, específico da

natureza humana, ou seja, o desenvolvimento autônomo na razão do conhecimento dos homens, da natureza e da sociedade, agora é visto que de um lado está o homem educado intelectual e artisticamente, ou seja, o homem culto em contraposição a um homem dito inculto e suas manifestações como trabalho, linguagem, religião, ciências, artes etc. são tidas por menor, pois este homem não faz parte da cultura erudita que é pensada e “produzida” por intelectuais e artistas da classe hegemônica.

Nesse panorama, para Canclini (1997) a formação de coleções especializadas de arte culta e folclore foi na Europa moderna, e mais tarde na América Latina, um dispositivo para organizar os bens simbólicos em grupos separados e hierarquizados. Aos que eram cultos pertenciam certo tipo de quadros, de músicas e de livros, mesmo que não os tivessem em sua casa, mesmo que fossem mediante o acesso a museus, salas de concerto e bibliotecas. Conhecer sua organização já era uma forma de possuí-los, que distinguia daqueles que não sabiam relacionar-se com ela.

Diante disso, temos a missão de questionar as perdas para cultura popular, direcionada à classe trabalhadora, urbana e rural, uma vez que os nossos capoeiristas fazem parte deste universo. Podemos dizer que as perdas são sentidas no cotidiano do indivíduo que por conta de seu modo de ser são descriminalizados, e a classe hegemônica tende a atribuir valor a suas manifestações e as manifestações oriundas da classe popular vão perdendo seu valor, isso vai gerando pobreza, e ausência de representação do indivíduo pobre comum nos postos de destaque e poder. Nesse sentido, é muito comum nossos mestres de universidades importantes, políticos de renome, grande empresários, entre outros, serem fruto de uma elite que desde muito cedo dita as regras no meio social, e quando um indivíduo da classe popular chega a certos postos isso foi certamente fruto de muito trabalho e luta pela aceitação. Sendo que, este indivíduo sempre está cobrando certa postura que é exigida pela nossa elite erudita. Nesse aspecto, Souza elucida para nós:

A cultura passa então a distinguir-se de forma qualitativa: enquanto a cultura de elite, ou erudita, passou a constituir-se por produções das chamadas “belas artes” e ser consumida por pessoas consideradas de “bom gosto”, com alto grau de escolaridade, reais consumidoras da arte; a cultura popular quando interpretada como produções do passado nacional, recebe o nome de folclore e é constituída por mitos

e lendas, ritos populares, música e dança regional, artesanato, etc. A cultura popular, é tratada de forma descritiva, sem entendimento e valorização de seu processo histórico, significação (e ressignificação), traduz uma concepção de mundo que revela o senso comum, uma fragmentação da cultura hegemônica adaptada ao popular (SOUZA, 2017,p. 08)

Quando dizemos que a cultura da elite é consumida por pessoas consideradas de “bom gosto”, com alto grau de escolaridade, estamos criando mecanismos de exclusão e descriminalização, e essa realidade é bem presente em nossa sociedade, como resultado disso a elite cria o que é edito para ser consumido a exemplo o ballet e a música Clássica, literatura de cunho universal etc. Mas, como é visto e consumido as manifestações artísticas culturais do povo a exemplo capoeira, literatura de cordel, festejos da páscoa e dos santos padroeiros, congada, cavalhadas, bumba meu boi, carnaval, peão de boiadeiro, dança de velhos, batuque, samba de lenço, festa de lemanjá, folia de reis, caiapó e artesanato, etc.? Como sabemos essa ideia de uma cultura superior, especialmente, de origem Europeia é também uma violência contra nós e contra o legado dos nossos antepassados, uma vez que dificulta a plena manifestação de nossa cultura local popular, pois vivemos sempre no limite lutando para que nosso povo valorize as nossas produções feitas pelo homem comum, e que para sobreviver vende suas produções nas feiras livres e nas ruas, e são pessoas que lutam diariamente para promover o que seu povo faz de melhor a exemplo o frevo, o samba, e produtos gerados através de conhecimentos passados de geração para geração.

Desse modo, a essa constante desqualificação do popular, atribui-se o conceito de hegemonia, o qual compreende a direção intelectual e moral no âmbito das relações de classe e de poder. Segundo Antonio Gramsci (apud CHAUI, 2006, p. 22) a hegemonia é sinônimo de cultura em uma sociedade de classes, no sentido de determinar a forma na qual a sociedade se representa (acontecimentos, espaço, tempo, trabalho, lazer, dominação, liberdade, o sagrado e o profano, o justo e o injusto, o feio e o belo, etc.). A visão de mundo imposta pauta a noção de cultura popular permeada por valores como o elitismo.

Com o objetivo de esconder o direito do povo de fazer e de ter cultura, a elite denominou a cultura do povo de “cultura popular”. Esses tipos de cultura,

segundo Chauí (2006), embora pareçam ser uma coisa só, apresentam uma grande diferença, pois quando se denomina cultura popular, significa que tal cultura está no povo, mas não foi necessariamente produzida por ele e, quando se diz cultura do povo, quer dizer que é do povo e também foi produzida pelo povo.

Acreditamos ser importante mencionar a diferença que há entre a cultura do povo, e a cultura de massa. Sendo assim, a cultura do povo também é confundida com a cultura de massa, entretanto, possuem significados distintos. Pois, a cultura do povo representa tudo que o caracteriza e os une: mitos, ritos, cantos, danças, brincadeiras, arquétipos, instrumentos, objetos, símbolos, culinária, ofícios, ciências de cura, expressões artísticas e artesanais, sua tradição e tudo o que faz parte da sua vida. A cultura de massa é a cultura tratada como produto, sendo que seus elementos são assimilados com outro formato mais rentáveis e no contexto da ideologia dominante, em que incide uma padronização e homogeneização das manifestações culturais e artísticas.

Dessa maneira, na nossa sociedade, a categoria subalterno é utilizada atualmente para caracterizar as condições de vida de grupos em situação de exploração ou carentes de meios suficientes para uma vida digna. No pensamento de Gramsci, a análise dessas classes envolve também a recuperação dos processos de dominação presentes na sociedade, esclarecendo as operações político-culturais da hegemonia que escondem, suprimem, cancelam ou marginalizam a história dos subalternos (SIMIONATTO, 2009, p. 42).

Nesse sentido, os nossos capoeiristas têm sua gênese nessa categoria citada acima, uma vez que oriundos de etnia negra tiveram sua cultura desqualificada e depreciada, “quando foi negado ao escravo ‘falar’ sua língua, negaram-lhe sua cultura” (SEPPPIR, 2016, p. 11). Em síntese, aos nossos negros negaram-lhe sua cultura, contudo houve resistência numa perspectiva voltada não apenas para a manifestação cultural, mas principalmente para uma formação humanizadora, baseada na tradição e na memória, contrapondo-se à cultura eurocêntrica. A população negra encontrou formas de resistência através de sua tradição, com a reelaboração de elementos voltados para a continuidade da identidade africana no Brasil. Sendo que, os quilombos são os

primeiros exemplos de expressão da dimensão política da identidade negra em território nacional (SOUZA, 2017, p.11).

Precisamos deixar claro que há um processo que vem em curso já algum tempo, ou seja, o processo que desvanecem as classificações que distinguem o culto do popular. As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e, portanto, desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das "grandes obras", ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidas por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). Agora essas coleções renovam sua composição e sua hierarquia com as modas, entrecruzam-se o tempo todo, e, ainda por cima, cada usuário pode fazer sua própria coleção.

As tecnologias de reprodução permitem a cada um montar em sua casa um repertório de discos e fitas que combinam o culto com o popular, incluindo aqueles que já fazem isso na estrutura das obras como Piazzola que mistura o tango com o jazz e a música clássica, bem como Caetano Veloso e Chico Buarque, que se apropriam ao mesmo tempo da experimentação dos poetas concretos, das tradições afro-brasileiras e da experimentação musical pós-weberiana (CANCLINI, 1997, 09). Assim proliferam, além disso, os dispositivos de reprodução que não podemos definir como cultos ou populares. Neles se perdem as coleções, desestruturam-se as imagens e os contextos, as referências semânticas e históricas que amarravam seus sentidos.

Nesse contexto, notamos que a cultura popular e a cultura oriunda da elite passam por um processo mais democratizado, uma vez que através dos meios de tecnologias a exemplo: Fotocopiadoras, Videocassete, Videoclips, Vídeo games, e internet, entre outros, possibilitam que o indivíduo oriundo da classe popular tenha acesso a exemplo a um grande museu na França através da interação por meio da internet, e as intervenções tecnológicas possibilitam que também pessoas da elite tenham acesso às manifestações de pessoas da classe popular a exemplo. Assim, indivíduos de diversas classes sociais podem ter acesso aos torneios de capoeira que ocorrem em tempo real, acreditamos ser importante mencionar essas mudanças na sociedade, pois elas vêm dando uma nova dinâmica as praticas e as vivências no cotidiano do homem simples ou ligado a uma elite, e essas mudanças geram maior reorganização dos

vínculos entre grupos e sistemas simbólicos. Sendo que, esse movimento contribui para que haja maior possibilidade de mobilização das classes sociais, isso é importante, pois contribui para que sistemas de castas sejam questionados, e que as pessoas mais pobres possam, através do consumo consciente, mudar sua condição muitas vezes de pobreza extrema, uma vez que oportunidades geram novas formas de vida.

Ademais, temos visto uma circulação mais fluida de textos, artes, e outros, os quais têm possibilitado dissolver as diferenças entre as classes. Vamos aqui deixar bem claro que esse movimento está longe de ser o ideal, ainda vemos que existem indivíduos que consomem a arte, a literatura, a música erudita e outros, mas que na verdade não se identificam com essas manifestações, pois fazem por certa “obrigação”, objetivando serem aceitos em ciclos de amizades, trabalho etc. Com as novas formas de manifestações e aceitações das expressões populares, temos visto que essas formas de opressão têm recuado cada vez mais.

Contudo, é preciso esclarecer que ainda centros internacionais de produção científica, artística e comunicacional condicionam nosso desenvolvimento. No entanto, sabemos que foram nos anos 1980 e 1990, quando vários países dependentes registraram um crescimento notável de suas exportações culturais. Com isso, temos visto que nosso país nos últimos anos cresceu sua cinematografia e a proporção de filmes nacionais nas telas, de 13,9% em 1971 a 35% em 1982. Os livros de autores brasileiros que ocupavam 54% da produção editorial em 1973, subiram para 70% em 1981. Também, ouvem-se mais discos e fitas nacionais, enquanto decaem os importados. Em 1972, 60% da programação de televisão eram de origem estrangeira, e em 1983 baixou para 30%. Ao mesmo tempo em que ocorre essa tendência à nacionalização e a autonomia da produção cultural, o Brasil se transforma em um agente muito ativo do mercado latino-americano de bens simbólicos exportando telenovelas. Como também, consegue penetrar amplamente nos países centrais, chegou a transformar-se no sétimo produtor mundial de televisão e de publicidade, e o sexto em discos (ORTIZ, 1995, p. pp.182-206).

Em suma, esclarecer esses dados aos nossos leitores é importante para que eles compreendam que apesar dessa troca multicultural não se apagam os conflitos como pretende o pós-modernismo neoconservador, assim como ainda existem as perguntas pela identidade e pelo nacional, e pela defesa da soberania, bem como pela desigual apropriação do saber e da arte. Sendo que, sabemos que o desenvolvimento das identidades nacionais é ainda uma questão de sobrevivência frente aos circuitos internacionais de comunicação, como as indústrias culturais e as migrações, e apesar da defesa de nossa identidade cultural não podemos admitir que em nome da defesa das nossas manifestações seja gerado, às vezes, conflitos violentos como agressões aos migrantes recém-chegados, bem como discriminação nas escolas e nos trabalhos.

Ainda, nesse sentido, sabemos que alguns processos contemporâneos estão sendo contestado, a exemplo o fato dos países centrais usarem as inovações tecnológicas para acentuar a assimetria e a desigualdade em relação aos dependentes. As classes hegemônicas aproveitam a transformação industrial para reduzir o trabalho dos operários, restringir o poder dos sindicatos, mercantilizar bens - entre eles, os educativos e culturais que, depois de lutas históricas, se tinha chegado ao consenso de que eram serviços públicos. Aparentemente, os grandes grupos concentradores de poder são os que subordinam a arte e a cultura ao mercado, e os que disciplinam o trabalho e a vida cotidiana.

Nesse contexto, quando falamos de palavras como hegemônico ou subalterno temos que ser críticos e entender que o poder não funcionaria se fosse exercido unicamente por burgueses sobre proletários, por brancos sobre indígenas, por pais sobre filhos, e pela mídia sobre os receptores. Porque todas essas relações se entrelaçam umas com as outras, cada uma consegue uma eficácia que sozinha nunca alcançaria. Mas, não se trata simplesmente de que, ao se superpor umas formas de dominação sobre as outras, elas se potenciem. O que lhes dá sua eficácia é a obliquidade que se estabelece na trama.

Nesse cenário, cabe a nós pesquisadores questionar como o conceito de cultura está delineado na Constituição Federal de 1988, e como a Constituição

Federal de 1988 trouxe a promessa de fomentar e proteger o “patrimônio cultural” brasileiro, possibilitando a atuação decisiva das chamadas leis de incentivo à cultura. A cultura encabeça o capítulo III do título VIII da Constituição Federal, junto à “educação” e ao “desporto”, e possui seção própria que estabelece minúcias até então olvidadas pelos enunciadores constituintes precedentes. Há, portanto, a criação de novas realidades em torno da noção de cultura.

Nesse interim, a cultura pela constituição de 1988 é nosso “bem” jurídico, e ao estado cabe amparar este “bem”, assim o artigo 215, que inaugura a seção intitulada “Da cultura”, por sua vez, estabelece que:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

A cultura também passa ser vista como patrimônio cultural e no inciso LXXIII do art. 5º, notamos que:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

LXXIII - qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise a anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural, ficando o autor, salvo comprovada má-fé, isento de custas judiciais e do ônus da sucumbência;

Convém destacar, qualquer cidadão pode recorrer ao direito constitucional quando visa à anulação de ato que fira ou possa ferir “patrimônio histórico e cultural”. Desse modo, para a Constituição de 1988, a cultura e a história, bem como a arte, estão enquadradas na situação claudicante de “patrimônio”, notoriamente equiparados, portanto, aos bens materiais públicos. Os bens culturais pela constituição de 1988 têm um valor e é função do Estado resguardar estes bens, pois é muito importante que os bens culturais não percam seu valor, especialmente, frente aos interesses do capital privado, por isso temos visto que há uma preocupação das autoridades em reconhecer (aqueles bens que possuem valor cultural), e (aqueles destituídos de valor cultural). Pode-se dizer que cultura compreende o conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, passível de apreensão pela convivência ou ensino.

Cascudo (2004, p. 39), defende que, assim, toda forma humana de estar no mundo, todo modo de existência, transmitido de uma geração a(s) outra(s), constitui cultura.

Sabemos que essa conotação nem sempre foi vista assim no Brasil, uma vez que nossas constituições muitas vezes buscaram espelha-se em outras ideologias, a exemplo em 1934, nossa constituição era baseada na Constituição alemã de Weimar, de orientação nazista, onde havia a ideia que cabia ao estado favorecer e animar o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral, (...) bem como prestar assistência ao trabalhador intelectual. Nesse momento, podemos atribuir que em nossa sociedade havia sim um problema, pois era tido como cultura (erudição), e não-cultura era (trabalho braçal). Vejam bem, nesse cenário os homens de ciências, das artes, das letras estavam indo muito bem em nosso país, pois além de amparados pelas leis, ocupavam os melhores cargos de trabalho.

Nesse sentido, nossos leitores estão nesse momento interrogando acerca da Constituição que estava em vigor no período da ditadura, e como lidava com a cultura, após o golpe de 1964. Assim, a resposta para tal questionamento encontra-se no fato que o Congresso Nacional, transformado em Assembleia Nacional Constituinte, elaborou a Constituição de 1967, que havia a supervalorização positiva da cultura como algo relacionado à família, artes, letras, ciência e status social, assim no nosso país mais uma vez aqueles que detinham do conhecimento eram tidos como indivíduos eruditos e com elevado grau de cultura e idoneidade moral. Por certo, um exemplo que podemos mencionar é que esses indivíduos podiam ocupar elevados cargos através da nomeação pelo Presidente da República, e havia a ideia que nossa política e nosso destino, especialmente, dos indivíduos oriundos da massa popular, estavam sendo dirigidos por pessoas que tinham caráter, e moralidade que era modelo a ser seguido. Desse modo, ter cultura erudita, era ter virtudes para governar os demais, especialmente, os pobres. A Cultura era um valor, era um atributo para poucos, uma vez que havia um modelo de segregação, porém na teoria todos tinham cultura e direito a ela, mas aqueles mais afortunados eram quem mais se beneficiava dela.

No nosso país há uma eterna luta para nossas autoridades equilibrar a econômica, vivemos em uma verdadeira maratona hora desfrutando de certos desenvolvimentos e hora mergulhados no subdesenvolvimento, um país que vive mais em desequilíbrio que em equilíbrio, atribuir cultura a “status de desenvolvimento sócio-econômico” é um ato de covardia humana, de desrespeito à existência da vida, mudar essas ideias equivocadas é uma questão de respeito à vida. Nossa Constituição vigente, ainda tem certas influencias do passado, mas houveram sim mudanças na forma dela conceber a cultura, assim a nossa constituição de 1988 tem um caráter mais universalista, que é reforçado pelos incisos I, II, e pelo caput do art. 216:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver; (...)

Com tais mudanças de concepção de ideias, hoje falamos de “cultura popular”, “cultura indígena”, “cultura afro- brasileira” e cultura “de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”, como o faz o art. 215, § 1º da Constituição Federal. Nesse aspecto, vemos ganhos com o trato com o ser humano que não é oriundo de uma elite, assim esse caminho possibilitou que possamos estudar as etnias, passamos então a respeitar ainda mais as nossas diversidades culturais, e hoje, por causa dessas mudanças, podemos recorrer a justiça caso como cidadãos tenhamos nossos direitos culturais desrespeitados. Contudo, é claro que como críticos, acreditamos que ainda há muito que possa ser feito, e não podemos ver nosso país apenas através da ideia de grupo homogêneo, pois temos que lutar para que dentro da nossa Carta Magna haja a ideia que somos um “povo”, mas que temos nossas particularidades, bem como um mundo complexo com múltiplas culturas, que cada uma vem ao longo da história deixando influências no nosso Brasil, e isso deve ser respeitado não só por nós estudiosos, mas por todos que compõem a nossa nação. Em síntese, acreditamos que nossa luta é desconstruir as influencias de um passado de conceitos míopes que ainda assegura privilégios

de “elites intelectuais”, ou seja, indivíduos oriundos de uma burguesia que sabem muito bem ditar regras a seu favor.

Nesse contexto, que as nossas leis possam romper com normas de conduta determinadas pelo costume de nossos povos, pelo seu modo de existir (agir), e abrange os produtos dessa existência (das ações), bem como os valores que conduzem a esse ou aquele comportamento, caso nossa constituição não cumpra esse papel, ela não está a serviço de todos, enquanto houver privilégios, segregação, pobreza justificada pela ausência de uma boa cultura, não temos motivos nem um para dar glórias a nosso sistema constitucional, pois esse sistema deve está livre de certas ideias que já nortearam nossas outras constituições. Acreditar que o ser humano apenas tem valor cultural, pois é detentor de um bom status social, trabalho, família, ensino, é algo que além de ter que ser questionado deve ser combatido, sabemos que, no entanto para isso ser sentido em sociedade a presença do Estado é de suma importância, pois é ele que cria as condições que devem proporcionar aos cidadãos os adequados meios de acesso, a educação, trabalho, segurança, etc. Assim, o ideal seria que todos tenham direitos iguais perante as leis e perante o poder executivo.

Em relação à capoeira, nosso objeto de estudo, podemos observar que a Constituição Federal de 1988, visa à valoração da cultura brasileira, de forma a reconhecer a capoeira como bem de natureza imaterial, deixando claro mais uma vez que a capoeira é bem imaterial que constrói a identidade brasileira e faz jus as ações de preservação e de promoção, sendo enfatizada em duas seções diferentes. Sendo a primeira na Seção III, intitulada Da Cultura, artigo 20, como segue:

Art. 20. O poder público garantirá o registro e a proteção da capoeira, em todas as suas modalidades, como bem de natureza imaterial e de formação da identidade cultural brasileira, nos termos do art. 216 da Constituição Federal.

Parágrafo único. O poder público buscará garantir, por meio dos atos normativos necessários, a preservação dos elementos formadores tradicionais da capoeira nas suas relações internacionais.

Acerca do reconhecimento que é dado à cultura afro-brasileira e à capoeira como elemento inserido e de significativa influência na formação da identidade cultural brasileira, considera Maria Paula Adinolfi (2008, p. 7):

A dimensão de resistência cultural negra na capoeira se dá [...] mais do que no conflito aberto com a ordem (como luta), na manutenção de valores, de formas de ser e estar no mundo, fundados na sociabilidade afro-brasileira vigente no mundo das ruas – valores estes plasmados no próprio corpo da capoeira, através do movimento fundamental, a ginga, que tão bem sintetiza a ambiguidade e a “malandragem” da capoeira, na roda do jogo como na vida.

A Seção IV, da Lei 12.288/00, intitulada Do Esporte e Lazer, traz, em seu artigo 22, a multiplicidade de facetas da capoeira, reafirmando sua livre expressão e viabilizando sua prática vinculada a instituições públicas ou privadas:

Art. 22. A capoeira é reconhecida como desporto de criação nacional, nos termos do art. 217 da Constituição Federal.

§ 1º A atividade de capoeira será reconhecida em todas as modalidades em que a capoeira se manifesta, seja como esporte, luta, dança ou música, sendo livre o exercício em todo o território nacional.

§ 2º É facultado o ensino da capoeira nas instituições públicas e privadas pelos capoeiristas e mestres tradicionais, pública e formalmente reconhecidos.

Relacionando-se ao artigo 22 da Lei 12.288/00, existe a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que delibera acerca da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) de forma a incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências, através da inclusão dos artigos 26-A e 79-B:

Art. 1o A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como „Dia Nacional da Consciência Negra“. (grifo original)

Como temos visto nossas leis atuais têm buscado resgatar o apreço dos brasileiros para a sua riqueza local, assim como possibilitar a disseminação do conhecimento voltado à história negra antes “esquecida”, e promover eventos sociais de forma a integrar a sociedade, dando o merecido valor a esse elemento cultural brasileiro.

Sabemos que essa luta sempre foi uma luta pelo respeito e reconhecimento para promover nossas manifestações culturais ditas de massa. No passado e no presente essa luta não foi e não é fácil, tomemos como exemplo a década de 1980, quando analisamos jornais locais como o jornal da Borborema, o Correio da Paraíba, entre outros, que circulavam na década 1980 a 1990, e notamos que eles davam preferência a divulgar notícias como futebol, propagandas de carros, materiais domésticos, etc.

Nesse interim, percebeu-se a divulgação de notícias relacionadas às questões sociais como: transferência de poder político, cinema em Campina, questões políticas de contexto mundial como guerra fria, como estava ocorrendo o turismo na Paraíba e em Campina Grande, alterações no preço dos alimentos e gasolina, as lutas dos sindicatos especialmente dos professores, quando ocorriam as greves eram notícias muito divulgadas, a exemplo as lutas dos professores pela legalização por melhor funcionamento do Estatuto do Magistério, por melhores salários, outro tema muito abordado nos jornais locais era as relações de associações dos jornais com empresas como a TV Globo, etc.

Existia uma preocupação com temas que envolviam as camadas sociais pobres, mas eram apenas para divulgar programas como a construção de mais moradias, e as paralisações que preocupavam as autoridades como as suspensões de ônibus, e de taxistas, também os jornais divulgavam quando os salários dos funcionários estavam atrasados, e quando era mencionado sobre as manifestações culturais era divulgado o festival de inverno, bem como eram trazidos artistas do sul do país, mas havia pouca preocupação com nossas

manifestações locais a exemplo a capoeira, a qual não tinha espaço para divulgação.

Nesse processo, percebia-se a inquietação com a corrupção, assim notícias eram divulgadas e raramente os culpados eram penalizados, a exemplo os crimes contra civis, os quais eram divulgados nos jornais, mas havia toda uma preocupação em não citar certos nomes importantes que estavam envolvidos nos crimes, que em média eram muitos de natureza política. Como havia censura especialmente quando o assunto era política local, então eram anunciadas questões como crise dos alimentos, falta de água, e o esporte tinha mais espaço nas páginas dos jornais que temas mais relevantes para nossa cidade, também quando era construído algo novo na cidade havia toda uma preocupação da notícia está nas primeiras páginas, a exemplo quando houve a construção do edifício Madrigal, e o Instituto Médico Legal (*Diário da Borborema, 1980*). Era anunciado a violência política do exterior como a violência política em El Salvador, mais pouco era divulgado nossa própria violência na política, e da mesma forma podemos mencionar as denúncias dos posseiros que acusavam as tramas para expulsão (Diário da Borborema, Dezembro, 1980)

Quando tinha as disputas acirradas nas eleições políticas, muitos jornais faziam vista grossa, pois às vezes havia muitas denúncias de violência e fraudes. Para os jornais não serem punidos muitos divulgavam notícias que traziam certa ilusão de ordem e paz em Campina, como as construções de seminários para a formação de padres na área rural, e para solucionar a crise alimentar era divulgado projetos, com o propósito de solucionar a fome, projetos que visavam combater a mortalidade infantil e o desemprego, e eram anunciados que 169 milhões seriam destinados para a construção de estradas na Paraíba (*Diário de Borborema, 1980*). Essas notícias davam uma falsa ideia que tudo estava indo bem, mas na realidade esses projetos estavam em pauta ou sendo implantados por que as coisas em Campina não estavam indo bem.

Existiam muitos problemas envolvendo os militares, e inquéritos contra eles eram abertos, mas muitos nem chegavam a ser julgados. Era mais interessante naquele momento divulgar os problemas dos outros, então era permitido aos jornais como Paraíba, Correio, Borborema, entre outros,

anunciarem os conflitos que estavam ocorrendo na china, e às alianças políticas dos EUA, o combate ao comunismo, eram notícias que passavam pelo crivo dos militares, como a luta contra os subversivos, assim sempre que os jornais abordavam essas notícias as autoridades “festejavam”. Os temas que os jornais abordavam, nas décadas de 1980 a 1990, eram todos importantes, pois traziam a luta da mulher para ser inserida no mercado de trabalho, e a fome que estava matando crianças em nossa cidade, acusações contra PMS, e delegados, as movimentações dos sindicatos, a luta dos políticos para haver o bom funcionamento do comercio em Campina, a produção do algodão quando estava ameaçada, a discriminação contra o esporte amador local, a precariedade que o teatro estava vivenciando, as perseguições que os professores estavam sofrendo, a preocupação da elite em assegurar suas manifestações como a abertura de concurso de ensino sobre artes plásticas, o cinema informativo ganhando espaço, a luta dos camelões para realizar seu oficio nas calçadas da cidade, recessão econômica brasileira, crise habitacional, a luta dos agricultores e o abandono de suas terras e a busca no sul do país destas pessoas por melhores condições de vida, a luta dos ecologistas e suas denúncias sobre questões ambientais na Paraíba e em Campina, como a politica nacional estava influenciando nossa Campina, etc.

Tais notícias acima são de suma importância, mas temos que, enquanto estudiosos, dizer que sim houve dificuldades dos meios de comunicação para haver seu pleno funcionamento de forma livre, enquanto temas de natureza social envolvendo pobreza, e manifestações abarcando esporte, etc. podiam ser facilmente divulgados, já outros como crimes políticos não era tão fácil sua plena divulgação.

Nesse momento, podemos questionar o porquê a capoeira não era divulgada nas paginas de notícias dos jornais com frequência? A resposta desta pergunta está justamente na forma como nossa sociedade funcionava. Nossa elite e nossas autoridades, na década de 1980, tinham o poder e eles aproveitaram bem, buscaram produzir ideias estilos de vida hegemônicos, o que era belo e agradava a seus olhos eram nutridos por eles, o que não era considerado uma ameaça a sua hegemonia era nutrido. Como vimos a capoeira era vista como herança de negro, e por isso já era tido como algo que

deveria ser mantido sobre as rédeas da ordem. Essa realidade é claro que foi contestada pela classe subalterna. Nesse panorama, podemos refletir sobre uma ideia defendida pelo pensador Antonio Gramsci sobre cultura, pois sabemos que a classe dominante detém influências no modo de vida das classes populares. O pensador Gramsci acreditava que mudanças na mentalidade poderiam trazer efeitos positivos na sociedade, e que para ele, os agentes principais dessas mudanças seriam os intelectuais e um dos seus instrumentos mais importantes, a escola.

Nossos intelectuais seriam assim capazes de interferir nas nossas práticas culturais, influenciando através de suas ideias. Dessa maneira, para Gramsci “Cultura” – escreve Gramsci no 23º de seus Cadernos do Cárcere (1929-1935) – “é uma concepção de mundo e de vida, coerente, unitária e de difusão nacional; é uma religião laica. Uma filosofia que se tornou cultura gerou um modo de viver, uma conduta civil e individual”. Desde muito cedo sabemos que quem em nossa sociedade domina os campos de poder econômico, político e cultura infelizmente gera regras de conduta civil e individual. Sendo que, nossos capoeiristas, na década de 1980, já sofriam por conta dos frutos desta realidade, e como vimos alguns capoeiristas para garantirem sua sobrevivência e também da capoeira, passaram a lutar contra o poder hegemônico da época, esse foi o preço que eles tiveram que pagar por não ser fruto de uma elite dominante, a qual tinha grande influência no campo cultural de nossa cidade. Na década de 1980, como vivíamos em um momento de ditadura e repressão, os capoeiristas procuravam se articular mais com devido cuidado para não haver embates que gerassem a extrema violência, havia essa consciência, pois como sabemos nossos mestres eram minoria e oriundos em média de uma classe mais subalterna, e sem grandes recursos.

Conforme exposto acima sobre os capoeiristas, muitos já tinham a consciência da importância da capoeira para nossa cultura, e isso cada vez mais fortalecia seus pensamentos para resistir todo modo de opressão, a ideologia da elite que visava em sua essência marginalizar os mestres e a capoeira passou a ser combatida, através de outras ideias que buscavam dar valor e significado a prática da capoeira. Era preciso a superação de ideológicas que criavam distorções, fazendo com que muitos vissem a capoeira

como prática de desocupados, sem grande valor agregado a sua existência. Nossos professores mestres, nesse sentido, teriam um papel fundamental, uma vez que eles além de divulgar a capoeira nas ruas e nas associações, poderiam exercer influências nas ideias que eram constantemente passadas para seus alunos. Então, naquela época, nossos mestres almejavam que a capoeira fosse vista nos seus ambientes de trabalho e fora deles, a exemplo à luta pela divulgação na imprensa local, é claro que com nosso trabalho vimos que era difícil essa façanha, uma vez que a elite estava presente em todos os campos de influência na nossa sociedade inclusive na mídia local.

Nesse contexto, muitos mestres de capoeira com passar dos anos obtiveram uma tomada de consciência inovadora, pois notaram que apenas nas academias e ruas não só bastavam para divulgar a capoeira, era preciso mais, e isso os motivou a estudar e adentrar no campo da ciência, muitos foram para faculdade se formaram a exemplo em educação física e outras áreas do saber. Essa realidade está presente em nossa Campina Grande, sabemos hoje que nossos mestres estão cada vez mais letrados e atuantes, sua arma de luta além do berimbau é também a ciência, muitos pesquisam e ajudam os intelectuais a divulgarem a capoeira. Em síntese, tudo isso é importante, pois temos cada vez mais visto a capoeira presente nas mídias, academias, escolas etc., já não é mais tida como apenas uma manifestação de vadios, o quadro mudou e a vida de nossos mestres também, apesar, ainda, das dificuldades enfrentadas, elas não são as mesmas da década 1980-1990.

Cabe nesse momento, nós questionarmos, pois compreendemos que mudanças ocorreram para que a capoeira fosse mais valorizada no campo da cultura, mais exatamente como isso ocorreu em nossa Campina? Vamos primeiro esclarecer uma coisa, lutar contra uma ideologia da classe oriunda da elite não é nada fácil, isso implicaria dizer que era para nossos capoeiristas uma luta quase fardada ao fracasso, mais nossos mestres tanto de Campina como em outras cidades pelo Brasil foram mais sábios, uma vez que eles buscaram um embate em campos estratégicos para garantir sua sobrevivência, vimos então que houve aos poucos certa mobilização das classes populares, para valorizar o que era seu, o que veio de seu fruto. O movimento ocorreu em direção a uma tomada de consciência, que colocou as manifestações

populares nos centros de importantes discussões, muitos desenvolveram a consciência que a falta de dinheiro não implicaria necessariamente em uma vida pobre sem manifestações culturais importantes. Houve uma conscientização, que sim pessoas pobres também faziam cultura e que era importante tão quanto à cultura oriunda das elites. Como podemos vê não foi uma luta fácil, uma vez que a luta mais difícil do homem é a luta pela mudança de consciência, a luta pela mudança de pensamento.

Já estava presente no nosso "senso comum" que manifestação de pobre era impregnado de ausência de valor, isso era justificado constantemente por critérios frequentemente preconceituosos, as nossas massas estavam determinadas a uma dominação de crenças que a tornavam menor frente às demais classes mais abastada, desconstruir essas ideias de preconceito, estava cada vez mais presentes na mente de nossos mestres e de nossos alunos, pois muitos alunos passaram a também lutar pela capoeira. Tem uma frase que diz: "conheça a verdade e a verdade ti libertará", foi justamente esta realidade mencionada que fez nossos heróis não mais se assustar, eles foram para frente no campo pela sobrevivência da nossa cultura popular. Já não tinham medo de divulgar a capoeira e não só a capoeira mais outras manifestações populares em congressos, seja no Brasil ou fora, já não tinham mais medo de divulgar nossa cultura popular como coisa rica pertencente ao Brasil, assim ideias preconceituosas que criavam "castas" onde colocava o rico como o grande criador de cultura digna de ser homenageada, foram duramente criticadas, hoje até é crime marginalizar o outro por conta de sua cultura.

É claro que esses heróis diários de nossa Campina sabiam que no campo das batalhas "militares", na "guerra", o combatente procura atacar os pontos fracos do adversário, e já na luta contra ideologias dominantes preconceituosas e de caráter excludente, a luta é contínua e não pode parar, e isso é tão real que até nos dias atuais estamos aqui lutando, almejando alcançar uma compreensão mais ampla e mais profunda de que temos que valorizar a capoeira e nossas manifestações culturais populares. De certo, possuímos a consciência que cabe a nós a função de enfrentar o desafio das objeções mais fortes dos interlocutores mais notáveis na representação do ponto de vista opostos ao nosso, ou seja, ainda há interlocutores que infelizmente influenciam

de forma negativa a visão que as manifestações culturais oriundas das massas populares são fruto de imersa riqueza nacional. Diante disso, estamos cada vez mais atentos à importância da criatividade do sujeito humano, para o poder inovador dos homens, tal como se expressa nas criações culturais, pois para nós não importa se esses indivíduos vêm da elite ou classe menos favorecidas, nós intelectuais e mestres estamos mesmo é fascinados pelas manifestações e expressões humanas, seja na capoeira ou em outras manifestações, temos apreço pela cultura como tal.

E foi esse apreço pela cultura que nossos mestres no Brasil e em Campina lutaram contra a ideologia conservadora dominante da década 1980 para frente. Assim, frente às diversas lutas que temos no campo da política, economia e cultura, observamos que tudo está indo relativamente bem, uma vez que a burguesia vem perdendo sua capacidade de exercer uma verdadeira hegemonia sobre a sociedade, esta realidade vem sendo notada por influentes intelectuais, isso é muito importante uma vez que o modo de ser e viver da burguesia influencia nossa vida em vários campos. Nessa perspectiva, as ideias a exemplo que o modo de viver burguês é considerado mutável, que pode mudar e ser contestado nos traz uma esperança no futuro, que um dia nossas classes, as quais foram tão estigmatizadas pela exclusão, possam ter mais poder de atuação na nossa sociedade. Frete a nossa luta, estamos felizes, pois vemos que o homem comum de nossa Campina Grande está cada vez mais engajado em contra-argumentar aos seus “adversários ideologicamente superiores”.

Até o momento, fizemos alguns esclarecimentos sobre cultura e a luta de nossos capoeiristas para preservar esta manifestação, mas como somos historiadores não podemos deixar de situar nossos leitores acerca de alguns esclarecimentos. Para isso, vamos entender quando a capoeira na nossa história passou a ser vista como cultura imaterial, transmitida pelos negros, pois acreditamos que essas considerações são importantes, e vamos então entender um pouco sobre nosso passado. Desse modo, vimos que a capoeira foi colocada na ilegalidade, mas só 1937, após a instauração do Estado Novo no Brasil, ela vai passar por mudanças significativas, para assim ser projetada como símbolo da nossa cultura nacional, pois Vargas adotou por ideologia o

nacionalismo como fonte do autoritarismo, dessa forma, o Estado procurava ressaltar, quando lhe interessava, as manifestações populares, bem como utilizando as manifestações populares para controlar as pessoas. Assim, as manifestações populares iam sendo exaltadas quando era conveniente ao governo, e para a população, essas medidas, davam a ideia de inclusão cultural.

Foi exatamente nessa lógica que a capoeira passou a ser vista como um patrimônio cultural brasileiro no seu sentido folclórico, ou seja, o exótico, como o grande bem da cultura imaterial transmitida pelos negros. Para SILVA, et al. (2014, p.10) a folclorização diz respeito à interpretação da Capoeira enquanto subcultura, ou seja, a dimensão do particularismo, como se a mesma fosse específica do negro, negando a participação de outros grupos humanos, cujo desdobramento era reconhecê-la como “sui generis”, além de evidenciar a forma de viver o cotidiano.

A política de Vargas era nutrida pelo mito da democracia racial, onde havia a ideia que a cultura brasileira se construiu pela miscigenação sem conflito das três raças que formaram o país – índio, branco e negro, assim o objetivo era passar a ideia que no Brasil havia harmonia, na formação do cidadão brasileiro, é claro que como sabemos isso vai ser analisado e criticado por grandes estudiosos, é tão falso essa harmonia que quando pensamos sobre a capoeira vemos que sua prática nasceu em meio aos conflitos, a exemplo a negação da prática.

As autoridades passaram a assegurar que sim, nossa cultura havia pontos positivos, e em relação à capoeira esses pontos remetiam aos seus aspectos lúdicos, e saudáveis que traziam ao corpo. Nesse aspecto, a Capoeira saía da criminalização, mas nos bastidores no cotidiano de nossos mestres tinham que pagar o alto preço do preconceito, agora em meio a disfarces, pois havia um discurso de aceitação e exaltação que nem sempre de fato era vivenciado pelos capoeiristas. Com o passar do tempo, na década de 1980, vimos com nossa pesquisa que certos discursos nacionalistas de aceitação as manifestações culturais nossas, ainda estavam presentes na sociedade, mas na prática também sofriamos especialmente os indivíduos da classe subalterna

com o preconceito e a discriminação, o nosso exemplo fiel foi à capoeira que em meio a discursos de aceitação sofreu de fato preconceito.

Para a capoeira ser aceita como símbolo de nossa cultura, houve na sociedade transformações e com essas transformações nossa capoeira também foi exigida mudanças, e aos mestres eram exigidos de certa forma que a capoeira fosse ensinada a pessoas idôneas, assim para você entender melhor podemos explicar que dentro das academias e escolas o uniforme, a carteira de estudante, o aluno que tinha emprego, tudo isso era bem vindo e até mesmo obrigatório, havia uma aceitação da capoeira desde que ela fosse disciplinada segundo as exigências das autoridades, e havia um consenso que a capoeira contribuía para que seus alunos tivessem mente sã, corpo são, mas para isso era preciso regras que mantivessem a capoeira segundo a ordem dos superiores. Nossa cultura era moldada segundo a vontade da elite, essa realidade como já citamos anteriormente foi sendo mudada através da luta de intelectuais, mestres, alunos, etc.

Quando indivíduos da classe média e da burguesia passaram a praticar a capoeira, outro olhar vai sendo dado à prática, e a capoeira já não vai ser mais “coisa exclusiva” de pobre. Com nossa pesquisa, notamos que este fato contribuiu de certa forma para que houvesse mudanças na capoeira, uma vez que nossa capoeira perderá no sentido de brincadeiras e ritual, e um pouco da matriz africana, assim como nossos mestres passaram a visar nas aulas verdadeiros espetáculos, e com isso novos movimentos vão sendo criados, novas influências vão sendo agregadas a capoeira, como golpes de lutas do boxe e o jiu-jítsu etc. passaram a influenciar nossos capoeiristas. Veja bem, em 1953, o presidente Vargas disse na Bahia que “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” (NESTOR, 2002).

Para muitos que estavam na época, como o mestre Bimba, tal fala acima de Vargas, foi vista como um gesto majestoso pela valorização da nossa capoeira. Mas, vamos novamente para os bastidores, e para o cotidiano dos que praticavam a capoeira, ela infelizmente estava perdendo características presentes desde sua gênese. Essa realidade, é vista até os dias de hoje, é tanta inovação que nós observamos certa preocupação dos mestres mais antigos da nossa cidade.

No nosso país temos visto que alguns governos têm desenvolvido políticas públicas no sentido de reconhecimento do multiculturalismo, as lutas e diálogos, principalmente, as lutas populares têm contribuído para o desenvolvimento de tais políticas, assim a política multiculturalista visa resistir à homogeneidade cultural, principalmente, quando esta é considerada única e legítima, submetendo outras culturas a particularismos e dependência. Nesse sentido, temos visto que nossos mestres de capoeira muitos não são contra as inovações na capoeira, alguns até acreditam que novas influências vindas de outras manifestações culturais só tende a enriquecer a capoeira. Mas tudo, no entanto, deve ser feito com muita cautela, uma vez que a luta da capoeira na sua gênese é uma luta pela manutenção de certos elementos que há muito tempo a caracteriza como sendo a capoeira uma prática verdadeiramente nacional.

No Brasil, com a abertura política, e com a democracia, temos visto que a política identitária que tem buscado respeitar a liberdade individual, essa faceta da democracia tem beneficiado nossa capoeira, uma vez que o reconhecimento do multiculturalismo é saudável à democracia, com tal reconhecimento temos garantido a manutenção das nossas práticas culturais que são manifestadas através das diversidades.

No contexto dos discursos nacionalistas que ao longo do tempo foram assegurando, de certa forma, o poder das autoridades, foram surgindo discursos sobre patrimônio seja ele material, ou imaterial, esses patrimônios, também alimentam os debates acerca das definições do nacional, ou seja, passa haver uma preocupação com nossas manifestações nacionais. Nesse contexto, as políticas culturais, dentre as quais as “políticas de patrimônio”, são implementadas por estados nacionais e movimentos étnicos, visando à construção e comunicação de uma identidade nacional ou étnica.

Os estados brasileiros passam a ter consciência, cada vez mais, que a identidade de uma ‘nação’ pode ser definida pelos seus ‘monumentos’, aquele conjunto de ‘bens culturais’ associados ao ‘passado’ nacional. Então, a cultura passa a ser pensada como coisa a ser “possuída”, “preservada”, “restaurada”. Nesse sentido, muitos “bens culturais” que compõem o patrimônio associam-se ao passado, à história de uma nação, e também ao futuro da mesma, através

da sua transmissão (Gonçalves, 2007). No caso da nossa capoeira, como tudo isso tem influenciado para sua preservação? Vamos então analisar esta questão.

Veja bem, para que você entenda, vamos voltar um pouco no tempo. No Brasil, entre a década de 1930 (momento da criação do SPHAN, antigo IPHAN) até fins de 1970, o conceito oficial que permeou a política brasileira de patrimônio restringia-se aos chamados monumentos arquitetônicos e obras de arte eruditas associadas ao ‘passado’ brasileiro, e para nossa sorte esse cenário veio mudando a partir da década 1970. Diante disso, a partir desta época, a categoria “patrimônio” expandiu-se e veio a incluir documentos, antigas tecnologias, artesanato, festas, material etnográfico, várias formas de arquitetura e arte popular, religiões populares, etc. Como dissemos, houve maior visibilidade das práticas culturais ditas populares, essas práticas passaram a ter maior “valor de testemunho”, ou seja, passou a ser elemento que constituía a nossa memória, e como tal passou a ter maior valor agregado.

Para nós historiadores, foi uma grande conquista, pois as práticas culturais ditas populares como a capoeira puderam ser “testemunhos do passado” e serão assim valorizados seus discursos. É claro que isso foi um processo longo, pois como vimos havia ainda uma distância considerada entre os discursos de valorização das nossas práticas e as vivências diárias dos nossos indivíduos populares, que ainda sofriam na pele sérios preconceitos.

A flexibilização da noção de patrimônio culmina no Brasil, com a criação do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, em 2000. Este fato, para nós tem grande relevância, vamos explicar, pois o patrimônio passa a ser pensado a partir de características dinâmicas e relacionais, tal como a atual noção antropológica de cultura. Nesse sentido, a capoeira passa a ser entendida ao mesmo tempo como passíveis de transformação e como profundamente relacionada aos diferentes domínios da vida cotidiana que o compõem, ela é relacionada à identidade e à continuidade dos grupos que a detêm ao longo do tempo, assim a capoeira passa ser vista como cultura imaterial, que se transmite de geração em geração, e pode ser recriada pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e de continuidade, bem como

contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Em síntese, é por essas e outras razões que acreditamos na capoeira como fonte de transformação de vidas, especialmente, dos seus praticantes.

Sabemos que nossas identidades nacionais são de extrema impotência para todos que compõem a nossa nação, mas junto deste entendimento vem surgindo um medo especialmente para quem estuda cultura e identidades nacionais, é o medo da globalização e os frutos que esse processo pode ocasionar, ou seja, acredita-se que, num mundo globalizado, que tende a reduzir as diferenças e a padronizar as ações humanas, estas culturas locais e tradicionais estariam ameaçadas e deveriam ser preservadas através de políticas públicas. Esse medo cada vez mais é real para alguns, porém outros não observam com grande importância, pois para alguns são justamente as políticas de preservação que mantêm viva suas manifestações culturais.

A verdade é que para nós que estamos algum tempo estudando a capoeira, não estamos muito preocupados em defender posições, porém estamos preocupados com ações que possam influenciar nossa capoeira, seja para o bem ou mal. Desejamos que, apesar da globalização, nossa capoeira não seja descaracterizada, desrespeitada desde sua origem, almejamos também que com a globalização, ela possa ser vista e cresça fora de nosso ambiente local, que suas memórias de vivências possam chegar em outros universos, pois sabemos que a globalização pode criar essa possibilidade. Precisamos mesmo é deixar de lado as polêmicas e buscar fortalecer nossa capoeira com o que ela tem de melhor, caso a globalização tenda a banir traços marcantes e importantes da capoeira, sim medidas sérias têm que ser tomadas para que nossa capoeira não seja desconfigurada.

Estamos conscientes que a diversidade deve ser salva, mas devemos parar de polemizar apenas com o intuito de levar medo, desconfiança em relação às mudanças que estão exatamente agora a todo tempo ocorrendo, sabemos que esses medos têm chegado aos nossos mestres, mas temos que, como estudiosos, conscientiza-los que através da sabedoria, e da perspicácia, podemos tirar bons frutos inclusive da globalização que é tão temida por alguns, até mesmo odiada por outros. Nosso posicionamento, é que temos que

acompanhar as práticas e representações em questão, e devemos preservar elementos importantes de nossa capoeira, mas que não sejamos loucos ao ponto de acreditar que ela será num contexto de plena globalização “congelada”, assim sabemos que as práticas e seus significados vão mudando com o tempo, então cabe apenas a nós proporcionar uma freada através da nossa inteligência e políticas públicas.

É nesse campo que o Estado tem que trabalhar em parceria com as comunidades produtoras e detentoras do saber. No nosso caso, o trabalho deve ser feito com os mestres e grupos de capoeira, assim vamos garantir a reprodução e a continuidade dos bens culturais vivos, sabendo que para isso dependemos de seus produtores e detentores do saber. Nosso objetivo é que essa parceria também fomente, na cidade de Campina Grande, políticas públicas que promovam a equidade econômica articulada com a pluralidade cultural.

A capoeira é nosso patrimônio imaterial. **Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade** - A 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris, a Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O reconhecimento da Roda de Capoeira, pela UNESCO, é uma conquista muito importante para a cultura brasileira e expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão. Diante disso, há relatos de sua existência no século XVII, em pleno período escravista, mas claro não como a capoeira que conhecemos atualmente, no passado ela desenvolveu-se como forma de sociabilidade e solidariedade entre os africanos escravizados, estratégia para lidarem com o controle e a violência. Hoje, é um dos maiores símbolos da identidade brasileira e está presente em todo território nacional, além de praticada em mais de 160 países, em todos os continentes.

Nesse processo, como patrimônio imaterial, ela está vinculada ao departamento do Patrimônio Imaterial (DPI), criado em 2004, que incluí em sua missão o “respeito à diversidade cultural do Brasil” e a “valorização da diferença” (IPHAN/CNFCP, 2006, 14). No entanto, para além da perspectiva multicultural, e apesar de serem veiculados por grupos dotados de uma

especificidade étnica ou cultural, esses patrimônios remetem, em última instância, a toda a sociedade brasileira. Assim, segundo o IPHAN, a identificação dos bens culturais imateriais se daria “a partir de sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira” (IPHAN/CNFCP, 2006, 18). As práticas e saberes populares passíveis de serem registradas são pensadas a partir de sua dimensão histórica, ou seja, são ao mesmo tempo “ancestrais” e “testemunhos” do passado.

Nesse contexto, podemos mencionar que antes de A 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovar, em novembro de 2014, a Roda de Capoeira, como um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em 15 de julho de 2008, a capoeira é registrada como um bem imaterial, tal processo se iniciou em 2004, quando o então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, levou um grupo de capoeiristas a Genebra, na Suíça, para homenagear o embaixador Sérgio Vieira de Mello, morto um ano antes em atentado terrorista no Iraque. Nesse momento, Gil lançou as bases de um Programa Brasileiro e Mundial para a Capoeira (Castro, 2007). O então Ministro chamou a atenção para a grande expansão da capoeira pelo mundo afora e declarou que, a partir de então, o Ministério da Cultura reconheceria essa prática “como ícone da representatividade do Brasil perante os demais povos”, Gil entende essa atitude como uma reparação histórica a mencionada manifestação dos africanos escravizados no Brasil.

Esse processo, como explicamos anteriormente trouxe bons frutos uma vez que, em 2006 e 2007, já como parte das políticas que visavam o tombamento da capoeira, o Ministério da Cultura lançou o projeto Capoeira Viva, que distribuiu recursos financeiros para capoeiristas e pesquisadores de todo o país. A professora Simone Pondé Vassallo da universidade UERJ pontua que:

No entanto, um dos principais contextos motivadores do registro da capoeira foi à penetração massiva desta atividade no mercado internacional de bens culturais. A globalização da capoeira trouxe consigo o medo de que algum outro país, sobretudo os Estados Unidos, reivindicasse a sua paternidade. E tal receio não é de todo infundado, já que, em 2001, o governo norte-americano concedeu ao mestre baiano João Grande o altíssimo título de *National Heritage Fellowship* (Comunidades do Patrimônio Nacional), considerado o

mais importante para os que lidam com artes folclóricas e nacionais nesse país. Apesar da importância do título norte-americano, o acontecimento aparentemente passou em branco no Brasil. Há ainda o receio de que o êxodo de capoeiristas qualificados para o exterior se intensifique, o que poderia inverter as relações de poder. Colocando o Brasil numa posição periférica em relação a esta prática, Apesar do sítio do IPHAN privilegiar uma perspectiva harmônica, o processo e as negociações que conduziram ao registro da capoeira foram alvo de inúmeras disputas em torno das representações e da “posse” da capoeira. Em última instância, discutia-se quem tinha legitimidade para definir e veicular a capoeira. De um modo geral, para os mestres, a capoeira é uma atividade que lhes pertence acima de tudo, já que é graças ao seu esforço e sua dedicação que esta atividade atravessou os tempos até tornar-se o que é hoje. Por isso, insistem em afirmar que “a capoeira independe de apoio oficial para sobreviver: durante séculos, ela resistiu autônoma, valendo-se do seu poder de mutação (VASSALLO, 2008, p.12).

Para IPHAN, a divulgação e implementação dessa atividade em mais de 150 países se deve aos mestres, que tiveram a sua habilidade de ensino reconhecida. Assim, a professora Vassallo (2008, p. 13) esclarece que apesar de não serem contrários ao registro, esses mestres parecem acreditar que a capoeira é um instrumento político que lhes pertence e que gera desconfiança quando passa para as mãos do Estado. Alguns temem que, por trás dessa iniciativa, o Estado brasileiro esteja querendo se apropriar da prática da capoeira e retirar a responsabilidade das mãos dos praticantes. Certos mestres de grande prestígio reclamaram de não terem sido convidados para participar de todo o processo que culminou com o registro desta prática como patrimônio imaterial. Outros denunciaram a pouca participação dos capoeiristas nas negociações. Tudo isso, segundo eles, compromete a legitimidade deste ato. Todos estes fatos, acreditamos que sejam importantes para nós esclarecermos a vocês leitores.

Alguns mestres de capoeira ficaram descontentes com esse processo, pois foram algumas faltas que levaram de fato a ausência de respeito a nossa capoeira. Assim, alguns mestres defendem que no processo era para nossas autoridades terem mais respeito e mais sensibilidade, bem como reconhecerem que a capoeira é um bem cultural afro-brasileiro e não apenas uma manifestação cultural brasileira. Nossos mestres estão cada vez mais conscientes e reconhecem que a capoeira é uma manifestação negro-africana, a qual traz consigo a história, o sofrimento e a resistência do povo negro. Ao

homem branco nada impedi de participar dessa manifestação, desde que não descaracterize a capoeira em sua essência.

Nesse momento, acreditamos que há uma disputa entre os mestres de capoeira e o Estado. Nesse interim, vamos explicar, os mestres alegam que dominam a arte, e também conhecem profundamente a memória que faz parte do universo da capoeira, e o Estado por sua vez alega que deve ter a “tutela” da capoeira e isso o autoriza a tomar decisões a seu respeito. Desse modo, acreditamos que essa disputa, que aos nossos olhos é uma disputa que não contribui muito para o engrandecimento da capoeira, pois almejamos mais amadurecimento desses dois campos de atuação. Sendo assim, é preciso que tanto os mestres e o Estado trabalhem juntos em prol da capoeira, pois uma disputa de ego pela “posse” da capoeira só a torna frágil perante os obstáculos que ela passa no seu cotidiano. Desejamos com nossa pesquisa chamar atenção dos mestres e do Estado e lembrar a todos que sua luta não é contra um grupo, mas contra todas as mazelas que torna a capoeira frágil perante os obstáculos.

CAPITULO VIII

MÍDIAS DIGITAIS ATUAM NA DIVULGAÇÃO DA CAPOEIRA

A princípio, vamos falar sobre globalização e inovações tecnológicas e como vêm atuando na divulgação da capoeira na cidade de Campina Grande. Em suma, não há dúvidas de que as novas ferramentas integradas à globalização tecnológica alteram comportamentos num panorama mundial, além de acarretar mudanças em nosso próprio cotidiano. Nossa dúvida, no momento é saber como as novas mídias digitais vêm contribuindo para divulgar a capoeira e como isso contribui para trazer melhor desempenho dos nossos capoeiristas no processo de divulgação da prática. Como vimos, na década 1980, havia uma ausência de divulgação da nossa capoeira nas páginas de jornal de nossa cidade e essa ausência é justificada pelo fato que a capoeira não pertencia a uma manifestação oriunda da elite. Mesmo assim, a capoeira é um movimento fruto de uma cultura de resistência afro-brasileira, e devido a isso, vemos que através de lutas, a capoeira não caiu no esquecimento e encontrou meios para ser cada vez mais divulgada e hoje como fruto deste movimento. Então, vemos a capoeira sendo divulgada em Facebook, Twitter, Instagram e Website, etc.

Ademais, esses meios de divulgação da capoeira vêm possibilitando que haja maior divulgação da cultura do povo negro, assim temos visto que é uma cultura muito vasta, rica e transcende fronteiras, uma vez que a cultura negra, também denominada afro, nordestina e inspira a cultura brasileira, pois é integrante desta.

Os meios de tecnologias vêm possibilitando para que nós estudiosos desconstrua certas ideias de preconceito, as quais estavam muito vivas no nosso passado a exemplo a ideia de que o negro não era visto como “ser”, mas como “coisa” e “transformou-se no símbolo da antiinteligência, anticultura, e anticriatividade” (MOURA, 1983, p. 141). Dessa maneira, levamos nossos alunos a terem outras reflexões, e mostramos que sim os povos negros foram e são criadores de cultura a exemplo a capoeira que é tão rica e fruto desta manifestação cultural negra. Assim como, expõe Clóvis Moura (1983, p. 140), a contribuição do negro foi das mais substantivas e significativas ao

desenvolvimento de nossa própria cultura. Para o mencionado intelectual, ainda que a contribuição “[...] não foi morta, nem insignificante, nem periférica, nem inferior e não é folclórica. Foi e continua sendo – durante a escravidão como agora – uma cultura de resistência dos oprimidos no Brasil”.

Através de imagens, músicas e filmes mostramos aos nossos alunos que o negro não veio sem cultura do seu local de origem. Ao entrar no Brasil, ele viu uma realidade totalmente diferente da que vivia, visto que para o colonizador europeu eles eram considerados somente como mão-de-obra, mas o negro no continente africano vivia em tribos, alguns que vinham era até príncipes. A heterogeneidade cultural das etnias africanas era imensa, ou seja, lá se tinha uma prática cultural diferenciada, dependendo da região à qual pertenciam e através dessas tecnologias que são ferramentas importantes em nossas mãos, assim nossos mestres de capoeira podem levar estas informações tão valiosas para seus alunos.

Temos o compromisso de levar a verdade para os discentes e estas ferramentas que estão no mercado nos possibilitam isso, mostrar que uma vez presente no país, dentre tantas outras dificuldades vivenciadas pelos negros como nos conta a história, uma delas foi justamente manter viva sua cultura. Muito além dos fatores internos, como distância da “terra mãe”, convívio com seus semelhantes e difusão das práticas costumeiras de geração a geração, o negro sofria demasiada pressão externa no intuito de “perder” sua cultura. Para conseguir preservar sua cultura e suas crenças, o negro foi obrigado a buscar dois caminhos: a “aceitação” do que era imposto pela igreja católica, e autoridades, miscigenando com o que eram compatíveis com sua cultura, como também, os que conseguiam fugir, através da manutenção de seus ritos nas sociedades clandestinas por eles formadas, e chamadas de quilombos. Nos quilombos, de forma oculta, às margens do poder, os negros possuíam certa liberdade para se manifestarem. Mormente, de acordo com os costumes de suas terras natais. Esclarecer tudo isso é importante, pois explica para nós o porquê não temos a capoeira presente nas primeiras páginas dos jornais de nossas cidades.

Na nossa sociedade, houve um “intercâmbio” de cultura, que é mais caracterizado pela imposição, tomemos como exemplo o sincretismo e o modo

do negro tentar manter vivo seu passado cultural, assim discorre Abdias do Nascimento (1978, p. 108):

Segundo a imagem que este mito [sincretismo religioso] pretende transmitir, as religiões africanas, ao se encontrarem no Brasil com a religião católica, ter-se-iam amalgamado ou se fundido naturalmente, intercambiando influências de igual para igual, num clima de fraterna compreensão recíproca. Entre outros, Roger Bastide demonstrou exaustivamente o contrário; que longe de resultar de troca livre e de opção aberta, o sincretismo católico-africano decorre da necessidade de que o africano e seu descendente tiveram de proteger suas crenças religiosas contra as investidas destruidoras da sociedade dominante. As religiões africanas efetivamente postas fora da lei pelo Brasil oficial, só puderam ser preservadas através do recurso da sincretização. [...] Tem sido o sincretismo mais outra técnica de resistência cultural afro-brasileira do que qualquer das explicações “científicas” propagadas com fito domesticador.

Nesse âmbito, no passado era mais difícil para nós educadores a exemplo os mestres de capoeira desconstruir certos preconceitos, havia poucas fontes e quando livros de história faziam menção as riquezas da cultura africana, isso ocorria através de breves passagens. Hoje os educadores e alunos podem recorrer a livros em sites renomados que fazem referências às riquezas da cultura africana e da cultura afro brasileira. Sendo assim, atualmente, nossos alunos podem ter conhecimento que a influência africana não está apenas no campo da religião, assim na concepção de Mônica Lima (apud FIGUEIREDO, 2009), acompanhada por Oscar Freyre, a linguagem acaba por ser um dos aspectos mais evidentes da contribuição cultural dos africanos. Desse modo, palavras como farofa, samba, moleque, dengo, neném, quitanda são todas de origem africana.

Nessa perspectiva, Clóvis de Moura (1983) afirma ser incontestável a influência do negro às artes, principalmente à música brasileira, de forma tão marcante. O escritor aqui se refere aos batuques, às batidas, ao gingado, pontos hoje conhecidos legitimamente como brasileiros, mas que possuem passado de intimidade com o povo oriundo da África, deixando, a título elucidativo, as rodas de capoeira, em que todos esses elementos se faziam presentes (e ainda se fazem).

Assim como na música, Clóvis Moura (1978) afirma que o negro manifesta-se também na poesia popular e na poesia oral. A literatura popular de origem africana é riquíssima. A mesma literatura contém uma vasta série de

contos e lendas que hoje integram o folclore brasileiro: contos totêmicos, ou seja, conjuntos de animais, como: tartaruga, lebre, sapo, antílope, elefante, crocodilo etc. Sabemos que muitos de nossos discentes não têm condição financeira para ter acesso fácil à vasta literatura de origem africana e afro brasileira. O professor que é consciente desta realidade, e vêm buscando facilitar a vida de seus alunos, trazendo assim para sala de aula outras possibilidades para a realização de pesquisas que possam resultar em aprendizado, bem como as tecnologias como celulares, computadores e Tabletes, os quais podem criar uma ponte para que os custos possam ser amenizados, e assim seus alunos possam ter acesso à educação de qualidade. Posso citar meu próprio exemplo, essas ferramentas citadas anteriormente possibilitaram que essa dissertação fosse realizada, sendo esse processo de grande importância, pois possibilitará com isso levar informações sobre a capoeira. Nesse momento, o importante mesmo é que a cultura africana e afro brasileira estejam dentro das salas de aula e, não menos importante, que estejam influenciando nossas vidas.

Nesse sentido, sabemos que a globalização tecnológica é sedenta por desenvolvimento, e tem servido também para que estruturas individuais se alterem, impactando na forma como cada pessoa toma as suas decisões e vive a sua vida. Assim, a cada dia que se passa o contato com as novas tecnologias se torna ainda mais possível, e em praticamente qualquer lugar podemos acompanhar o mundo digital.

A globalização tecnológica é fundamental para as estruturas comerciais da atualidade, e esta é uma das principais razões pelas quais as inovações de vanguarda começam a permear locais inesperados do globo. Sabendo disso, cabe a nós questionar que inovações estão chegando até nossos capoeiristas, e como eles usam para facilitar seu trabalho e seu cotidiano com os alunos. Nesse momento, que vivenciamos o cenário da pandemia muitos alunos estão em suas casas, e essas novas mídias têm contribuído para que os alunos tenham acesso a aulas online, e essa interação entre professor e aluno possibilita que as atividades não parem, bem como que a educação continue dando bons frutos.

No século XX, Inicialmente, ocorre a mundialização de produtos físicos, mas este fenômeno rapidamente se torna mais abrangente, expandindo-se ainda às trocas culturais, artísticas e desportivas, é neste aspecto que a nossa capoeira tirou proveito, uma vez que suas práticas conseguiram ser vistas através de mídias digitais como blogs, vídeos na internet, assim como canais famosos de capoeiristas. Atualmente, os mestres de capoeira não divulgam apenas a capoeira nas rodas que ocorriam na década de 1980 nas ruas, mas ela está presente no cotidiano das pessoas através de outros meios.

A capoeira se tornou um fenômeno mundial e, segundo Mariana de Toledo Marchesi, pesquisadora do centro de pesquisa Atopos, da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), e capoeirista há cerca de dez anos, esse processo se deu por duas frentes: existe uma movimentação migratória de capoeiristas brasileiros que foram para o exterior, mas também há outra midiática, que permitiu a circulação das informações sobre a prática nos mais diversos lugares. Para a pesquisadora, a mídia forma o ambiente cultural e não há como estudar uma cultura sem entender o ambiente midiático em que ela habita.

Diante disso, com as inovações midiáticas, nossos alunos que, por alguma razão, não podem estar presentes com seus mestres, porém buscam vídeos na internet para treinar ou descobrir novos movimentos, isso é fantástico uma vez que possibilita o conhecimento e facilita de certo modo a vida do aluno e do seu mestre. Notamos que em nossa cidade, os alunos estão tendo uma vivência virtual da prática da capoeira, é justamente o que mencionamos, quando surge a oportunidade nossos alunos podem recorrer a vídeos, e aulas que possibilitam que nossos discentes relembrem os golpes aprendidos nas escolas, academias, etc. O mundo passou por mudanças e essas transformações possibilitaram que nossa capoeira se projetasse de outros modos na sociedade campinense.

Nessa conjuntura, a partir da década de 1950, no Brasil, podemos observar que começou a surgir os primeiros materiais audiovisuais sobre a luta e a transmissão do conhecimento que deixou de serem necessariamente presenciais. Os golpes poderiam ser aprendidos até mesmo através dos cinemas, alguns filmes embora não tenham sido sucesso de bilheteria, foram

muito expressivos para que a capoeira se popularizasse pelo mundo. Os filmes, blogs e canais, atualmente, são vistos como um grande meio de expansão da cultura, e que com muito orgulho vemos através deste movimento, nossa capoeira cada vez mais crescer não só em nossa Campina, mas no território brasileiro.

Na década de 1980, em diante, havia em Campina uma grande luta para que os jornais oficiais divulgassem com mais frequência às manifestações populares. Na contemporaneidade, a situação mudou, e nossos mestres podem criar seus próprios meios para divulgar seus trabalhos, isso é muito importante uma vez que atrai os seus alunos para as academias, e escolas, possibilitando então que os mestres garantam sua renda, e não menos importante levando a capoeira a lugares antes nunca imaginados. Com a importância da capoeira têm crescido o número de portais sobre capoeira na internet. Temos também blogs no qual respeitáveis capoeiristas escrevem suas experiências, é uma espécie de diário de pesquisa e foi através deles que muitos capoeiristas vêm trocando experiências de suas lutas e conquistas. Essas matérias para nós são de suma importância, uma vez que, estão possibilitando obtermos materiais para escrever sobre a capoeira em nossa Campina Grande. Desse modo, estamos nos conectando a capoeiristas de uma maneira inovadora, fruto do processo da globalização. Portanto, aqui dos nossos lares estamos vendo o trabalho de importantes mestres de capoeira, e estamos tendo contato com suas histórias, fotos, bem como com sua visão de mundo.

Diante desse contexto, a primeira referência sobre capoeira na internet foi um projeto, do então idoso e hoje já falecido, Mestre Decânio, discípulo direto de Mestre Bimba, figura bastante importante e conhecida no meio da capoeiragem. Nesse sentido, Decânio tinha consciência da importância de registrar tudo o que havia aprendido para que a capoeira continuasse existindo. Por certo, aqui fica então o nosso eterno agradecimentos a essas figuras importantes de nossa história, e nosso muito obrigado a todos que, através das mídias, vêm fazendo história e deixando suas contribuições para posterioridade. Estamos aprendendo os golpes e também a história que mantém viva na memória de todos a nossa capoeira. Assim, segundo Mariana

de Toledo Marchesi, pesquisadora do centro de pesquisa Atopos, da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), considera ser essa a principal motivação das pessoas que hoje mantém esses canais na internet, a questão da transmissão cultural. “Existe um momento em que você percebe que carrega uma herança que depende também de você que essa cultura continue viva”.

Em Campina Grande, quando visitamos acervos públicos com inúmeros jornais, notamos algo recorrente nas páginas dos jornais, ou seja, a ausência de informações sobre a capoeira, pois não existiam notas que valorizassem a sua prática, e não havia informações sobre os eventos que os grupos realizavam. Era como se nossa capoeira não estivesse viva em nossa cidade, esse fato dificultou nossa pesquisa, uma vez que ficamos ainda com muitas dúvidas que só foram solucionadas com a contribuição dos mestres de capoeira. Para o mestre Sabiá, está ausência de informações nos jornais impressos, é explicada pelo fato que a nossa elite e as nossas autoridades não estavam muito preocupados com o andar da capoeira, sendo que só com o tempo, e com as leis de reconhecimento e valorização, é que a capoeira passa a ser divulgada em jornais impressos e portais da internet. Nessa perspectiva, hoje notamos que os jornais eletrônicos divulgam a capoeira com mais frequência, tomemos o exemplo do Portal Correio, Jornal da Paraíba, Portal Capoeira, entre outros jornais, os quais através dos seus sites vêm desenvolvendo um importante trabalho que possibilita a divulgação da capoeira. Esses sites são hoje utilizados por nós pesquisadores, e alunos que estão interessados em conhecer como a capoeira vem atuando em nosso Estado e em nossa Campina.

Nesse ínterim, através desses portais são divulgadas informação vinculadas ao universo da capoeira, a exemplo o Portal Correio que sempre divulga informações sobre a capoeira, são emitidas notícias como: *Campina Grande abre vagas para aulas gratuitas de capoeira*, a notícia informou, na data 04/05/2021, que a Secretária Municipal de Cultura de Campina Grande abriu inscrições para aulas gratuitas de capoeira na Estação Cidadania-Cultura, situada no bairro Malvinas. São ofertadas 40 vagas, divididas em duas turmas de 20 alunos cada. As aulas vão acontecer nas segundas e quartas-feiras, das 17h às 18h. Todas as aulas de capoeira serão ministradas pelo Mestre Sabiá.

Já no dia 05/09/2018, foi anunciado que *Estudante cria jogo que discute cultura negra por meio da capoeira*. Com a mencionada notícia, ficamos sabendo que um aluno do curso de Design da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), resolveu trazer o tema do racismo e do respeito ao próximo de uma forma lúdica e acessível. Nesse sentido, Wagner Porto teve a ideia de abordar o assunto em seu trabalho de conclusão de curso, que resultou na elaboração do 'Paranauê', jogo de tabuleiro inspirado na Capoeira e que pretende contribuir para vencer questões sociais que há muitos séculos enfrentam batalhas diárias no Brasil e no mundo. "O público alvo desse projeto são os alunos do Ensino Fundamental II de escolas públicas. Mas a intenção é também levar para as escolas privadas e ainda para a casa das pessoas", explicou o Wagner.

Ainda nessa perspectiva, o jornal Paraíba no seu site, divulgou a notícia no dia 5 de julho de 2021, que Campina Grande abre vagas em escolinhas de esporte, assim a Prefeitura de Campina Grande divulgou a abertura de matrículas para escolinhas de iniciação esportiva, em pelo menos 13 modalidades. O jornal mencionado informava que as inscrições seriam abertas na quarta-feira (7), em cinco locais de prática esportiva, e a capoeira seria uma dessas modalidades ofertadas, sendo que as aulas deveriam começar no dia 12 de julho, e toda a programação deve seguir regras de prevenção à Covid-19, e as aulas são ministradas por professores, evidentemente, com experiência anterior.

Já o portal capoeira, trás informações importantes sobre a história da capoeira e notícias, um exemplo que podemos citar foi que o portal divulgou: *o poder do feminino na capoeira*, no dia 3 Setembro, 2021, assim foi mencionado na notícia que as mulheres na Capoeira, muitas vezes, encaram dificuldades para coexistirem na cena das culturas populares. Tais empecilhos como: assédio, desrespeito e baixa expectativa, são marcas lamentáveis do patriarcado que "empodera" o machismo estrutural que nos assola. Oyá é o símbolo perfeito da mulher Capoeira, que aguerrida e determinada, não tem medo de correr riscos, a qual canta, toca, joga, estuda, trabalha, cria filhos, enfrentando todos os dias à guerra em favor de uma sociedade com mais equidade. Assim, o poder do feminino na arte da ginga é como ar em

movimento, impossível de se segurar, por isso te convido a ir com elas, usando o vento para voarmos juntos e misturados.

Sendo assim, no momento, acreditamos ser importante mencionar esses portais e suas notícias vinculadas ao mundo da capoeira, e nós temos outros portais, mas por hora vamos mencionar estes, pois o que desejamos mesmo é mostrar que as coisas mudaram desde 1980 a 2014 para frente. Assim, a capoeira não está morta, ao contrário, ela está sendo divulgada, e noticiada em importantes meios de transmissão de informações, acreditamos que isso só foi possível devido a muita luta, e a muita estratégia de sobrevivência, pois os mestres e alunos com suas táticas não silenciaram a capoeira, e o fruto disto tudo, é isso que você observa, ou seja, a capoeira está sendo vista em nossa sociedade como elemento vivo e transformador de vidas.

Em suma, a ausência de informações no passado sobre a capoeira nos trouxe um esforço exaustivo, uma vez que foi necessário frequentar muitos acervos de jornais e mesmo assim não tínhamos sucesso na pesquisa, só com as entrevistas entendi o porquê deste trabalho frustrante. Por certo, não podemos forjar a história e temos que dizer a verdade, pois a superioridade de alguns como a elite e as autoridades, trouxe sim prejuízo a nossa capoeira, e hoje os pesquisadores têm que se desdobrarem para conseguir informações. Temos neste momento, porém, que agradecer ao tempo e as lutas constantes, especialmente, daqueles que se esforçaram pelas conquistas da capoeira. Então, fica nosso agradecimento aos mestres, aos alunos, aos intelectuais e aos portais de informações que vêm trazendo transparência nas notícias e sendo mais equânime, bem como valorizando o que emana das massas a exemplo a capoeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, como vimos, poucos símbolos representam tanto o Brasil quanto a capoeira. Essa mistura de dança, luta, artes marciais e música carrega a cultura do nosso país para o mundo todo.

Nesse sentido, com nossa pesquisa tomemos a consciência que houve um longo percurso para capoeira ser hoje símbolo de orgulho nacional. Desde sua gênese, sua prática foi vista como coisa de marginais. Havia o preconceito com a prática e com sua origem, ou seja, as raízes ligadas ao povo negro. Nessa perspectiva, notamos que com a proibição veio medidas de punição aos praticantes. Nesse contexto, em 11 de outubro de 1890, já após a Proclamação da República, decreta-se proibida à capoeira, sobre pena de prisão de dois a seis meses para os praticantes, e o dobro para os líderes da atividade. Caso o capoeirista fosse estrangeiro, seria deportado depois de cumprida a pena. Os chamados “capoeiras” eram considerados marginais.

Desse modo, apenas em 1935, a capoeira sai da ilegalidade, sendo considerada, posteriormente, parte da Educação Física e em seguida modalidade desportiva. Em 2014, a UNESCO reconheceu a capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Ademais, apesar de existirem muitos estilos de capoeira, são dois os mais conhecidos a *Capoeira Angola*: estudos indicam que o nome vem do porto de Angola, principal ponto de embarque dos escravos africanos. Para os portugueses, os escravos trazidos da África eram chamados de angolanos. Então, trata-se de um estilo mais lento, com movimentos praticados perto do solo, muito sutis. O mestre mais famoso da capoeira angola é Pastinha que, em 1941, fundou o extinto Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), no Largo do Pelourinho, em Salvador.

Nesse contexto, temos também *Capoeira Regional*, este estilo foi criado pelo Mestre Bimba, originalmente com o nome “luta regional baiana”. A capoeira regional tem fortes elementos de artes marciais nos seus movimentos. É um jogo mais rápido, cheio de fundamentos próprios e ordens de aprendizado, a famosa “sequência de ensino”.

Em Campina Grande, vemos que apesar das inovações, aonde novos movimentos são agregados a nossa capoeira, ela ainda tem um pé na capoeira angola e também regional. A capoeira é propriedade de nossa cultura, é ligada a experiência coletiva do homem negro, que através de sua prática este homem buscou solucionar problemas de suas vivências, esse processo não deixa de ser um exemplo de experiência política, uma vez que nossos capoeiristas lutaram bravamente pela sua afirmação enquanto segmento social. Partindo desta constatação podemos observar que a experiência do homem negro, foi marcada pelas relações de produção, que trouxe marcas de exclusão que ainda hoje ressoa na nossa sociedade, fazendo com que homens e mulheres experimentem a vida que é assinalada pelo jogo de desejos e carências, e suas marcas podem ser vista através da cultura, uma destas marcas que estamos buscando desvendar através de nosso estudo é a capoeira.

Nesse processo, notamos que a capoeira quando vista como coisa de desocupado, não tinha muito espaço em jornais e mídia televisiva, tudo isso faz com que nós estudiosos pensem a condição dos dominadores e dominados na sociedade. Desse modo, através de nossos estudiosos e das fontes que obtemos, notamos que princípios e ideias podem ser manipulados segundo os interesses das classes dominantes. As ideias seriam, então, o reflexo da imagem construída pela classe social dominante. O poder que ela exerce sobre as pessoas está diretamente relacionado com a edificação ideológica que esta “elite” constrói dentro das mentes de seus dominados, fornecendo sua visão de mundo.

Eventualmente, muito do preconceito que nossos capoeiristas campinenses enfrentaram, nas décadas 1980-1990, pode ser respondido por essa lógica. Portanto, ideias distorcidas sobre a capoeira foram sendo permeadas na consciência de todos, transformando-os em objetos de uso e de exploração. Dizemos objeto de exploração, uma vez que muitos capoeiristas, no Brasil, desde sua gênese foram usados como manobra pela elite. Então, notamos que os praticantes de golpes às vezes eram úteis quando a elite desejava eliminar seus adversários políticos, mas ao mesmo tempo era uma prática temida, em

decorrência do pensamento preconceituoso que não era coisa oriunda das classes abastadas e branca.

Dessa maneira, nas décadas de 1980-1990, em Campina Grande quando nossa capoeira estava sendo divulgada nas ruas e praticada em associações, os nossos negros das periferias sofriam com um sistema que gerava exclusão e pobreza, e vivíamos uma época difícil, trata-se do período da repressão. Nesse sentido, a ditadura foi instituída não só em Campina Grande, mas no Brasil como um processo legítimo, moral e correto, essa ideia permeava dentro do círculo da nossa elite. E, como vimos isso influenciou diretamente em movimentos de negro em Campina Grande, alguns indivíduos militantes foram levados pela polícia quando suas ações eram tidas como subversivas, e os nossos capoeiristas também estavam na mira das autoridades.

Nessa perspectiva, com nossas fontes tivemos a percepção que a história por muito tempo deu ênfase aos grandes “heróis”. Para alguns historiadores, a história era vista de cima para baixo e os grandes eventos ocultavam os personagens que também possuíam seu papel de destaque, e essa história vem sendo superada desde o surgimento da Escola dos Annales. No nosso trabalho, apresentamos aos leitores outro tipo de herói, pois não possibilitamos puramente ênfase aos grandes feitos de políticos, pelo contrário trouxemos à luz o homem simples, o qual com seu trabalho estão transformando vidas através, especialmente, da educação.

Nosso herói (mestre de capoeira) já foi marginalizado por personagens ditos grandes, mas sobreviveu e, ainda, apesar das mazelas que enfrentam estão presentes nas escolas, bem como envolvidos em movimentos negros. Por certo, nossos capoeiristas se encontram tão sensibilizados com seus alunos que para eles terem acesso à educação, estão cada vez mais se candidatando ao voluntariado, assim temos visto mestres em Campina que dão aulas gratuitas, pois alegam que isso ocorre por amor à arte, e afeto pela nossa capoeira, assim como pela ausência do Estado em assegurar, a todo tempo, às aulas. Sabemos que a história nem sempre é justa, uma vez que ela por permitir voz aos grandes personagens oriundos, especialmente, da elite. Em Campina, temos praças que levam nomes de grandes políticos, mas há uma ausência de praças que levem o nome de pessoas pobres, as quais na sua

vivência simples transformaram suas vidas e as histórias de quem estava ao seu entorno.

Além disso, estamos aqui desejando fazer uma reflexão de tudo que nossa pesquisa tem nos mostrado. Na contemporaneidade, nossos mestres podem usufruir de salários, aposentadoria, entre outros, entretanto, não é ainda as conquistas presumidas para todos terem boa qualidade de vida. Tudo isso, contudo foi fruto de grande sofrimento, visto que ser capoeirista não foi e não é tarefa fácil, pois no seu cotidiano os mesmos têm que enfrentar os olhares preconceituosos daqueles que não entendem a prática, bem como superar a falta de atenção por parte de nossas autoridades. Inegavelmente, muitos capoeiristas no seu ambiente de trabalho não têm segurança, e espaços apropriados com objetos de trabalho disponibilizados como agogô, reco-reco, berimbau, uniformes, e outros. Todos esses elementos devem ser fornecidos pelas autoridades educacionais, caso os encontros ocorram em escolas ou em centros de educação, e não podemos esquecer-nos das responsabilidades destas instituições, uma vez que elas têm as condições materiais para que as atividades ocorram. Portanto, os mestres estão sobrecarregados, pois nem sempre o ambiente é adequado, assim como os instrumentos não são disponibilizados de forma que permita uma efetiva realização das atividades.

Em suma, desejamos com nossa pesquisa, contribuir para que estes problemas sejam vistos e solucionados. A luta é de todos, dos mestres que resistem no seu cotidiano, e dos educadores historiadores que levam informações sobre a capoeira aos seus alunos, bem como das autoridades administrativas educacionais e não menos importante dos pesquisadores. Nesse interim, temos plena consciência de nosso papel e sobre o que almejamos objetivando que a capoeira tenha cada vez mais visibilidade em nossa cidade. Sendo assim, levamos informações e somos historiadores, porém investigamos os fatos de forma minuciosa, almejando que os dados não fiquem obstruídos, e objetivando que as autoridades tenham a clareza dos obstáculos enfrentados pelos capoeiristas, alunos, entre outros.

REFERÊNCIAS

AREIAS, Anande das. **O que é capoeira**. 4ª edição. São Paulo: Editora da Tribo, 1999.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. in: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) Fontes Histórias. São Paulo: Contexto, 2005.

ADINOLFI, Maria Paula Fernandes. **Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Processo nº 01450.002863/2006-80 Parecer nº 031/08, 2008. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1388>. Acesso em: 10 mar. 2014.

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador; EDUFBA, 2005.

ALMEIDA, Juliana Azevedo de. **A reflexividade nos discursos identitários da capoeira** ..Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil , 2008.

ANNUCIATO, Drauzio Pezzoni. **Liberdade disciplinada: relações de confronto, poder e saber entre capoeiristas de Santa Catarina**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ARCHETTI, E. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARAÚJO, Hugo Leonardo Esterci; FONSECA, Adriana De Castro. **Capoeira e cidadania: seu poder e atuação como instrumento educacional em ambiente escolar**. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery <http://re.granbery.edu.br> - ISSN 1981 0377 Curso de Educação Física - N. 9, JUL/DEZ 2010.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. **De Uma história do negro no Brasil, Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais**; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALLPORT, G. W., **The nature of prejudice**, New York: Basic Books, 1954;

ALVES, José Cláudio Souza. **Assassinos no poder. Ação de grupos de extermínio dá lucro à contravenção e favorece a ascensão de políticos ligados ao crime na Baixada Fluminense.** In Revista de Historia da Biblioteca Nacional, Edição n. 25, Outubro de 2007. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/revista/edicao/25>>, acesso em 20 de julho de 2015.

ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue.** Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

AKKARI, Abdeljalil; SANTIAGO, Mylene Cristina. **Diferenças na educação; do preconceito ao reconhecimento.** Revista teias; v. 16, n. 40, p.28-41, 2015.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984).** Petrópolis: Vozes, 1989.

ABREU, PLÁCIDO. **Os Capoeiras.** Rio de Janeiro.: Seraphim, 1886.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CAPOEIRA BADAUÊ. **Capoeira-Mestre Sabiá-** Campina Grande, 2004.

ARAÚJO, Paulo Coelho de. **A falta de rigor científico nos estudos sobre capoeira.** Comunicação apresentada ao SEMINÁRIO DE PESQUISA, SAÚDE, ALIMENTO E MEIO AMBIENTE, 9 A 11 de setembro de 1992, Salvador, Bahia. digt.

ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves. **A saga do mestre Bimba.** Salvador, 1994.

_____. **Bimba: perfil do mestre.** Salvador: CEDUFBA, 1982.

AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de sociologia.** São Paulo: Melhoramentos, 1935.

ALBUQUERQUE, J.A.G. 1983. **Althusser, a ideologia e as instituições.** In L. Althusser. Aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal.

AGUIAR, Joabe Barbosa. **“Cassar e caçar”:** o golpe civil-militar de 1964 em **Campina Grande.** Revista Paraibana de História, ano I, n. 1, 2º semestre de 2014.

ARAÚJO, P. C. de. **Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira**: de uma actividade guerreira para uma actividade lúdica. Maia: Instituto Superior da Maia, 1997.

ALMEIDA, R. C. A. de. **Bimba: perfil do mestre**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

ARANHA, Gervásio B. **Campina Grande no espaço econômico regional: estradas de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907-1957)**. João Pessoa: UFPB, 1991 (Tese de Mestrado em Sociologia Rural).

ABREU, Frederico José de. **Repressão a Capoeira**. Revista Textos do Brasil. 14. ed, Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2009, p. 35 – 42.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**, São Paulo, Ed. Ática, 1990.

BARRETO, Raquel Goulart. **Formação de professores, tecnologias e linguagens**. São Paulo: Loyola. 2002.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. 11. ed, Brasília: Ed. UnB, 1998.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (1994).

BRYAN PALMER (apud FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo, 1998, p. 13)

BONFIM, João Bosco ; VIEIRA, Luiz Renato. Agenda Legislativa para a Cultura. In: MENEGUIN, Fernando (org.) **Agenda Legislativa para o Desenvolvimento Nacional**. Brasília: Senado Federal, 2010. Cap. 21

BARBOSA, Attila Magno e Silva. O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 2, 2007. Disponível em:< www.revistas.ufg.br>. Acesso em: 24 de jan. de 2008.

BRITO, Lúcia Helena; SILVA, Francisco Antonio. **O legado da cultura popular como folclore e a ideia de nação**. Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação, 2006.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT & STERIFF-FENART. Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

BRANDÃO, André Augusto. **Miséria da Periferia: Desigualdades Raciais e Pobreza na Metrópole do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2004.

BONATES, KK. **Íuna mandigueira: a ave símbolo da capoeira**. Manaus: Fênix, 1999.

BARROS, José D'Assunção. **Albuquerque: revista de História**, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 71-115, jan./jun. 2010.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: Editora Colégios das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-Brasileiros**, Editora Perspectiva, São Paulo, 1973; p. 156.

BUEY, Francisco Fernández. **Marx (sem ismos)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

BRASIL. Lei n. 50, de 2007. **Regulamenta as atividades dos profissionais de artes marciais, capoeira, dança, surf, bodyboard, skate, e dá outras providências**. Apensos o PL 2.858/08 e o PL 5.222/09. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/898723>. pdf. Acesso em: 25 de Abr. 2017.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639. htm. Acesso em: 31 de Jul. 2017.

BRASIL. **Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010.** Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007/2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 29 de Abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. Dossiê: **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil.** Brasília: IPHAN, 2007.

BRITO, Celso de . **A Roda do Mundo: A Capoeira Angola em Tempos de Globalização.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. v. 1000. 221p.

BRAGHINI, Katya Zuquim. **A “vanguarda brasileira”: a juventude no discurso da revista Editora do Brasil s/a (1961-1980).** Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2010.

BRAGHINI, Katya Zuquim; GAMESKI, Andrezza Silva. **"Estudantes democráticos": a atuação do movimento estudantil de "direita" nos anos 1960.** Educ. Soc., Campinas, v. 36, n. 133, 945-962, 2015.

BENSA, Alban. **“Da micro-história a uma antropologia crítica”.** In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BARROS, Kaled Ferreira. **Capoeira na Educação Infantil Teoria de Ensino e Atividades Práticas.** São Paulo: Editora Phorte, 2012.

BARROS NETO, Evandro Elias de. **Teatro e ditadura em Campina Grande : história e memória (1970-1985)** / Evandro Elias de Barros Neto. – Campina Grande, 2017. 142 f. : il. color.

BATISTA, Jonas. Simão Almeida: **o golpe chega a Campina Grande.** In: MELLO. José Octávio de Arruda; GUEDES, Nonato; BARBOSA, Sebastião; OLIVEIRA, Carla Mary S. NÓBREGA, Evandro. O jogo da Verdade: revolução de 64 - 30 anos depois. Editora: A União, 1994.

BRECHT, B. **Estudos sobre teatro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BUBER, Martin. **EU e TU.** São Paulo, SP: Centauro, 2001.

_____, Sobre comunidade. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008.

CONDE, Bernardo Veloso. **A Arte da Negociação: a Capoeira Como Navegação social** – Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2007.

COSTA, N. L. **Capoeira, Políticas Culturais e Educação**. 2013. 350 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CARNEIRO, Sueli. A batalha de Durban. **In: Revista Estudos Feministas**, ano 10, 1º semestre 2002, p.210.

CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda do mundo: mestre João Grande entre a Bahia e Nova York**. Tese de Doutorado do Departamento de História, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007.

CAPOEIRA, Nestor. Capoeira – **Pequeno manual do jogado**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

CHAUI, Marilena. **Cidadania cultural: O direito à cultura**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 11-13, 19 e 22.

CAMPOS, H. J. B. C. de. Capoeira e Educação Física: um resgate histórico. **Revista entreideias**, Salvador, n.4, 2000.

CAMPOS, H. J. B. C. de. **Capoeira na Escola**. Salvador: EDUFBA, 2001. 153p.

CUNHA, M. A. de A. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Rev. Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p 503-524, jul/dez. 2007.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: As festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1995-1985)**. Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vítor . **Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre Historicidade e Ancestralidade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 25, p. 143-158, 2004.

CIRESE, Alberto Mario. **Cultura hegemônica e cultura subalterne**. Palermo: Palumbo. 1976.

CONRADO, A. V. de S. **Capoeira angola e dança afro**: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia. 2006. 200f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

COSTA, Sidiney Alves. **Militância do Movimento Negro na formação de professores em direitos humanos**. Revista Segurança Urbana e Juventude, vol. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/xFWQYN>>. Acesso em: 12 dez. 2008.

CAPOEIRA, Nestor. **A “retórica do corpo” de Getúlio Vargas e seus reflexos na capoeira atual**. Revista Camará Capoeira, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 25-27, nov. 1999.

CAPOEIRA, N. (Nestor Sezefredo dos Passos Neto). **Capoeira: fundamentos da malícia**. 5ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 1999

_____. Capoeira: pequeno Manual do jogador. 7ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 2002.

CHADAREVIAN, P. C.. **Os precursores da interpretação marxista do problema racial**. Critica Marxista (São Paulo), v. 24, p. 73-92, 2008.

CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na Historia do Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

CAMPOS, Hellio, 1947- **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba / Hellio Campos (Mestre Xaréu)**. - Salvador: EDUFBA, 2009.

CAMPOS, H. J. B. C. de. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. 2006. 346f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CURTI, L. 2006. **Percorsi di subalternità: Gramsci, Said, Spivak**. In : CHAMBERS, I. (org.). Esercizi di potere : Gramsci, Said e il postcoloniale. Roma : Maltemi.

CARVALHO, de Talita. **CAPOEIRA: UM ATO DE RESISTÊNCIA**. 31 de julho de 2018. Disponível em: www.politize.com.br/capoeira-um-ato-de-resistencia capoeira, ato de resistência. Acesso em: 26 nov. de 2019.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. _____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CASTRO, Hebe. **História Social**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, J.J., **Racismo fenotípico e estética da segunda pele**. Revista cinética, [s/n], 2000; Disponível em: <www.revistacinetica.com.br>. Acesso em: 22 mai. 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Os regimes autoritários na América Latina**. In: Collier, David,org. *O novo autoritarismo na América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. P. 44.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Autoritarismo e democratização**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. P. 215.

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor de; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers e SANTANA SOBRINHO, José, **Capoeira e os Diversos Aprendizados no Espaço Escolar**. Motrivivencia, Ano XI, nº 14, maio 2000.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas**. 2a. Edição. São Paulo: Edusp, 1998.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Cultura e Civilização**. São Paulo: Global, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350:

Culturas híbridas, poderes oblíquos.

DAVID, Ivon Jones, “**Les nègres dans le mouvement prolétarien**”, **La Correspondance Internationale**, n° 22, 24/12/1921. O mesmo autor publicaria em seguida o artigo “American imperialism and the Negro”, na edição inglesa da revista de junho de 1922.

DOMINGUES, João Luiz Pereira. **Programa cultura viva: políticas culturais para a emancipação das classes populares**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana, UERJ, 2008.

DECANIO FILHO, Angelo A. **A herança de Pastinha**. 2ª Edição: com dicionário dialetal, 1997.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. In. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História oral, n.6, jun 2003.

DUARTE, Newton (Organizador). “**A Rendição Pós-Moderna à Individualidade Alienada e a Perspectiva Marxista da Individualidade Livre e Universal**”. In: **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas-SP: Autores Associados, 2004, p. 235.

DEL PRIORI, M., **História do amor no Brasil**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, A. A. Trajetórias da capoeira baiana: do mundo das ruas a símbolo da identidade nacional. In: FREITAS, Joseania Miranda. (Org.). **Uma coleção biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 105-117.

DINIZ, F. C. **Capoeira Angola: identidade e trânsito musical**. 2011. 233f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Editora Unesp: Boitempo, 1997.

ESTEVES, A. P. **A “Capoeira” da Indústria do Entretenimento: Corpo, Acrobacia e Espetáculo para “Turista Ver”**. Salvador: A. P. Esteves, 2004.

ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985. Prefácio, introdução, cap. 3, 4 e 7.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

FIGUEIREDO, L. (Org.). **Raízes Africanas**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009 (Coleção Revista de História no Bolso; 6)

FERNANDES, Florestan. **O que é revolução?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FALCON, Francisco. **História e poder**. In. CARDOSO, Ciro F, VAINFAS, Ronaldo (Orgs) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/.- Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERNANDES, Florestan. **O significado do protesto negro**. São Paulo, Cortez, 1989.

FARINA, Sinval, Pedagogia da Mandinga: **A Capoeira como expressão de liberdade no currículo escolar e no mundo da rua**. Revista Didática Sistêmica, v. 13, nº 02, 2011 p.94.

FERNANDES, Florestan. **Revolução, um fantasma que não foi esconjurado**. Crítica Marxista, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p.140-145.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo, 1998.

FORTES, Alexandre. **“Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora Portoa-alegrense e a Era Vargas”** (Tese de Doutorado, UNICAMP, 2001).

FRIAS, Lena. **“O Orgulho (Importado) de ser Negro no Brasil”**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, Ano LVXXXVI, n 99, 17 de julho de 1976, pp. 1-4.

FEBVRE, Lucien. **Combats pour l’histoire (1953)**. Paris: Armand Colin, 1965.

FREITAS, Jorge Luiz de, **Capoeira Infantil Jogos e Brincadeiras**, 6ª edição, Editora Progressiva, 2008.

FREITAS, Jorge Luiz de, **Capoeira Pedagógica para crianças de 03 a 06 anos**, 4ª edição, Abadá Edições, Curitiba 2008.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se contemplam.** 45 ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 2003.

FICO, Carlos. **“Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”**. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.) O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano, vol. 4), pp. 167-205.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 15ª.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Política e Sexualidade: Ditos e escritos.** Vol. V, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. e-ISSN: 2359-2796, v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB 592

_____. **Microfísica do poder.** Organização e Tradução - Roberto Machado .- Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana.** 2004. 394 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira; VIEIRA, Luiz Renato. **Capoeira: História e Fundamentos do Grupo Beribazu.** Starprint Gráfica e Editora Ltda. Brasília, 1997.

FRANÇA, Ábia Lima de. **Capoeira & educação** [recurso eletrônico] : produção do conhecimento em jogo / Ábia Lima de França. - Dados eletrônicos. - 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.

FONTES, V. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história.** 3ed. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo. Teoria e História.** 3a. ed., Rio de Janeiro, Editoras UFRJ-EPSJV/Fiocruz, 2012. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&Tipo=8&Num=147>.

FONSECA, Vivian Luiz./ **Capoeira Sou Eu – memória, identidade, tradição e conflito.** Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getúlio Vargas, 2009, 255 P.

FERNANDES. Antonio Sergio Araujo. Políticas Públicas: Definição, Evolução e o Caso Brasileiro na Política Social . IN DANTAS, Humberto e JUNIOR, José Paulo M. (orgs). **Introdução à Política Brasileira**, São Paulo: Paulus. 2007.

FIGUEIREDO, António Dias de. **Redes e educação: A surpreendente riqueza de um conceito.** In: Redes de aprendizagem, redes de conhecimento. Conselho nacional de educação, Ministério da educação. Lisboa, Portugal, 2002. Disponível em: <http://eden.dei.uc.pt/~adf/cne2002.pdf>.

GRAMSCI, A. **A Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v. 2.

GIL, Gilberto. **Homenagem a Sérgio Vieira de Melo.** Genebra: 19 de ago, 2004. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/2004/08/19/ministro-da-cultura-gilberto-gil-na-homenagem-a-sergio-vieira-de-mello/>> acessado em 24 de out. de 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere. vol. 1**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere.** 6 vol. Rio de Janeiro: Ed, Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 2.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.

- GLUCKSMANN, André. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- GEEVERGHESE, Manoj. **O valor educativo da capoeira**. Brasília, 2013.
- GUIMARÃES, A. S. A. . **Racismo e Anti-Racismo No Brasil**. NOVOS ESTUDOS CEBRAP, n.43, p. 26-44, 1995.
- GRUPPI, L. 1978. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal.
- GOMES, Flávio dos S. **“Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas – Rio de Janeiro, século XIX”** (Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1993).
- GALVÃO, Andrea. O Marxismo Importa na Análise dos Movimentos Sociais?, In: **Marxismo e Ciências Sociais**. 32º Anais do Encontro Anual da ANPOCS. GT 24, 2008.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GONÇALVES, A. M. T. **Capoeira em perspectivas**. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2012.
- GONÇALVES, Regina Célia. et al. **A questão urbana na Paraíba**. v. 3. João Pessoa: Editora Universitária, 1999. 74p.
- GALLO, P. M. **Música, cultura e educação na capoeira de Mestre João Pequeno de Pastinha**. 2016. 183f. Tese (Doutorado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, e educação e descolonização dos currículos**. Currículos sem fronteiras, v. 12, n. 1. P- 98-109, Jan-abr. 2012
- HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções: Europa – 1789-1848**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HARTMANN, John. **Power and Resistance in the Later Foucault**. Annual Meeting of the Foucault Circle. John Carroll University, 3, Cleveland: 2003.

Disponível em <http://mypage.siu.edu/hartmajr/pdf/jh_fouccirc_03.pdf>
Acessado em 23 set. 2010.

HERDER, Johann Gottfried von. **Sobre a filosofia da história para a educação da humanidade**. In: WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave. São Paulo: Boitempo, 2007. P. 120.

IBECC - INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E CULTURA, COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. Carta do Folclore Brasileiro. Salvador: 1995.

IVAZAKI, Ana Claudia Dias. **Capoeira da educação infantil: relações étnico-raciais na formação de professores**- UEPB, 2018.

IPHAN/CNFCP. **Os sambas, as rodas, os bumba-meu-bois. A trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil, 1936-2006**. Brasília, maio de 2006, disponível em: www.portal.iphan.gov.br.

JÚNIOR, Edson Teixeira da Silva. **A Ditadura civil-militar no Brasil: a repressão policial e política e a disputa da memória**. Revista Dir. UniFOA - Volta Redonda - v.3 n.3 – nov. 2008, p. 37-56. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9141309-A-ditadura-civil-militar-no-brasil-a-repressao-policial-e-politica-e-a-disputa-da-memoria.html> > Acesso: 19/11/2016.

JOGO DE CORPO: capoeira e ancestralidade. Direção: Richard Pakleppa, Mathias Rohrig Assunção e Cinésio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa). Protagonistas: Matthias Rohrig Assunção, Richard Pakleppa e Cinésio Feliciano. Brasil, South África: Manganga Produções, 2013. 1 DVD (87min.), son., color.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1-171.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

KOSSLING, Karin San't Anna. **As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS\SP (1964-1983)**. São Paulo, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Ed., 1999, p.31 2 ibid., p.31

LARA, Silvia H. "Blowin'in the wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil". Projeto História, (1995), n. 12, 1995, p. 43-56.

LINERA, Álvaro García. A Construção do Estado. **Revista Margem Esquerda**. n. 15, Boitempo, 2010.

LUCA, T. R. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista.

18ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Luciano Mendonça de. **Cativos da "rainha da Borborema" uma história social da escravidão em Campina Grande- século XIX**-Recife: Autor, 2008.

LIMA, Maria da vitória Barbosa. **Liberdade interdita, liberdade reavida: escravos e libertos na paraíba escravista (século XIX)**- Recife, 2010.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LIMA, Hermeto in **“Os Capoeiras”**, Revista da Semana 26 nº 42, 10 de outubro de 1925.

LIMA, C. E. F.. **Black Rio Contra O Sistema: Considerações Sobre Autenticidade e Combate à Ditadura Civil-Militar (1970-1977)**. In: História e Parcerias - XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio, 2018, Niterói. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: Histórias e Parcerias, 2018.

LUSSAC, R. M. P.. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v.29, n.2, p. 267-78, 2015.

LEMMER, E.; SQUELCH, J. **Multicultural education: a teachers' manual. Pretoria: Southern Books Publishers, 1993**. Tradução para uso didático realizada por Petronilha B. Gonçalves e Silva.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas** / Christian Laville e Jean Dionne; tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. — Porto Alegre : Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

LEITE, José Correia. **E disse o Velho Militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. Organização e textos Cuti**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LE GOFF, Jacques. **“Memória”**. Enciclopédia Einaudi, vol. 1, Memória-História. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.

LEAL, L. A. P.. **“Deixai a política da capoeiragem gritar”**: capoeiras e discursos de vadiagem no Pará republicano (1888-1906). 2002. 155f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

MOURA, Jair. Mestre Bimba – **A crônica da capoeiragem**. Salvador: 1993.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Secretaria de Programas e Projetos Culturais**. Edital de divulgação nº 02, de 29 de março de 2005.

_____. Edital Programa Capoeira Viva 2006.

_____. Edital Programa Capoeira Viva 2007.

_____. INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Edital de premiação nº 001 - DPI, de 25 de outubro de 2010. Prêmio viva meu Mestre – edição 2010.

MATTOS, Regiane **A. História e cultura afro-brasileira**. Contexto: São Paulo, 2007.

MARX, K. **Ökonomisch-philosophische Manuskripte**. In: **MARX/ENGELS Werke (MEGA)**. Berlin: Dietz Verlag, 1990, v. 40, p. 516.

MARX, K. **Thesen über Feuerbach**. In: **MARX/ENGELS, Werke (MEGA)**. Berlin: Dietz Verlag, 1958, v. 3, p. 534.

MACCIOCHI, M. 1976. **A favor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969**. Topoi, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85 | www.revistatopoi.org.

MEIHY, J. C. S. B. **“História Oral: Desafios para o século XXI”**. In: FERREIRA, M. M. (org.) **História Oral: Desafios para o século XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 88.

MÜLLER, Ricardo G. (Org.); DUARTE, Adriano (Org.). **E. P. Thompson: política e paixão**. Chapecó: Argos/Unochapecó, 2012.

MÜLLER, Ricardo G.; MUNHOZ, S. J. **Edward Palmer Thompson**. In: LOPES, Marco. Antonio (Org.); MUNHOZ, Sidnei (Org.). **Historiadores do nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Estudos Avançados. São Paulo, V. 12, N. 34, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n34/v12n34a02.pdf>> Acesso em 09/08/2017.

MARX, K.. **O capital – Crítica da Economia Política** . Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K. **Grundrisse**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon**. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

MARX, Karl. **Carta de Marx a P. V. Annenkov**. IN: MARX, Karl. Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009a. pp, 243-257.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **O capital**: São Paulo: Boitempo, 2013a.

MESTRE Bimba: **A capoeira Iluminada**. Direção: Luiz Fernando Goulart. Roteiro: Luiz Carlos Maciel. Participações especiais: Muniz Sodré; Frederico José de Abreu; Ângelo Augusto Decânio; Almir Ferreira da Silva; Raimundo César; Carlos Eugênio Líbano Soares; Cid Teixeira e outros. Brasil: LUMEN PRODUÇÕES, 2007. 1 DVD (78min.), son., color.

MARQUES, C. B. L. "Brinquedo, luta, arraça": aspectos da capoeira no Recife no findar do Império e no alvorecer da República. **Documentação e Memória/TJPE**, Recife, v.3, n.5, p. 1- 26, jan/dez. 2012.

MWEWA, Muleka. Entretenimento, "tempo livre" e sociedade de consumo no mundo da capoeira. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 2, n. 2, p. 48-55, jun. 2007.

- MOURA, C. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- NUNES, Paulo Giovani Antonino. **“Golpe civil-militar na Paraíba: repressão e legitimação de parte da sociedade civil no imediato pós-golpe”**. Revista Perspectiva Histórica, vol.2, no 2, janeiro-junho de 2012, pp.37-62.
- NETTO, José Paulo. **Introdução**. IN: **MARX, Karl. Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon**. São Paulo: Expressão Popular, 2009 a. p. 11-33.
- NESTOR, C. **Capoeira Pequeno Manual Do Jogador**. 7ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002.
- NÓBREGA, Evandro. **Algo do que a Imprensa viu [não viu!] entre o pré-golpe de 64 e o ano de 68**. In: MELLO. José Octávio de Arruda; GUEDES, Nonato; BARBOSA, Sebastião; OLIVEIRA, Carla Mary S. NÓBREGA, Evandro. **O jogo da verdade: revolução de 64 - 30 anos depois**. Editora: A União, 1994.
- NATIVIDADE, Lindinalvo. **Capoeirando eu vou: cultura, memória, patrimônio e política pública no jogo da capoeira** / Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 2012. 128 f.
- OLIVEIRA, José L. (Mestre Bola Sete). **A capoeira angola na Bahia**. Salvador: EGBA; Fundação das Artes, 1989.
- OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- OLIVEIRA, R. J. . **Segregação racial, territórios negros e saúde mental**. Revista do ODEERE , v. 2, p. 84-109, 2017.
- OLIVEIRA, Denis de. **Globalização e Racismo no Brasil**. São Paulo: Unegro, 2000.

OLIVEIRA, Luís Henrique de. **Dos Annales à Micro-História: alguns apontamentos sobre os avanços da História Social**. Virtú (UFJF), v. 01, p. 1ª Edição, 2005.

OLIVEIRA, J. P. de. **Pelas Ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)**. 2004. 139 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

ORTIZ, Renato. **Cultura Popular: Românticos e folcloristas**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC, 1985.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato in **A Moderna Tradição brasileira**, pp.182-206, 1995.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, 302p.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado**. São Leopoldo, História Unisinos, v. 8, nº 10, p. 179-189, jul. dez. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PASTINHA. **Uma Vida pela Capoeira**. Realização: Antônio Carlos Muricy. Brasil: Reccor produções, 1998. DVD (52min.), son., color.

PMCG. **Livro do município de Campina Grande, 1983**. Campina Grande: Gráfica Municipal, 1983.

PERONI, V. M. V. Políticas Públicas e Gestão da Educação em Tempos de Redefinição do Papel do Estado. **ANPED-Sul**, jun 2008.

PEREIRA, Almicar Araújo. **O Mundo Negro: Relações raciais e constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas: FAPERJ, 2013.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da miséria**. São Paulo: Editora Ícone, 2003.

PAULA, R.C., “**Não quero ser branca não. só quero um cabelo bom, cabelo bonito!**”: performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento, 2010. 298 fl., Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010;

PELLICCIOTTA, Mirza Maria Baffi. **Uma aventura política: as movimentações estudantis dos anos 70**. Dissertação de Mestrado apresentado ao DHIFCH/ Unicamp, em 1997.

PARAÍBA. **Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba**. Relatório final / Paraíba. Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba; Paulo Giovani Antonino Nunes, [et al.] – João Pessoa: A União, 2017.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. (1983) - **Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. Coleção Textos 4. São Paulo: CERU e FFLCH/USP.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. (1988) - **Relatos Orais: Do Indizível ao Dizível**. In: von Simon, O.M. (org.) - Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil) São Paulo: Vértice.

PEREIRA, Lúgia Maria Leite. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. in Revista Brasileira de História Oral, São Paulo: n. 3, jun. 2000.

ROCHA, Solange Pereira. **Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual**- Recife: autor, 2007.

RIO DE JANEIRO (ESTADO). **Comissão da Verdade do Rio. Relatório / Comissão da Verdade do Rio**. – Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015.

ROSO, Adriane et al. **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**. Psicologia & sociedade, v. 14, n. 2, p. 74-94, jul./dez. 2002.

REIS, Letícia Vidor de S. **O mundo de pernas para o ar** – a capoeira no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

RIGOTTO, Raquel Maria. **As Técnicas de Relatos Oraís e o Estudo das Representações Sociais em Saúde**. Ciência e saúde, coletiva III, 1998.

RODRIGUES, Marta Maria Assumpção. **Políticas Públicas**. São Paulo: Publifolha, 2010.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições. São Paulo: **Revista Galáxia**, n. 13, jun. 2007.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio etnográfico**. 2 ed. Rio de Janeiro: MCEG, 2015. 431p. (Coleção Capoeira Viva, 5).

RUBIM, A. A. C. **Agentes culturais: delimitações e contextos de atuação**. Salvador: Rubim- UFBA, 2017.

RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio etnográfico**. 2 ed. Rio de Janeiro: MCEG, 2015. 431p. (Coleção Capoeira Viva, 5).

RIBEIRO, Mônica dos Santos. **Resistência e Negritude em Campina Grande: O Movimento Negro no Centenário Da Abolição**. Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciado em História. Campina Grande-PB, 2014.

REIS, André Luiz Teixeira. **Capoeira: saúde e bem estar social**. Brasília, DF: Thesaurus, 2006.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

SANTOS, Teles Jocélio. **O Poder da Cultura e a Cultura no Poder**. Salvador: Edufba, 2005.

SIMOIONATTO, Ivete. **Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana.** Florianópolis: Revista Katálysis, v. 12, nº 1, 2009, p. 42. Disponível em: <file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/10715-32379-1-PB.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2016.

SOUZA, Vanessa Rocha. **Mestres da Cultura Popular. Ancestralidade, oralidade e resistência.** Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura. Abril de 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Espetáculo da miscigenação.** In: Estudos avançados, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Samba: o dono do corpo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O Terreiro e a Cidade:** a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago/ Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

_____. **A Verdade seduzida:** por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Mestre Bimba:** corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

SILVA JUNIOR, F. E. da S. **Vadiação na escola:** dialogando com as contradições do ensino da capoeira. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

SOTO, Cecília et al. Políticas Públicas de Cultura: os mecanismos de participação social. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Políticas Culturais no Governo Lula.** Salvador: EDUFBA, 2010.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do engenho a universidade.** 3. ed, São Paulo: Cepeusp, 2002.

SCALDAFERRI, S. B. D. **Nas vorta que o mundo deu, nas vorta que o mundo dá, capoeira angola e processos de educação não escolar.** 2009.

147 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A era do ouro da capoeira. **Revista Nossa História**. Ano 1, n.5, março, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SANTANA, G. S. C. **Sobre Capoeira e Dança Cênica: Tramas e Mestiçagens Culturais**. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Dança). Programa de Pós-Graduação em Dança/ Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SALAZAR, C. **Configurações da capoeira contemporânea: a cena do grupo ginga mundo**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, G. de O. **Capoeira: do engenho à universidade**. 3. ed. São Paulo, Editora Cepeusp, 2002.

SILVA, Gladson Oliveira, HEINE, Vinicius. **Capoeira: um instrumento para a cidadania**. São Paulo: Phorte, 2008.

SANTHIAGO, Ricardo. **Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade**. Saeculum-revista de história (18); João Pessoa, 2008.

SEIGNOBOS, Charles. **El método histórico aplicado a las ciencias sociales**. Madrid: DanielJorro, 1923 [original: 1901].

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850**. 1998. Tese (doutorado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SOUSA, R. P. de. **A Música na Capoeira: um estudo de caso**. 1998. 256 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

SOUZA, Rolf Ribeiro de (2013). **Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente.** Revista Antropolítica, n.34, p. 35-52.

SOUSA, João Paulo Gomes de. **Entre o esporte e a tradição: jogo de poder e luta entre grupos capoeiristas de campina Grande (1980-1990).** Universidade estadual da Paraíba, centro de educação, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga.** Rio de Janeiro: Manati, 2002.

STAUFFER, Anakeila de Barros (Org.) **Hegemonia burguesa na educação pública: problematizações no curso TEMS (EPSJV/PRONERA) /** Organização de Anakeila de Barros Stauffer, Caroline Bahniuk, Maria Cristina Vargas e Virgínia Fontes.- Rio de Janeiro: EPSJV, 2018.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição – Os Capoeiras no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1994, pg. Xvii

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: Os capoeira no Rio de Janeiro 1850-1890.** Unicamp, Campinas, SP, 1993.

_____. A capoeira escrava no Rio de Janeiro 1808-1850. Unicamp, Campinas, SP, 1998.

_____. A construção social da violência. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 26 set. 2004. Entrevista concedida a Daniel Buarque.

SILVA, P. B. G. **Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras.** In: MUNANGA, K. (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC: Secretaria de Educação Fundamental: UNESCO, 2000. p. 155-172.

SODRÉ, M. Samba: **o dono do corpo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SCHAFF, Adam. **O Marxismo e o Indivíduo.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

SINGER, Paul. **Movimentos sociais em São Paulo: traços comuns e perspectivas.** In: Siliger, Paul et all São Paulo: o povo em movimento. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1983. p. 213.

SOUSA, Geane Lima de; ARAÚJO, J.O. **Músicas de protesto e propagandas governamentais: imagens e músicas da ditadura militar no ensino de história.** E-ISSN: 2359-2796, v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU,** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Wagner de, e LOURENÇO, André L. C. **Capoeiras Jogam Física?!** XVIII Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2009.

SILVA, J. A. B. da. **A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica.** 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SEBARROJA, Jaume Carbonell (ORG.). **Pedagogias do Século XX.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

SILVA, Gracielle da Costa. **Movimento negro ou movimentos negros? As múltiplas vozes da militância antirracista em Campina Grande - PB /** Gracielle da Costa Silva. – 2018.

SILVA, et al. (2011). **A prática da Capoeira enquanto patrimônio cultural: Trajetórias afrodescendentes e multiculturalismo Brasil.** ESTUDIOS HISTORICOS – CDHRPyB- Año VI - Julio 2014 - Nº 12 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay

SILVA, José Milton Ferreira da. **A linguagem do corpo na capoeira.** Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Everton Barbosa e JULIO, Marli das Graças, **A Inserção da Capoeira no Currículo Escolar.** EFDportes.com, Revista Digital. Bueno Aires

– ano 16 – nº 156 – maio 2011. <http://www.efdeportes.com/efd156/a-insercao-da-capoeira-no-curriculo-escolar.htm>.

SANTOS, Benedito dos. **Acapoeira paraibana se destaca em Campina Grande.** João Pessoa-PB - Abril – 2005. Em [http://www.capoeira.jex.com.br/cronicas/campina+grande+](http://www.capoeira.jex.com.br/cronicas/campina+grande+entrevista+com+mestre+sabia)
+entrevista+com+mestre+sabia. Desde: 28/10/2004, Atualização: 18/06/2006.

VIEIRA, Sérgio Luiz de Sousa. **Da Capoeira: como patrimônio cultural.** 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

VIEIRA, Luís Renato. **O jogo de capoeira.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

VIEIRA, Luiz Renato - **O Jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

VALENTE, Ana Lucia E.F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: Moderna, 1987.

VASSALLO, Simone P.. **O registro da capoeira como patrimônio imaterial: novos desafios simbólicos e políticos.** Educação Física em Revista (Brasília), v. 2, p. 1-16, 2008.

VIDOR, Elisabeth; REIS, Letícia Vidor de Sousa. **Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2013.

VLADIMIR I. Lênin, “**Preliminary draft of theses on the national and colonial questions for the Second Congress of the Communist International**”, op. cit., pp. 234-235.

VILHENA, L. Rodolfo. Projeto e Missão. **O movimento folclórico brasileiro (1947-1964).** Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Tratado sobre a tolerância.** São Paulo: Escala, 2000.

VIANNA, Hermano. **O mistério do Samba.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista da Universidade Candido Mendes - Estudos Afro-Asiáticos**, n. 34, p. 81-121, dez. 1998.

VIEIRA, Luiz Renato. Criatividade e clichês no jogo da capoeira: a racionalidade do corpo na sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 11, n.1, p. 58-63, set. 1989.

_____. **A história da capoeira**. Revista CombatSport, n.18, ago. 1993.

_____. **A capoeira e as políticas públicas: observações preliminares e propostas para discussão**. Revista Praticando Capoeira, n.19, jan. 2003.

THOMPSON. E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: paz e terra. 1997. V. 1. A árvore da liberdade.

_____. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. (1ª ed. inglesa 1963).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: paz e terra, 1998.

THIOLLENT, M.J.M. (1987) - **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. 5.a ed. São Paulo: Pólis.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: estudo sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 528 pág.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1981.

TURRA, C.; VENTURI, G., **Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil**. Datafolha, São Paulo: Editora Ática, 1995;

TOFFLER, A. **A terceira onda: A morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização.** 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TORRES, Felipe do Couto. **Espaço público: apropriação e direito ao uso. A territorialidade das rodas de capoeira em Brasília (Distrito Federal), 263 p., 297mm,** (UnB-IH, Mestre, Gestão Ambiental e Territorial, 2014).

ZONZON, C. N. **Nas rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição.** Salvador: EDUFBA, 2017.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval.** São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

_____. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Hucitec/Educ, 1997.

FONTES

Acervo CEV-Rio. Testemunho de Januário Garcia Filho coletado pela Comissão da Verdade do Rio em 22/05/2015.

ARQUIVO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS. Jornal O Diário da Borborema (1961 – 1965)

CCC paulista rapta a bela Norma Benguel, *Correio Braziliense*, Distrito Federal, ano 1968, nº 2704, p. 1, 9 out 1968.

Cf. Dossiê do regime militar, no Arquivo Eclesiástico da Paraíba. Fundo: Chancelaria, série: documentação dos bispos, sub-série: Cartas pastorais, 22/12/1969.

Elenco do "Roda Viva" apanha de cassetete, *Diário de Notícias*, Rio Grande do Sul, Ano 1968, nº 00185, p. 1, 5 out 1968.

Explicações e acusações do General. *Diário de Notícias*, Rio Grande do Sul, ano 1968, nº 194, p. 8, 16 out 1968.

Novo grupo lutará contra o CCC. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 161, p. 7, 15 out 1968.

Oitocentos paulistas não saem da trincheira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 154, p. 5, 6 out 1968.

Paulistas mantém escolas ocupadas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 66, p. 10, 26 jun 1968.

Teatros não abriam em São Paulo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 1968, nº 157, p. 21, 10 out 1968.

Universidade Católica reage aos terroristas. *O Poti*, Rio Grande do Norte, ano 1968, nº 1341, p.1, 27 out 1968.

Jornal A UNIÃO. João Pessoa, 13 de janeiro de 1969.

Portal Geledés: <https://www.geledes.org.br/campina-grande-conquista-recorde-de-maior-roda-de-capoeira-estudantil-brasil/> 07/11/2014em Patrimônio Cultural. Atualizado: 24, setembro, 2020.

Grande Campina. O que há de melhor na cidade. <http://www.grandecampina.com.br/2014/11/esporte-projeto-capoeira-nas-escolas.html>

Polícia prende suspeito de matar professora 'Cris Nagô'. <https://paraibatododia.com.br/policia-prende-suspeito-de-matar-professora-cris-nago/>

Portal Correio: <https://portalcorreio.com.br/>

Jornal da Paraíba: <https://jornaldaparaiba.com.br/>

Portal capoeira: <https://portalcapoeira.com/>

